



## **O TEATRO COMO ESTRATÉGIA FACILITADORA DAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS:**

Um projeto com jovens em risco numa casa de acolhimento.

**Crispim Rodrigues**

**2018**



## **O TEATRO COMO ESTRATÉGIA FACILITADORA DAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS:**

Um projeto com jovens em risco numa casa de acolhimento.

**Crispim Rodrigues**

Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Lisboa para obtenção de grau de mestre em Educação Artística – Especialização em Teatro

Orientadora: Professora Doutora Teresa Leite

Coorientadora: Mestre Natália Vieira

**2018**

Insista, persista e nunca desista! Porque sonhar é uma coisa humana.

## **Dedicatória**

### **À minha mãe**

É a vós que agradeço a nascida segurança

Em Lusitano ventre respeitoso.

E não menos sorte tive na raça,

Que vós criastes um esforçado ambicioso.

Maravilhosa mulher de confiança,

Dada ao mundo pelo piedoso

E abençoada pelo bem.

Vós, ó minha doce mãe!

Olhai prá proa do navio

Pra verdes na frente o caminho.

Olhai prá popa, após o rio,

Pra que não esqueças o povinho.

Assim, agradeço o equilíbrio

A persistência, o caminho...

Não apenas a grandes amigos

Mas a todos pelos afagos!

Agradeço ao amado Tejo

Inspiradas noites sem dormir.

Certíssima esperança que prevejo

Num futuro próximo de mim.

Do velho não ouço nem bocejo

E do nevoeiro posso surgir.

Às naus prestes a navegar

Aqui, vamos começar!

## **Agradecimentos**

Um projeto-tese de mestrado é uma longa viagem, na qual florescem conhecimentos adquiridos ao longo de toda a vida académica, com especial enfoque nos conhecimentos adquiridos durante a formação para obtenção do grau de mestre.

Assim, chegado o momento de finalizar este projeto, não posso esquecer aqueles que me acompanharam, neste projeto, e a quem quero prestar homenagem:

À professora Doutora Teresa Leite, da Escola Superior de Educação de Lisboa, que acreditou em mim, aceitando-me como seu orientando. A sua total disponibilidade desde o primeiro momento para realizar as indispensáveis tutorias, determinantes para a conclusão da minha tese de mestrado. Não tenho palavras para agradecer o tempo dispensado para acompanhar o meu trabalho. O meu eterno muito obrigado.

À coorientadora, professora Natália Vieira, pelo apoio e orientação deste estudo e pertinentes correções, efetuadas ao longo do processo, agradeço a paciência e determinação em levar-me pelo caminho certo.

Ao coordenador do mestrado de Educação Artística, o professor Doutor Miguel Falcão, pela ajuda e colaboração neste estudo, quero deixar o meu reconhecimento.

Ao diretor da casa de acolhimento com jovens em risco, pelo apoio concedido, bem como a toda equipa pedagógica e técnica da instituição, a minha gratidão.

Aos fundamentais participantes, sem os quais não teria sido possível realizar o projeto em que aceitaram participar voluntariamente, agradeço todo o seu empenho, motivação e envolvimento no projeto.

À companhia de teatro ACERT, com quem tive a oportunidade de fazer um estágio, que me fez adquirir conhecimentos fundamentais para dinamizar sessões de teatro.

À professora Doutora Cristina Loureiro, presidente da Escola Superior de Educação, pelo carinho maternal e pela sua frequente preocupação com o meu estudo.

Aos colegas e amigos do mestrado em Educação Artística - Teatro e Artes Plásticas - da ESELx.

Também não posso esquecer aqueles que me motivaram a enveredar pelo percurso universitário:

Os docentes que acompanharam a minha formação escolar, desde o meu primeiro momento escolar, em especial os meus professores de teatro, que fomentaram o gosto pela área do teatro.

A Escola Secundária da Ponta do Sol e os professores por toda a formação e gosto com que é vivido o teatro nesta escola.

A Escola Básica da Ponta do Sol, em especial as professoras Irene e Conceição.

A equipa docente da escola Básica e Secundária da Ribeira Brava.

A Professora Luísa Paixão, por todo o conhecimento transmitido, bem como pela sua disponibilidade e ajuda na pesquisa de cursos de ensino superior, candidaturas, cartas de motivação, o meu enorme obrigado.

O meu primeiro professor de teatro, por todas as oportunidades.

Os Professores que me acompanharam ao longo de todo o meu percurso académico.

Os Professores da ESEV pelos conhecimentos e amizade transmitida.

A junta de freguesia da Tábua, pelo contante apoio com materiais.

Ao “Miss/Mister Estudante Portugal” que me apoiou com um prémio académico.

A família Mercedes por me acolher como filho.

A Ana Rodrigues e família por toda a ajuda na minha formação académica.

Os meus amigos, que me apoiaram e incentivaram para a conclusão deste objetivo.

E a tantos outros que me é impossível enumerar.

Aos seres especiais que, no meu percurso de vida pessoal e profissional, ajudaram no meu crescimento, e nos momentos de desânimo estiveram comigo incentivando-me a continuar o caminho.

A toda a minha família, em especial aos meus irmãos, Anselmo André e Fátima Lina; ao meu pai, Fernando Rodrigues, e uma menção muito especial à minha mãe querida, Délia Eva, que além-mar, do outro lado do Atlântico, me transmitiu motivação ao longo desta caminhada, sendo a minha força em todo o meu percurso académico e em toda a minha vida, sem a qual não conseguiria nem ter nascido.

Gostava ainda de acrescentar que... enquanto membro de uma sociedade, somos todos cooperantes, como tal foram inúmeras as minhas fontes de inspiração. Como tal, seria impossível agradecer a ajuda de todos, mas quero deixar aqui expresso o meu reconhecimento a todos aqueles que contribuíram para que fosse possível adquirir a estabilidade e os conhecimentos necessários à minha dissertação de mestrado.

## Resumo

O presente estudo é recorre a métodos qualitativos no quadro metodológico da investigação-ação, no trabalho com um grupo de jovens em risco retirados à família, residentes numa instituição/casa de acolhimento, em Portugal.

O projeto teve como ponto de partida a questão “De que modo o teatro pode contribuir como estratégia facilitadora das relações interpessoais numa casa de acolhimento com jovens em risco?”. Tendo em conta o enquadramento teórico assente na Educação Artística, projetou-se uma intervenção através do teatro, mais concretamente do jogo teatral, com o objetivo de entender a forma como o teatro pode constituir uma estratégia facilitadora das relações interpessoais. Deste objetivo geral decorreram dois objetivos específicos: (i) perceber de que modo a prática do jogo teatral pode facilitar as interações positivas entre jovens em risco; (ii) compreender se a prática do teatro, enquanto área artística centrada no coletivo, facilita a comunicação e promove a aceitação de cada um.

O estudo contou com vinte participantes do sexo masculino, cujas idades oscilavam entre os 12 e os 24 anos, a frequentar o ensino regular e o profissional. Esta heterogeneidade obrigou a uma grande flexibilidade, adaptação e ajuste do projeto à realidade.

Os dados foram recolhidos através da técnica do *focus group*, da consulta de alguns documentos da instituição, do Diário de Bordo e das folhas de presenças. Do Diário de Bordo faz parte ainda uma breve síntese avaliativa do desempenho dos jovens durante as sessões.

Através da análise dos dados foi possível concluir que a prática do jogo teatral contribuiu como estratégia facilitadora das relações interpessoais nesta casa de acolhimento com jovens em risco, facilitando a comunicação e a aceitação de cada um.

Palavras chave: Educação Artística, Jogo Teatral, Relações Interpessoais, Jovens em Risco

## **Abstract**

The present study is an approach, using qualitative methods and in the methodological framework of research-action, to work with a group of at risk youths withdrawn from the family and living in a institution/foster home in Portugal.

The project had as its starting point the question "How can the theater contribute as a strategy to facilitate interpersonal relations in a shelter with at risk youths?". Taking into account a theoretical framework based on artistic education, an intervention was projected through theater, specifically the theatrical game, with the aim of understanding how theater can be a strategy that facilitates Interpersonal Relationships. From this general goal, two specific objectives were achieved: (i) to understand how the practice of theatrical play can facilitate positive interactions among at risk youths; (ii) to understand if the practice of theater, as an artistic area focused on the collective, facilitates communication and promotes the acceptance of each one.

The study included twenty male participants, whose ages ranged from 12 to 24 years of age, attending regular and professional education. This heterogeneity forced a great flexibility, adaptation and adjustment of the project to the reality.

The data was collected by means of the focus group technique, the consultation of some documents of the institution, the Logbook and attendance sheets. This data was complemented with an evaluation register after each session.

Through this analysis, it was possible to conclude that the practice of the theatrical play contributed as a strategy to facilitate interpersonal relationships in the foster home with at risk youths, facilitating the communication and acceptance of each one.

Keywords: Artistic Education, Theatrical Play, Interpersonal Relationships, At Risk Youths,

## ÍNDICE

Introdução.....	1
Parte I- Enquadramento Teórico.....	4
1. Educação não-formal .....	4
2. Jogo Teatral .....	8
3. Jovens em Risco.....	11
4. Relações interpessoais .....	14
Parte II- Metodologia.....	18
1. Problemática e questões orientadoras .....	18
2. Objetivos, natureza e desenho do estudo .....	19
3. Técnicas e instrumentos de recolha e análise de dados .....	23
3.1- Pesquisa e análise documental .....	23
3.2- <i>Focus group</i> (Grupo focal).....	24
3.3- Diário de Bordo .....	31
3.4. Análise de conteúdo .....	32
Parte III- Contextualização do Projeto.....	35
1. Caracterização da instituição .....	35
2. Caracterização sociodemográfica do grupo de jovens .....	37
3. Avaliação inicial.....	38
3.1. Resultados do focus group inicial .....	41
Parte IV- Plano de ação.....	55
1. Planeamento da intervenção.....	55
2. Descrição das sessões .....	64
Parte V – Avaliação final.....	73
1. Resultados do <i>focus group</i> final .....	73
2. Análise do diário de bordo.....	79
Considerações finais.....	85
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	90
Anexos .....	94

## Índice de figuras

Figura 1- Símbolo criado pelo grupo para os Ardinários .....	69
Figura 2- Gráfico de presenças de cada participante.....	82
Figura 3- Número de participantes por sessão .....	83

## Índice de tabelas

Tabela 1 - Técnicas e instrumentos de investigação-ação. in Coutinho et. al (2009, p.373).....	222
Tabela 2- Guião <i>focus group</i> inicial .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Tabela 3-Guião <i>Focus Group</i> Final .....	29
Tabela 4- Dados de Caracterização dos Participantes .....	38
Tabela 5- Preferências dos Participantes.....	39
Tabela 6 - Categorias das relações interpessoais <i>focus group</i> inicial .....	41
Tabela 7 - Categorias das relações interpessoais, <i>focus group</i> inicial .....	43
Tabela 8 - Interesses e preferências dos participantes.....	46
Tabela 9 - Opinião dos participantes .....	51
Tabela 10 -Planeamento das sessões em quatro fases .....	59
Tabela 11 - Temas, categorias e subcategorias da análise do <i>focus group</i> final.....	73
Tabela 12- Relações interpessoais .....	74
Tabela 13- Opinião dos participantes sobre teatro .....	75
Tabela 14- Opinião dos participantes sobre o projeto .....	76
Tabela 15- Dificuldades e respetivas soluções.....	80

## **Lista de siglas e abreviaturas**

ESELx – Escola Superior de Educação de Lisboa

IA – Investigação-ação

IPL - Instituto Politécnico de Lisboa

PTE - Projeto de teatro Experimenta

UR – Unidades de Registo

# INTRODUÇÃO

## INTRODUÇÃO

A prática do jogo teatral assume um papel importante nas relações interpessoais, pois através desta prática os participantes interagem, facilitando as relações interpessoais. O jogo teatral, de acordo com Koudela, (2008) têm por objetivo ensinar a linguagem artística do teatro a indivíduos através de jogos e da solução de problemas, desenvolvendo atividades lúdicas de carácter teatral que formam a base de uma alternativa de ensino e de aprendizagem.

Assim, o jogo teatral foi o método escolhido para promover o encontro entre indivíduos e, deste modo, entender de que modo este pode contribuir como estratégia facilitadora das relações interpessoais com um grupo de jovens institucionalizados e com graves problemas comportamentais. Decorrente deste objetivo geral, definimos como objetivos específicos: (i) perceber de que modo a prática do jogo teatral pode facilitar as interações positivas entre jovens em risco; (ii) compreender se a prática do teatro, enquanto área artística centrada no coletivo, facilita a comunicação e promove a aceitação de cada um.

Ao longo do projeto tive o privilégio de vivenciar a rotina desses jovens, conhecer de perto o seu quotidiano, conhecer as suas fragilidades e as suas potencialidades. Trabalhar com jovens em contexto de acolhimento requer algum cuidado e bom senso, muitos jovens foram privados de afetos, carinho e de um contexto familiar dito normal.

Através do projeto, procurou-se fazer com que estes jovens experimentassem novas atividades, aprendessem a colocar-se no lugar do outro, aprendessem a ouvir o outro e principalmente que se respeitassem como indivíduos pertencentes a uma comunidade.

No enquadramento teórico são abordados os conceitos chave do projeto: a educação não formal, o jogo teatral e as relações interpessoais, de acordo com a perspectiva de vários autores como Koudela, Moreno, Spolin entre outros.

Por sua vez no capítulo da metodologia, abordamos a problemática, as opções metodológicas e as técnicas de recolha e análise dos dados.

No terceiro capítulo é apresentado o contexto em que foi desenvolvido este estudo, bem como a caracterização e avaliação inicial dos jovens em risco.

No capítulo sobre o plano de ação, apresentamos o planeamento do projeto e a descrição da sua implementação, procurando assim mostrar a forma como foi realizada a intervenção durante este estudo.

No capítulo da avaliação final são apresentados os resultados do projeto e a opinião dos participantes sobre o processo vivido.

Por fim, nas considerações finais, relacionamos o processo e os resultados com os objetivos anteriormente delineados.

# **ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

## **PARTE I- ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

Para a conceção deste projeto abordámos a educação não formal, o jogo teatral, os jovens e as relações interpessoais, procurando na literatura da especialidade fundamentos que permitissem relacionar estes conceitos de forma a estabelecer o quadro teórico que fornecesse as bases do projeto.

### **1. Educação não-formal**

A educação é uma das atividades que proporcionam o desenvolvimento de saberes e das competências em indivíduos, quer ao nível cognitivo, quer ao nível emocional, assumindo assim múltiplas formas e múltiplos modos de ação e envolvendo todos os indivíduos, incluindo o próprio educando. Partindo desta consideração, todo e qualquer espaço social pode ser considerado um espaço de educação que se desenvolve ao longo de toda a existência do ser humano.

No domínio educacional podemos incluir três práticas diferentes, que ocorrem em separado, porém não independentes umas das outras: educação formal, educação informal e educação não-formal. De acordo com Carvalho (1994), sendo a educação específica do ser humano, é através dela que o homem alcança o patamar da cultura. O autor entende a cultura como “o conjunto de ações, de condutas, que um indivíduo ou grupo exerce sobre outro indivíduo, ou grupo – ou sobre si mesmo - visando a prossecução de (...) objetivos que este elegeu como sendo os melhores” (p.88).

A educação formal é definida por Gaspar (2002) como, o tipo de educação oferecido na escola e em cursos organizados em níveis, graus, programas, currículos e diplomas. A origem deste termo está ligada ao desenvolvimento da civilização e aos conhecimentos por ela gerados. Este autor (2002,) refere que, da mesma forma como foi criado um lugar para trabalhar, rezar e morar, há muito tempo foi criado um lugar para ensinar e aprender, característico da educação formal. A educação formal através da escola surge nas civilizações pela necessidade de “preservar e garantir o legado do acervo cultural continuamente gerado por essas civilizações.” (p.172) O autor refere ainda que o “conhecimento a ser transmitido na escola se organizou e se especializou num ordenamento de conteúdos separados em áreas uniformes e distintas, com o significativo nome de disciplinas” (p.172), pelo mesmo objetivo de preservar e garantir.

Relativamente à educação informal, Gaspar (2002) afirma que, até nas civilizações culturalmente mais avançadas, a vida quotidiana exigiu mais do que apenas o conhecimento dos saberes apresentados formalmente nas disciplinas da escola. Há igualmente outros importantes saberes a aprender desde o nascimento tais como: “a língua materna, tarefas domésticas, normas de comportamento, rezar, caçar, pescar, cantar e dançar – sobreviver, enfim. “(p.173) Existiu assim desde muito cedo a educação informal, intitulado pelo autor por “escola da vida”. O autor refere que na “educação informal, não há lugar, horários ou currículos. Os conhecimentos são partilhados em meio a uma interação sociocultural que tem, como única condição necessária e suficiente, existir quem saiba e quem queira ou precise saber.”

Quanto à educação não-formal, termo aceite por alguns investigadores, esta surge próxima da educação formal, podendo ter também, na perspetiva de Gaspar (2002), disciplinas, e programas, mas não apresenta graus ou diplomas oficiais. Neste tipo de educação, o autor inclui o estudo de línguas estrangeiras, assim como especialidades técnicas, artísticas ou semelhantes, que são oferecidas pelas escolas de forma extracurricular ou por outras entidades, com horários e períodos definidos, que podem ser cumpridos presencialmente, à distância, via correio postal ou eletrónico. O autor refere ainda outros exemplos, mais próximos da educação informal, que se desenvolvem em espaços específicos, como centros culturais, jardins botânicos, zoológicos, museus de arte ou de ciências ou então em espaços abertos como “praças, feiras, estações de metrô e onde mais as pessoas possam partilhar saber e arte com seus semelhantes” (p.174).

Pelo contrário, Ward (1974) afirma que não existe uma definição consensual para o conceito de educação não-formal:

*A comprehensive and standard definition of non-formal education is not yet available in common usage. Perhaps such a definition will not emerge until after much more study of the educational issues and potentialities inherent in the variety of experiences now called non-formal education has been done. (p.38)*

No entanto Pinto (2005) define educação não-formal como:

Parte integrante do desenvolvimento de saberes e competências, um vasto conjunto de valores sociais e éticos tais como os direitos humanos, a tolerância, a promoção da paz, a solidariedade e a justiça social, (...) interjuncional, a igualdade de oportunidades, (...). Para além disto... a educação

não-formal coloca a tónica no desenvolvimento de métodos de aprendizagem participativos, baseados na experiência, na autonomia e na responsabilidade de cada formando. É habitual dizer-se que, em educação não-formal, a forma é conteúdo. (p.5)

Por sua vez, Dib (1988) apresenta algumas características da educação-não formal:

*Non-formal education characteristics are found when the adopted strategy does not require student attendance, decreasing the contacts between teacher and student and most activities take place outside the institution - as for instance, home reading and paperwork. Educative processes endowed with flexible curricula and methodology, capable of adapting to the needs and interests of students, for which time is not a pre-established factor but is contingent upon the student's work pace, certainly do not correspond to those comprised by formal education but fit into the so-called non-formal education. Proportionally to the number of formal education factors that are absent from a process, we find several grades of non-formal systems. (p.2)*

Pinto (2005) sustenta o seu estudo nas recomendações aos Estados pertencentes à Convenção Cultural Europeia, elaboradas em 2003, nas quais se preconiza que os Estados deveriam:

Reafirmar que a educação/aprendizagem não-formal constitui hoje em dia uma fundamental do processo de aprendizagem ao longo da vida e, por isso, trabalhar para o desenvolvimento de padrões de reconhecimento efetivo da educação/aprendizagem não-formal como parte da educação em geral e da formação vocacional em particular (...) (Convenção Cultural Europeia, citada em Pinto, 2005, p.1).

Ainda na perspetiva deste autor, a “educação não-formal é acima de tudo um processo de aprendizagem social, centrado no formando/educando através de atividades que têm lugar fora do sistema de ensino formal” (2005, p.4). Em suma, as práticas educativas associadas à educação não-formal são de carácter voluntário, não hierárquico e desenvolvem-se fora do sistema de ensino formal, em organizações da sociedade civil como instituições/associações.

Estas atividades educativas, na forma como pretendem o aumento de saberes e competências dos participantes, ajustam-se num dos conceitos de animação sociocultural apresentado por Bernet (2004), que a entende como:

Conjunto de ações realizadas por indivíduos, grupos ou instituições numa comunidade (ou num sector da mesma) e dentro do âmbito de um território concreto, com o objetivo principal de promover nos seus membros uma atitude de participação ativa no processo do seu próprio desenvolvimento quer social quer cultural. (p.26)

O autor refere ainda que a promoção da atitude participativa retrata o carácter educativo da animação sociocultural. Para Bernet (2004), a animação sociocultural é entendida como “uma espécie de dialética que está (...) na base do sentido profundo da animação sociocultural: os indivíduos desenvolvem-se enquanto contribuem para o desenvolvimento da comunidade e vice-versa; (p. 29)

De acordo com Did (1988), existe a tendência para a transição entre estes três tipos de educação, “*An analysis of formal, non-formal and informal education features suggests the existence of a range for transition from formal to non-formal education, as well as from non-formal to the informal one.*” (p.7)

Did (1988) refere ainda que,

*The need to offer more and better education at all levels, to a growing number of people, particularly in developing countries and, the scant success of current formal education systems to meet all such demands, has shown to a growing number of researchers the urgent need to provide alternatives that escape from the formal standards, in order to solve these problems.* (p.8)

Em síntese, a educação não-formal é nesta perspetiva um processo de aprendizagem, desde o nascimento até à morte, produto de um processo dialético, que abrange o conhecimento, a imitação, a criação pessoal, as aptidões inatas e por fim novas competências. O jogo teatral, do qual se fala seguidamente, apresenta-se neste sentido como um território educativo não formal, com enfoque na formação pessoal e social dos participantes, que disponibiliza aprendizagens e competências específicas do domínio do teatro, complementada pelos valores humanos em jovens em risco.

## 2. Jogo Teatral

Partindo do tópico anterior, a educação não formal, chegou-se à perspectiva de Bernet (2004), que afirma que os grupos de teatro amadores e as instituições podem ser consideradas socioculturais, uma vez que as atividades produzidas por estas apresentam um “variado conjunto do associativismo de carácter aberto e não elitista que configura a trama da estrutura social. Um associativismo que promove a participação dos cidadãos e que, por isso, tem uma projeção sociocultural de primeira ordem” (p.41)

Segundo Perez, o teatro é entendido como um meio de comunicação direta bem como espaço de convívio organizado, e ainda “um meio eficaz para analisar a realidade e posicionar-se criticamente perante esta. Por isto, também é um método crítico e libertador ao permitir em grupo apropriar-se da palavra como passo prévio para tentar transformar a realidade” (Pérez, 2000, p.195), escapando de uma transformação em “coisa”, tal como preconizava Freire (1970) afirmando “quanto mais controlam os oprimidos, mais os transformam em “coisas”, em algo que é como se fosse inanimado”. (Freire, 1970, p. 29) “Finalmente (Pérez, falando sobre teatro) diz ser um atrativo e fecundo espaço integrador de diferentes áreas de expressão e formas artísticas. (Pérez,2000, p. 195) De acordo com a conceção destes autores, a animação cultural é considerada como um conjunto de ações dinamizadas numa respetiva comunidade com a finalidade de providenciar a participação ativa da população no desenvolvimento da comunidade sociocultural.

Na abordagem do jogo teatral surge a necessidade de refletir sobre o contexto do teatro na educação.

O teatro pode participar no processo educativo e no desenvolvimento da criança e do jovem, como experiência lúdica e partilha de vivências, privilegiando as criações pessoais, bem como a sua evolução progressiva. Segundo Koudela (1988), o teatro na educação considera “a criança como um organismo em desenvolvimento, (...) O objetivo é a livre expressão da imaginação criativa.” (p.18). Na perspectiva de Reverbel (1997), a criança/jovem precisa do lúdico, da diversão, do jogo no seu processo de crescimento, pois é “carente de pensar, de compreender o que ocorre à sua volta, de sentir para descobrir um mundo ainda maior, de integrar-se para a socialização.” (pp. 20-21). Para esta autora, é através da arte que a criança/jovem exprime como sente, como pensa e como vê o mundo. O jogo consiste num campo de experimentação para

o corpo humano, pois proporciona a ligação entre o corpo e a mente, aviva a sensibilidade, a concentração e a imaginação. Para Boal (2008), o corpo humano é o elemento mais importante do teatro, sem ele é impossível fazer teatro. Trabalhar a sensibilidade e os valores de formas diferente, criar dinâmicas através da arte do jogo, mudam a forma como o indivíduo vê o mundo e, por consequência, reaviva o que foi positivo e o que se pode melhorar.

Reverbel (1997, p.3) afirma que “o teatro tem a função de divertir instruindo, é uma verdade que ninguém pode contestar, pois seria negar-lhe a própria história”, a partir da expressão do autor é possível entender a existência de uma ligação entre teatro e instrução remetendo-nos para o teatro na educação.

Já Platão, citado por Reverbel, (1997, p.12), entendia o jogo como fundamental para a ação educativa, defendendo que toda a criança/jovem deve efetivamente participar em jogos, pois sem esta prática “jamais se tornará um adulto e um bom cidadão (...) sobretudo para que as crianças pudessem desenvolver a tendência natural de seu caráter”.

Neste contexto, torna-se importante apresentar o conceito de jogo. Spink, (2011, p.54) citando Huizinga, define o jogo como sendo:

Uma ação livre, sentida como fictícia e situada fora da vida comum, capaz, não obstante, de absorver totalmente o jogador; uma ação despida de qualquer interesse material e de qualquer utilidade; que se realiza num tempo e num espaço expressamente circunscritos, desenrola-se ordenadamente de acordo com determinadas regras e provoca, na vida, relações de grupos que se cercam voluntariamente de mistério ou que acentuam pelo disfarce sua estranheza diante do mundo habitual. (Huizinga citado por Spink, 2011, p. 54).

O jogo apresenta muitos contributos e definições no desenvolvimento de uma criança/jovem, sendo parte fundamental no seu processo educativo, diferindo em cada grupo de trabalho, que tem como objetivo libertar a espontaneidade.

Os jogos teatrais (theater games) foram originalmente desenvolvidos por Viola Spolin (Spolin, 1979), com o fito de ensinar a linguagem artística do teatro a crianças, jovens, atores e diretores. Através do processo de jogos e da solução de problemas de atuação, as habilidades, a disciplina e as convenções do teatro são aprendidas organicamente. Os jogos teatrais são ao mesmo tempo

atividades lúdicas e exercícios teatrais que formam a base para uma abordagem alternativa de ensino e aprendizagem. (Koudela, 2008, p. 15)

Segundo Koudela (2008), o conceito de jogo teatral parte dos Jogos Teatrais que originalmente Viola Spolin desenvolveu com crianças, jovens, atores e diretores, fruto de uma experimentação coletiva. A autora diz-nos ainda que “Spolin visa o jogo como base para o processo de atuação no teatro. A autora propõe que a criança é completamente capaz de usufruir da arte teatral e de expressar-se através dela. (Koudela, 1998, p.43)

O conceito de Jogo em teatro surge no âmbito do Jogo dramático e do Jogo teatral, Japiassu (1998) diferencia estes dois conceitos:

No jogo dramático entre sujeitos (Faz-de-conta) todos são “fazedores” da situação imaginária, todos são “atores”. Nos jogos teatrais o grupo de sujeitos que joga pode se divertir em “times” que se alternam nas funções de “atores” e de “público”, isto é, os sujeitos “jogam” para outros que os “observam” e “observam” outros que “jogam”. (Japiassu, 1998, p.42)

O jogo teatral procura transformar o teatro do “faz-de-conta” (Jogo dramático), num jogo com regras, do “fazer” e do “assistir. De acordo com Spolin, (2000)

Atuar e/ ou viver através de velhas situações de vida (ou de outra pessoa) para descobrir como se adequar a elas; jogo comum entre as crianças de maternal quando procuram tornar-se aquilo que temem, ou admiram, ou não entendem; o jogo dramático, se continuado na vida adulta, resulta de devaneios, identificação com personagens de filmes, teatro e literatura; elaborar material velho em oposição a uma experiência nova; viver a personagem; pode ser usado como uma forma simplificada de psicodrama; não é útil para o palco. (p.342).

Ainda de acordo com Spolin (2000, p. 342) entende-se por jogo teatral como uma:

Atividade aceite pelo grupo, limitada por regras e acordo grupal; divertimento; espontaneidade; entusiasmo e alegria acompanham os jogos; seguem a par e passo com a experiência teatral; um conjunto de regras que mantém os jogadores jogando. (Spolin, 200, p. 342)

Também para Slade:

Os jogos teatrais são procedimentos lúdicos com regras explícitas. A palavra teatro tem sua origem no vocábulo grego *theatron* que significa "local de onde se vê" (plateia). A palavra drama, também oriunda da língua grega, quer dizer "eu faço, eu luto". (Slade,1978, p.18).

Koudela (1998, p. 45) procura explicar a passagem do jogo dramático ao jogo teatral, afirmando que "uma transição muito gradativa, que envolve o problema de tornar manifesto o gesto espontâneo e depois levar a criança à descodificação do seu significado, até que ela o utilize conscientemente, para estabelecer o processo de comunicação com a plateia."

De acordo com Japiassu (1998), o jogo teatral é propositadamente orientado para o outro, para que exista "ator" e "público". Os indivíduos que "jogam" desenvolvem a ação improvisada bem como, os papéis de cada jogador não são definidos a priori, mas surgem das interações ocorridas durante o jogo. O objetivo do processo é o "desenvolvimento cultural e o crescimento pessoal dos jogadores através do domínio e uso interativo da linguagem teatral, sem nenhuma preocupação com resultados estéticos cênicos pré-concebidos ou artisticamente planejados e ensaiados." (p. 4) Esta despreocupação introduz o conceito de improvisação, que apresenta o mesmo princípio do jogo teatral, "isto é, a comunicação que emerge a partir da criatividade e espontaneidade das interações entre sujeitos mediados pela linguagem teatral, que se encontram engajados na solução cênica de um problema de atuação." (p.4)

O desenvolvimento de projetos pedagógicos que abordam o Jogo teatral, segundo Japiassu (1998), "possibilita a coleta de informações relevantes para a compreensão do papel do Teatro no desenvolvimento cultural do ser humano e fornece pistas importantes para a implementação de projetos pedagógicos (...) [demarca] o espaço das artes em seus componentes curriculares, valorizando-as como formas superiores de ação e funcionamento mental humanas." (p.5).

### **3. Jovens em Risco**

O conceito de jovens em risco tem vindo a ser alterado devido à complexidade deste tema bem como às diferentes áreas de estudo que sobre ele se debruçam. Como refere Fonseca (2004), "o fenómeno das crianças e jovens em risco tem sido analisado por numerosos investigadores de várias disciplinas (ex: psicologia, sociologia,

medicina, saúde pública, comunicação, ciências da educação ou economia) em perspectivas muito diferentes”. (p.11). A diversidade de critérios do que é ou não é entendido como “risco”, origina um dilema quer para os investigadores, quer para os profissionais responsáveis pela avaliação, identificação e acompanhamento dos casos. No entanto, o objetivo comum que une todas estas áreas de estudo é a proteção da criança/jovem e justifica um conceito de “risco” mais amplo, na tentativa de enquadrar as diferentes sensibilidades. De acordo com a Lei de Proteção de Crianças e Jovens, Lei nº 147/99, de 1 de setembro, “uma criança ou jovem em risco é aquela cujo bem-estar está comprometido ou ameaçado pondo em causa o seu desenvolvimento integral”. Para Delgado (2006, p.13), a “criança ou jovem em risco é um sujeito em formação submetido a dificuldades de diferente índole, que lhe limitam a possibilidade de alcançar o desenvolvimento físico, afetivo e psíquico que caracteriza, idealmente, a dignidade humana.”

Outra perspetiva importante é a dimensão temporal que o conceito de risco apresenta, ou seja, como refere Fonseca (1998, p.15) “quando se diz que uma criança ou jovem estão em risco, tem-se implícita uma dimensão temporal e, mais concretamente, a ideia de futuro.” Ou seja, de acordo com Fonseca (2004), entende-se por indivíduo em risco aquele que alcançou ou desenvolveu um estado indesejado, ou revela maior probabilidade de alcançar, de futuro, em comparação com o grupo onde está inserido. O termo “risco” estabelece relação com conceito de desenvolvimento, onde qualquer indivíduo integrante de uma sociedade pode ficar em risco ou em perigo, em função da probabilidade de uma evolução indesejável socialmente ou clinicamente. Na visão de Martins (2002), é necessário encontrar um consenso em relação às necessidades comuns de qualquer criança, àquelas que são necessárias para que a criança/jovem possa desenvolver-se física e psicologicamente com sucesso. Ochotorena (1996) sugere o conceito de “necessidade” para resolução desta problemática. Esta definição consistiria no estabelecimento de um padrão de cuidados mínimos, no qual se representaria e avaliaria a gravidade de cada caso. Sempre que algum ato ou ação colocassem em causa a saúde física ou psicológica da criança, estaríamos face a uma situação de risco.

As crianças em risco são as que têm a sua segurança, a sua saúde, a sua formação, a sua educação ou desenvolvimento em risco, cujo contexto se deve aos pais ou ao representante legal ou a quem tenha a guarda de facto da criança. (Valente, 2003, p.85)

Para Valente (2003), o risco reflete uma relação implícita com o “não desejado”, um acontecimento ou conduta com a probabilidade ampliada causada pela presença de certos fatores de risco.

Segundo Pianta e Walsh (1999, citado por Fonseca, 2004, p.14) “ao afirmar-se que uma criança está em risco, quer-se dizer que ela partilha com um grupo uma determinada probabilidade de ocorrência futura de um determinado acontecimento ou de uma determinada evolução que é superior à probabilidade da população geral”. Neste sentido, é possível afirmar que as crianças/jovens em risco se integram em diversos grupos, a que podemos chamar grupos de risco (ex. indivíduos em risco de abandono escolar, comportamentos sexuais de risco, abuso de droga, maternidade e paternidade na adolescência, comportamentos de violência, risco de suicídio, delinquência juvenil, de esquizofrenia, de violência familiar, de distúrbios da personalidade).

De acordo com Canha (2003, p.35) são consideradas crianças de risco:

As que nascem de mães muito jovens, solteiras ou sós, de gravidez não desejada, as que tenham sido separadas da mãe no período neonatal, as que não correspondem às expectativas dos pais, as crianças deficientes ou com doença crónica, hiperativas, ou com outras perturbações de comportamento.

Segundo Sá (1999), estão também em risco as crianças e jovens que se desenvolvam em “Famílias sem qualidade”, isto é, que não apresentam possibilidades de assegurar meios de proteção, acolhimento com qualidade, prevalecendo os maus tratos, abandono e abusos de todos os tipos, incluindo sexuais. Estas crianças e jovens sentem-se então, desorientadas, desorganizadas e na sua maioria são crianças agressivas.

Azevedo & Maia, numa ordem de ideias semelhante, mas com uma perspetiva mais atual entendem por crianças e jovens em risco aquelas:

Pertencentes a famílias caóticas e demasiado abertas não recebem a proteção e segurança necessárias, correndo o risco de serem vítimas de abusos (...) as crianças pertencentes às famílias fechadas e rígidas estão privadas de se enriquecer com as influências do exterior e de conhecer outras formas de socialização. (2006, p.66).

Assim, é possível entender por criança/jovem em risco não apenas a que sofre maus-tratos diretos (negligência, físicos, psicológicos, etc.), como também a que sofre testemunhando “conflitos ou violência entre os pais, originando profundos efeitos, dada a proximidade da experiência e a importância que aquele contexto tem para o seu desenvolvimento” (Sani, 2002, p.40).

Em suma, segundo Zeanhah (2001), “*Mistreated children and youth are a very serious social and health problem in the whole world*”, entendendo que as crianças são o futuro da nossa sociedade, este é um problema de ordem mundial.

#### **4. Relações interpessoais**

No trabalho com crianças e jovens em risco, as relações interpessoais estão presentes nas interações que estes estabelecem no grupo de trabalho. Heider (1970) define relações interpessoais como:

A expressão relações interpessoais indica relações entre poucas pessoas, geralmente duas. Como uma pessoa sente e pensa a respeito de outra, como a percebe e o que faz para ela, o que espera que ela faça ou pense, como reage às ações da outra – esses são alguns dos fenômenos [...] (1970, p. 1)

O entendimento deste conceito baseia-se muitas vezes na psicologia do senso comum e não em regras científicas e pré-determinadas. Segundo Heider (1970) na “vida diária concebemos ideias a respeito de outras pessoas e a respeito de situações sociais. Interpretamos as ações de outras pessoas e predizemos o que farão em determinadas circunstâncias” (p. 17). Estas interpretações podem levar a um campo comportamental tão aberto que associar a um padrão de conduta uma causa, afastaria a definição da realidade.

Na perspectiva de Del Prette e Del Prette (2001, p. 37) as relações interpessoais estão conectadas à capacidade de sociabilidade do indivíduo. Assumindo uma estrutura dialética de interiorização do “outro” e exteriorização do “eu” e afastando-se de uma normatização de comportamento, de acordo com Moreno (1994), a interiorização só pode ocorrer através do encontro, pois “a teoria das relações interpessoais baseia-se na “díade primária”, a ideia e experiência do encontro de dois atores, o evento concreto-situacional preliminar a todas as relações interpessoais” (p.168).

Através do encontro entre dois atores surge a experiência da relação interpessoal. De acordo com Moreno (1972) a “teoria dos afetos” elucida a consequência do encontro, que consiste na variação de potência, mas não justifica a causa, isto é, o encontro com um indivíduo desperta um afeto. O autor complementa dizendo que desenvolveu o conceito de *fator tele*, que junta causa e efeito, entendendo-se como o fluxo de sentimentos entre os indivíduos que produzem afetos. Clarificando, o *fator tele* consiste na relação positiva ou negativa (simpatia ou antipatia) entre indivíduos, como refere Moreno:

Sendo o termo tele cunhado por mim, se me permitirá advertir que a tele é algo que emergiu da análise terapêutica de relações interpessoais concretas. Mais tarde os modelos estatísticos foram aplicados ao fenômeno tele... Os termos alemães *Einfühlung* (empatia) e *Übertragung* (transferência) que expressam relações unidirecionais, não apresentam, quando foram cunhados, o novo tipo de fenômenos que a investigação das relações interpessoais descobriu. *Zweifühlung* (tele) foi estabelecido em oposição a *Einfühlung*. (1972a, pp. 76-77)

As relações interpessoais têm de modo intrínseco o fator tele, pois este será o agente responsável por qualificar e sustentar a relação de modo inter-relacional.

A forma como o indivíduo estabelece relação com outro indivíduo responde às motivações positivas ou negativas que não têm uma explicação fundamentada e consciente. O fator tele procura explicar e amplificar a relação do sentido unidirecional para o bidimensional, sugerindo uma multi-afetação dos indivíduos envolvidos. Nessa procura de explicação, Moreno afirma:

Tele é a percepção interna e mútua dos indivíduos, é o cimento que mantém os grupos unidos é *Zweifühlung* em contraste com *Einfühlung*... tele é uma estrutura primária; a transferência, uma estrutura secundária. Depois de se desvanecer a transferência, certas condições tele continuam operando. A tele estimula as relações permanentes e as associações estáveis. (Moreno, 1972, p. XIV)

Em suma, para que ocorra uma relação interpessoal há a obrigatoriedade de ocorrer o encontro entre dois indivíduos, pendente de comportamentos incontáveis aos quais não é possível associar um padrão de conduta a uma causa. A força inter-relacional do indivíduo está ligada ao fator tele, que é, portanto, o fator responsável de acordo com Moreno (embaixador do termo fator tele) pela qualificação e sustentação o que terá durabilidade a relação interpessoal.



# Metodologia

## PARTE II- METODOLOGIA

### 1. Problemática e questões orientadoras

Partindo da Convenção das Nações Unidas de 1989, referente aos Direitos da Criança e ratificada por Portugal através da Resolução da Assembleia da República nº 20/90, a titularidade dos direitos respeitantes à satisfação das necessidades básicas da criança e jovem pertence a ela própria, assim como outros direitos, designadamente o direito de acesso digno, ativo e participante na sociedade. Resumidamente, é defendida a integração da criança ou jovem na família, assim como a responsabilidade desta na execução dos seus deveres para com a criança ou jovem. No entanto, de acordo com Valente (2003, p.73):

A Convenção sobre os direitos da criança consagra que a criança tem direito de conhecer os pais e ser educada por eles. Mas, se este direito puser em causa a sobrevivência e o desenvolvimento integral da criança, o mesmo não pode nem deve ser garantido. (2003, p.73)

A institucionalização de crianças e jovens é, por isso, uma medida que apenas deve ser tomada em último caso, uma vez que é sempre preferível a permanência no seio da família. Por outro lado, a permanência das crianças e jovens em instituições tem riscos sobejamente estudados e conhecidos, nomeadamente ao nível do seu desenvolvimento afetivo e social, da sua autonomia e da capacidade de elaborarem projetos de vida futura. Com efeito, o meio onde a criança se desenvolve, as interações que aí ocorrem e os estímulos recebidos são fundamentais para um crescimento pleno e harmonioso e para a construção da uma identidade própria. Se a criança ou jovem está institucionalizada, é necessário que a instituição proporcione a aquisição de valores, princípios, regras e hábitos que favoreçam quer o desenvolvimento individual, quer a integração e participação na sociedade. São esses valores e princípios que permitirão aos jovens adquirir segurança em si próprios, confiança nos outros e autonomia, construindo uma estrutura emocional e afetiva estável e resiliente. Neste processo, as relações interpessoais são peças fundamentais, uma vez que...

A convivência institucional possui características, específicas, em princípio, inultrapassáveis, como por exemplo, ser quase sempre mais alargada do que a familiar; decorrer entre crianças e jovens que sofreram adversidades, (...); ser mais fechada em relação ao mundo

exterior do que aquela que, em geral, as famílias proporcionam; impor rotinas mais rígidas do que as que têm lugar numa casa familiar; oferecer menos oportunidades para adquirir ou praticar novas aptidões, bem como para reforçar ou elogiar. (Silva, 2004, p.95)

Deste modo, surgiu a seguinte questão de partida:

- De que modo o teatro pode contribuir como estratégia facilitadora das relações interpessoais numa casa de acolhimento com jovens em risco?

Tendo em conta o quadro teórico atrás referido, esta pergunta de partida subdividiu-se em duas questões mais específicas que orientaram o estudo:

- A prática do jogo teatral, enquanto estratégia privilegiada no teatro, será facilitadora das relações interpessoais com jovens em risco numa casa de acolhimento?
- A prática do teatro, enquanto área artística do coletivo e da comunicação, será promotora de uma maior aceitação e valorização de cada um?

## **2. Objetivos, natureza e desenho do estudo**

De acordo com as especificidades do contexto de intervenção e em particular do grupo de jovens participantes, e tendo em conta as questões orientadoras, foram definidos os seguintes objetivos para o projeto:

– Perceber se as práticas de jogo teatral facilitam as interações positivas entre jovens em risco;

-Perceber se a prática do teatro, enquanto área artística centrada no coletivo, facilita a comunicação e promove a aceitação de cada um-

Uma vez que pretendíamos desenvolver um projeto de intervenção, optou-se por um estudo inserido no paradigma socio crítico que, no campo de estudos do comportamento humano, tem permitido abordagens de mudança em questões de interesse social e na organização de grupos, objetivando a resposta das diferentes necessidades (Coutinho, 2011).

Morales (2011, p.107) entende que a perspectiva sócio crítica aproxima ideologia e autorreflexão na “construção compartilhada do conhecimento em um projeto político cujo propósito central é a transformação das relações sociais através da busca e execução de soluções para problemas significativos das comunidades, com base em suas próprias atividades.”

De acordo com Minayo (2000) e Chizzotti (2005), neste paradigma inserem-se processos de pesquisa-ação participativa, que, permitem articular “a produção de conhecimentos, ação educativa e participação numa perspectiva necessariamente transformadora da realidade” (Tozoni-Reis, 2007, p. 113).

O estudo foi desenvolvido recorrendo a uma metodologia qualitativa. De acordo com Bogdan e Biklen (1994) as características gerais da metodologia qualitativa são: (i) a fonte direta dos dados é o ambiente natural, sendo o investigador o instrumento principal; (ii) os dados recolhidos são descritivos, sob a forma de palavras ou imagens; (iii) os investigadores focam-se no processo vivido pelos sujeitos e não apenas nos produtos observáveis; (iv) a análise dos dados é predominantemente indutiva e contínua; (v) o significado que os sujeitos dão aos seus atos é fundamental para compreender esses atos.

Em relação ao design, procurou-se desenvolver um processo na lógica da investigação-ação, correspondendo assim à visão e objetivos do paradigma sócio crítico. De acordo com Castro (2012), o interesse pelos processos de investigação-ação (IA) tem vindo a aumentar desde os anos noventa, à semelhança das pedagogias que estimulam a criatividade, o pensamento crítico e o “aprender a aprender”. A IA consiste numa metodologia que procura superar o comum dualismo entre teoria e prática, de acordo com Noffke e Someck (2010), existindo múltiplas aceções, propostas e práticas, o que impossibilita encontrar uma definição única. A mesma indefinição recai sobre a sua origem, frequentemente atribuída a Lewin (1946) que a estudou no campo da psicologia social, mas, de acordo com Tripp, (2005) é “pouco provável que algum dia venhamos a saber quando ou onde teve origem esse método, simplesmente porque as pessoas sempre investigaram a própria prática com a finalidade de melhorá-la” (p.445).

Coutinho et al. (2009) afirmam que esta pode ser entendida como uma família de metodologias de investigação que incluem em simultânea ação (mudança) e investigação (ou compreensão), assente num processo cíclico ou em espiral, que varia

entre ação e reflexão crítica. Coutinho (2009) refere que “o essencial na IA é a exploração reflexiva que o professor faz da sua prática, contribuindo dessa forma não só para a resolução de problemas como também (e principalmente) para a planificação e introdução de alterações nessa mesma prática” (p.360).

Contudo, Castro (2012) refere que:

O facto de não haver bibliografia consensual relativamente à família metodológica em que a IA se insere, sendo que as semelhanças de algumas estratégias da IA com estratégias da Investigação Qualitativa são razões que levam alguns autores a considerar a IA como uma modalidade de Investigação Qualitativa (Cf. Coutinho, 2005). Por outro lado, sendo a IA preferencialmente utilizada em contextos particulares e comunidades específicas, colocam-se questões em torno da validade que emerge desse processo investigacional, indagando-se se produz conhecimento universal, e se permite a construção de uma visão clara e sistemática sobre a matéria em estudo. (Castro, 2012, p.2)

Através do autor acima referido entende-se a existência de dúvidas quanto a categorizar a IA dentro da investigação fundamental/básica, que tem por objetivo aumentar o conhecimento geral, e a aplicada que tem como objetivo produzir resultados que possam ser usados em tomadas de ação ou melhoria de programas.

De acordo com Bogdan e Biklen (1991), a IA “é um tipo de investigação aplicada na qual o investigador se envolve ativamente na causa da investigação [que] consiste na recolha de informações sistemáticas com o objetivo de promover mudanças sociais” (p. 292). Latorre (2003) completa os autores anteriores referindo que “*la investigación-acción se puede considerar como un término genérico que hace referencia a una amplia gama de estrategias realizadas para mejorar el sistema educativo y social*” (p. 23).

No campo da educação, a IA procura fundamentalmente analisar a realidade educativa específica e incentivar a tomada de decisão dos seus agentes para que ocorra a mudança educativa, implicando “a tomada de consciência de cada um dos intervenientes (individualmente, e do grupo) de que emerge a construção de conhecimento através do confronto e contraste dos significados produzidos pela reflexão” (Castro, 2012, p.3).

De acordo com Coutinho et al. (2009) comentando Latorre, qualquer ato de investigação tem por base formas de recolha de informação, que vão surgindo ao longo da ação, assim, o investigador tem de recolher informação da sua própria ação de investigar ou intervir, objetivando analisar os efeitos da sua prática letiva. O investigador deve ainda analisar de modo sistemático e intencional o seu “olhar”, afim de entender possíveis aspetos acessórios ou redundantes do contexto real que está a estudar, reduzindo todo o processo a um sistema de representação mais claro de analisar, facilitando a fase da reflexão.

Tabela 1

*Técnicas e instrumentos de investigação-ação. in Coutinho et. al (2009, p.373)*

<b>INSTRUMENTOS</b> (lápiz e papel)	<b>ESTRATÉGIAS</b> (interactivas)	<b>MEIOS</b> <b>AUDIO-VISUAIS</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Testes</li> <li>✓ Escalas</li> <li>✓ Questionários</li> <li>✓ Observação sistemática</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Entrevista</li> <li>✓ Observação participante</li> <li>✓ Análise documental</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Vídeo</li> <li>✓ Fotografia</li> <li>✓ Gravação áudio</li> <li>✓ Diapositivos</li> </ul>

Para tal, Latorre (2003, citado em Coutinho et al, 2009) apresenta um conjunto de técnicas/instrumentos de recolha de dados divididos em três categorias:

- a) Técnicas baseadas na observação: centradas na perspetiva do investigador, em que este observa de forma direta e presencialmente o fenómeno em estudo;
- b) Técnicas baseadas na conversação: centradas na perspetiva dos participantes e enquadram-se nos ambientes de diálogo e de interação;
- c) Análise de documentos: centra-se também na perspetiva do investigador e implica uma pesquisa e leitura de documentos escritos que se constituem como uma boa fonte de informação. Estas técnicas e instrumentos podem ainda classificar-se do seguinte modo:

### **3. Técnicas e instrumentos de recolha e análise de dados**

#### **3.1- Pesquisa e análise documental**

De acordo com Brendan Duffy (citado por Bell, 2008, p.101) os projetos em educação, na sua maioria, carecem de uma análise documental. No presente estudo, a análise documental é tida como complemento da informação obtida pelos métodos anteriormente apresentados. O autor refere ainda poder ser a natureza do projeto a indicar as fontes mais relevantes para o projeto. Ainda assim, cabe a cada investigador procurar dados documentais, analisando os dados recolhidos, através de impressos, filmes, vídeos, fotografias, entre outros.

A pesquisa documental efetuada durante o desenvolvimento deste estudo é constituída maioritariamente pela análise de documentos impressos, complementada com alguma pesquisa digital, que se revelou pouco útil, na medida em que existe pouca informação digital sobre a referida instituição/casa de acolhimento disponível para consulta digital. No que diz respeito aos documentos impressos, recorreremos à consulta dos seguintes artigos:

- “A Convenção sobre os Direitos da Criança”, adotada pela Assembleia Geral nas Nações Unidas em 20 de novembro de 1989 e ratificada por Portugal em 21 de setembro de 1990;
- “Plano de Estudos”, da Instituição Casa de Acolhimento;
- “Legislação de Família e Menores – 3a edição revista e atualizada”;
- “Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo Anotado”;

Estas foram obras de consulta fundamental como ponto de partida para entender em termos legais e reais, na caracterização e contextualização e adaptação do estudo a realidade. No que diz respeito aos processos de validação, Quivy & Campenhoudt (1992, p. 202) referem que “controlar a credibilidade dos documentos e das informações que eles contêm, bem como a sua adequação aos objetivos e às exigências do trabalho de investigação” são aspetos essenciais da análise documental.

### **3.2- Focus group (Grupo focal)**

De acordo com Gomes e Barbosa (1999) *Focus Group* ou grupo focal pode ser definido como:

Grupo de discussão informal e de tamanho reduzido, com o propósito de se obter informações de caráter qualitativo em profundidade. É uma técnica rápida e de baixo custo para avaliação e obtenção de dados e informações qualitativas, fornecendo aos gerentes de projetos ou instituições uma grande riqueza de informações qualitativas sobre o desempenho de atividades desenvolvidas, prestação de serviços, novos produtos ou outras questões. (Gomes & Barbosa, 1999, p. 83)

Os autores acima referidos entendem que este tipo de grupos tem por objetivo principal revelar as percepções dos participantes sobre os tópicos em discussão. Este grupo deve ser composto por 7 a 12 pessoas. Os indivíduos são convidados para participar na discussão sobre a temática pretendida para o estudo. De modo geral, os participantes dispõem de característica comum ou ligação, por exemplo, partilham características demográficas, tais como, condição social, ano escolar ou a pertença a um mesmo serviço ou instituição.

Ressel, Gualda e Gonzáles, (2000) citados por Dias (2002), clarificam que grupos focais são pequenos grupos de indivíduos reunidos para avaliar conceitos ou identificar problemas, através da discussão, com objetivo de aumentar o conhecimento coletivo.

De acordo com Nóbrega e Araújo (2008) a conversação durante um *focus group* deverá concentrar-se “em poucos tópicos e o moderador tem uma agenda onde estão delineados os principais tópicos a serem abordados” (p.83). Estes tópicos, regra-geral, são pouco abrangentes, com objetivo de que a conversação seja fluente e relevante. As questões objetivam respostas não estruturadas, o que estimula a obtenção de novas ideias e conceitos sobre a temática investigada. Durante esta conversação, os participantes “não devem sentir que fazem parte de um estudo, mas, sim, que são informantes; eles devem captar informações e dar informações.” (p.83)

Regra geral, é aconselhável ser dirigido por duas pessoas: uma conversando e a outra anotando, ou então através do registo em vídeo. O moderador deverá manter o ritmo da sessão de modo que todos os participantes tenham o direito à palavra e “evitar a

dispersão do grupo e o monopólio de um participante[s]. Ele fará as apresentações das questões que serão respondidas e debatidas pelos participantes.” (Veiga; Gondim, 2001, p84). Por sua vez, o registo realizado pelos observadores ou o registo de vídeo permitem são depois transcritos para e posteriormente analisados. Através destas transcrições, é possível obter outros dados relevantes, como comentários, gestos, ou conversas paralelas, realizando o registo fiel de todos os acontecimentos no decorrer da ação. (Veiga; Gondim, 2001, p. 84).

De acordo com Veiga & Gondim, (2001), a recolha dos dados, é desenvolvida de duas formas:

-A partir das respostas dos participantes, que são registradas de modo individual;

-A partir do registo dos gestos, comentários ou falatórios de cada participante, no decorrer do *focus group*;

A literatura recomenda que as sessões tenham a duração de 1h e 30min a 2 horas, preferencialmente dois gravadores, assim como a identificação de cada participante num autocolante, afim de facilitar a análise posterior.

Nóbrega e Araújo (2008) consideram “facilitador” que, no início a sessão, se faça uma breve explicação dos objetivos do *focus group*, agradecendo aos presentes. Para além dos objetivos, essa explicação poderá incluir: (i) o processo de seleção dos participantes, bem como o motivo pelo qual foram dadas poucas informações sobre a sessão até ao presente momento, (ii) a informação sobre o uso de gravadores (iii) a manutenção de anonimato das informações recolhidas, (iv) a importância de todas as opiniões, (v) a duração da sessão e (vi) a necessidade de organização de uma roda, possibilitando uma boa gravação e visualização de todos os participantes.

O recurso à técnica de *Focus group* apresenta algumas vantagens: “o clima relaxado das discussões; a confiança dos participantes em expressar suas opiniões; a sua participação ativa; a obtenção de informações que não ficam limitadas a uma prévia conceção dos avaliadores; bem como a alta qualidade das informações obtidas.” (Veiga; Gondim, 2001, p83)

Em contrapartida, demonstra algumas desvantagens, designadamente: “dificuldades para conseguir participantes, quando estes devem obedecer a critérios muito específicos; a produção de polémicas e oposições na discussão; além de invalidação

dos achados devido à ingerência de alguns dos participantes” (Veiga; Gondim, 2001, p83)

Neste estudo foram realizados dois *focus group*, um antes do projeto de teatro e outro após a intervenção do formador com o projeto teatro. Apresentam-se em seguida os guiões que orientaram os dois *focus group*.

## Guião *Focus group* inicial

Tabela 2

*Guião focus group inicial*

<b>FOCUS GROUP INICIAL – Jovens em risco</b>			
<b>Data:</b>	<b>Local:</b>		<b>Nº de participantes: 12</b>
<b>23 / 11 / 2016</b>			
<b>Objetivos Gerais</b>	<b>Objetivos Específicos</b>	<b>Tópicos de discussão</b>	<b>Tempo</b>
1. Conhecer as narrativas dos jovens relacionadas com as suas relações interpessoais e intrapessoais.	<p><b>1.1.</b> Identificar possíveis pontos fortes e fragilidades das relações interpessoais e intrapessoais, de modo a traçar objetivos para uma intervenção em teatro;</p> <p><b>1.2.</b> Recolher dados necessários à preparação de uma intervenção que favoreça a coesão grupal;</p>	<b>a).</b> Acha s que todos se dão bem uns com os outros nesta instituição? O que se pode fazer para favorecer bom relacionamento nesta instituição?	<b>5'</b>
2. Perceber as necessidades de cada jovem participante do projeto.	<p><b>2.1.</b> Entender as qualidades que podem ser trabalhadas;</p> <p><b>2.2.</b> Perceber o que o grupo gosta e o que não gosta de fazer;</p>	<b>b).</b> Que atividades gostas de realizar nos teus tempos livres? O que não gostas de fazer?	<b>4'</b>
3. Perceber quais as experiências, conhecimentos e preferências dos jovens participantes no projeto em relação ao teatro.	<p><b>3.1.</b> Recolher informação para posteriormente planejar a intervenção específica na área de teatro;</p> <p><b>3.2.</b> Compreender quais os conhecimentos sobre teatro que os participantes revelam;</p>	<b>c)</b> Gostas de teatro? Que experiências tens de teatro? O que é para ti o teatro?	<b>5'</b>

<p><b>4.</b> Entender quais as profissões que agradam os participantes.</p>	<p><b>4.1.</b> Recolher dados para que, no planeamento da intervenção, seja considerada uma abordagem às profissões preferidas;</p> <p><b>4.2.</b> Colaborar com a instituição cooperante do projeto, no âmbito da qual a orientação profissional é uma prioridade.</p>	<p><b>d)</b> O que queres ser quando fores mais velho?</p>	<p><b>2'</b></p>
---	---	--	------------------

*Nota:* Questões colocadas no decorrer do *focus group* inicial

## Guião Focus group final

Tabela 3

Guião focus group final

<b>FOCUS GROUP – Jovens</b>			
<b>Data:</b>	<b>Local:</b>	<b>Nº de participantes:20</b>	
<b>27 / 4 / 2017</b>			
<b>Objetivos Gerais</b>	<b>Objetivos Específicos</b>	<b>Tópicos de discussão</b>	<b>Tempo</b>
<p><b>1.</b> Conhecer as narrativas dos jovens relacionadas com as suas relações interpessoais e intrapessoais, após aplicação do projeto.</p>	<p><b>1.1.</b> Comparar possíveis pontos fortes e fragilidades das relações interpessoais e intrapessoais, de modo a traçar objetivos para uma intervenção em teatro;</p> <p><b>1.2.</b> Recolher dados necessários à preparação de uma intervenção que favoreça a coesão grupal;</p>	<p><b>a).</b> Acha s que todos se dão bem uns com os outros nesta instituição? O que se pode fazer para favorecer o bom relacionamento nesta instituição? Estas sessões de alguma forma melhoraram a relação com o grupo</p>	<p><b>5'</b></p>
<p><b>2.</b> Perceber as necessidades de cada jovem participante do projeto. (identificar alterações)</p>	<p><b>2.1.</b> Observar a possibilidade de alterações nas respostas.</p>	<p><b>b).</b> Que atividades gostas de realizar nos teus tempos livres? O que não gostas de fazer?</p> <p>Para além das atividades que foram ditas como o futebol policia, consideras pertinente acrescentar alguma atividade?</p>	<p><b>4'</b></p>

<p><b>3.</b> Perceber quais as experiências, conhecimentos e preferências dos jovens participantes no projeto em relação ao teatro. (após aplicação do projeto)</p>	<p><b>3.1.</b> Compreender quais os conhecimentos sobre teatro que os participantes adquiriram;</p>	<p><b>c).</b> Gostas de teatro? Que experiências tens de teatro? O que é para ti o teatro? Qual a tua perceção do teatro após a implementação deste projeto?</p> <p>Qual a tua perceção do teatro após a implementação deste projeto?</p> <p>Após a implementação do projeto a forma como u vez o teatro mudou?</p>	<p><b>5'</b></p>
		<p><b>d).</b> Após a implementação deste projeto ficaste com vontade de saber mais e experimentar outras atividades ligadas ao teatro</p> <p>Com este projeto de teatro ficaste com vontade de saber mais sobre teatro ou eventualmente seguir alguma profissão ligada ao teatro?</p>	
<p><b>5.</b> Avaliar o projeto, perceber o impacto nos participantes.</p>	<p><b>5.1.</b> Fazer um balanço final do projeto;</p> <p><b>5.2.</b> Entender o impacto que o projeto teve;</p> <p><b>5.3.</b> Obter uma avaliação quantitativa do projeto por parte dos participantes;</p>	<p>-Gostaste de participar no projeto? Porquê'</p> <p>- Quais foram os pontos forte? E fracos do projeto?</p> <p>- Qual o exercício ou quais os exercícios que mais gostaste?</p> <p>-Como achas que deve ser concluído o projeto? (esta questão já foi feita, devo repetir?)</p> <p>Uma palavra que tua represente a tua participação neste</p>	<p><b>10'</b></p>

Nota: Questões colocadas no decorrer do *focus group* final

Para realizar os *focus grupos*, os participantes dispuseram-se em roda numa das salas da instituição, ficando isolados dos restantes residentes da instituição com o objetivo de obter a sua máxima atenção. Como, ao longo do projeto, foram aderindo ao projeto novos participantes, num total de 20, para conseguir realizar o *focus group* final com a devida qualidade, o grupo de participantes foi dividido em três subgrupos.

Os dois *focus group* realizados foram registados em áudio e posteriormente transcritos. As transcrições encontram-se nos anexos A e B.

### **3.3- Diário de Bordo**

Durante o decorrer das sessões foram realizados registos como objetivo de recolher informações para o estudo, registos que designámos por diários de bordo (anexo C). De acordo com Machado (s/d, p.260), “a expressão Diário de Bordo, refere-se a uma das etapas do trabalho do pesquisador académico em Artes cênicas”.

Machado (s/d, p.260) afirma ainda que, “o Diário de Bordo é a compilação de todas as anotações que um encenador-criador faz durante a escritura, montagem e encenação do espetáculo sobre o qual, futuramente, sua dissertação ou tese vai tematizar e discutir.”

O diário de bordo permite também que sejam elaborados critérios de observação durante o processo, o que coloca o formador em posição intermediária entre a “experiência vivida durante a criação e a escritura da dissertação, não recorrendo a critérios apriorísticos”. (Machado, s/d, p.260)

No entanto, o mesmo autor (s/d, p.262) chama a atenção para o facto de o pesquisador em artes cênicas ao realizar o ato de tomar anotações poder “estar minimizando a participação coletiva e a dinâmica grupal, perdendo parte importante da possibilidade de registo da criação”. Machado (s/d) defende ainda que Diário Bordo é:

Algo fundamental nas pesquisas em artes cênicas que envolvam o trabalho em processo e que busquem fazer uso do método fenomenológico; proponho tratar o diário como um recurso filosófico e metalinguístico para o pesquisador-criador, cuja finalidade principal seria a ampliação de um espaço meditativo da experiência vivida durante a pesquisa, traduzindo o valor deste recurso de maneira não diretamente pragmático ou funcional, nem de leitura a ser

necessariamente compartilhada: daí seu carácter de intimidade, de “Diário”. (Machado, s/d, p.263)

O diário de bordo presente neste estudo (anexo C) foi realizado logo depois de cada sessão de teatro terminar, com o objetivo de obter o registo mais completo possível. O diário de bordo está organizado numa tabela dividida em três partes:

- Descrição da sessão;
- Inferências realizadas pelo observador a partir do comportamento dos participantes no projeto teatro;
- Avaliação geral da sessão - uma pequena e resumida apreciação geral da sessão, estabelecendo a relação com as planificações das sessões;

Ao todo foram realizadas dezassete entradas no diário de bordo.

### **3.4. Análise de conteúdo**

A análise de conteúdo é uma “expressão genérica utilizada para designar um conjunto de técnicas possíveis para o tratamento de informação previamente recolhida” (Esteves, 2006, p.107). Constitui um processo organizado e sistemático de redução de informação normalmente extensa, de forma a tornar possível a extração de conhecimento pertinente face a um determinado assunto. Stemler (2001, citado por Esteves, 2006, p.107) define a análise de conteúdo como “uma técnica sistemática e replicável para comprimir muitas palavras de texto em poucas categorias de conteúdo, baseada em regras explícitas de codificação”.

A análise de conteúdo pode ser realizada através de procedimentos fechados, quando existe uma lista prévia de categorias que é usada para classificar os dados, ou através de procedimentos abertos, quando as categorias são criadas a partir do próprio material em análise, tendo como base os objetivos e o quadro teórico antes definidos (Esteves, 2006).

Para a análise de conteúdo, é necessário começar por constituir o corpus que se pretende analisar e fazer sobre ele uma leitura flutuante, de forma a perceber o sentido geral dos dados. Em seguida, procede-se à categorização, e para tal é preciso definir as unidades em que se vai recortar o texto: unidades de registo, unidades de contexto e unidades de enumeração. Na análise de conteúdo dos registos de *focus*

*group* que fizemos, usámos como unidade de registo a frase, parte de frase ou conjunto de frases que tivessem, por si só, um significado completo; como unidade de contexto, recorremos ao texto global do *focus group*, que nos permitia enquadrar as unidades de registo e perceber o seu significado; como unidade de enumeração utilizámos a unidade de registo.

Assim, começámos por recortar a transcrição do *focus group* em unidades de registo que fomos agrupando em indicadores (anexo D). Estes foram depois agrupados em subcategorias e estas em categorias, as quais foram organizadas em temas, constituídos pelos blocos temáticos do guião do *focus group*. Neste sentido, é possível afirmar que desenvolvemos a análise de conteúdo maioritariamente através de procedimentos abertos, uma vez que apenas os temas estavam previamente definidos.

No processo de categorização tivemos em conta as regras básicas deste tipo de procedimento: exclusão mútua (o conteúdo de cada categoria não se sobrepõe ao de nenhuma outra); homogeneidade (as categorias são criadas de forma coerente e têm todas a mesma dimensão); exaustividade (as categorias integram todo o material em análise); pertinência (as categorias têm em conta o quadro de referência teórico e os objetivos do estudo); e objetividade (as categorias são definidas de modo inequívoco para quem quer que faça a codificação) (Esteves, 2006).

A grelha geral da análise de conteúdo ao *focus group* inicial encontra-se em anexo E e a do *focus group* final em anexo F. As categorias de análise serão apresentadas na avaliação inicial (primeiro *focus group*) e na avaliação final (último *focus group*).

# **Contextualização do Projeto**

## **PARTE III- CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROJETO**

### **1. Caracterização da instituição**

O presente estudo desenvolveu-se numa Casa de Acolhimento Residencial que pertence ao equipamento social da Santa Casa da Misericórdia e tem por objetivo acolher crianças e jovens em risco, apenas do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 10 e os 21 anos.

De acordo com o plano educativo, esta instituição, com 28 educandos, surge como resposta social, transitória, a menores que se encontram desinseridos do seu meio familiar. Oferece acolhimento prolongado a crianças e jovens quando as circunstâncias da situação fazem prever que a medida mais adequada será o acolhimento de duração superior a 6 meses.

É objetivo desta instituição oferecer a estas crianças e jovens uma estrutura de vida estável, com enfoque no seu desenvolvimento físico, intelectual e moral, com vista a uma boa inserção na sociedade, com recurso a um acompanhamento individual e coletivo, tendo em conta que se dedica a jovens com percursos de vida complexos e idades díspares. Deste modo, a instituição/casa de acolhimento destina-se a prestar apoio “às famílias e/ou substituí-las, total ou parcialmente, até à maioridade destes jovens” ou até aos 21 anos se assim pretenderem, oferecendo proteção e “sempre que possível, a promoção, participação e responsabilização das famílias dos jovens” menores, com objetivo de promover o seu regresso à família de origem, quando existem de condições para tal (in: Plano Educativo da instituição).

Segundo o Plano Educativo, as equipas técnicas/educativas perfilham uma “metodologia de trabalho interdisciplinar”, favorecendo a aceitação de métodos dinâmicos que se moldam “à realidade do sistema institucional e da comunidade envolvente.”

No mesmo Plano Educativo afirma-se que a instituição desenvolve um trabalho quotidiano que assegura o cumprimento das necessidades e desenvolvimento integral, que pretende munir as crianças/jovens acolhidos de competências emocionais, pessoais e sociais.

No ato do acolhimento na instituição, é elaborado pela equipa técnica, um “projeto de vida” que comporta uma intervenção e acompanhamento individual, pretendendo

incluir todas as áreas do desenvolvimento de uma criança/jovem ao nível biopsicossocial, incluindo a sua família de origem, sempre que possível. Estes projetos contemplam as necessidades e características de cada menor, da sua família de origem e das características do meio que o as envolvem. Os projetos passam por 4 pontos, nomeadamente: Reunificação Familiar, Adoção, Autonomização, Indução de projetos de Vida no meio natural da vida (in Plano Educativo da instituição).

A Instituição pretende qualificar, essencialmente, a sua intervenção com as famílias das crianças/jovens acolhidas, criando uma maior e melhor aproximação das crianças/jovens ao seu núcleo familiar, bem como desenvolver com estes núcleos competências pessoais, sociais, escolares, laborais e parentais, com recurso a visitas domiciliárias, reuniões e atendimentos, privilegiando o núcleo familiar.

De acordo com o Plano Educativo da instituição, é desenvolvido um projeto de vida determinado em parceria entre a equipa técnica da instituição, o menor e a sua família. Posteriormente é elaborado um Plano Sócio--Educativo Individual (PSEI) que define os objetivos, estratégias e atividades a dinamizar, tendo em conta a aquisição e o desenvolvimento de competências sociais e escolares que o menor não tenha adquirido face à sua faixa etária; a conservação das competências adquiridas e a reintegração do menor na sua família biológica. Para o desenvolvimento destas competências pressupõe-se a participação não só do menor em causa, mas de quaisquer intervenientes da sua vida quotidiana (família, elementos da equipa técnica, educativa e de apoio, professores, entre outras entidades). Para a realização dos objetivos que a instituição pretende atingir, constantes no PSEI, é desenvolvido um Plano Cooperado de Intervenção (PCI), estabelecendo as obrigações dos diferentes intervenientes (extra - instituição) no PSEI definido para o determinado menor.

Por cada menor que a instituição acolhe, esta passa a ter um papel beneficiário no acompanhamento da família e da criança/jovem que acolhe, estimulando a participação das famílias na vida dos menores (quando possível), abrangendo-as no projeto de vida do menor e responsabilizando-as pelo sucesso do menor (Plano Educativo da instituição)

Quando há ausência total de suporte familiar ou núcleos familiares que não possuem competências e condições fundamentais para que o menor o possa integrar, assim como atendendo ao perfil específico de alguns menores, por vezes, não é possível a realização do projeto de vida definido pela instituição. Nestes casos a instituição

entende que é imprescindível a reavaliação destes casos, procurando (re)ativar a rede familiar, com o intuito de reintegrar a família nuclear ou alargada, na rede comunitária, com a finalidade de autonomizar os jovens.

## **2. Caracterização sociodemográfica do grupo de jovens**

Para caracterizar os participantes do projeto de teatro foi feita uma reunião inicial de apresentação do projeto, seguida de um *focus group* e por fim uma ficha de inscrição. Os dados assim obtidos foram cruzados com os dos documentos cedidos pela casa de acolhimento. O intuito desta reunião inicial foi adquirir informações consistentes sobre o perfil de cada participante, o que posteriormente permitiu elaborar as tabelas de análise e deste modo caracterizar o grupo. Com esta ação pretendeu-se que o projeto fosse o mais adequado possível às características dos participantes e verificar se o próprio perfil do projeto encontra espaço de interesse realístico junto do grupo.

A primeira caracterização dos participantes tem como base os dados obtidos através de documentos fornecidos pela casa de acolhimento. Os participantes são um grupo de 14 elementos apenas do sexo masculino, com idades entre os 12 e os 24 anos (moda 16 anos), residentes na casa de acolhimento que, de livre vontade, aceitaram fazer parte do projeto de teatro oferecido no âmbito do projeto. Segundo os documentos consultados, estes jovens apresentam um grau elevado de violência, possivelmente fruto do contexto de onde vieram, bem como uma marcada distinção por grupos, obedecendo a uma certa liderança por parte de alguns membros.

Como se pode ver na tabela 1, a nível escolar estes jovens encontram-se em diversos anos de escolaridade, desde o 5º ano até ao 12º ano, sendo que a maioria frequenta o 10º ano. Alguns destes jovens frequentam o ensino científico-humanístico, no entanto a maior parte segue os cursos de ensino profissional. Relativamente a casos específicos, é de salientar a situação especial de um aluno maior de idade, que não sabe ler nem escrever, merecendo especial atenção durante o decorrer das sessões nos exercícios dinamizados.

Tabela 4

*Dados de Caracterização dos Participantes inicial*

<b>Participante</b>	<b>Idade</b>	<b>Habilitações</b>	<b>Sexo</b>	<b>Ensino</b>
<b>P1</b>	15	6º ano	Masculino	Regular
<b>P2</b>	12	5º ano	Masculino	Regular
<b>P3</b>	16	8º ano	Masculino	Regular
<b>P4</b>	18	10º ano	Masculino	Profissional
<b>P5</b>	17	10º ano	Masculino	Profissional
<b>P6</b>	13	5º ano	Masculino	Regular
<b>P7</b>	16	6º ano	Masculino	Profissional
<b>P8</b>	17	9º ano	Masculino	Regular
<b>P9</b>	16	10º ano	Masculino	Profissional
<b>P10</b>	24	12º ano	Masculino	Profissional
<b>P11</b>	23	9º ano*	Masculino	Profissional
<b>P12</b>	14	7º ano	Masculino	Profissional
<b>Moda</b>	16	10º ano	Masculino	Profissional
<b>Média</b>	16.75			

*Nota:* Dados recolhidos pelo dinamizador do projeto

### **3. Avaliação inicial**

Além das informações sociodemográficas sobre os participantes, foi elaborada uma tabela com dados obtidos no início da entrevista de grupo (tabela 2). Neste levantamento procurou-se reunir informação importante para o desenvolvimento do projeto, nomeadamente relações interpessoais, preferências, opinião sobre o teatro e experiência a este nível e ainda as expectativas relativamente à profissão futura. Estes dados estão sintetizados na tabela seguinte.

Tabela 5

*Preferências dos Participantes*

Participante	Boa convivência, sem problemas nas relações interpessoais	Gosta de:	Não gosta de:	Gosta de teatro	Ver/fazer teatro	O que é para ti o teatro	Experiência em teatro	Profissão de ambição
P1	Não	Vídeo jogos/ música	Matemática	Sim	Ver	Trabalho de equipa	Sim	Atirador especial, criador de vídeo jogos
P2	Não	Estudar/ Culinária	Estar parado	Sim	Ver e fazer	Comédia	Sim	Chefe de cozinha
P3	Não	Futebol	Estudar	Sim	Ver/fazer nunca experimentou	É fazer a malta entender a história	Não	Jogador de futebol
P4	Sim	Futebol	Ler/fazer limpezas	Sim	Ver	Transmitir cultura	Não	Jogador de futebol
P5	Não	Exercício/ Futebol	Acordar cedo	Sim	Ver e fazer	Não foi perguntado	Sim	Polícia e informático
P6	Não	Futebol	Ler/ estudar	Sim	Ver	Não respondeu	Não	Eletricista
P7	Não	Jogos de computador	Estudar	Sim	Ver	Representação	Não	“sniper”
P8	Não	Futebol	Ir para a escola	Sim	Ver	Trabalho de equipa	Não	Informático

<b>P9</b>	Sim	Futebol	Não sabe	Não	Ver	Nada	Não	Jogador de futebol
<b>P10</b>	Sim	Dormir/ver TV	Barulho	Sim	Ver	Muito trabalho, pouco descanso	Sim	Não sabe
<b>P11</b>	Não	Sair/passear	Ler	Não	Não respondeu	Não respondeu	Sim	Padre
<b>P12</b>	Sim	Ver filmes	Ler	Não	Ver	Não sabe	Não	Socorrista

*Notas: Informações obtidas através do focus group inicial*

A consulta da tabela permite verificar que estes jovens assumem claramente a existência de situações de conflito entre eles, sendo que, dos 12 jovens presentes nesta reunião inicial, 8 assinalaram a existência de situações de conflito.

No que diz respeito a preferências, a maioria dos jovens apresenta gosto pelo futebol, mas em contrapartida, afirma não gostar de atividades como estudar e ler. No que diz respeito ao gosto por teatro, a maioria destes jovens afirma que gosta, mas a maior parte prefere ver a fazer teatro. Relativamente à opinião de cada um sobre o teatro, as respostas foram muito diversificadas, talvez condicionadas por a maior parte nunca ter tido nenhum tipo de experiência em teatro.

Outra observação interessante que marca este grupo é a dificuldade em realizar exercícios que necessitam o toque, como é o caso de formar uma roda, não é possível pedir para os participantes darem as mãos nem outros exercícios do mesmo tipo, sendo que este foi desde o início um dos pontos que o formador pretendeu trabalhar nas sessões dinamizadas no âmbito da intervenção prática do projeto de teatro.

Em relação ao falar em público, alguns participantes afirmam apresentar dificuldade em expor as suas ideias para um grupo. Sendo objetivo deste projeto trabalhar esta questão, pretendeu-se realizar as sessões práticas com especial atenção a esta característica, com exercícios de improvisação em que metade, e por vezes pequenos grupos, assistem ao trabalho desenvolvido pelos restantes.

### 3.1. Resultados do focus group inicial

Na tabela seguinte apresentamos os temas e categorias da análise realizada ao *focus group* inicial. Como referimos anteriormente, a tabela completa encontra-se em anexo E.

Tabela 6

*Categorias das relações interpessoais, focus group inicial*

Tema	Categoria	Subcategoria
Relações interpessoais	Vivências conflituais na instituição	Reconhecimento da existência de conflitos
		Dificuldade em falar sobre os conflitos
		Comunicação e

	Possíveis formas de resolução dos conflitos	colaboração
		Respeito pelo outro
		Controlo da atitude
	Relações entre os participantes no decurso do <i>focus group</i>	Comentários bloqueadores da situação
		Comentários construtivos para a situação
		Comentários sobre as intervenções dos colegas
Interesses e preferências pessoais	Atividades preferidas	Atividades recreativas
		Atividades físico-desportivas
		Atividades escolares
		Atividades digitais
		Atividades de vida diária
	Atividades rejeitadas	Atividades de vida diária
		Atividades escolares
	Expectativas e escolhas para o futuro	Desporto
		Forças de Segurança
		Saúde
		Serviços
		Dificuldade na escolha
Opinião dos participantes sobre o teatro	Atitude face ao teatro	Adesão
		Não adesão
	Experiência em atividades teatrais	Não participação
		Participação
	Conceção de teatro	Processo de trabalho
		Função cultural

*Nota:* Informações obtidas através da análise do *focus group*

Como a tabela mostra, as intervenções dos participantes foram agrupadas em 3 grandes temas, focando as relações interpessoais, os interesses e preferências e ainda a opinião sobre o teatro. Abordaremos em seguida cada um destes temas de forma mais detalhada.

### **Relações interpessoais**

O tema que mais unidades de registo reúne é o que se refere às representações dos participantes sobre as relações interpessoais. Como a tabela que se segue mostra, neste tema foram identificadas três categorias: vivências conflituais na instituição, possíveis formas de resolução dos conflitos e relações entre os participantes no decurso do *focus group*.

Tabela 7

*Categorias das relações interpessoais, focus group inicial*

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Indicador</b>	<b>UR/Ind/part.</b>
Vivências conflituais na instituição	Reconhecimento da existência de conflitos	Existência de conflitos entre os alunos da instituição	1P1, 2P3, 1P6, 1P2, 1P7, 1P8, 1P12
		Existência de subgrupos com conflitos	1P5
		Existência de situações em que não existem conflitos	3P4, 2P3, 1P10
	Dificuldade em falar sobre os conflitos	Dificuldade em explicar a ocorrência de conflitos	1P3, 1P1, 1P12
		Recurso à ironia relativamente à existência de conflitos	3P3, 1P4, 1P11
		Dificuldade em propor formas de resolução de conflitos	1P5, 1P6, 1P8
Possíveis formas de resolução dos conflitos	Comunicação e colaboração	Trabalho em equipa	2P5
		Diálogo	1P3
	Respeito pelo outro	Respeito mútuo	2P4, 1P12
		Respeito em relação aos mais velhos	3P2
		Respeito em relação aos mais novos	1P2
		Respeito pelo espaço do outro	1P8, 1P9
		Respeito pelos pertences do outro	1P8
Controlo da atitude	Manutenção da calma	1P3	
Relações entre os participantes no decurso do <i>focus group</i>	Comentários bloqueadores da situação	Comentários entre os participantes marginais à conversa	2P4, 3P3, 1P4, 1P11, 1P7
		Apelo para não falar de determinado assunto	1P3
	Comentários construtivos para a situação	Comentários discordando da resposta do colega	1P4
		Comentários para explicitação da resposta do colega	1P4, 1P11, 1P12, 1P13
	Comentários sobre as intervenções dos colegas	Comentários desvalorizando a resposta do colega	2P4, 1P11, 1P3, 2P4
		Comentários sobre atitudes e comportamentos dos colegas	4P3, 1P4, 2P8, 1P3, 1P11
		Comentários sobre as preferências e expectativas dos colegas	3P3
		Comentários sobre a experiência teatral do colega	1P8, 2P3, 2P4

*Nota:* Informações obtidas através da análise do *focus group*

Como a tabela anterior mostra, no que se refere às vivências conflituais na instituição os participantes debruçaram-se sobre o reconhecimento da existência de conflitos e a dificuldade em falar sobre conflitos.

Relativamente ao reconhecimento da existência de conflitos, surgem respostas como as destes participantes:

P3 – “À partida há sempre conflitos...”

P5 – “Sim... (há grupos que se dão bem e grupos que se dão mal)”

No entanto, outros participantes referem o contrário, como se pode ver no excerto seguinte:

P4 - “Damo-nos todos bem! (Firme) (diz sim com a cabeça)”

Alguns jovens mostram, porém, dificuldade em falar sobre os conflitos, recorrendo por vezes à ironia para se exprimirem sobre este assunto, como se pode ver na resposta que se segue.

P4 – “Yha, yha, damo-nos todos bem (irónico)”

Outros explicitam a dificuldade em explicar a ocorrência de situações de conflito, como o exemplo ilustra:

P1 - “Não sei... (...explicar melhor)”

É possível subintender que existe alguma dificuldade de expressão nos participantes, sendo frequente as respostas curtas, inconclusivas ou mesmo fugas à resposta.

No que se refere a possíveis formas de resolução dos conflitos, surgem hipóteses relacionadas com a comunicação e colaboração, respeito pelo outro e controlo da atitude. Relativamente à comunicação e colaboração, os jovens referem o trabalho em equipa e o diálogo. Como as transcrições seguintes sugerem:

P5 – (Respondendo à pergunta inicial “O que se pode fazer para resolver os conflitos?”) é aqueles que se dão mal fazerem tudo junto,” estarem” uns com os outros, aqueles que dão-se mal;”

P3 – “Falando... (silêncio...a falar é que se entendem)”

Outros participantes, porém, explicitam claramente que não sabem o que se pode fazer para resolver os conflitos existentes, como o excerto seguinte mostra:

P5 – “Não sei (reticente) (não sei o que se pode fazer para resolver os conflitos)”

Como formas de resolução dos conflitos, os participantes referem o respeito pelo outro, designadamente o respeito mútuo, o respeito em relação aos mais velhos, o respeito em relação aos mais novos, o respeito pelo espaço do outro e o respeito pelos pertences do outro. Os dois indicadores com maior número de unidades de registo são, como se pode ver na tabela anterior, o respeito mútuo e respeito em relação aos mais velhos. Os excertos seguintes ilustram estas ideias:

P4 – “Respeitar uns aos outros.”

P2 – “Respeitar os mais velhos.”

P8 – “(Muito envergonhado) Respeitar o espaço dos outros, (... o que se pode fazer para melhorar)”

P2 – “E os mais velhos respeitarem os mais novos”

P8 – “Não mexer sem autorização.”

O controlo da atitude é referido apenas por um participante, que afirma;  
P3 – Ter mais calma... (fazendo gestos de calma) (... o que se pode fazer para melhorar)

A última categoria do tema relações interpessoais são as relações entre os participantes no decurso do *focus group*, a qual está dividida em três subcategorias: comentários bloqueadores da situação, comentários construtivos para a situação e comentários sobre as intervenções dos colegas. Tornou-se necessário criar esta categoria devido à quantidade de intervenções que foram surgindo de forma mais ou menos marginal às perguntas da entrevista, mas que considerámos importantes para compreender o estado de espírito e atitude dos participantes.

Assim, surgem-nos comentários sobre atitudes e comportamentos dos colegas, comentários desvalorizando a resposta do colega, comentários sobre a experiência teatral do colega e comentários sobre as preferências e expectativas dos colegas.

O excerto seguinte mostra o tipo de comentários sobre atitudes e comportamentos dos colegas:

P3 – (aponta para P5) Não... ele entra as oito, mas acorda às seis para ir tomar banho e fica lá meia hora.

Quanto aos comentários desvalorizando a resposta do colega, apresentam um total de seis unidades de registo, seguindo-se umas das transcrições:

P3 - “Diz em português para a gente perceber...”

Os comentários sobre a experiência teatral do colega apresentam um total de cinco unidades de registo, entre os quais a seguinte:

P4 – “Tá no *youtube* e tudo. (referindo-se a uma representação de P5)

Os comentários sobre as preferências e expectativas dos colegas, apresentam uma das três unidades de registo, e são ilustrados pelo exemplo que se segue:

P3 – “Ele quer ser cantor. (risos)”

### **Interesses e preferências pessoais**

Os Interesses e preferências pessoais dos participantes estão sintetizados na tabela seguinte. Neste tema encontramos três categorias: atividades preferidas, atividades rejeitadas e expectativas e escolhas para o futuro. A categoria que apresenta maior número de indicadores é a que se refere às atividades preferidas.

Tabela 8

#### *Interesses e preferências dos participantes*

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Indicador</b>	<b>UR/Ind.</b>
Atividades preferidas	Atividades recreativas	Gosto por ver filmes	1P12
		Gosto por ver televisão	1P10
		Gosto por jogos em diferentes	1P2, 1P1

		suportes	
		Gosto por ouvir música	1P1
		Gosto por dormir	1P10
	Atividades físico-desportivas	Gosto por lutas marciais	1P12
		Gosto por paraquedismo	1P11
		Gosto por andar de skate na rua	1P11
		Gosto pela atividade física	1P5
		Gosto por jogar futebol	1P9, 1P4, 1P3, 1P8, 1P6, 1P5
		Interesse em ter formação em futebol	1P4, 1P3, 1P2
	Atividades escolares	Gosto pelas aulas de Educação Física	1P2, 1P3
		Gosto pelo estudo	1P2
	Atividades digitais	Gosto pelo uso do telemóvel	1P8
		Gosto pelo uso do computador	1P7
	Atividades de vida diária	Gosto pela culinária	1P2
Atividades rejeitadas	Atividades de vida diária	Ausência de gosto por fazer limpezas	1P4
		Ausência de gosto por acordar cedo	1P5
		Dificuldade em ficar inativo	1P2
	Atividades escolares	Ausência de gosto por estudar	2P3, 1P7, 1P6, 1P1
		Ausência de gosto pela leitura	1P12, 1P4, 1P6, 1P11
		Ausência de gosto pela escola	1P8
	Recurso à ironia na resposta sobre o uso do computador para os TPC	1P4, 1P7	
Expectativas e escolhas para o futuro	Desporto	Escolha do futebol enquanto atividade profissional	1P9, 1P4, 1P3
	Forças de Segurança	Escolha da profissão militar especializada	1P7, 1P1
		Escolha da atividade policial como profissão	1P3
	Saúde	Escolha do socorrismo enquanto atividade profissional	1P12
	Serviços	Escolha da informática enquanto atividade profissional	1p8, 1P4
		Escolha da gastronomia como atividade profissional	1P2
		Escolha da profissão de eletricista	1P6
	Escolha do sacerdócio enquanto profissão	1P11	
Dificuldade na	Ausência de escolha	1P9, 1P10	

	escolha	profissional	
		Dificuldade em explicar as razões da escolha profissional	1P3, 1P6

*Nota:* Informações obtidas através da análise do *focus group*

Como se pode verificar na tabela, nas atividades físico-desportivas, o gosto por futebol, apresenta claramente o maior número de unidades de registo, sendo expresso através de respostas como as que se seguem:

P9 – “Gosto de jogar futebol. P9 – Não. (...joga em nenhuma equipa)

P9 – Numa qualquer. (...posição na equipa de futebol)

Relativamente ao interesse em ter formação em futebol, foram encontradas três unidades de registo, qualquer delas expressa de forma muito entusiástica:

P4 – “Gostava (muito entusiasmado). (...de ter formação em futebol)”

Para além do futebol, o gosto pela atividade física surge expresso de formas diferenciadas:

P12 – “Lutas marciais”

P11 – “Eu gostava era de fazer paraquedas”

P11 – “Atividades...(risos) (embaraçado) sair de skate.”

P5 – “Gosto de fazer exercício.”

Também é expresso o gosto por diferentes atividades recreativas. O gosto por jogos em diferentes suportes apresenta duas unidades de registo, segue se uma transcrição a título de exemplo:

P2 – “Jogos no computador, na *playstation*... jogar nos matraquilhos, *ping pong*...”

O gosto por ver filmes, gosto por ver televisão, gosto por ouvir música e gosto por dormir apresentaram apenas uma unidade de registo:

P12 – “Eu gosto de ver filmes”

P10 – “Não gosto de barulho, gosto de ver televisão...”

P10 – “Gosto de dormir”

As atividades escolares e atividades digitais são referidas menos vezes e referem o gosto pelas aulas de educação física e o gosto pelo estudo.

Relativamente às atividades digitais, surgem referências ao gosto pelo uso do telemóvel e pelo uso do computador, como os excertos seguintes exemplificam:

P8 – “(muito envergonhado) Telemóvel. (risos). (...o que gosta de fazer)”

P7 – “Computador” (...o que gosta de fazer)

Por fim, as atividades de vida diária são referidas apenas uma vez e por um único jovem, que afirma:

P2 – “(sorrindo) ... fazer culinária... (...o que gosta de fazer)”

Quanto às atividades rejeitadas, estas referem-se a atividades de vida diária e as atividades escolares. As atividades escolares apresentam o maior número de unidades de registo e dizem respeito à ausência de gosto por estudar, ausência de gosto pela leitura, e ausência de gosto pela escola. Um dos participantes recorreu à ironia na resposta sobre o uso do computador para os TPC.

A última categoria dos interesses e preferências pessoais são as expectativas e escolhas para o futuro, que abrangem as áreas de serviços, forças de segurança, desporto e saúde. Alguns alunos mostraram ainda dificuldade na opção para o futuro.

Quanto à área de serviços, os participantes afirmaram gostar de profissões ligadas à informática, gastronomia, eletricidade e sacerdócio.

A escolha da informática enquanto atividade profissional apresenta o maior número de unidades de registo. Estas escolhas profissionais estão ilustradas nos excertos seguintes:

P5 – “Polícia e informático.”

P2 – “Chefe de cozinha.”

P6 – “Eletricista”

P11 – “Quero ser padre”

Na escolha do desporto enquanto atividade profissional futura, surge de novo o futebol, como se pode ver na transcrição seguinte:

P4 – “Também jogador futebol. P4 – porque eu gosto. E vou ser... é o meu sonho e vou atrás dele.”

Alguns participantes referem a opção pelas forças de segurança, escolhendo um deles uma profissão militar especializada:

P1- “Eu...gostava de ser atirador especial...”

P3 – “Polícia.”

Relativamente à área da saúde, esta é escolhida apenas por um participante que refere explicitamente socorrismo enquanto atividade profissional embora com uma explicação pouco fundamentada...

P12 – “Eu queria ser socorrista. (...) Gosto do barulho das ambulâncias”

Por outro lado, alguns participantes afirmaram ter dificuldade na escolha de uma profissão futura ou não saber explicar a razão dessa escolha, mostrando alguma indefinição, como os exemplos seguintes mostram:

P10 – “Ainda não sei”

P6 – “Sei lá. (...porquê)”

### Opinião dos participantes sobre teatro

Como a tabela seguinte mostra, este tema está organizado em três categorias: a atitude face ao teatro, a experiência em atividades teatrais e a conceção de teatro. A atitude face ao teatro é a categoria que apresenta maior número de UR.

Tabela 9

*Opinião dos participantes*

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Indicador</b>	<b>UR/Ind.</b>
Atitude face ao teatro	Adesão	Gosto por ver teatro	1P1, 1P6, 1P7, 1P8, 1P3, 1P10, 1P4, 1P12
		Gosto por fazer teatro	1P5, 1P10
		Gosto por ver e fazer teatro	1P2
	Não adesão	Ausência de gosto pelo teatro	1P9, 1P4, 1P11, 1P12
Experiência em atividades teatrais	Não participação	Ausência de experiência em atividades de teatro	1P1, 1P6, 1P8, 1P12
	Participação	Experiência em teatro	1P5 1P2
Conceção de teatro	Processo de trabalho	Teatro como trabalho em equipa	1P1, 1P6, 1P8
		O teatro como atividade cansativa	1P10
	Função cultural	O teatro enquanto comédia	1p2
		O teatro enquanto representação	1P7, 1P3
		O teatro como transmissão cultural	1P4
		Dificuldade em definir Teatro	1P4, 1P12

*Nota:* Informações obtidas através da análise do *focus group*

A adesão ao teatro é expressa quer através do gosto por atividades como espetador, quer pela experiência anterior nesta área:

P7 – “Só de ver. (...gostas de teatro)”

P10 – “Gosto e já fiz. P10 – Uma peça na escola.”

P2 – “Das duas coisas. (...gostas de ver e fazer teatro)”

A não adesão, por sua vez, surge apenas num dos participantes, embora expressa de várias maneiras diferentes:

P11 – “Não gosto de teatro. P11- Já tive uma experiência e não gostei.  
P11 – É uma seca! É sempre a mesma porcaria... e desisti porque não me apeteceu. P11 – Eu prefiro ficar sossegado.”

Quanto à experiência em atividades teatrais, alguns participantes já participaram neste tipo de atividades, enquanto outros não têm qualquer experiência a este nível, como os exemplos mostram:

Relativamente à conceção de teatro, são referidas a sua função cultural e o processo de trabalho nesta área. Na função cultural surgem referências ao teatro enquanto transmissão cultural e enquanto representação, explicitando a relevância da comédia, mas também é expressa a dificuldade em definir teatro.

Das respostas, salientamos a de P4, relativa ao papel do teatro enquanto transmissão cultural:

P4 – “É para transmitir cultura.”

Alguns participantes referem também o processo de trabalho em teatro, sublinhando o trabalho em equipa, por um lado, mas também o facto de a atividade teatral ser cansativa.

P1 – “Não sei... trabalho em equipa (... o que é o teatro)”

P10 - “Muito trabalho, pouco descanso. (...o que é o teatro)”

Em síntese, os participantes tiveram dificuldade em falar sobre as relações interpessoais, mas a maior parte admite que a convivência institucional não é fácil e que existem conflitos. As atividades físicas são as favoritas e alguns já têm clarificadas as escolhas profissionais para o futuro. A maior parte adere à ideia de ver e fazer teatro, embora não mostrem ter muitas opiniões sobre o assunto.



# Plano de Ação

## **PARTE IV- PLANO DE AÇÃO**

Neste capítulo, são apresentados o planeamento e a descrição da intervenção, justificando-se a escolha dos exercícios durante o decorrer das sessões de teatro. Na descrição da intervenção referimos as dificuldades encontradas no decorrer do projeto, bem como a resposta que encontrámos para essas dificuldades.

### **1. Planeamento da intervenção**

Pretendeu-se com este projeto oferecer uma experiência em teatro e não formar atores. Relativamente ao número de sessões, pretendeu-se que este fosse um projeto com continuação e que, após este, possam surgir outros projetos do mesmo tipo na instituição. Não se pretendeu realizar uma grande apresentação produzida pelos participantes, mas sim mostrar ao grupo ou aos residentes o que todos conseguimos fazer com espírito de grupo e cooperação.

O que se pretendeu foi criar um espaço de partilha, boa disposição e trabalho, e que este projeto fizesse alguma diferença na vida destes jovens, não sendo algo que se faz “por fazer”, mas uma experiência em teatro que marque a vida destes jovens pelo envolvimento em todas as fases do processo.

No planeamento desta intervenção procurou-se que os exercícios presentes nas planificações diárias respeitassem e obedecessem aos objetivos dos seis blocos temáticos.

Para o planeamento do projeto, recorreremos a dois tipos de instrumentos de organização:

- O cronograma das sessões de formação (anexo G), que possibilitou um panorama global das intervenções com o grupo de jovens em risco da instituição casa de acolhimento;

- As planificações diárias (anexo H), de acordo com o preenchimento de uma grelha de registo, na qual foram estabelecidos objetivos, temáticas, exercícios, duração, materiais necessários e métodos e formas de avaliação.

Ao elaborar um cronograma das sessões, com critério cronológico, houve o ganho de uma visão global do planeamento de atividades. Não obstante, a flexibilidade, adaptação e o ajuste do projeto à realidade estiveram presentes ao longo de todo o processo, de acordo com o *feedback* obtido a partir dos jovens. Com efeito, por vezes não foi possível executar (na prática) com rigor o que se tinha escrito nas planificações diárias, sendo necessário ajustar os planos aos interesses dos participantes, num dado momento. Assim, em algumas situações aproveitou-se o empenho dos participantes relativamente a determinada temática, o que deu origem a um acréscimo de sessões.

Apesar de algumas falhas de pontualidade dos participantes, na maioria das vezes foi possível iniciar as sessões de acordo com o horário e calendarização estipulada para o projeto, dando sempre um tempo de espera para que os participantes terminassem as suas atividades pessoais para iniciar a sessão. O objetivo era sempre realizar os 90 minutos de sessão, com a máxima qualidade, sem participantes contrariados porque tiveram de parar as suas atividades pessoais, mas com o melhor dos envolvimento dos jovens com o projeto. Por vezes, quando o formador questionava alguns participantes sobre a sua presença na sessão que iria decorrer no mesmo dia na parte da tarde, estes diziam que não poderiam participar, porque tinham que estudar ou ter lições de condução, ou ir às compras.

Inicialmente, para este estudo previmos um total de dezasseis sessões, com um total de participantes entre seis e dez. Inicialmente foi difícil cumprir com exatidão a duração das sessões uma vez que o número de participantes era variável. Como referimos antes, realizaram-se previamente algumas sessões, nas quais os participantes podiam experimentar o projeto (ver na tabela bloco 2), sendo que após este bloco os participantes deveriam realizar uma ficha de inscrição (anexo I).

Porém, desde o início do projeto de teatro verificaram-se algumas inconstâncias na assiduidade, sendo por vezes incerto e difícil planificar a sessão, pois o número de

participantes era muito variável. A estratégia de ação foi desenvolver variantes dos exercícios ou retirar variantes e por vezes a sessão durou um pouco mais.

Como foi mencionado na caracterização do grupo, o projeto teve doze inscitos, não sendo, porém, frequente a presença de todos os participantes na fase inicial, sendo que o maior número de participantes ocorreu nas sessões em que se desenvolveram pequenos exercícios de improvisação, como foi o caso do bloco três e bloco quatro e para a realização do exercício final.

O plano previa um total de dezasseis sessões, mas o envolvimento dos jovens justificou o acréscimo de duas sessões extra para a preparação do exercício final, sendo este entendido com um aspeto positivo para o projeto.

O plano foi organizado em blocos, porque cada bloco de sessões apresenta objetivos diferentes.

A escolha dos exercícios, que compõem este plano de atividades, respeitou os objetivos de cada bloco. As sessões foram iniciadas com aquecimento corporal e vocal e os devidos alongamentos, jogos de confiança, jogos que promoviam a cooperação entre os participantes, improvisações livres e orientadas, por vezes recorreu-se à música, à poesia, à literatura e ao vídeo durante a dinamização dos exercícios da sessão. Um dos momentos mais importantes da sessão consistiu em criar uma plateia, nestas atividades participantes arrumam a sala e definem o local onde ficará o espaço cénico (área de trabalho) e a plateia (área onde se assiste). Nesta plateia fica quem não participa na sessão ou apenas assiste, na perspetiva de Spolin (2008) que entende a plateia (entendendo-se como plateia a própria assistência – público) como elemento fundamental para o processo educativo com jogos teatrais. Contudo, a apresentação a um público exterior ao grupo não consiste num objetivo deste estudo, muito embora seja reconhecida a importância desta no processo e desenvolvimento de um projeto de carácter teatral.

Os exercícios realizados durante as sessões fazem parte de uma seleção baseada principalmente na obra de Augusto Boal, Viola Spolin, Ingrid Koudela, Gisèle Barret, entre outros.

Estes exercícios foram modificados e adaptados à realidade do projeto, atendendo aos objetivos traçados. Com é possível visualizar na tabela de planeamento das sessões em quatro fases acima apresentada.

A folha de presença tem, tal como a ficha de inscrição, a intenção de formalizar e valorizar a presença individual de cada participante.

A solicitação para trazer material para a sessão seguinte teve como objetivo incentivar a presença dos participantes na sessão seguinte, procurando-se que os participantes fossem criando envolvimento com o projeto.

No final foi entregue um certificado de participação a cada elemento, para um comprovativo de participação no projeto

A avaliação foi uma constante ao longo de todo o projeto, com especial incidência de registos em alguns momentos específicos. Não se pretendeu com este projeto avaliar cada participante de modo individual, mas sim o grupo, o modo como ultrapassou as dificuldades encontradas ao longo das sessões. Na tabela seguinte apresentamos o plano geral do projeto.

Tabela 10

## Planeamento das sessões em quatro fases

Blocos	Nº sessões	Objetivos Gerais das Sessões	Conteúdos/Conceitos	Datas
Bloco 1	1	- Apresentar o projeto e <i>focus group</i> ;	Projeto de teatro	Janeiro de 2017
Bloco 2	2	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Proporcionar a participação em sessões abertas, para que cada um decida sobre a continuidade no projeto.</li> <li>- Promover a realização de atividades de dinâmica de grupo assentes na linguagem teatral.</li> <li>- Estimular o sentimento de pertença ao grupo.</li> <li>- Proporcionar a ida a um espetáculo de teatro.</li> </ul>	<p>Nestas sessões poderão participar todos os participantes, o intuito é que cada participante tenha a oportunidade de experimentar tendo a possibilidade de escolher continuar no projeto. Após a conclusão do bloco 2 o participante interessado no projeto deverá preencher uma ficha de inscrição comprometendo-se a continuar. Esta ficha tem o objetivo de formalizar e valorizar a presença do participante nestas sessões.</p> <p>Neste bloco pretendo criar um sentimento de pertença ao grupo, fazer com que os participantes se conheçam melhor uns os outros e consigam trabalhar em equipa.</p> <p>É importante despertar um sentimento de curiosidade neste grupo, fazer com que tenham vontade de experimentar coisas novas e diferentes. As primeiras sessões irão ser muito dinâmicas e voltadas mais para a descontração, através de jogos de dinâmica de grupo, momentos de conversas e partilha de experiências. Também pretendo despoletar o gosto e o interesse pelo teatro através de uma ida ao teatro. Dar a conhecer um pouco da nossa cultura teatral mostrando o que existe em Lisboa. Existem</p>	Fevereiro 2017

			diferentes tipos de manifestações artísticas espalhadas pela cidade é igualmente importante dar a conhecer e mostrar o que há para ver e apreciar.		
Bloco 3	7	3	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Conhecer e explorar as potencialidades expressivas do corpo;</li> <li>- Conseguir expressar-se através da dança;</li> <li>- Valorizar as apresentações dos colegas;</li> <li>- Desenvolver a capacidade crítica;</li> <li>- Avaliar o seu desempenho e desconstruir caso necessário.</li> <li>- Estar predisposto a experimentar novas sensações;</li> <li>- Conhecer e utilizar o vocabulário adequado à expressão artística;</li> <li>- Aprender a ouvir e ser ouvido;</li> <li>- Explorar diferente capacidade vocais;</li> </ul>	<p>Os jovens precisam conhecer-se a si próprios, identificar-se, para posteriormente, conhecer e interagir com os outros, nos espaço e objetos que lhe são exteriores.</p> <p>É importante que o grupo saiba o que é o teatro, que conheça elementos de referência no mundo artístico. Conheça o teatro por detrás. do palco, os bastidores, as salas de ensaio, os técnicos diversos e alguns atores.</p>	Março de 2017
		2	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Despertar o interesse pelo Jogo Dramático;</li> <li>- Utilizar o teatro como forma de comunicação;</li> <li>- Despoletar o interesse por diferentes formas e técnicas teatrais;</li> <li>- Conhecer todas as funções inerentes ao</li> </ul>		Abril de 2017

		<p>teatro;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Conhecer um teatro (visita guiada ao Teatro São Luiz);</li> <li>- Conhecer figuras mediáticas do teatro e conversar sobre o seu percurso;</li> </ul>		
		<p>2</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Ser capaz de representar através de técnicas de improvisação;</li> <li>- Ser capaz de improvisar em pequenos grupos;</li> <li>- Despoletar o interesse na participação espontânea nesses exercícios;</li> <li>- Motivar aos colegas a experimentar;</li> <li>- Ter prazer em participar;</li> <li>- Utilizar as sessões para dialogar sobre situações diversas do quotidiano;</li> <li>- Valorizar todas as competências adquiridas;</li> <li>- Reconhecer o teatro como uma forma de expressão artística;</li> <li>- Aprender a lidar com os medos e frustrações;</li> </ul>		

Bloco 4	3	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Conhecer a diferentes fases de construção de uma apresentação teatral;</li> <li>- Construir um guião coletivo;</li> <li>- Ser capaz de caracterizar as personagens de acordo com as características pré-definidas;</li> <li>- Desenvolver o sentido crítico;</li> <li>- Ser criativo nas suas produções;</li> <li>- Ser capaz de desconstruir e reconstruir sempre que necessário;</li> <li>- Utilizar diferentes manifestações artísticas, dança, música, artes plásticas e visuais durante as suas criações;</li> <li>- Criar e desenvolver uma apresentação apenas para o grupo;</li> </ul>	<p>Nessa fase do projeto o foco será o teatro. Partindo do pressuposto que já estará criado um grupo coeso e dinâmico.</p> <p>Iremos abordar todas as fases da construção de um espetáculo de teatro, passando pela criação de um guião, texto cénico, distribuição de papéis, caracterização das personagens, construção de figurinos, controle de luzes, criação de uma banda sonora etc.</p>	
Bloco 5	1	- Apresentação do objeto teatral criado.	- Nesta sessão será apresentada a criação teatral desenvolvida nas últimas três sessões;	Abril de 2017
Bloco 6	1	- Finalizar o projeto;	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Encerramento e <i>focus group</i>;</li> <li>- Partindo da ideia inicial do protagonismo do processo face à apresentação final é de reforçar a ideia de que o processo de experimentação e aprendizagens é mais importante do que a apresentação final.</li> </ul>	Abril de 2017

			<p>Serão realizadas avaliações do desempenho, das atividades, após cada sessão. Serão discutidas com o grupo, estratégias de intervenção e possíveis alterações à forma como foram realizadas as atividades. Pretendo que seja uma experiência enriquecedora tanto para os participantes como para mim. E que o processo seja rico em partilhas e feedbacks.</p> <p>Caso seja da vontade dos participantes e se eles demonstrarem o à-vontade para tal, será realizada uma apresentação para convidados exteriores.</p>	
--	--	--	---	--

*Nota:* Pretendeu-se ainda assistir a uma peça de teatro profissional e teatro de rua e também realizar visitas de estudo, as quais não se encontram no plano geral por estarem dependentes da calendarização das datas com diferentes entidades.

## 2. Descrição das sessões

A descrição das sessões foi realizada com base nos registos no diário de bordo, sendo organizada por blocos.

### Bloco 1

Como referimos antes, neste bloco foi realizada uma breve introdução ao projeto e foi implementado um teste diagnóstico prático, a fim de entender o tipo de grupo, quais as suas dificuldades, interesses pessoais e conhecimentos específicos acerca da temática teatro.

As sessões iniciais deram oportunidade aos participantes de poder participar no projeto para perceber se seria do seu interesse continuar no mesmo. Neste bloco procurou criar-se um sentimento de pertença ao grupo, fazendo com que os participantes formassem um grupo de trabalho.

Um exercício particularmente interessante deste bloco foi o jogo “proteção da casa”. Começou-se por explicar o jogo. À frente de cada elemento estava uma folha branca, que iria simbolizar a sua casa, e seria colocada uma folha a mais. No jogo existia um elemento exterior (convidado) que tentou ocupar a folha em branco. O objetivo foi fazer com que o grupo não deixasse o elemento exterior ocupar a folha, sendo que cada pessoa só podia ocupar uma. Na primeira tentativa, o convidado conseguiu ocupar a folha com muita rapidez. O P2 e o p7 foram os únicos que tentaram proteger a folha em branco. O P12 não se mexeu. Senti a necessidade de explicar as regras do jogo aos participantes uma segunda vez. Repetimos 3 vezes o jogo, no final já conseguiram fazer com que o convidado tivesse dificuldade em apanhar uma folha. P12 começou a mover-se e a tentar ocupar as várias folhas. O P7 e o P2 comunicavam entre si, alertando-se um ao outro sobre a proximidade do elemento exterior.

As sessões foram concluídas com o habitual diálogo sobre os níveis de energia e o trabalho desenvolvido, seguido de um pequeno momento de relaxamento.

Em relação à avaliação, é possível afirmar que os participantes apresentaram alguns problemas de comportamento como se pode ver na tabela de indicadores em anexo D. A “assiduidade e pontualidade dos participantes” foi pouco frequente no grupo; a maior parte dos participantes nem sempre apresentou respeito e comportamento adequado; no que se refere ao respeito pelos materiais da sessão, os participantes apresentaram por vezes algum desrespeito, não sendo sempre possível cumprir a planificação da sessão;

Os exercícios escritos/desenhados pelos participantes constituem uma parte importante da avaliação do projeto, pois mostram o modo como os participantes aderiram à atividade e também revelam os seus pensamentos e sentimentos. Estes documentos são apresentados no anexo J.

## Bloco 2

O bloco dois era composto por duas sessões, nas quais se procurou promover a realização de atividades de dinâmica de grupo assentes na linguagem teatral, estimular o sentimento de pertença ao grupo e proporcionar a ida a um espetáculo de teatro. No que diz respeito à ida ao teatro, foram realizadas quatro visitas de estudo, mas fora das datas prevista no bloco dois, devido ao facto de se ter tornado difícil conciliar horários entre a instituição e o Teatro Politeama para assistirem aos espetáculos “As árvores morrem de pé” e o “Musical Amália”. Pela mesma razão, foi difícil conciliar horários com o Teatro S. Luiz.

Foi também realizado um percurso com os participantes para visualização de outras formas de fazer teatro e arte. Deste modo os participantes tiveram contacto com alguns espetáculos de teatro de rua, e visualização de alguns edifícios ligados à arte.

Um dos exercícios particularmente interessantes desenvolvido neste bloco foi o exercício da “ilha”, no qual os participantes tinham que imaginar que ficariam presos numa ilha e queriam pedir socorro, lançando o orientador o seguinte desafio: “O que podemos fazer para ser salvos?”. Surgiram assim algumas respostas:

P2 – “Transformamo-nos em canibais; “

P12 – “Se houver comida não precisamos sair da ilha;”

P5 – “Saímos a nado;”

P7 – “Quando passar um avião fazemos sinais;”

Em diálogo com os participantes chegámos a conclusão que a melhor forma de sair da ilha será construir um avião. Então apenas com o corpo e tendo a obrigatoriedade de todas as peças estarem a tocar umas nas outras e funcionarem em conjunto, foi construído um avião com os corpos dos participantes. Este avião veio a ser complementado com o uso de movimento e som.

Ao longo destes exercícios foi frequente ouvir os participantes encontrarem-se sem resposta perante os desafios propostos, afirmando “não sei fazer”. Na continuidade deste exercício, surgiu a questão, o que é que as pessoas que saíram da ilha e viajaram de avião teriam para contar às pessoas que os esperam no aeroporto?

P2 – “Uns vão chorar de alegria por estarem ao pé dos familiares;”

P7 – “Vão a correr em direção aos familiares e saltam para cima deles;”

Este exercício foi feito em mímica, podendo recorrer ao som, mas não à palavra, dramatizando o que aconteceria no aeroporto desde a saída do avião. Foi interessante o percurso dos participantes que começaram na ilha com a improvisação em grupo no princípio da sessão, sofrendo um processo de adaptação até alcançar uma improvisação individual, realizando um percurso até cada participante se sentir à vontade para estar sozinho em cena. O P7 revelou ainda dificuldade em “saltar e abraçar pessoas que não existem” o que revela alguma fragilidade com improvisação não figurativa.

Outro exercício interessante foi o do Desenho rolante livre. Neste exercício, (anexo J) os participantes foram dispostos em roda sentados no chão e a cada um foi dado pelo dinamizador da sessão uma folha e uma caneta. O exercício consiste em que cada participante inicie um desenho e à voz do orientador da sessão passe a referida folha ao participante seguinte, o qual, ao receber a folha deve dar continuidade ao desenho

iniciado pelo colega anterior. O desenho deve circular por todos os participantes até chegar àquele que iniciou o desenho.

No que diz respeito à avaliação, como se pode verificar na tabela de indicadores, os participantes nem sempre apresentaram “respeito pelo espaço/meio envolvente”, assim como pelos “materiais das sessões”. No entanto um aspeto particularmente relevante é de que na maioria das vezes os participantes “realizaram as tarefas propostas” e estiveram “empenhados e concentrados nos exercícios propostos”.

### Bloco 3

Este bloco foi composto por sete sessões. As primeiras três sessões tinham como objetivo trabalhar o contacto físico entre os participantes.

Foi possível concluir que nesta fase do projeto alguns participantes, como P8, ainda não se sentiam à-vontade para realizar alguns exercícios, pelo que o projeto foi readaptado a estes participantes, criando situações em que estes recorreram à mímica e muitas vezes ao trabalho de grupo para conseguir concluir o exercício.

Uma característica que o grupo apresentou sempre desde o primeiro dia foi a falta de confiança nos restantes elementos do grupo, apesar de viverem todos juntos. Este era o caso do participante P12 mas, neste bloco, mais concretamente na sessão sete, começou a demonstrar mais confiança nos colegas, uma vez que conseguiu ultrapassar o medo de fechar os olhos e assim realizou o exercício “anjo da guarda” com sucesso. Neste exercício os participantes andam pelo espaço formando vários grupos até não ficarem só com os amigos, mas em grupo ao acaso. Nesta altura o formador indicou que deveriam ser formadas duplas nas quais o elemento da frente seria o protegido do anjo da guarda, que ficava atrás, segurando o protegido pelos ombros. O protegido ficou com os olhos vendados e foi guiado pelo seu anjo da guarda. Depois de algum tempo inverteram-se os papéis. Através da observação realizada podemos afirmar que, de uma forma geral, os participantes se sentiram confortáveis para fechar os olhos e estar de mão dada com o colega que estava a indicar o caminho.

Um momento complicado que surgiu nas sessões deste bloco ocorreu na sessão oito durante o exercício “criação de uma personagem”, quando os participantes P7 e P13

rasgaram as folhas um do outro, gerando uma situação desconfortável para o restante grupo. As situações de conflito ocorreram ao longo do projeto, no entanto nas últimas sessões diminuíram drasticamente, possivelmente pelo empenho na apresentação final.

Um momento interessante que surgiu neste bloco de sessões, foi quando alguns participantes colocaram questões sobre o percurso artístico do dinamizador na área do teatro, utilizando já algum vocabulário específico e conhecimentos de teatro.

O exercício “folha das quatro estações” consistiu em dividir uma folha branca em quatro partes iguais com o auxílio de uma caneta. De seguida foi pedido aos participantes para escreverem os seguintes títulos, um em cada retângulo obtido: “Palavras sobre teatro”, “O que gostavas de fazer no fim do projeto” “Símbolo que representa o grupo”, “*Lettering* com a proposta de nome para o grupo”

Relativamente ao item “O que gostavas de fazer no fim do projeto”, alguns participantes desenharam alguns elementos como pistolas ou outros menos próprios para o contexto, mas na sua maioria os participantes referiram jogos com bola.

O “Símbolo que representa o grupo” e o *Lettering* com a proposta de nome para o grupo” foi um exercício que a maioria dos participantes teve dificuldades de o receber de imediato. Não perceberam a diferença entre símbolo e *lettering*, uma vez que na sua maioria os participantes desenharam ou um dos símbolos ou um *lettering* em ambos os espaços para tal fim. Neste exercício os participantes atribuíram o nome “Ardinários” ao grupo de teatro e escolheram o seguinte símbolo para o grupo;



*Figura 1- Símbolo criado pelo grupo para os Ardinários*

No exercício de desenho de uma personagem e atribuição de características físicas e psicológicas (anexo J), os participantes começaram por escrever características físicas e psicológicas de uma personagem numa folha. De seguida os participantes desenharam essa personagem. Terminado e pintado o desenho as folhas foram numeradas e os participantes formaram grupos de três ou quatro personagens.

Este exercício correu bem, os participantes aderiram embora alguns tenham apresentado algumas dificuldades em ligar palavras ao teatro-

Tentámos manter sempre os participantes interessados em conhecer as estratégias do trabalho teatral. Como tal, alguns participantes tiveram a oportunidade de dirigir uma sessão e outros, os que não se sentiam à vontade nessa situação, apenas faziam exercícios com recurso a mímica e trabalho de grupo.

Foi também notório que, a partir da sessão número dez, os participantes tiveram mais facilidade em abrir e finalizar a sessão, muitas vezes antecipando alguns movimentos de aquecimento.

Ainda dentro deste bloco de sessões, observou-se que os participantes começaram a ter uma maior preocupação se o público percebia a mensagem que se estava a procurar transmitir em cena, sendo P15 o jovem que mais se preocupou com este aspeto.

Em termos de avaliação, os resultados do desempenho dos participantes neste bloco de sessões não são conclusivos, uma vez que se dispersam por dois dos valores da escala: “nunca” e “às vezes”, como se pode verificar em anexo D.

#### Bloco 4

Na sessão onze foi possível entender que os participantes começavam a ter respostas mais completas e que recorriam a vocabulário específico de teatro. Esta atitude por parte dos participantes revelou um aspeto muito positivo para o projeto, na medida em que revela que os participantes estavam cada vez mais interessados e envolvidos, assim como aumentava o número de participantes a frequentar as sessões de livre e espontânea vontade, o que revela outro aspeto positivo, o facto de o projeto ter vindo a motivar estes jovens.

A sessão doze ficou essencialmente marcada pelos participantes P3 e P12, que revelaram uma grande evolução ao longo de todo o projeto e apresentaram muita criatividade e empenho durante o exercício de uma nova função ou um novo significado para um saco de plástico.

Para o bloco quatro estavam inicialmente definidas três sessões dirigidas à construção e preparação de uma apresentação no bloco cinco, no entanto durante as sessões, alguns participantes, como P3, pediram para ter mais tempo para poder trabalhar no projeto, como tal em conjunto o grupo deliberou ter duas sessões extra para melhorar a apresentação final.

Foi neste bloco que se elaborou o guião para as improvisações finais. Após os participantes formarem grupos de três e quatro elementos, estes grupos escreveram um guião (anexo J) para uma breve situação na qual deveriam acontecer três momentos: introdução/contextualização, desenvolvimento e por fim conclusão. Este foi um exercício que os participantes gostaram muito de realizar, pois foi possível observar o entusiasmo dos mesmos deslocando-se para os quartos buscar adereços para as improvisações.

#### Bloco 5

Este foi o bloco da apresentação final, tendo sido possível contar com um total de vinte participantes. Apenas não estiveram presentes os participantes P11 e P14 porque foram expulsos da instituição por mau comportamento. Esta situação tornou-se constrangedora porque P14 era um dos participantes que ia dar continuidade ao grupo. A apresentação final foi a sessão com mais participantes (em conjunto com a sessão final do bloco seis). Esta foi também a sessão em que os participantes apresentaram extrema concentração no projeto.

#### Bloco 6

O sexto e último bloco consistiu na implementação do *focus group* final, realizado com a participação de vinte elementos. Alguns participantes apresentaram respostas muito curiosas, como o P3 (um dos participantes que inicialmente apresentava uma opinião negativa sobre o teatro) que, no final, afirmou que depois desta experiência passou a gostar de teatro.

Em cada sessão foi também efetuada uma autoavaliação, enquanto *work in progress*. Deste modo, no final de cada sessão os participantes fizeram uma retrospectiva do trabalho desenvolvido ao longo das sessões, e exprimiram as suas dificuldades e apresentaram os seus gostos pessoais. Estes momentos de avaliação possibilitaram um constante ajuste na planificação da sessão seguinte.

O carácter não-formal das sessões dinamizadas, atendendo aos afetos criados entre formador e participantes, possibilitou que a comunicação reflexiva sobre o trabalho desenvolvido ocorresse de modo natural.

# **Avaliação do Projeto**

## PARTE V – AVALIAÇÃO FINAL

Nesta parte serão apresentados os resultados provenientes das diferentes técnicas de recolha de dados que foram usados como meio de avaliação do projeto.

### 1. Resultados do *focus group* final

Apresenta-se em seguida os resultados obtidos através da análise de conteúdo do *focus group* realizado no final do projeto. Como se pode ver na tabela seguinte, esta análise está organizada em três temas: as relações interpessoais, a opinião dos participantes sobre o teatro e opinião dos participantes sobre o projeto. Os dois primeiros temas constavam no guião do *focus group* inicial, de forma a permitir verificar eventuais mudanças nas perspetivas dos inquiridos. A análise de conteúdo completa encontra-se em anexo F.

Tabela 11

*Temas, categorias e subcategorias da análise do focus group final*

<b>Tema</b>	<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>
Relações interpessoais	Vivências na instituição	Reconhecimento da existência de conflitos
		Reconhecimento da evolução do grupo face a situações de conflito
	Relações entre os participantes no decurso da entrevista de grupo	Comentários bloqueadores da situação
		Comentários sobre as intervenções dos colegas
Opinião dos participantes sobre o teatro	Atitude face ao teatro	Adesão
		Indecisão
		Não adesão
Opinião dos participantes sobre o projeto	Benefícios do projeto	Apreciação positiva
		Aprendizagens realizadas durante o projeto
		Efeitos positivos do projeto
	Problemas identificados	Dificuldades sentidas durante o projeto
		Ausência de efeitos
	Novos formatos	Sugestões
		Novas preferências

*Nota:* Informações obtidas através da análise do *focus group*

## Relações interpessoais

As relações interpessoais apresentam duas categorias: a vivência na instituição e as relações entre os participantes no decurso da entrevista de grupo. A categoria vivências na instituição apresenta maior número de unidades de registo, como se pode verificar na tabela que apresentamos em seguida.

Tabela 12

### *Relações interpessoais*

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Indicador</b>	<b>UR/Ind/part.</b>
Vivências na instituição	Reconhecimento da existência de conflitos	Existência de conflitos entre os alunos da instituição	1P3,1P2,2P7,1P16, 2P13, 1P12, 1P4,
	Reconhecimento da evolução do grupo face a situações de conflito	Existência de situações em que não existem conflitos	1P1,1P2,1P15, 1P16, 1P13, 1P12, 1P6,
Relevância do trabalho de grupo realizado		1P7	
Relações entre os participantes no decurso da entrevista de grupo	Comentários bloqueadores da situação	Comentários entre os participantes marginais à conversa (Situações de conflito)	1P20, 1P8, 1P4
		Comentários sobre exposição pessoal;	1P12
		Distração dos participantes	1P6
	Comentários sobre as intervenções dos colegas	Comentários desvalorizando a resposta do colega	1P15

*Nota:* Informações obtidas através da análise do *focus group*

Como a tabela evidencia, os participantes continuam a reconhecer a existência de conflitos, mas agora salientam também a evolução do grupo face a situações conflituais, fazendo afirmações como as que se seguem:

P12 – “Sim o grupo começou a dar-se melhor.”

P7 – “Melhorou, por causa das atividades que fizemos aqui em grupo!”

Tal como no primeiro *focus group*, durante este processo de interação houve comentários paralelos aos temas em debate. Alguns visavam bloquear a situação, outros consistiam em comentários sobre as intervenções dos colegas. Nos comentários bloqueadores da situação encontramos aqueles que são marginais à

conversa (situação de conflito), aqueles que demonstram algum nível de exposição pessoal e os que sugerem apenas distração.

Surge ainda um comentário desvalorizando a resposta do colega:

P15 – “Estás a contrariar o que dizes;”

### Opinião dos participantes sobre o teatro

Este tema apresenta apenas uma categoria, a atitude face ao teatro, que se organiza em três subcategorias: a adesão (com o maior número de indicadores), a indecisão e a não adesão.

Tabela 13

*Opinião dos participantes sobre teatro*

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Indicador</b>	<b>UR/Ind/part.</b>
Atitude face ao teatro	Adesão	Gosto por teatro	1P7, 1P6, 1P12, 3P12, 1P16
		Gosto por ver teatro	1P20
		Gosto por ver e fazer teatro	1P3,
		Mudança positiva na forma de ver o teatro;	1P17, 1P15, 1P1, 1P2, 1P3, 1P13
		Gosto em ter participado no projeto;	1P17, 1P1, 1P2, 1P7, 1P15, 2P3, 1P5, 2P12, 2P16, 3P13, 2P6,
		Gosto por improvisação	1P19, 1P20
	Vontade de ir mais vezes ao teatro	1P16	
	Indecisão	Indecisão no gosto por ver e fazer teatro	1P4, 1P9, 1P19, 1P8
	Não adesão	Não ocorreu mudança na forma de ver o teatro após a implementação do projeto;	1P13

*Nota:* Informações obtidas através da análise do *focus group*

No que se refere à adesão, surgem referências relativas ao gosto pelo teatro por ter participado no projeto, a mudança positiva na forma de ver o teatro e o gosto pela improvisação. Seguem-se as respetivas transcrições para uma melhor compreensão dos indicadores:

P1 – “Eu gostei, porquê aprendi novas coisas sobre o teatro e comecei a conviver mais com as pessoas... a minha relação com o grupo mudou;”

P6 – “Eu até gosto de teatro.”

P1 – “Sim mudou... porque antes via o teatro como uma forma de passar o tempo, mas agora vejo como uma forma de trabalhar em grupo... exprimir os seus sentimentos as emoções... e de trabalho como o “O” nós ensinou, os técnicos, produtores...”

Em comparação com os resultados do *focus group* inicial, é possível observar que alguns participantes explicitam que mudaram a sua forma de ver o teatro

Um dos participantes continua indeciso na sua opinião relativamente ao teatro, enquanto outro expressa claramente que a sua opinião negativa sobre o teatro não mudou. No entanto, tendo em conta as características do contexto e dos participantes, é possível que esta resposta fosse essencialmente provocatória.

### Opinião dos participantes sobre o projeto

Relativamente à opinião sobre o projeto, como se pode ver na tabela que se segue, agrupámos as respostas em três categorias: os benefícios do projeto, os problemas identificados e os novos formatos.

Tabela 14

#### *Opinião dos participantes sobre o projeto*

Benefícios do projeto	Apreciação positiva	Gosto por exercícios realizados durante o projeto	1P7, 1P6
		Opinião positiva sobre o projeto;	1P2, 1P15, 1P8, 1P20, 1P4, 1P9
		Vontade de ter mais tempo de projeto	1P13,
	Aprendizagens realizadas durante o projeto	Aprendizagens em teatro	1P4, 1P9, 1P19, 1P8, 1P20, 2P16, 2P12, 2P6, 2P16, 2P13, 1P4, 1P8
		Aquisição de vocabulário relativo ao teatro;	
	Efeitos positivos do projeto	Vontade de saber mais sobre o teatro	2P16, 1P13
Curiosidade sobre aspetos específicos do teatro;		1P3, 1P7, 1P15	

		Colaboração entre os alunos através do projeto	1P1,1P2
Problemas identificados	Dificuldades sentidas durante o projeto	Dificuldade em dizer o que não gostaram no projeto	1P4, 1P9, 1P19, 1P8, 1P20
		Dificuldade em responder às perguntas do <i>Focus Group</i> ;	1P12
		Dificuldade em realizar alguns exercícios;	1P1, 1P2,
	Ausência de efeitos	Opinião negativa sobre melhorias nas relações interpessoais	1P4
Novos formatos	Sugestões	Melhorias na ótica dos participantes para um próximo projeto;	1P13
	Novas preferências	Gosto por malabarismo	1P1
		Vontade de aprender outras artes;	1P1
		Gosto por paintball;	1P7

*Nota:* Informações obtidas através da análise do *focus group*.

A categoria benefícios do projeto agrupa três subcategorias: a apreciação positiva, as aprendizagens realizadas durante o projeto e os efeitos positivos do projeto. Os participantes realçaram as aprendizagens realizadas durante o projeto, designadamente as aprendizagens em teatro a aquisição de vocabulário relativo ao teatro, como os exemplos seguintes ilustram:

P3 – “Mudou, porque nunca tinha trabalhado em teatro... e também aprendi aquela cena de teatro de rua na visita de estudo... e aprendi aquela cena das pancadas... pancadas de Molière;”

P19 – “*Followspot*;”

A apreciação do projeto surge expressa como opinião positiva sendo apreciados positivamente também os exercícios realizados durante o projeto. Um dos participantes exprime a vontade de ter mais tempo de projeto:

P2 – “Eu acho que foi bom;”

P6 – “Eu gostei quando fui encenador”

P13 – “Devia ser mais tempo;”

Quanto aos efeitos positivos do projeto, surgem referências à vontade de saber mais sobre o teatro e é expressa a curiosidade sobre aspetos específicos do teatro. Os excertos seguintes exemplificam estas opiniões:

P1 – “Gostava de saber como é que se trabalha com as luzes... aprender como são escolhidos os figurinos... como vimos na visita ao teatro nacional S. Luís;”

P7 – “Mesa de som... estás-te a rir do quê? Sabes que têm o “O” falou e vimos quando fizemos a visita ao teatro. Gostava de aprender a trabalhar com a parte técnica, as cenas de subir e descer cenários, abrir e fechar cortinas, as luzes, as máquinas...”

P1 – “Ver todos a colaborar num projeto, juntos sem confusões;”

No entanto, são também identificados problemas que dizem respeito a dificuldades sentidas durante o projeto e à ausência de efeitos. Quanto às dificuldades alguns participantes não sabem explicar aquilo de que não gostaram no projeto, outros expressaram a dificuldade em realizar alguns exercícios e a dificuldade em responder às perguntas do *focus group* com uma UR, como se pode ler nos excertos seguintes:

P20 – “Não sei.”

P2 – “Eu não consegui realizar alguns exercícios.”

P12 – “Epá” eu não sei...”

No que se refere à ausência de efeitos, surge apenas a opinião de um jovem que afirma não ter a certeza se houve melhoria nas relações interpessoais.

Os participantes expressaram novas preferências: o gosto por malabarismo, a vontade de aprender outras artes e o gosto por paintball, todos com uma UR. A vontade de aprender outras artes pode subentender que o projeto despertou a curiosidade do jovem no campo artístico, como se pode deduzir da transcrição:

P1- “Eu gostava... como o “O” sabe vários tipos de arte... eu gostava de saber mais sobre outras artes;”

Por último, um dos participantes deixa uma sugestão para futuros projetos deste tipo, afirmando:

P13 – “E podia ser tipo uma hora para diversão só com jogos de teatro e outra hora só para teatro.”

Em síntese, o *focus group* final mostra que os participantes reconhecem alguma diminuição nos conflitos entre eles, o que se pode verificar também comparando os

comentários marginais ocorridos durante o *focus group* inicial com os que ocorreram durante o *focus group* final. A maior parte dos jovens afirma ter gostado de participar no projeto e aponta benefícios, designadamente as aprendizagens sobre teatro.

## **2. Análise do diário de bordo**

A partir da análise do diário de bordo, é possível identificar as linhas de força do projeto, os resultados mais notórios e as dificuldades encontradas, bem como as soluções possíveis.

Como estava previsto na planificação, o trabalho foi desenvolvido através de dinâmicas de grupo, exercícios corporais e vocais, exercícios de cooperação, preparação e apresentação de uma atividade final e a reflexão e diálogo sobre o trabalho desenvolvido, incidindo sobre comportamentos, atitudes e conhecimentos.

Partindo da análise dos registos das sessões, entende-se que os exercícios que os participantes mais gostaram foram as improvisações teatrais que foram sendo produzidas ao longo das sessões. As improvisações foram também os exercícios que os participantes mais pediram para desempenhar ao longo do projeto, improvisações que ganhavam maior interesse por parte dos participantes quando estes improvisavam algo sobre futebol. Uma improvisação muito marcante foi a apresentada por um dos jovens, que criou um diálogo entre os presidentes dos clubes de futebol Benfica, Sporting e Porto.

Relativamente às atividades em que se discutiu o tema das “relações interpessoais”, algumas terminaram em situações conflituosas com necessidade de intervenção do orientador da sessão. No entanto, estes conflitos foram diminuindo ao longo do projeto.

As dinâmicas de grupo acompanharam todo o projeto, com o objetivo de criar e melhorar as relações interpessoais entre os participantes, assim como, os exercícios que exigiam a cooperação e entre os jovens. Os exercícios de corpo e voz estiveram também muito presentes ao longo de todo o projeto, com o objetivo de trabalhar o corpo físico a consciência corporal, os exercícios de voz, conectados muitas vezes aos

exercícios corporais, tendo contribuído para libertar tensões, para melhorar a projeção de voz e dicção, para além de se constituírem como ferramenta de trabalho para apresentações ao público e a situações do próprio quotidiano e vida pessoal.

As dificuldades encontradas ao longo do desenvolvimento do projeto, assim como as soluções implementadas encontram-se sintetizadas na tabela seguinte:

Tabela 15

*Dificuldades e respetivas soluções*

<b>Dificuldades</b>	<b>Soluções encontradas</b>
“As improvisações não tinham princípio nem fim e duravam muito pouco tempo” <sup>1</sup>	- Definição clara de fases em cada improvisação: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Introdução/contextualização;</li> <li>• Desenvolvimento;</li> <li>• Conclusão</li> </ul> - Duração obrigatória,
“Alguns participantes não se sentiram confortáveis para participara no projeto como interpretes”	- Criação de orientadores de grupo, que coordenavam o grupo de acordo com as orientações do plano prévio - Criação e distribuição de funções dentro do grupo: aderecista, sonoplasta, etc.
“Horário dos participantes incompatível com o projeto”	- Flexibilidade do horário: A sessão podia começar mais tarde e acabar mais tarde ou começar mais cedo e acabar mais cedo;
“Espaço desadequado ao projeto”	- Organização de uma sala de teatro, com espaço de trabalho e decoração.
“Participantes castigados enviados para o projeto”	- Nenhum participante foi obrigado a participar no projeto. Os participantes que a instituição castigou com a participação no projeto estiveram na sala, mas não trabalham com o grupo, estiveram apenas a assistir. Com esta ação pretendeu-se que o participante não entendesse a sua participação no projeto como um castigo;

<sup>1</sup> As transcrições que aqui se apresentam são extraídas do Diário de Bordo em anexo E- instrumentos de recolha de dados – Diários de bordo

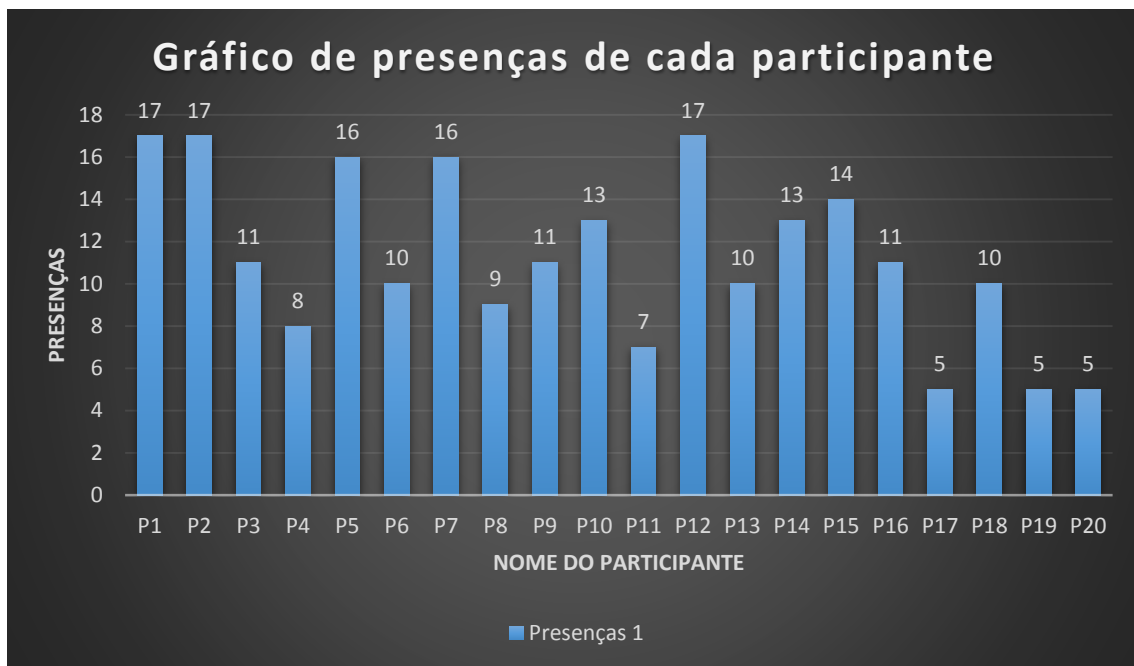
“Participantes expulsos da instituição ao longo do projeto”	- Exercícios possíveis de serem adaptados e modificados independentemente do número de participantes no projeto;
“Participantes apenas gostam de futebol e apresentam preconceito quanto ao teatro;	- Improvisações sobre futebol;
“Alguns participantes recusam trabalhar com determinados elementos por preconceitos;	- Introdução de exercícios nos quais o seu sucesso obrigava à cooperação de todo o grupo, exercícios em que o grupo vencedor é o grupo que coopera de melhor forma;

Como se pode ver na grelha anterior, foi possível dar resposta à maior parte das dificuldades encontradas, através de soluções simples. No entanto, houve dificuldades que não foi possível contornar por serem externas ao projeto, como o facto de alguns participantes terem sido expulsos da instituição por comportamentos inadequados à vivência nesta instituição.

Em geral sublinhamos que a flexibilidade, adaptação e o ajuste do projeto à realidade foram os fatores que permitiram desenvolver o trabalho com continuidade e algum sucesso. Com efeito, a participação destes jovens que apresentavam problemas comportamentais, foi um processo lento, difícil e que exigiu grande flexibilidade. Procurou-se ir ao encontro dos jovens de modo a que estes de forma voluntária participassem nas atividades, sem perder a autenticidade dos objetivos do projeto e sem chocar com os objetivos da própria instituição.

A liberdade de participação (presença ou não presença no projeto) constituiu-se como um fator importante para o sucesso do projeto, que, sendo um processo de educação não formal, não poderia ter as características dos processos mais formalizados. Em termos gerais, é possível perceber os participantes participaram com um interesse empenhamento crescente, melhorando a comunicação entre o grupo.

No gráfico seguinte apresentamos o número de presenças por participante no total das sessões.



*Figura 2-* Gráfico de presenças de cada participante. Dados recolhidos pela folha de presença, 2017

Como o gráfico mostra, alguns jovens participaram em todas as sessões, mas também houve outros que, por fatores externos ou internos, nem sempre estiveram presentes.

No próximo gráfico é possível verificar o número de participantes por sessão.



Figura 3- Número de participantes por sessão. Dados recolhidos através da folha de presença, 2017.

Com base neste gráfico, é possível afirmar que houve um aumento de participação do início para o final do projeto, o que pode indicar o interesse dos jovens pelas sessões dinamizadas.

# **Considerações finais**

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentado o projeto, torna-se imprescindível retomar os objetivos de investigação expostos inicialmente e confrontá-los com os resultados obtidos neste estudo.

Estávamos perante um grupo de jovens em risco, composto inicialmente por doze participantes, residentes numa instituição/casa de acolhimento, em Portugal. Estes jovens participantes apresentavam problemas nas relações interpessoais. Encontrada a problemática, estabeleceu-se a possibilidade de soluções através da educação artística. É então que se chega ao jogo teatral, como ferramenta para trabalhar as relações interpessoais. O grupo de participantes apresentava-se como heterogéneo em idade, nível de ensino e interesses, entre outros aspetos, o que justificava o recurso à educação não formal, no trabalho com este grupo.

Assim, colocou-se a questão de partida;

- De que modo o teatro pode contribuir como estratégia facilitadora das relações interpessoais numa casa de acolhimento com jovens em risco?

Esta questão de partida deu origem aos seguintes objetivos:

- Perceber de que modo a prática do jogo teatral pode facilitar as interações positivas entre jovens em risco;
- Compreender se a prática do teatro, enquanto área artística centrada no coletivo, facilita a comunicação e promove a aceitação de cada um.

Na procura de resposta à questão de partida deste estudo, foi organizado um projeto de intervenção com características de investigação-ação. Como opção estratégica para desenvolver as relações interpessoais, optou-se pela realização de exercícios teatrais, mais concretamente dos jogos teatrais.

No que respeita ao processo, as dificuldades foram transversais a todo o projeto, sendo ultrapassadas com flexibilidade, adaptação constante e ajuste à realidade, de

forma que as atividades fossem ao encontro das necessidades do grupo. Uma grande dificuldade na implementação do projeto consistiu em encontrar um horário compatível, uma vez que todos os participantes tinham algumas incompatibilidades de horário, nomeadamente os residentes que frequentavam o curso profissional de hotelaria. O espaço para dinamizar as sessões de teatro foi também uma dificuldade, pois na sala de lazer, inicialmente oferecida pela instituição para a implementação do projeto, encontravam-se os videojogos e televisão, o que tornava difícil a concentração nas atividades teatrais. Assim, foi criada uma sala de teatro nesta instituição, que posteriormente veio a ser preparada de modo a que ficasse mais próxima da conceção que os participantes tinham de uma sala de teatro. Uma outra grande barreira para este projeto foram, sem dúvida, os comportamentos desajustados dos jovens, o que inicialmente foi complexo de controlar, obrigando o formador a estar diariamente na instituição durante alguns meses para se aproximar dos jovens e poder implementar o projeto com algum sucesso.

Em relação ao primeiro objetivo (perceber de que modo a prática do jogo teatral pode facilitar as interações positivas entre jovens em risco), os resultados do *focus group* inicial permitiram confirmar algumas dificuldades detetadas já de modo informal nos participantes, designadamente problemas nas relações interpessoais.

Por exemplo na questão: “Achas que todos se dão nesta instituição?” Foi frequente ouvir respostas dos participantes referindo a existência de conflitos, fruto da convivência quotidiana dentro da instituição. E mesmo durante a realização do *focus group* inicial surgiram também algumas situações de conflito, o que pode ser verificado nos comentários que categorizámos como marginais aos do *focus group*, mas que perturbavam o debate e condicionavam as intervenções.

Durante a realização do projeto, foi necessária muita flexibilidade nas propostas pensadas inicialmente, indo ao encontro dos gostos dos participantes, planificando e adaptando em cada etapa face às muitas dificuldades encontradas na realização do projeto, de modo a que os conflitos interpessoais pudessem ser ultrapassados. Os jogos e exercícios propostos aos participantes foram seleccionados e adaptados tendo em conta este objetivo.

Comparando os resultados obtidos no *focus group* inicial, com os do *focus group* final, procurando relacioná-los com o primeiro objetivo de estudo, foi possível concluir a existência de uma evolução positiva, podendo afirmar-se que as práticas de jogo teatral facilitaram as interações positivas entre estes jovens em risco.

Os próprios jovens confirmaram os benefícios do projeto de teatro, na medida em que vários de entre eles reconheceram a evolução positiva das relações interpessoais ao longo do projeto.

O segundo objetivo consistiu em perceber se a prática do teatro, enquanto área artística centrada no coletivo, facilita a comunicação e promove a aceitação de cada um, neste grupo de jovens. Para entender o grau de consecução deste objetivo, comparámos os resultados do *focus group* inicial e do final, assim como os registos no diário de bordo, os quais nos permitiram perceber que, neste coletivo, a comunicação melhorou, assim como a aceitação de cada um.

Com efeito, os exercícios do projeto de teatro frequentemente tinham como objetivo a cooperação. Foi interessante observar o grupo a cooperar, bem como a sua evolução, o que permitiu a apresentação de um exercício final com a participação de todo o grupo. Os próprios participantes indicaram como ponto forte do projeto o trabalho em grupo, ultrapassando os seus medos, surpreendendo-se a si próprios, conseguindo controlar o nervosismo, improvisando e trabalhando com o grupo. Neste sentido, parece ser possível inferir que os participantes desenvolveram, para além das competências teatrais, os valores humanos e o respeito.

Houve alguns importantes momentos de negociação entre participantes e formador, promovendo a escuta ativa e a capacidade de argumentação dos jovens. Nestas ocasiões todo o grupo teve necessidade de agir de forma flexível, pensando na possibilidade de adaptação deste projeto à realidade. Só o desenvolvimento de um ambiente de cumplicidade e um excelente espírito de equipa com estes jovens permitiu a implementação do projeto.

Considera-se importante ainda o facto de os participantes conseguirem refletir a posteriori, no *focus group* final, sobre o projeto, o que revelou em alguns participantes

capacidade autocrítica, reconhecendo pontos positivos e negativos do seu percurso, assumindo uma atitude mais consciente.

Em síntese, e respondendo à grande questão de partida do projeto (De que modo o teatro pode contribuir como estratégia facilitadora das relações interpessoais numa casa de acolhimento com jovens em risco?), podemos afirmar que, recorrendo a exercícios de jogo teatral, selecionados criteriosamente para este contexto, foi possível desenvolver e melhorar as relações interpessoais entre estes jovens em risco e levá-los a assumir-se como um coletivo, capaz de cooperar e se entreatuar, pelo menos ao longo das atividades teatrais.

Em relação às atividades teatrais propriamente ditas, houve também evolução. Com efeito, aquando da análise do *focus group* inicial, foi possível concluir que as conceções que estes participantes apresentavam sobre teatro eram muito rudimentares. Para além disso, alguns dos participantes inicialmente afirmavam não gostar de teatro, sem nunca terem passado por nenhuma experiência neste nível, o que pode revelar algum preconceito. Já no *focus group* final obtiveram-se respostas como “Eu gosto de teatro”, com justificações coerentes dessa afirmação.

Por outro lado, comparando os registos do Diário de Bordo relativos às primeiras sessões com os registos das últimas sessões, verifica-se que o número de participantes da sessão aumentou, sendo este um bom indicador de que os participantes gostaram do projeto de teatro. O projeto parece, assim, ter proporcionado uma experiência artística motivadora na área do teatro, assim como a ampliação de conhecimentos e vocabulário específico desta área, revelados nas últimas sessões e no *focus group* final; A criação do grupo de teatro Ardinários foi um dos pontos fundamentais, podendo indiciar a continuidade do projeto.

Neste sentido, parece possível afirmar que ocorreram melhorias significativas em todos os campos observados neste estudo, o que leva a concluir que as estratégias aplicadas neste contexto contribuíram para uma melhoria nos comportamentos e atitudes, nas relações interpessoais, na comunicação dentro do grupo e nos próprios conhecimentos sobre teatro.

É necessário não esquecer que este foi um estudo desenvolvido com jovens em risco e com pouca ligação às áreas artísticas. Considera-se, pois, importante continuar o projeto envolvendo esta e/ou outras expressões artísticas, de forma que o trabalho iniciado com este projeto possa continuar a contribuir para o desenvolvimento pessoal e social destes jovens.

Outro possível estudo a desenvolver seria acompanhar este grupo de jovens durante alguns anos, repetindo a mesma metodologia de trabalho em diferentes anos ao longo do estudo, a fim de analisar a evolução do grupo, pois as relações interpessoais carecem de um trabalho constante ao longo dos anos. Um estudo mais dilatado no tempo permitiria uma análise mais coerente, com resultados mais duradouros. Igualmente importante seria desenvolver um estudo *a posteriori*, para entender de que modo projetos deste tipo podem influenciar na escolha de uma área profissional ou académica, se eventualmente prosseguirem os estudos.

De acordo com Miravalles & Viadoms (2002), “*educar implica unna intencionalidade pedagógica, una planificación, pero al mismo tiempo educar es dejar una puerta abierta o una ventana y oxigenarnos constantemente*” (pp.119). Para terminar, espera-se que este estudo sirva como estímulo para que se desencadeiem novas questões, novos projetos, ou que funcione como fator de motivação e suporte para novas ideias e pensamentos mais atualizados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Afonso, N. (2005). *Investigação Naturalista em Educação: um guia prático e crítico*. Porto: ASA Editores.
- Bernet, J. (2004). *Conceito, exame e universo da animação sociocultural*. In Jaume Bernet. *Animação Sociocultural: Teorias, Programas e Âmbitos*. (pp. 19-44) Lisboa: Instituto Piaget.
- Boal, A. (2008). *Jogos para atores e não atores*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Brasilino, J. & S., M. (2011). *Psicologia social e personalidade*. Rio de Janeiro: scielo - Centro Edelstein.
- Carvalho, A. D. (1994). *Utopia e Educação*. Porto: Porto Editora.
- Chizzotti, A. (2005). *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez.
- Cohen, R. (1998). *Work in progress na Cena contemporânea*. São Paulo: Perspectiva,
- Delgado, P. (2006). *Os Direitos das crianças da participação à responsabilidade – O sistema de proteção e educação das crianças e jovens*. Maia: Profedições, Lda.
- Del Prette, A.; Del Prette, Z. A. P. (2001). *Psicologia das Relações Interpessoais: vivências para o trabalho em grupo*. Petrópolis.
- Dias, C. A. Grupo focal: técnica de coleta de dados em pesquisa qualitativa. *Informação & Sociedade: Estudos*. João Pessoa, v.10, n.2, p.141-158, 2000.
- Duarte, E. N. et al. Aprendizagem organizacional em unidades de informação: do grupo focal à comunidade de prática. *Perspect. ciênc. inf.* [online]. 2008, vol.13, n.3, pp.78-95. ISSN 1981-5344. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-99362008000300006>.
- Fonseca, A. (1998). As comissões de proteção: caminhos a percorrer na promoção da cidadania das crianças e dos jovens. *Intervenção Social*, nº 17/18.

- Fonseca, A.C. (2004). Crianças e Jovens em Risco: análise de algumas questões atuais. In, Vieira, et al. (2004). *Crianças e Jovens em Risco – Da investigação à Intervenção*. pp. 11-37. Centro de Psicopedagogia da Universidade de Coimbra. Almedina.
- Freire, P. (1970). *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra.
- Gomes, M. E. S.; BARBOSA, E. F. A técnica de grupos focais para obtenção de dados qualitativos. *Educativa: Instituto de Pesquisas e Inovações Educacionais*. Fevereiro/1999. Disponível em: <<http://www.educativa.org.br>>. Acesso em: 11 agosto. 2017.
- Heider, F. (1970). *Psicologia das relações interpessoais*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Japiassu, R. O. V. (1998). *Jogos teatrais na escola pública*. Revista da Faculdade de Educação, v. 24, n. 2, São Paulo, jul./dec.1998
- Koudela, I. D. (1998). *Jogos teatrais*. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva.
- Koudela, I. D. (2008). *Texto e jogo: uma didática brechtiana*. São Paulo: Perspectiva,
- Machado, M. (s/d). O diário de Bordo como ferramenta fenomenológica para o pesquisador em artes cênicas. *Sala Preta. S. Paulo* v. 17, n. 2 . <http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57101/60089>
- Martins, E. (2002). As reformas sociais e a protecção da criança marginalizada. *Revista Infância e Juventude*. Nº 3. 55-93. Lisboa: Direcção Geral de Reinserção Social.
- Martín, E. G. (1996). *Psicologia do encontro: J. L. Moreno*. São Paulo: Ágora.
- Minayo, M. C. S. (2000). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes.
- Moreno, J. L. (1972). *Las bases de la psicología*. Buenos Aires: Hormé.
- Moreno, J. L. (1994). *Quem sobreviverá?* Goiânia: Dimensão.

- Ochotorena, J. (1996). Prevención del maltrato infantil. In J. Paúl Ochotorena e M. Arruabarrena Madariaga (Eds.). *Manual de Protección Infantil*. Barcelona: Masson.
- Pérez, V. (2000). Metodologia e prática da animação teatral. In Caride Gómez, José Martins e Manuel. *Animação Teatral: Teoria e Prática* (pp. 191-207). Porto: Campo das Letras.
- Pinheiro, M. (2012). *O ensino por problemas nos livros de química uma análise do conteúdo estrutura atómica*. Rio Grande do Norte.
- Pinto, L. (2005). "Sobre Educação Não – Formal". *Cadernos d'inducar*, maio de 2005, pp. 1-7. Recuperado em 23 de junho de 2017, de [www.inducar.pt](http://www.inducar.pt).
- Pires, A. (2001). *Crianças (e pais) em risco*. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Reverbel, O. (1996). *Jogos teatrais na escola: atividades globais de expressão*. 3ª ed. São Paulo: Scipione.
- Reverbel, O. (1996). *Teatro na sala de aula*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: J. Olympio.
- Reverbel, O. (1997). *Teatro na escola: pensamento e ação no magistério*. 2ª ed. São Paulo: Scipione.
- Sá, E. (1999). *Manual de instruções para uma família feliz*. Lisboa: Fim de século.
- Silva, A. C. Fonseca, L. Alcoforado, M. M. Vilar, & C. M. Vieira (Eds.), *Crianças e jovens em risco: Da investigação à intervenção* (pp. 83-113). Coimbra: Almedina.
- Silva, M. H. D. (2004). Crianças e jovens a cargo de instituições: Riscos reversíveis/irreversíveis. Em M. H. D. Silva, A. C. Fonseca, L. Alcoforado, M. M. Vilar & C. M. Vieira (Eds.), *Crianças e jovens em risco: Da investigação à intervenção* (pp. 83-113). Coimbra: Almedina.
- Slade, P. (1978). *O jogo dramático infantil*. São Paulo: Summus.
- Spolin, V. (2000). *Improvisação para o teatro*. São Paulo: Perspectiva.

Tozoni, M. F. C. (2007). *A pesquisa-ação-participativa em educação ambiental: reflexões teóricas*. São Paulo: Annablume,

Valente, M. e Mulas, N. (2003). *Direito de Menores - Estudo Luso Hispânico sobre Menores em Perigo e Delinquência Juvenil*. Lisboa: Âncora Editora.

Veiga, L.; GONDIM, S.M.G. *A utilização de métodos qualitativos na ciência política e no marketing político*. *Opinião Pública*. v.2, n.1, p. 1-15, 2001.

Zeanah, C. (2001). *Evaluation of a preventive intervention for maltreated infants and toddlers in father care*. *Journal of the American Academy of Child Adolescent Psychiatric*.

#### **NORMATIVOS CONSULTADOS:**

Decreto – *Lei nº 147/99, de 1 de setembro. Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo*.

# **ANEXOS**

# ANEXOS

# ÍNDICE

Anexo A- Transcrição focus group inicial.....	97
Anexo B- Transcrições do <i>Focus Group</i> Final.....	112
Anexo C- Diário de bordo .....	119
Anexo D- Tabela de indicadores de avaliação por blocos .....	151
Anexo E- Análise de conteúdo do <i>focus group</i> inicial.....	157
Anexo F- Análise de conteúdos do <i>focus group</i> final.....	167
Anexo G- Cronograma das sessões.....	177
Anexo H- Planificações diárias .....	178
Anexo I- Ficha de Inscrição .....	215
Anexo J- Exercícios escritos/desenhados pelos participantes.....	216
Anexo J.1 Exercício desenho rolante:.....	216
Anexo J.2- Exercício folha das quatro estações.....	227
Anexo J.3- Exercício criar um personagem.....	241
Anexo J.4- Exercício criar um guião.....	255
Outros anexos.....	258

# ANEXO A- TRANSCRIÇÃO FOCUS GROUP INICIAL

## O- Introdução

O- Ora bem .... Vocês acham que toda gente se dá bem dentro desta instituição?...(Silêncio) Então ninguém responde? Tu achas que toda gente se dá bem aqui dentro?

Participante1- Não...(silêncio)

Orientador- Há pessoal que não se dá bem uns com os outros, há conflitos...

P2 – (Risos)

P3- Há partida há sempre conflitos...

O- Queres explicar melhor?

P3- (silêncio)

O- E o que é que se pode fazer para resolver esses conflitos?

P1- Não sei...

(Risos de fundo, percebe-se que existe conflito através de das expressões faciais e de troca de segredos entre o P3 e o P4)

O- E aqui (para P5) ... o que é que tu achas que se pode fazer para resolver esses conflitos? Ninguém quer dar opinião?

P5-Não sei (reticente)

P4-(interrompendo) É que...

P3- (interrompendo) Aqui “damos” todos bem. (Risos)

P4- Yha, yha, damo-nos todos bem! (irónico)

P3- (continuando em tom irónico) Partilhamos, isso tudo.

P4- Não, deixa o P5 falar. “Chiba-te”!

P5- (Respondendo a pergunta inicial “O que se pode fazer para resolver os conflitos”) É aqueles que se dão mal fazerem tudo junto, “tarem” uns com os outros, aqueles que dão-se mal;

O- Ou seja há um grupo onde todos se dão bem e outro onde nem todos se dão bem, é isso?

P5-Sim...

P4- Tudo junto, banho, massagens (risos)

O- E o que é que tu achas que se pode fazer para melhorar a forma como a malta se dá aqui?

P5- Trabalho de equipa.

O- P6 achas que todos se dão bem aqui?

P6-Não.

(Risos de fundo) (conversa de fundo: - ele mais o "chili")

O- Então o que acham que pode fazer mais para melhorar?

P6- Não sei...

O- Toda gente pode dar opinião vamos... P2 achas que toda gente se dá bem uns com os outros aqui?

P2- (Abana a cabeça sorrindo)

P4- Olha outro.

O- Então e o que se pode fazer para melhorar isso?

P2- Respeito.

P4- (Repete em tom de gozo) Respeito.

(Risos)

P4- Ele é o mais novo.

O- Explica melhor...

P2- Respeitar os mais velhos

O- Então os mais velhos são os mais bem-comportados...

P2- Sim (rindo)

P4- Não, diz ao contrário

P2- E os mais velhos respeitam os mais novos

(Silêncio)

O- P7 todos se dão bem aqui?

P7-Não

O- E na tua opinião o que se pode fazer para melhorar isso? (silêncio) Que atividades? P8 achas que toda gente se dá bem aqui?

P8-(Envergonhado tapando a cara) Não

(Risos)

O- Andam todos à pancada...

(Risos)

O- O que é que se pode fazer para melhorar isso?

P8- (Muito envergonhado) Respeitar o espaço dos outros.

O- Ou seja não mexer nas coisas dos outros é isso?

P8- Não mexer sem autorização.

O-P3 o que pensas disto?

P3-Damo-nos todos bem. (Irónico)

(Risos)

O- *Epá!*

P4- Só quem quer.

P3- Tirando exceções.

O- Tirando exceções... Que tipo de exceções?

P3- Alguns colegas.

O- Alguns colegas não se dão bem?

P3- Sim, alguns colegas..., mas a maioria dá-se!

O- Como é que se achas que se pode resolver isso?

P3-A expressão dramática... (risos)

(Risos9

O- Explica melhor...

P3- Ter mais calma... (fazendo gestos de calma) falando.... (silêncio)

O- Falando uns com os outros...

P3- A falar é que se entende.

O- A falar é que se entende... P4!

P4- Damo-nos todos bem! (Firme)

O- Hum... (P4, diz sim com a cabeça)

P4- Eu dou-me bem com todos.

O- Então e o que é que se podia fazer para melhorar ainda mais as relações cá na instituição?

P4- Respeitar!

O- Respeitar o espaço, respeitar...?

P4- Respeitar uns aos outros.

(silêncio)

P9- Todos bem.

O- Então como podíamos melhorar?

P9- Respeitar o espaço dos outros.

P3-(interrompendo) Ele disse que não há respeito porque...porque o colega “está a se expressar” e ele está a rir... (apontando para P5) não esta a respeitar o espaço dos outros (apontando para P9)

P8-(Mostrando apoio com gestos)

O- Não se preocupem eu quero é que todos falem... podemos estar descontraídos a rir, só quero que as conversas sejam sempre para o grupo, para todos ouvirmos, e quem quiser comentar é muito bem-vindo.

O- P10...todos se dão bem?

P10- (faz gesto com a cabeça dizendo que sim)

O- Como se podia melhorar as relações entre os residentes?

P10- Não sei. (Muto envergonhado)

O-P11 concordas que todos se dão bem?

P11- Toda gente se dá bem. (sério)

O- Então e como se pode melhorar?

P11- (fazendo brincadeiras) é mentira, nem todos se dão bem, falta respeitar os outros. (Rindo)

O- Explica lá então...

(silêncio)

O-P12 toda gente se dá bem aqui?

P12- Não, não.

O- E como podemos melhorar as relações entre os residentes?

P12- Respeitar.

O- Respeitar? De que forma?

P12- Hum... (muito embaraçado)

O- Não ouvi podes repetir... (Para P11)

P11- Apsss... ele está sempre com os monitores, nunca “tá connosco”!

O- Não ouvi...

P11- Ele está sempre com os monitores ... é normal nunca está “connosco”. (aponta para P12)

O- Estás sempre com os monitores? (Para P12)

P12- (Indica que sim com gestos)

P3- Ele tem de conviver mais com os jovens.

O- Alguém quer dizer mais alguma coisa sobre isto?

Todos- Não...

P3- Acho que é tudo... não queres dizer nada P5, acho que tu tens mais alguma coisa a dizer. (zoando)

P5- Ham, ham, ham...

P3- (Fazendo gesto de cortar o pescoço) Fala com a boca calada!

(Risos)

O- Agora vou passar a uma parte...

P4- (interrompendo) agora foste tu... "ouviste tou te a ver" ... és tu (Para P7)

O- Vá equipa... vamos falar agora um pouco sobre os nossos gostos pessoais .... Vou começar aqui pelo P12.... O que é que gostas de fazer nos teus tempos livres?

P12- Eu gosto de ver filmes.

O-Filmes de quê?

P12- Lutas marciais.

O-Lutas marciais... então gostas de artes marciais?

P12- Sim...Sim.

O- E o que é que tu não gostas de fazer?

P12- Humm.... Ler.

O- P11?

P11- Gosto de sair.

O- Sair a noite? Sair de dia? Todos os dias?

P11- Todos os dias(sorrindo)

O- E sair para fazer que atividades?

P11- Atividades.... (risos)(embaraçado) sair de skate.

O- E de que é que gostas mais?

P11- Eu gostava era de fazer para-quedas!

O- Eu também... é um dos meus sonhos. E o que é que tu não gostas de fazer?

P11- Não sei... ler também...

O- É pá vocês são todos uns leitores.... P10 o que é que gostas de fazer nos teus tempos livres?

P10- Gosto de dormir.

O- Então e sem ser dormir...

P10- Não gosto de barulho, gosto de ver televisão...

O- Então e o que é que não gostas mesmo de fazer?

P10- (envergonhado não responde)

O- P9?

P9- Gosto de jogar futebol.

O- Jogas em alguma equipa?

P9- Não.

O- Gostavas de jogar em alguma equipa?

P11- No mocho.

P9- (Chateado) Ham, ham... que piada...

O- Jogas em que posição? Ou jogas assim numa qualquer...

P9- Numa qualquer.

O- E o que é que tu não gostas de fazer?

P9- Eps... não sei. (silêncio)

O- (para P4) O que é que tu...

P4- (interrompendo) Jogar futebol!

O- Jogas em alguma equipa?

P4- Não.

O- Gostavas de ter mais formação em futebol?

P4- Gostava (muito entusiasmado).

O- E o que é que tu não gostas de mesmo de fazer?

P4- Muita coisa... não gosto de ler, fazer limpezas...

O- P3?

P3- Jogar à bola. (feliz)

O- Futebol é o que vocês gostam?

Quase todos- Sim....

O- E o que é que tu não gostas mesmo de fazer?

P3- Não gosto de estudar.

O- E se for estudar sobre futebol?

P3- Gosto, não gosto de estudar determinadas matérias.

O- Por exemplo que matérias?

P3- Não gosto de estudar matemática.

O- E uma coisa que até gostas de estudar?

P2- Educação física.

P3- Educação física.

P2-E também sobre futebol.

O- E tu o que é que tu gostas de fazer nos teus tempos livres?

P8- Jogar futebol.

O- Esta malta gosta de futebol...e o que é que não gostas de fazer?

P8- Acordar para ir para a escola! (muito envergonhado)

O- E sem ser futebol, de que outras coisas gostas?

P8- (muito envergonhado) Telemóvel. (risos)

O- E tu P7?

P7- Computador.

O- Para fazer o quê? Trabalhos da escola?

P4- Achas, psssssss...

P7- Óbvio. (risos, esconde a cara)

(Silêncio)

O- E jogos não?

P7- Um pouco... (esconde a cara)

O- Que tipos de jogos... e o que é que tu não gostas de fazer?

P7- Estudar.

O- OK...P2 o que gostas de fazer nos teus tempos livres?

P2- (sorrindo) Estudar, fazer culinária e jogar jogos

O- Que tipo de jogos?

P2- Jogos no computador na *playstation*, jogar nos matraquilhos, *ping pong*...

O- O que não gostas de fazer?

P2- Estar parado.

O- P5?

P2- Não é o P5, é o P6!

O- Correto, P6?

P6- Jogar a bola.

O- E sem se jogar a bola? *Jogar playstation?*... Correr, fazer limpezas...

P6- Não... (silêncio)

O- E o que não gostas de fazer?

P6- Ler e estudar!

O- Ok, ok ... P5 o que é que tu gostas de fazer nos teus tempos livres?

P3- (Gestos e palavras obscenas)

(risos)

P4- Calma, calma...

P3- É burro, vais levar uma chapada.

P5- Gosto de jogar futebol.

P3- Diz em português para agente perceber...

O- E sem ser jogar futebol de que outras coisas gostas?

P5- Gosto de fazer exercício.

(risos, P3, P4 e P8)

P3- O quê...

O- Em algum desporto?

P3- Meu deus. (Interrompendo)

O- O que é que tu não gostas de fazer? (falando com P5)

P5- Não gosto de acordar cedo.

(risos, P3, P4 e P8)

O- E tu? (perguntando ao P1)

P1- Hum... jogar...vídeo jogos...ouvir música...

O- Estão a rir, falem em voz alta somos um grupo. (falando com P3, P4 e P8)

P3- É sobre a escola...

O- Podem partilhar se quiserem...

P4- Ele acorda cedo, lá para as seis...

P3- (aponta para P5) Não...ele entra às oito, mas acorda às seis para ir tomar banho e fica lá uma hora.

P8- Depois vai para escola...

P3- E chega atrasado.

P8- Não, ele chega a tempo da aula...

P3-Chega atrasado!

O- Então o problema é que os outros depois querem tomar banho e não podem?

P3- Sim, é chato, eu quero entrar no banho e ele está lá.

O- Voltando a nossa conversa inicial... P1 o que... e que tu não gostas mesmo?

P1- Não gosto de matemática.

O- Vou então agora fazer umas perguntas sobre a parte do teatro quem quiser responde, mas eu quero ouvir todos.

P1 gostas de teatro?

P1- Gosto.

O- Que experiências é que tens de teatro?

P1- Não tenho muita.

O- E o que é para ti o teatro?

P1- Não sei... trabalho em equipa.

O-Gostas mais de ver ou fazer?

P1- Ver.

O- Gostas de teatro? (para P5)

P5- Sim.

O- Que experiências tens de teatro?

P5- Já fiz algumas coisas, curtas...

P8- Já fez séries.

P3- Ele é ator.

P4- Tá no *youtube* e tudo.

P3-Web serie.

P4-Todas as raparigas da escola andam atrás dele.

(risos)

O- P6 gostas de teatro?

P6- Só de ver.

O- O que é para ti o teatro?

P6- Trabalho de equipa.

O- Já tiveste alguma experiência com teatro?

P6- Não!

O- Tu P2, já experimentaste teatro?

P2- Fiz uma peça de teatro no quarto ano, na escola.

O- Gostas de ver ou de fazer?

P2- Das duas coisas.

O- O que é para ti o teatro?

P2- Comédia.

O- Tu gostas de teatro? (para P7)

P7- Só de ver.

O- O que é para ti o teatro?

P7- Representação.

O- Gostas de teatro? (Para P8)

P8- Só de ver.

O-Tens experiência?

P8-Não.

O-Queria só pedir que sempre que tiverem alguma coisa a dizer digam para o grupo e não para o colega do lado, para promovermos um bom diálogo entre todos.

O- O que é para ti o teatro? (para P8)

P8-Trabalho de equipa.

P2- Humm... (espantado)

O- Gostas de teatro?

P3- Sim...

O- Gostas de ver ou fazer?

P3- Gosto de ver... e não sei nunca fiz... podia gostar.

O- O que é para ti o teatro?

P3- É fazer a malta entender a história.

O-Gostas de teatro. (para P4)

P4-Só de ver... também nunca fiz.

O- O que é para ti o teatro?

P4- É para transmitir cultura.

O- (aponta para P9)

P9- Não gosto de teatro!

O- Já tiveste alguma experiência?

P4- Não.

O- O que é para ti o teatro?

P4- Nada.

O- Não queres dizer um bocadinho mais?

P3-Inventa.

P11- A arte dele é ficar calado...ele como é morcego...

P4- "Cool"..

P11- "Ya".

O- E se tiveres mesmo de escolher entre ver ou fazer teatro?

P4- Ver.

O- Gostas de teatro?

P10- Gosto e já fiz.

P3- Olha as perguntas.

O- Já experimentaste?

P10-Uma peça, mas foi só na escola.

O- O que é para ti o teatro?

P10- Muito trabalho, pouco descanso.

O- Preferes ver ou fazer ver?

P10- Ver.

O- P11?

P11- Não gosto de teatro.

O- De ver ou de fazer?

P11- Já tive uma experiência e não gostei.

O- Mas porque é que não gostaste?

P11- É uma seca! É sempre a mesma porcaria... e desisti porque não me apeteceu.

O- Então, mas preferes ver ou fazer?

P11- Eu prefiro estar sossegado.

(risos)

O- Ele gosta e de ficar no seu espaço... e o que é para ti o teatro?

P4- Despacha-te!

P11-É uma “cena”.

O- P12 estás calado... gostas de teatro?

P12- Eu... não.

O- Que experiências tens de teatro?

P12- Nenhuma.

O- O que para ti o teatro?

P12- Hum não sei.

O- Preferes ver ou fazer?

P12- Ver.

O- Diz, diz... (para P3 que estava falando com o colega do lado)

P3- Nada, nada...

O- E o que queres ser quando fores mais velho P12?

P3- Ele quer ser cantor.

(risos)

P12- Hum... então...

(silêncio)

O- Está bem, já voltamos a ti... P11?

P11- Quero ser padre.

P3- Padre.

P11- Porque acredito em Deus.

O- Porquê?

P11- Ajuda, ajuda a rezar.

(risos)

O- E o P10?

P10- Ainda não sei.

O- Tu já és trabalhador?

P4- Escolhe uma coisa estilosa.

O- Pode ser um sonho?

P4- Profissão de sonho?

(risos)

O- Diz, diz...

P11- Não, deixe estar.

P4- Pergunte ao P9.

O- P9?

P9- Não sei ainda.

O- Jogador de futebol?

P9- Talvez.

O- Então diz mais qualquer coisa.

P9- Jogador de futebol.

O- Gostas de futebol? Consegues dar toques na bola?

P9- (indiferente)

O- Está bem. P4?

P4- Também jogador futebol.

O- Porquê?

P4- Porque eu gosto. E vou ser ... é o meu sonho e vou atrás dele.

O- É assim que eu gosto de ouvir falar. P3?

P3- Jogar de futebol...

O- O que mais gostas de fazer?

P3- Não sei...

O- Fazer limpezas na instituição.

P3- Não, isso não ...

(risos)

O- Mas por que é que gostavas de ser jogador de futebol?

P3- Porque é bonito.

O- P8?

P8- “Youtuber”.

(risos)

P8- Na, na, na...

O- Então?

P8- Informático ou.... Informático.

P4- Porquê informático...P7 para com isso.

P7- Veio desse lado.

P3- Foi ele.

P4- É assim que depois dá problemas.

O- Informático porquê?...Gostas da área?

P8- (envergonhado)

O- P7, o que gostavas de ser quando fores mais velho?

P7- Eu.... “Sniper”

O- Então e porquê?

P7- Não sei.

O- P2?

P3- Polícia.

P2- Chefe de cozinha.

O- Porquê?

P2- Porque gosto de culinária.

O- P6?

P6- Eletricista.

O- Porquê?

P6- Sei lá.

O- P5?

P5- Polícia e informático.

O- Porquê?

P5- Porque goste de computadores.

P4- Fazer tipo... (gestos)

P3- Podes ser segurança!

O- Vou só pedir mais um momento de calma. P1?

P1- Eu... gostava de ser atirador especial, criador de vídeo jogos

P3- Está dizendo tudo torto...

O- Ou seja vocês gostam de exercício, aqui gostam de futebol...

P5- Eu também gosto de futebol.

P7- Atirador especial.

(barulho de fundo)

O- Calma, só mais cinco minutos para acabar.

P12- Eu queria ser socorrista.

O- Porquê?

P12- Gosto do barulho das ambulâncias.

O- Sim, sim...

P5- Depois posso-lhe mostrar a minha curta metragem?

O- Sim, Sim... deixa só encerrar o nosso diálogo.

P4- Quero ver ele a apagar fogo. (referindo-se ao P12)

O- Acabamos assim quero agradecer a vossa disponibilidade para estar presentes hoje e deste modo ajudar-me no meu projeto escolar.... Obrigado pelas vossas respostas! Vamos lá ver o vídeo agora.

**Fim**

## Anexo B- Transcrições do *Focus Group* Final

### Transcrição *focus group* final nº1

*Focus group*- Vídeo 000114 e 00015

# *Focus group*

Presentes P17, P1, P2, P7, P15, P3, P5

O - (Introduz e contextualiza o *focus group*)

O - Após implementação do projeto sentes que o grupo começou a dar de melhor?

P17- Sim, acho que sim.

P1 - Sim, começou a dar-se melhor só que houve uma brincadeira no início com o P5 que deram para o torto e...

O – P15 queres comentar?

P15- Não, não...

O – P3?

O- P2 Após a implementação do projeto sentes que o grupo começou a dar-se melhor?

P2 – Sim, acho que sim

O – Porquê?

P2 – Porquê gostamos de tudo o que fizemos bem depois... houve umas brincadeiras de mau gosto!

P15- Estás a contraria o que dizes.

P3- Fala mais alto.

P2- Espera... lembra-se quando nós fizemos aqueles desenhos... houve ali umas porcarias nos desenhos... e também houve brincadeiras, com algumas pessoas como com o P5, e também alguns a meterem-se comigo na brincadeira. E também contigo! (apontando para P7)

P7- Mas eu defendo-me! Eu respondo...

O- P7 diz, diz.

P7- Eu disse: eu respondo, mas ele fica a chorar.

O- Após implementação do projeto sentes que o grupo começou a dar de melhor?

P7- Melhorou, por causa das atividades que fizemos aqui em grupo!

O- P15?

P15- Eu acho que melhorou um pouco!

O - Porquê?

P15- Quando fazíamos as atividades.

O- P3?

P3- Eu acho que... melhorou.

O- Existe alguma atividade que vocês acrescentassem?

P7- Mais teatro.

P1- Malabarismo.

P7- Exercícios coordenados... eu gostei daquele exercício de pôr aqui os pés;

P2- Eu não consegui fazer alguns exercícios.

O- Para além das atividades que foram ditas como o futebol: houve alguma atividade que gostassem de fazer?

P1- Eu gostava... como o formador sabe vários tipos de arte... eu gostava de saber mais sobre outras artes.

P2- Eu acho que foi bom;

P7- Eu gostava de fazer paintball;

P15- Eu gostei assim.

O- Após a implementação, a forma como tu vês o teatro mudou?

P17- Uma forma de se exprimir... a visão que eu agora tenho do teatro é que não são só atores a exprimir-se a si próprios.

P1- Sim mudou... porque antes via o teatro como uma forma de passar o tempo... mas agora vejo como uma forma de trabalhar em grupo e como profissão de algumas pessoas... exprimir os seus sentimentos as emoções... e de trabalho como o "O" nós ensinou, os técnicos, produtores...

P2- Sim, mudou, agora sei que o teatro é uma forma de trabalho.

P7- Aprendi exercícios...

P15- Mudou porque... passei a gostar de teatro.  
P3- Mudou, porque nunca tinha trabalhado teatro... e também aprendi aquela cena de teatro de rua na visita de estudo... e aprendi aquela cena das pancadas... pancadas de Molière.  
P5- Aprendi a fazer teatro, que eu antes não sabia as técnicas de palco... e as pancadas de Molière.  
O- Após a implementação deste projeto ficaste com vontade de saber mais coisa sobre teatro?  
P3 – Sim.  
P1- Gostava de saber com é que se trabalha com as Luzes... aprender como são escolhidos os figurinos... como vimos na visita ao Teatro Municipal de São Luís.  
P2- Sim.  
P7- Mesa de som... estás-te a rir do quê? Sabes que têm o “O” falou e vimos quando fizemos a visita ao teatro. Gostava de aprender a trabalhar com a parte técnica, as cenas de subir e descer cenários, abrir e fechar cortinas, as Luzes, as máquinas...  
O- Sabes como se chama a pessoa que controla esses equipamentos?  
P3- Designer de som, Operador de som...  
P15- Ahhhhhh... Daí é que vem a palavra operador.  
O- Conseguem dizer palavras que aprenderam sobre teatro.  
P5- As pancadas de Molière, saber estar em cena com a cara para o público...  
O- Após a implementação deste projeto ficaste com vontade de saber mais coisas sobre teatro?  
P3- Eu gosto de ver teatro e até gosto de fazer teatro!  
P5- Eu fiquei com vontade de saber mais coisas sobre teatro, pois gostei de enfrentar o público.  
O- Consegues dizer palavras sobre teatro?  
P15- Atores, comédia.  
P5- Rir, chorar, figurinistas e teatro de rua.  
O- Gostaste de participar no projeto?  
P17- Sim, porque fiquei a saber mais coisa sobre teatro.  
P1- Eu gostei, porquê aprendi novas coisas sobre o teatro e comecei a conviver mais com as pessoas... a minha relação com o grupo mudou.  
P2- Sim, porquê achei muito divertido.  
P7- Gostei de participar neste projeto de Teatro.  
P15- Porque em vez de estar sem nada para fazer, tive uma experiência engraçada.  
O- P3?  
P3- Eu gostei.  
P5- Eu gostei, porque ajudou-me a fazer amizade com os restantes colegas.  
O- Quais foram os pontos fortes e fracos do projeto?  
P1- Ver todos a colaborar num projeto, juntos sem confusões.  
P2- Ter todo mundo... ter toda gente aqui reunida.  
P7- Porque nós aprendemos mais sobre teatro.  
P15- Ponto fraco foi ter de ser o P15 a ajudar o professor de teatro.  
P5- O ponto forte foi improvisar histórias, pontos fracos foram alguns jovens não teres horário para conseguir participar no projeto.  
O- Uma palavra que represente a tua visão e participação neste projeto?  
P17- Diferente.  
P1- Colaboração.  
P2- Diversão.  
P7- Fantástico.  
P15- Criativa.  
P3- Ter uma noção de teatro, gostar teatro e de representar é engraçado.  
O- Isso numa palavra?  
P3- Incrível.  
P5- Aprender.  
O- Queria agradecer a vossa disponibilidade e adesão ao projeto, foi maravilhoso trabalhar convosco...muito obrigado!

**FIM**

## Transcrição *focus group* final nº2

*Focus group*- Vídeo 00017 e 18

# *Focus group*

Presentes P13, P16, P12, P6,

O - (Introduz e contextualiza o *focus group*)

O - Após implementação do projeto sentes que o grupo começou a dar de melhor?

P16 - Muito melhor, sim.

O - Achas que o grupo começou a dar-se melhor? Com mais ou menos conflito?

P16 - Sim começou a haver menos conflito, a malta gastava a energia toda nas sessões de teatro, mas ainda há alguns conflitos.

P13 - Para mim melhorou um pouco, mas eu já interagia com o grupo todo.

O - P12?

P12 - Sim o grupo começou a dar-se melhor.

P6 - Começou a dar-se melhor a falar mais uns com os outros

O - Para além das atividades de teatro que fizemos, existem outras atividades que vocês gostariam de fazer?

P16 - Podemos experimentar muita coisa.

O - Diz então uma que gostavas.

P16 - Trabalhar com a mesa de som.

O - E tu P13?

P13 - Trabalhar com as máquinas que estão por baixo do palco.

O - P12?

P12 - Eu gostei do que fizemos.

O - No último *focus group* foram ditas algumas atividades e profissões que gostavam ou queriam eram: jogador de futebol, atirador especial, polícia, condutor da ambulância, entre outros depois do projeto de teatro alguém sentiu vontade ou curiosidade em trabalhar em alguma das profissões ligadas ao teatro como... técnico de som, ator, técnico de luz...

P13 - Sim, qualquer coisa.

P16 - Sim, qualquer coisa, um pouco de tudo.

P12 e P6 - Sim;

O - Após a implementação do projeto da forma como vocês veem o teatro é mesma?

P13 - Sim.

P16 - Aprendi a fazer improvisação.

P12 - As coisas que eu aprendi... como se deve estar num palco.

P6 - Fiquei a saber aquela cena das palmadas.

O - Como é o nome disso?

P6 - Pancadas de *Molière*.

O - Passaram a ver que existem mais profissões ligadas ao teatro?

P6, P12, P13 e P16 - Isso sim, sim.

P13 - Passei a ver de outra forma, não são só atores, como vimos nas visitas de estudo têm cenógrafos, produtores.

P16 - E Designer de som... também aprendemos mais coisas... técnicas de teatro, pancadas de *Molière*...

P13 - Aprendemos a organizarmo-nos para fazer peças de teatro e improvisações.

P12 - Não.

O - Então aprenderam um bocadinho mais é isso?

P13 - Sim.

P16 - Sim.

P6 e P12 - Sim.

O - Após implementação deste projeto ficaste com vontade de saber mais coisas sobre o teatro?

P13 - O que eu já sei já é bom. Já dá para fazer um teatro.

P16 - Eu também, mas quanto mais melhor.

P6 - Eu até gosto de teatro.

P12 - Também.

O - Que palavras é que vocês conhecem sobre teatro?

P16 - Confiança.

P13 – Cenógrafo, figurinistas, personagens, figurantes haaaaa... os técnicos de luz como é que se chama? O “stor” vá... de teatro, profissional numa escola... haaaaa os de artistas e produção já disse...  
P16 - (completando) encenação, tanta coisa...  
O - P12?  
P12 Atores, atrizes, cartazes.  
P6 – Amizade, atores.  
O- Vocês gostaram de participar neste projeto?  
P16 - Eu sim.  
P13 - Sim, sim.  
P12 - Gostei, gostei,  
O - Porquê?  
P13 – Eu gostei porque...  
P16 – (interrompendo) Foi uma coisa diferente também do que estávamos habituados.  
P13 - Aqui estamos sempre a fazer o mesmo, eu gostei de fazer teatro.  
O – P12?  
P12 - Gostei daquela parte...aquela parte do teatro... fingir...fingir que era ...polícia.  
O – Por que é que gostaste?  
P12 – Posso dizer qualquer coisa?  
O- Sim.  
P12 – Porque gostava...aaaa...gosto dessa profissão.  
O – P6?  
P6 – Algumas coisas.  
O – O quê por exemplo?  
P6 – Gostei quando fui o encenador.  
O – Porquê?  
P6 – Porque gostei daquilo que fiz.  
O – Na vossa opinião quais foram os pontos fracos e fortes do projeto? Podemos começar pelos fracos.  
P13 – Devia ser mais tempo.  
P16- E mais idas ao teatro.  
P13 – E podia ser tipo uma hora para diversão só com jogos de teatro e outra hora só para teatro.  
O- Qual a diferença para ti entre teatro e diversão?  
P16 - Teatro pode ser diversão, mas é um bocadinho mais sério.  
O - Quais foram os pontos fortes do projeto?  
P6 – Foi rir.  
O- Qual a diferença para ti entre teatro e diversão?  
P16 - Teatro pode ser diversão, mas é um bocadinho mais sério.  
O - Mas algum ponto fraco?  
P13 - Olha...aquilo das folhas de desenhar que eles até escreveram...  
O - Porquê?  
P13 - Porque houve pessoas que desenharam coisas que não eram próprias para estar nas folhas.  
O - Todos concordam que houve coisas que não deviam ter sido desenhadas nas folhas?  
Todos - Sim.  
O - E tu P12 o que achas que correu menos bem no projeto?  
P12 - O que correu menos bem no projeto...também foi a coisa das folhas.  
O - Quais foram os pontos fortes do projeto?  
P12 - O que gostei mais foi daquela parte do teatro das representações.  
P16 - Fazer teatro, né.  
P12 - Sim, sim...  
P6 - Aquilo que eu já disse.  
O - Uma palavra que represente a tua passagem por este projeto de teatro?  
P6 – Trabalho.  
P16 – Alegria.  
P13 – Improvisação.  
P12 - “Ephá” eu não sei...  
P13 – Diversão.  
O - De quê é que tu gostaste?  
P12 - Atuação...  
O - Equipa...agradeço a presença de todos, muito obrigado pela vossa, pela vossa disponibilidade. Como eu já tinha dito os vossos nomes não irão aparecer em nenhuma parte do projeto. Obrigado pela colaboração vossa colaboração para com o nosso projeto.

**Fim**



## Transcrição *focus group* final nº3

*Focus group* - Vídeo 00040

# *Focus group*

Presentes P4, P9, P19, P8, P20

O - (Introduz e contextualiza o *focus group*)

O - P4 após implementação do projeto sentes que o grupo começou a dar de melhor?

P4 – Sim.

O - P9 achas que o grupo começou a dar melhor?

P4 - Mais ou menos.

O - P19?

P19 - Está na “mema”.

P8 – Melhorou.

P20 – Melhorou.

O – No último *focus group* foi dito que as atividade e profissões que gostavam ou queriam eram: jogador de futebol, atirador especial, polícia, condutor da ambulância, entre outros depois do projeto de teatro alguém sentiu vontade ou curiosidade em trabalhar em alguma das profissões ligadas ao teatro como... técnico de som, ator, técnico de luz...

P20 - Mesa de luz.

O - Após a implementação do projeto da forma como vocês veem o teatro é a mesma?

P4 - Percebi que no teatro não existem só atores, também existem técnicos com técnicos de luz.

O - P8?

P8 - Aprendi um bocadinho.

P20 - Fala?

P8 - Cala boca.

O - Queres dizer algumas dessas coisas que tenhas aprendido no jogo, nomes de teatro?

P8 - (não responde)

O - Então, não querem partilhar comigo as coisas que aprenderam?

**Todos** - (silêncio)

O - P4 após implementação deste projeto ficaste com vontade de experimentar alguma profissão ligada ao teatro? (orientador aponta para um de cada vez)

P20 - Só ver

P4 – Talvez.

P9 – Talvez.

P19 – Talvez.

P8 – Talvez.

O - Porquê talvez? Não podem explicar melhor?

Todos - (silêncio)

O- Consegues dizer-me algumas palavras ligadas ao teatro?

P4 – *Atores*.

P9 – *Personagens*.

P19 – *Followspot*.

O - Mais uma?

Todos - (risos)

P19 – *Figurinos*.

P8- *Palco*.

P20- *Som, luz, bastidores*.

O - Quais foram os pontos fracos deste projeto ou o que não gostaram? Qualquer um pode responder! (orientador aponta para cada um de forma individual)

P4 - Não sei.

P9 - Não sei.

P19 - Não sei.

P8 - Não sei.

P20 - Não sei.

O - E quais é que foram os pontos fortes do projeto na vossa opinião?

P19- *Aquelas improvisações que fizemos*.

O- P8?

P8 - O mesmo.

P20 - "Ya", as improvisações!

O - Numa palavra o que foi este projeto para vocês?

P4 - Rápido.

O - Rápido no sentido de pouco tempo?

P4 – Sim.

P9 - Foi bom.

O- P19?

P19 - Não sei.

P4 - Inventa, "pá"!

O - Vamos deixá-lo pensar!

P8 – Teatro.

P20 - Liberdade.

O - Falta o P19?

P19 - Engraçado.

O - Uma palavra para concluir?

P8 - Diversão.

O - Agradeço a presença de todos, muito obrigado pela vossa disponibilidade. Como disse eu já tinha dito os vossos nomes não irão aparecer em nenhuma parte do projeto. Obrigado pela colaboração.

**Fim**

## Anexo C - Diário de bordo

### DIÁRIO DE BORDO

Projeto de Intervenção:				
Contexto da intervenção:				
Mestranda/formadora:				
Sessão Nº:	Data:	Hora:	Local:	Nº de presenças:

Descrição da sessão	Inferências
<p>Quando cheguei a instituição os jovens encontravam-se dispersos pelos diferentes espaços. Pedi ao P2 que os avisassem que eu tinha chegado.</p> <p>Reunidos os participantes presentes, começamos a sessão, onde eu explicava o projeto e contextualizava os jovens a razão pela qual estava a iniciar o projeto de intervenção. Falamos também sobre as expectativas e sobre a planificação das sessões.</p> <p>Duração de 10 minutos.</p> <p>Após o acolhimento foi realizado um exercício de aquecimento:</p> <p>1º - Mover pelo espaço, livremente formando grupos de 2, 3, 4 sempre que pedido. Com duração de aproximadamente 5 minutos.</p> <p>2º - Observar a sala;</p> <p>3º - Com os olhos fechados foi-lhes feito algumas questões;</p> <p>a). Quantas cadeiras se encontram ao lado da mesa?</p> <p>b). Quantos puzzles estão em cima da mesa?</p> <p>c). Quantas lâmpadas se encontram acesas?</p> <p>Todos responderam as questões, com especial atenção o P2 acertou a todas as questões. A duração de foi de 15 minutos.</p> <p>Novamente reunidos em grande grupo, foi perguntado aos participantes o que tinham mais gostado e porque, e o que tinha sido mais difícil.</p> <p>P12 – Foi difícil porque não me consegui lembrar das coisas; Gostei</p> <p>P2 – Gostei mais do jogo de responder as perguntas; Foi fácil</p> <p>P7 – quase que acertei nas respostas todas</p> <p>P5 ausentou-se durante esse momento não podendo responder a esta pergunta.</p> <p>Após o momento da reflexão foi proposto ao grupo uma atividade/jogo em que iria ser muito importante o trabalho de</p>	<p>- Existe pouco espírito de grupo;</p> <p>- Os participantes recusam dar as mãos em exercícios de roda, bem como a tocar nos colegas;</p> <p>- No início do jogo caminhar pelo espaço, havia muita dispersão e os participantes não estavam concentrados;</p> <p>- Os participantes entusiasma-se quando existe possibilidade de haver um único vencedor;</p> <p>- Em jogos de grupo onde existe necessidade de cooperar e o vencedor é todo o grupo se cooperar existe da parte de cada participante um individualismo, pois preocupam-se em não arriscar. Exemplo jogo da folha.</p>

parceria/equipa. Foi explicado o jogo, a frente de cada elemento estaria uma folha branca, que iria simbolizar a casa deles, e seria colocado uma folha a mais. No jogo existiu um elemento exterior (convidada) que iria tentar ocupar a folha em branco. O objetivo foi fazer com que o grupo não deixasse o elemento exterior ocupar a folha, sendo que cada pessoa só podia ocupar uma.

Na primeira tentativa, a convidada conseguiu ocupar a folha com muita rapidez. O P2 e o P7 foram os únicos que tentaram proteger a folha em branco. O P12 não se mexeu.

Senti a necessidade de explicar as regras do jogo aos participantes uma segunda vez. Uma pessoa só podia ocupar uma folha, e que cabia a todo o grupo defender todas as folhas. Repetimos 3 vezes o jogo, no final já conseguiram fazer com que o elemento exterior tivesse dificuldade em apanhar uma folha.

O P12 começou a mover e a tentar ocupar a folha.

O P7 e o P2 comunicavam entre si, alertando um ao outro sobre a proximidade do elemento exterior.

Duração de aproximadamente 20 minutos;

Em roda foi pedido a cada elemento que fechasse os olhos e respirasse fundo, contando até 10 calmamente. De seguida foi pedido que um a um dissessem uma palavra para caracterizar a sessão.

P12 - jogos

P2 – energia

P7 – equipa

P5 - Ausentou-se

A sessão foi concluída com um diálogo sobre os níveis de energia e um pequeno momento de relaxamento

### **Avaliação geral da sessão**

**(objetivos, estratégias/atividades, tempo, recursos e formas de avaliação)**

A sessão decorreu de modo calmo, não foi cumprido o plano de aula com rigor, pois os participantes não estavam demonstrando muito interesse, como tal foi adaptada a planificação de acordo sem fugir ao tema da sessão as dinâmicas de grupo.

## DIÁRIO DE BORDO

Projeto de Intervenção: Contexto da intervenção: Mestranda/formadora:				
Sessão Nº: 2	Data:	Hora:	Local:	Nº de presenças:

Descrição da sessão	Inferências
<p>Foi aberta a sessão com um momento em que todos os participantes reuniram em forma de roda, de modo a tomar consciência do contexto sala de aula. Foi perguntado os níveis de energia de cada participante, os participantes apresentaram uma mistura heterogénea de níveis de energia.</p> <p>De seguida deu-se o aquecimento, este foi realizado dos pés até a cabeça, começou-se por aquecer os dedos dos pés, os tornozelos, joelhos, cintura, braços, pescoço e por fim a voz Foi dada a instrução do exercício caminhar pelo espaço. Durante o exercício Fraústo fez algumas piadas.</p> <p>Um segundo exercício foi imaginar que os participantes ficaram presos numa ilha e queriam pedir socorro, mas não conseguiam, então o orientador lançou o desafio dizendo que estratégia iriam utilizar para comunicar. O que deu origem ao discurso em resposta a questão lançada “O que podem fazer para serem salvos?”</p> <p>P2 – Transformamo-nos em canibais; P12 - Se houver comida não precisamos sair da ilha; P5 - Saímos a nado; P7 – quando passar um avião fazemos sinais;</p> <p>Em diálogo com os participantes chegamos a conclusão que a melhor forma de sair da ilha era construir um avião. Então apenas com o corpo tendo a obrigatoriedade de todas as peças estarem a tocar umas nas outras e funcionarem em conjunto, foi construído um avião com o corpo dos participantes. Este avião veio a ser complementado com o uso de movimento e som.</p> <p>Ao longo dos exercícios foi frequente ouvir os participantes dizerem “não sei fazer”. Na continuidade deste exercício, surgiu o exercício seguinte, o que é que as pessoas que saíram da ilha e viajaram de avião teriam para contar aa pessoas que os esperam no aeroporto?</p> <p>P2 - Uns vão chorar de alegria por estarem ao pé dos familiares; P7 - Vão a correr em direção aos familiares e saltam para cima deles;</p> <p>Este exercício foi feito em mímica podendo recorrer ao som, mas não à palavra, dramatizando desde a saída do avião o que aconteceria no aeroporto.</p> <p>Foi muito positivo entender a passagem dos participantes que começaram na ilha com a teatralização em grupo no princípio</p>	<p>O exercício correu de forma positiva e foi possível entender que os participantes ainda não estão familiarizados com exercícios teatrais, observando-se várias lacunas a nível da organização espacial, bem como no reconhecimento de elementos presentes no espaço.</p> <p>Os participantes pareciam estar a interessados sobre a questão. Fizeram perguntas e comentaram a o que os outros diziam.</p> <p>Os participantes apresentam grandes dificuldades em comunicar em grupo, bem como alguns apresentam dificuldades na fala, existe pouco espírito de grupo;</p> <p>Os participantes revelaram uma pouca vontade de realizar o exercício. Alguns tentaram simplificar as ações, não pensaram antes de falar dando respostas pouco elaboradas.</p> <p>Os participantes demonstraram alguma falta de interesse na realização das propostas. O grupo não estava coeso, existiu uma certa resistência em realizar as atividades</p>

<p>da sessão sofrendo um processo de adaptação até alcançar uma teatralização individual</p> <p>O P7 revelou ainda dificuldade em “saltar e abraçar pessoa que não existem” o que revela alguma fragilidade com a teatralização</p> <p>O fecho da sessão ocorreu com um grande diálogo com os participantes sobre as dificuldades e o que mais gostaram de fazer na sessão.</p>	<p>propostas.</p> <p>O momento de aquecimento foi muito positivo, demonstraram interesse e curiosidade. O facto de ter havido mais participantes fez com que os participantes dispersassem mais e quisessem mais brincar. É também importante constatar que as atividades propostas exigiam muita concentração e muita entrega por parte dos participantes e os mesmos estavam muito dispersos.</p>
---	---

**Avaliação geral da sessão**  
**(objetivos, estratégias/atividades, tempo, recursos e formas de avaliação)**

Foi frequente a presença de comportamentos agressivos para com os colegas é muito difícil ter o grupo todo junto sem estarem a ocorrer situações de conflito. Alguns participantes durante os exercícios acabaram por ter de ser separados pelo dinamizador da sessão.

## DIÁRIO DE BORDO

Projeto de Intervenção: Contexto da intervenção: Mestranda/formadora:				
Sessão Nº: 3	Data:	Hora:	Local:	Nº de presenças:

Descrição da sessão	Inferências
<p>Os participantes apresentam graves problemas comportamentais assim como desrespeito pelo grupo de participantes</p> <p>É difícil trabalhar a percepção do corpo através do movimento caminhar, saltar, equilibrar num pé com olhos fechados, transferências de peso, etc. com o grupo uma vez que estes recusam-se a realizar algumas atividades simples como fechar os olhos.</p> <p>No exercício onde cada participante chamava pelo seu próprio nome, provocou risos assim como algumas situações cómicas, com a implementação das variantes observamos que o grupo tem dificuldade em exprimir-se, assim como a maior parte dos exercícios são feitos sem cuidado em desempenhar bem o exercício.</p> <p>A reflexão sobre possíveis diferenças na forma como transmito a mensagem ao colega e como transmito ao meu “eu” revelou alguns espetos interessantes, pois na sua maioria os participantes referiram expressões como “sou responsável pelas coisas que digo não pelo que os outros entendem”. Mostrando pouca preocupação se a mensagens chega ao recetor com a devida qualidade.</p> <p>A dinâmica de grupo “Agarrados dois a dois”, onde os participantes formam duplas, um de costas para o outro com os braços entrelaçados, revelou atritos entre os participantes, alguns participantes recusaram-se a realizar a tarefa com determinado colega. A falta de cooperação foi outra dificuldade que os participantes encontram na realização desta atividade.</p>	<p>-Existem graves problemas nas relações interpessoais assim como é frequente a ocorrências de faltas de respeito;</p> <p>- Introduziu-se tempo obrigatório no desenvolvimento de determinada atividade, assim como a apresentação teria de respeitar determinado tempo em cena;</p> <p>- Alguns participantes recusam-se a formar grupo com determinados elementos por preconceito.</p>
<b>Avaliação geral da sessão</b> (objetivos, estratégias/atividades, tempo, recursos e formas de avaliação)	
<p>O grupo apresenta graves problemas nas relações interpessoais assim como problemas na convivência em grupo com os restantes elementos;</p> <p>Existe preconceito alguns elementos do grupo são discriminados pelos restantes elementos;</p> <p>Os exercícios que envolvam alguma ligação ao futebol são sempre muito bem aceites pelo grupo;</p>	

## DIÁRIO DE BORDO

Projeto de Intervenção: Contexto da intervenção: Mestranda/formadora:				
Sessão Nº:	Data:	Hora:	Local:	Nº de presenças:

Descrição da sessão	Inferências
<p>Iniciamos a sessão com um leve aquecimento, onde os participantes estabeleceram um ritmo de respiração comum e de seguida cada participante fez um som acompanhado com movimentos do corpo, como habitual este exercício provocou alguns riso e situações cómicas entre os participantes;</p> <p>Nesta sessão os participantes colocaram algumas questões sobre o meu percurso artístico, aos quais considerei pertinente responder de forma didática, aproveitando para introduzir vocabulário específico do teatro;</p> <p>O Jogo do balão revelou-se um jogo ao qual os participantes aderiram, inclusive quiseram aumentar o tempo do exercício. Neste exercício foi possível ver os participantes muito eufórico com o jogo, o que pode ser entendido como um aspeto positivo;</p> <p>O encerramento da sessão foi com o habitual diálogo seguido de um pequeno momento de reflexão momento de um breve momento de silêncio.</p>	<p>Nenhum participante se recusou a realizar;                      P2 esteve particularmente participativo;</p> <p>Notei que os participantes ficaram contentes em ouvir um pouco do meu percurso artístico;</p>
<b>Avaliação geral da sessão</b> (objetivos, estratégias/atividades, tempo, recursos e formas de avaliação)	
<p>Na sessão ocorreram alguns comportamentos, assim como por vezes foi usado vocabulário não adequado ao contexto. Alguns participantes mostram-se agressivos para os restantes colegas;</p>	

## DIÁRIO DE BORDO

Projeto de Intervenção: Contexto da intervenção: Mestranda/formadora:				
Sessão Nº: 5	Data:	Hora:	Local:	Nº de presenças:

Descrição da sessão	Inferências
<p>Antes de realizar a abertura da sessão ocorreu um pequeno momento de diálogo entre o dinamizador da sessão e os participantes sobre como estava a correr o mestrado e o estudo no qual estes estavam a participar. Os participantes estão a acompanhar o desenvolvimento do estudo interessando se por perguntar, como esta a decorrer o estudo do qual estes estão a fazer parte. De seguida em roda, os participantes sem comunicação verbal começaram por estabelecer um ritmo de respiração comum entre todo o grupo como é habitual ocorrem alguns riso e momentos de falta de concentração.</p> <p>Depois em roda cada participante fez um som acompanhado com movimentos do corpo, este movimento foi reproduzido pelos restantes colegas, gerando algumas situações de riso.</p> <p>Em pequenos grupos, procurou-se manter no ar um balão, utilizando diversas partes do corpo, tais como mãos, pés, ombros, cabeça, etc. O objetivo do jogo foi manter o máximo de tempo possível o balão sem tocar ou deixar cair no chão. As variantes foram introduzidas foram:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Os participantes só podem tocar com uma parte do corpo no balão (ex: ombros, dedo polegar, etc.)</li> <li>• Todos juntos cada participante só pode tocar no balão uma vez até todos tocarem, apenas uma vez;</li> <li>• Os participantes devem seguir a música expressando corporalmente e tocando no balão;</li> </ul> <p>Os participantes tiveram maior interesse quando se introduzi a vertente de que o participante que tocar mais vezes seguidas no balão ganha. Esta vertente foi introduzida para motivar o grupo e ajudar a motivar o grupo para o projeto.</p> <p>Na dinâmica de memorização onde foi escolhido um participante a quem foi vendado os olhos e este através da memorização teve de recordar a posição, cor da roupa, e pose dos colegas no momento antes de lhe ser vendado os olhos, alguns participantes desrespeitaram as regras do jogo espreitando por pequenas fissuras, ou retirando o pano dos olhos para espreitar.</p> <p>Na dinâmica de grupo a “Ilha Deserta”, foi interessante</p>	<p>Pareceu-me visível o interesse por alguns participantes no estudo do qual faz parte o projeto de intervenção;</p> <p>Alguns participantes como P8 entre outros revelam dificuldade, assim como vergonha em realizar alguns exercícios;</p> <p>- Esta dinâmica de grupo teve grande empenho e interesse por parte dos participantes;</p> <p>-As dinâmicas de grupo funcionam melhor quando existe apenas um vencedor e não uma equipa vencedora;</p> <p>- Parece existir um conjunto de participantes que dá as ideias/ordens e um outro grupo de participantes que apenas cumpre o que o</p>

<p>observar como alguns participantes em determinados momentos assumiram o papel de líderes do grupo. Alguns participantes apenas fizeram o que o restante grupo dizia</p> <p>Como habitual a sessão foi encerrada com um breve momento de silêncio e uma salva de palmas antes de abandonar a sala.</p>	<p>restante grupo diz;</p>
--	----------------------------

<p><b>Avaliação geral da sessão</b>  <b>(objetivos, estratégias/atividades, tempo, recursos e formas de avaliação)</b></p>
--

<p>s participantes apresentam algumas situações de mau comportamento, assim com desrespeito pelos colegas. É difícil manter o grupo unido com todos os participantes atentos focados e a trabalhar. É possível observar que em algumas dinâmicas de grupo onde existe um vencedor de um único participante os participantes têm maior grau de empenho. Por outro em atividades que exijam o coletivo para o sucesso de uma atividade o empenho dos participantes é menos.</p>
---

## DIÁRIO DE BORDO

Projeto de Intervenção: Contexto da intervenção: Mestranda/formadora:				
Sessão Nº: 6	Data:	Hora:	Local:	Nº de presenças:

Descrição da sessão	Inferências
<p>A maioria dos participantes falhou em termos de pontualidade, causando um atraso de 15 min na sessão, o que influenciou o ritmo da sessão. A sessão teve início com um aquecimento coletivo, com objetivo de relaxar o corpo e criar um ambiente próprio para a atividade teatral.</p> <p>Durante a abertura da sessão foi introduzido o exercício de procurar o enraizamento dos pés no solo (chão), libertação do corpo, abertura/postura do corpo/foco. Estes exercícios do método de Lecoq, contribuem para aumentar a concentração e relaxamento do corpo, bem como promovem a imaginação. Nesta sessão os participantes foram convidados a fecharem os olhos e sentirem-se uma pequena semente deitada sobre um solo macio e partirem da posição de uma pequena semente passando por uma árvore alta que envelhece e se quebra. Este exercício foi feito ao som do álbum <i>“Air- Le Voyage Dans La Lune”</i>.</p> <p>Outro grupo de aquecimentos que o grupo realizou foram os exercícios vocais “ma me mi mo um”, de seguida foi proposto ao grupo que cada participante propusesse um som o qual o grupo deve responder e o participante seguinte contruir um possível som de resposta ao som inicial e assim sucessivamente.</p> <p>Foi também distribuída uma folha por cada participante para desenvolver um desenho corrido, onde foi dado início a construção do desenho que a voz do formador é interrompida e o participante a sua direita da continuidade ao desenho e assim sucessivamente. Este exercício não correu bem na sua plenitude, pois alguns participantes fizeram desenhos menos próprios para o contexto da sessão. Uma vez que todos os participantes desenharam um pouco em cada folha não foi possível perceber qual o participante que desenhou figuras menos próprias para o contexto da sessão.</p> <p>A sessão foi concluída com a habitual colheita de “níveis de energia”, alguns exercícios de relaxamento muscular e o habitual momento de silêncio.</p>	<p>O atraso dos participantes condicionou a realização do aquecimento. Os participantes presentes estavam ansiosos para começar a sessão.</p> <p>O P2 estava esteve muito atento durante o exercício. Demonstrou ter muita sensibilidade na representação. Deixou-se levar pela música e parecia estar mesmo a sentir a evolução da pequena semente.</p>
<b>Avaliação geral da sessão</b> (objetivos, estratégias/atividades, tempo, recursos e formas de avaliação)	

Em algumas das folhas do desenho corrido, alguns participantes desenharam conteúdos impróprios para o contexto sala de aula, alguns conteúdos apresentavam algumas faltas de respeito. Esta situação possivelmente ocorreu, pois, alguns participantes perguntaram se era necessário por o nome na folha, não sendo assim possível identificar os autores. Outro facto é que todos os participantes desenharam em todas as folhas pelo que não é possível identificar quem foi o autor dos referidos conteúdos.

## DIÁRIO DE BORDO

Projeto de Intervenção: Contexto da intervenção: Mestranda/formadora:				
Sessão Nº: 7	Data:	Hora:	Local:	Nº de presenças:

Descrição da sessão	Inferências
<p>Iniciamos a sessão quando o grupo se mostrou pronto com exercícios de relaxamento e concentração. Todos os participantes deitados no chão da sala, imaginando um pequeno foco de luz brilhante, que se ia alastrando percorrendo todas as partes do corpo, de lhos fechados. Este pequeno foco de luz alastra-se pelos ombros, braços, mãos, peito, pés, barriga e pernas. Tentei dar tempo suficiente para que cada participante sentisse este pequeno foco de acordo com a circulação sanguínea conduzisse o ar ao mesmo tempo a todas estas partes do corpo. Por fim sugeri que os participantes se espreguiçassem e sentassem.</p> <p>No exercício “Anjo da guarda” os participantes andam pelo espaço formando vários grupos até não ficarem só com os amigos, mas em grupo ao acaso. Nesta altura o formador indicou para serem formadas duplas onde o da frente foi o protegido do anjo da guarda, que ficou atrás segurado pelos ombros. O protegido ficou com os olhos vendados, onde foi guiado pelo seu anjo da guarda. Depois de algum tempo invertem-se os papéis e os participantes tiveram oportunidade de sentira as sensações que os colegas estava a sentir.</p> <p>Fizemos uma roda, com um elemento central com olhos vendados, o elemento central devia confiar nos colegas deixando o corpo cair em qualquer direção e o grupo não o pode deixar cair no chão. Este é um exercício que aparentemente simples o grupo apresenta dificuldade em realizar.</p> <p>O Jogo dramático (interpretação) através da improvisação coletiva, em círculo, onde cada participante acrescentou uma frase a história que vai sendo construída, à medida que se vai acrescentando é um exercício que o grupo gosta de realizar.</p> <p>De seguida realizamos a Improvisação a partir de uma cadeira, sendo que esta nunca podia deixar de ser uma cadeira. Alguns participantes apresentaram algumas dificuldades em imaginar uma história como tal alguns elementos do grupo apoiaram com possíveis Ideias a desenvolver;</p>	<p>- Os participantes no seu geral têm alguma dificuldade em realizar exercícios de concentração;</p> <p>- Uma característica muito interessante é foi o caso do participante P12 que só agora começa a conseguir ultrapassar o medo de fechar os olhos, assim como esta a melhorar os seus níveis de confiança nos colegas, conseguindo realizar o exercício com sucesso;</p> <p>- Os participantes no seu geral começam a confiar mais nos colegas durante o desempenho dos exercícios de confiança;</p> <p>O grupo mostra especial interesse em trabalhar as improvisações;</p>

Por fim ocorreu o encerramento da sessão com diálogo e reflexão seguido do habitual momento de silêncio e salva de palmas;	
--	--

<b>Avaliação geral da sessão</b> <b>(objetivos, estratégias/atividades, tempo, recursos e formas de avaliação)</b>	
---	--

<p>Para a avaliação da sessão, pedi ao grupo para realiza primeiro a sua autoavaliação e de seguida contribuíssem com algum feedback sobre o projeto, tentando que surgisse o debate. No final dei a minha opinião ao grupo. Os objetivos da sessão foram cumpridos, os participantes participativos quando lhe foi pedido para realizarem as atividades.</p>	
---	--

<p>Fiquei especialmente feliz que P12 apresenta cada vez mais confiança no grupo. Este participante apresenta aina mais confiança no orientado da sessão pois fica sempre a falar com o orientador no fim assim como revela as razões pela qual veio para a instituição;</p>	
--	--

## DIÁRIO DE BORDO

Projeto de Intervenção: Contexto da intervenção: Mestranda/formadora:				
Sessão Nº: 8	Data:	Hora:	Local:	Nº de presenças:

Descrição da sessão	Inferências
<p>Na sessão passada houve introdução da regra dos aplausos no fim das improvisações-</p> <p>A sessão teve início com um pequeno aquecimento, realizando uma roda inicial, de novo os participantes recusam-se a dar as mãos. Como tal não foi possível cumprir o exercício com rigor, ainda assim os participantes organizaram-se em forma de roda, o formador pedi-o para fecharem os olhos e dizer o nível de energia com que cada participante chegou a sessão, o resultado foi uma mistura heterogênea de níveis de energia, pelo que o formador tentou homogeneizar o grupo com o exercício “Recordar”.</p> <p>Durante a aplicação do exercício “Recordar”, uma vez que os participantes vivem todos juntos, algumas respostas coincidiram, com a resposta a pergunta: Qual a primeira pessoa que viste hoje? A maior parte do grupo refreio-o nome de um dos educadores da instituição, responsável por cuidar do ambiente da casa instituição, onde estas sessões são dinamizadas. Ouvindo-se, comentário do género: - E és do meu grupo; consoante as respostas coincidiam.</p> <p>De seguida, realizou-se o exercício de caminhar pelo espaço, explorando o espaço, infelizmente este é um exercício muito complicado de realizar com este grupo, pois é frequente existir toque e brincadeiras entre os participantes P7 e P13 o que depois dificulta a realização positiva do exercício, com o resto do grupo. É muito frequente que os participantes se empurrem uns aos outros durante os exercícios, embora tenha sido explicado pelo formador que na realização deste exercício não pode haver toque. As variantes introduzidas ajudaram a controlar o grupo na medida que o objetivo participantes deixou de ser obter uma boa disposição uniforme do grupo pela sala e mudou para, cumprimentar o colega com as expressões “Olá, tudo bem? Tudo bem, obrigado”. Esta variante veio acalmar o grupo na medida que em vez de empurrarem o outro desta vez tinham uma atividade a cumprir com o outro. As restantes variantes, “melhores amigos”, “polícia”, “Inimigo” e “pessoa de outro planeta” correram de melhor forma normalizada, observando-se características teatrais engraçadas que os participantes acabam por recorrer inconscientemente, o que foi ótimo para a aproximação dos participantes ao exercício seguinte.</p>	<p>Os participantes recusavam a dar as mãos por existir um certo preconceito para um colega p5. Era frequente eles evitarem o toque entre eles, dizendo que haviam problemas de higiene. Essas situações deixavam o grupo muito agitado e propicio para se dispersarem.</p> <p>Apercebi-me que era mais fácil não insistir com os participantes para darem as mãos pois era um assunto que os deixava pouco à-vontade.</p> <p>O facto de os participantes residirem no mesmo espaço proporcionou uma resposta muito mais interessante na realização da atividade em que fazia perguntas sobre situações do dia. Tentaram se lembrar realmente do que se tinha passado, houve momentos de risadas. Foi possível sentir a união do grupo. Parecia que se estavam a formar parcerias (sentido de grupo).</p>

### Exercício das personagens

Foi distribuída uma folha branca pelos participantes, exemplificando numa folha branca o formador pedi-o para desenhar um retângulo na segunda metade da folha, ai os participantes escreveram 5 características físicas e cinco característica psicológicas, como era de esperar surgi-o da parte de alguns participantes dúvidas sobre o que é um personagem, foi então que o formador aproveitou para introduzir com base nesta necessidade alguns conceitos de teatro, realizado um pequeno diálogo sobre o que são:

- Atores;
- Personagens;
- Palco;
- Plateia;
- Público;
- Figurantes;

Na continuação do exercício, embora tenha sido referido pelo formador para desenharem o personagem em tamanho grande e de corpo inteiro, alguns participantes não cumpriram a atividade com o rigor pretendido não cumprindo estas indicações como tal voltaram a desenhar na mesma folha em tamanho maior.

De seguida foram numeradas as folhas de um a três, para formar grupos com número iguais, observou-se de novo que os participantes não querem trabalhar nem nenhum realizar nenhum exercício que implique o toque no participante P5, razão esta até então ainda desconhecida.

Foram então orientados os grupos de modo que o grupo produza uma improvisação teatral e como de costume o formador referi-o onde fica o público (Plateia), palco onde os atores interpretam personagens. Foi durante esta organização que surgi-o a aplicação das pancadas de *Molière*, antes das improvisações teatrais, onde foram também referidas as pancadas da forma portuguesa (7 pancadas), estas pancadas revelaram-se pertinentes na medida que tal como a sua função na idade média anunciar que o espetáculo de teatro vai começar, permite que o grupo de participantes faça silêncio. Esta medida, revelou ser um aspeto positivo do projeto pois permite uma melhor organização do grupo. Uma curiosidade foi alguns participantes querem experimentar dar as pancadas de *Molière* antes das improvisações, como foi o caso do P2.

Durante as improvisações o formador pedi-o que a meio da improvisação os grupos ficassem em estátua, lançando o debate o que esta mal aqui. Em geral as improvisações apresentaram problemas de:

- Má ocupação espacial do espaço (colegas que tapam colegas);
- Participantes falam muito baixo;
- Falar de costas para o público;
- Falta um momento onde cada improvisação é finalizada;

Por fim, foi realizado um diálogo final, onde o formador comentou o trabalho dos grupos bem como a nível individual.

E finalmente foi perguntado os níveis de energia

Outro caso merecedor de atenção foi o caso dos participantes P7 e P13 que rasgaram as folhas um do outro e como tal começaram de novo, gerando uma situação desconfortável para o restante grupo.

individualmente de cada participante, obtendo desta vez uma mistura mais homogênea, o formador disse para fechar os olhos ouvir o silêncio que o grupo conseguiria produzir. A sessão terminou com uma salva de palmas

Obs.: - O participante P1 recusou participar na apresentação do seu grupo na improvisação, no entanto esteve presente toda a sessão, na próxima sessão será realizado um pequeno diálogo com este participante, de modo a entender o sucedido, uma vez que não foi possível nesta sessão por causa do horário.

- Nesta sessão tivemos pela primeira vez o participante P15, no entanto não será contante, pois a carga horária escolar deste não permite que compareça.

**Avaliação geral da sessão**  
**(objetivos, estratégias/atividades, tempo, recursos e formas de avaliação)**

Os alunos começam a assimilar conhecimento e vocabulário específico da área artística do projeto;

A regra dos aplausos revelou ser importantes pois assim os participantes recebem incentivo por parte dos colegas, ocorrendo uma reação de afeto.

## DIÁRIO DE BORDO

Projeto de Intervenção: Contexto da intervenção: Mestranda/formadora:				
Sessão Nº: 9	Data:	Hora:	Local:	Nº de presenças:

Descrição da sessão	Inferências
<p>Antes da sessão ter início o formador reuni-o com alguns participantes de forma individual: Com P4 afim de entender o motivo pelo qual este parecia um pouco desmotivado com as sessões. Este afirmou que não gostava muito de teatro, mas que, no entanto, participava nas sessões sem saber porque. Foi então que o formador surgiu-o a proposta deste começar por ajudar a orientar as improvisações começando por fazer apenas figuração nas pequenas apresentações. De seguida o formador reuni-o com P1 com a mesma finalidade perceber o porquê de este não ter demonstrado interesse em participar numa das improvisações. Este referi-o sentir-se muito envergonhado. Como o formador referi-o que sendo um caso semelhante ao do P4 este poderia apenas fazer figuração nas improvisações. O plano da sessão foi cumprido, como tal a sessão teve início com os participantes dispostos numa roda inicial roda, onde foi possível realizar alguns minutos de silêncio afim de marcar o início da sessão, após estes minutos iniciais, o formador começou por perguntar os níveis de energia como habitual o resultado foi uma mistura heterogénea de níveis de energia. Para homogeneizar os níveis de energia o formador aplicou o exercício “Contagem” o exercício iniciou com muitas dificuldades pois os participantes não se escutavam. Até que P15 surgiu-o fazer uma alteração no exercício uma vez que o grupo nunca conseguia concluir esta tarefa com sucesso. A sugestão consistia em que o elemento que dizia o número deveria olhar para o participante seguinte assim não aconteceria o problema de dois participantes dizerem ao mesmo tempo. O nível de empenho nesta tarefa foi tão grande que os participantes quiseram tentar várias vezes. Durante estas tentativas chegou P7 atrasado a sessão e foi explicado o exercício, bem como exemplificado várias vezes. Assim continuou o exercício até que um participante olhou para P7 (indicação de que este deveria iniciar a contagem) e P7 em tom de gozo, referi-o número nove, número este que era absurdo tendo em conta que a contagem estava a chegar a casa dos vinte. Foi então que surgiu-o um pequeno desentendimento, todo o grupo ficou revoltado com P7 acontecendo até alguns empurrões dentro da sala de aula bem como desentendimentos verbais.</p>	<p>Foi necessário um momento individual com alguns participantes. Pois ao longo de algumas sessões pude reparar alguma desmotivação de alguns participantes. De forma a cativar os participantes que estavam pouco motivados fui de encontro as suas necessidades e os seus interesses para que esses não desistissem. Uma das bases do meu trabalho é manter os participantes interessados em conhecer o teatro e fazer com que esses se sintam motivados a pelo conhecer.</p>

No exercício “Recordar” os participantes responderam as questões e foi possível realizar o exercício com tranquilidade. Relativamente ao exercício “O que fizeste quando”, surgiram vários risos bem como diálogos paralelos ente os colegas do lado comentando, o que os participantes estavam dizendo. É relevante neste exercício dizer que se notou da parte de alguns participantes um certa motivação e aperfeiçoamento, pedindo para ser dos últimos a responder. Revelando motivação e empenho no cumprimento do exercício como foi o caso do P15.

Na improvisação final foram tidos em conta os participantes P1 e P4 como tal, P1 fez uma pequena figuração, onde era um dos passageiros do avião estando protegido por ter dois colegas na frente que eram os condutores do avião responsáveis por guiar o avião bem como o percurso da improvisação. Por sua vez P4 inserido numa pequena improvisação, onde interpretava um jogador de futebol estava rodeado por, mas jogadores este era o guarda-redes como tal apenas teria de se concentrar em estar sempre atento até ao remate. Num diálogo no final da aula com os participantes este alerta do formador para com estes participantes pareceu ter um feedback positivo. Pois ambos os participantes referiram sentir-se mais à-vontade no trabalho de sessão.

Para finalizar a sessão o formador reuni-o o grupo realizou uma reflexão indicando aspetos positivos e negativos da sessão, ocorrendo um breve diálogo os participantes referiram os níveis de energia com que se encontravam, sendo uma mistura heterogénea os níveis de energia referidos pelos participantes no seu geral estavam mais altos.

**Avaliação geral da sessão**  
**(objetivos, estratégias/atividades, tempo, recursos e formas de avaliação)**

O participante P1 começa a tremer e fica muito nervoso, quando se sente exposto ao grupo ou quando têm de improvisar em palco. A medida adotada para trabalhar esta dificuldade é que o participante apenas faz figuração nas improvisações até ir se sentindo mais confiante;

## DIÁRIO DE BORDO

Projeto de Intervenção:				
Contexto da intervenção:				
Mestranda/formadora:				
Sessão Nº: 10	Data:	Hora:	Local:	Nº de presenças:

Descrição da sessão	Inferências
<p>A Sessão teve início os participantes numa roda inicial, onde os participantes deram as mãos para realizar o momento inicial da sessão de teatro, onde ocorreu um momento de concentração muito bom. Esta concentração inicial, foi muito positiva na medida permiti-o realizar os exercícios seguinte com mais empenho.</p> <p>Os exercícios de caminhar pelo espaço têm vindo a ser uma forma de avaliar o projeto a nível pessoal na media em que têm vindo a ser uma evolução lenta, mas é especialmente interessante observar que cada vez mais este exercício é realizado com rigor, onde já é frequente observar que alguns participantes ficam chateados com os participantes que não estão a seguir a orientações do formador. O participante P7 sendo um caso específico deste exercício cumpre todos os exercícios, mas neste em especial, destabiliza o grupo indo contra os restantes membros. Assim o formador na tentativa de controlar pedi-o a P7 que durante este exercício espera-se até a conclusão do exercício sentado, pois ainda não esta a conseguir realizar o exercício. Esta foi uma atitude que resultou, pois, o restante grupo conseguiu cumprir com alguma qualidade o exercício. Esta atitude deverá ser constante da parte do formador nas sessões seguintes, afim de conseguir que os restantes participantes realizem o exercício.</p> <p>Relativamente ao exercício “O que é que fizeste quando...” este exercício foi bem aceite pelo grupo pelo que se prolongou por mais tempo, no entanto como o exercício estava a correr de forma positiva, foi opção de o formador deixar que o exercício se continua. Neste exercício foram ainda introduzidas algumas vertentes que não estavam na planificação como “contar mentira ou verdade” e os restantes participantes tiveram de adivinhar se era verdade ou mentira. Particularmente nesta variante do exercício surgiram muitas mentiras criativas bem como alguns participantes que após terem afirmado que o que estavam a dizer era verdade alguns elementos do grupo se exaltaram para afirmar que era o que o colega tinha acabado de contar era mentira, este foi o caso do P15 enquanto P2 realizava o exercício. Observa-se com frequência atitudes de agressividade que embora têm vindo a diminuir ao longo das</p>	<p>P7 apresentou comportamentos desestabilizadores da sessão;</p> <p>Notei que o grupo se comportou melhor após o participante P7 não participar no exercício;</p> <p>Pareceu-me ser visível o entusiasmo e até alguma ansiedade em começar a realizar os exercícios propostos</p>

sessões

O exercício de dividir a folha A4 para escrever palavras sobre teatro, finalização pretendida para o projeto, logótipo e *lettering* não correu como era esperado pelo que não foi possível concluir esta tarefa, uma vez que depois não daria tempo para finalizar a sessão como pretendido.

**Avaliação geral da sessão**  
**(objetivos, estratégias/atividades, tempo, recursos e formas de avaliação)**

A sessão não correu de acordo com o tempo planificado, pelo que não foi possível concluir todas os exercícios previstos, com o tempo estabelecido para cada exercício. Notei que o grupo apresentou de modo geral melhorias nos comportamentos, na confiança individual e coletiva, de modo que é menos frequente observar receio nos participantes quando são deparados com os exercícios.

## DIÁRIO DE BORDO

Projeto de Intervenção:				
Contexto da intervenção:				
Mestranda/formadora:				
Sessão Nº: 11	Data:	Hora:	Local:	Nº de presenças:

Descrição da sessão	Inferências
<p>No início da sessão alguns participantes chegaram atrasados e inicialmente não estavam muito motivados para a sessão de hoje, razão que não foi possível compreender embora, considero ser porque os participantes hoje queriam ir jogar futebol e depois recordaram-se que hoje era dia de teatro, no entanto durante o decorrer da sessão a motivação foi crescente.</p> <p>A sessão teve início com a habitual roda de mãos dadas, sendo que por motivos e informações sigilosas da instituição e após uma reunião com a direção da mesma ficou acordado que P5 não colaborará de forma direta nesta roda inicial.</p> <p>As respostas as questões:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Qual a primeira coisa que viste hoje?</li> <li>- Qual a primeira coisa que viste hoje?</li> <li>- Qual a primeira coisa que comeste hoje?</li> <li>- Quem foi a primeira pessoa que viste hoje?</li> <li>- Qual a primeira palavra que disseste hoje e a quem?</li> </ul> <p>É possível entender que os participantes têm vindo a ter respostas mais completas ou seja têm concluído-se que os participantes têm vindo a ter o cuidado de decorar por sabem que depois vai ser perguntado na sessão. Esta atitude da parte dos participantes revela um aspeto muito positivo para o projeto na medida em que revela que os participantes estão cada vez mais interessados e envolvidos com o projeto assim como o número de participantes a frequentar as sessões de livre e espontânea vontade têm vindo a aumentar, o que revela outro aspeto positivo de que o projeto tem vindo a ter impacto na vida destes jovens.</p> <p>No exercício da folha A4 dividida em quatro partes iguais é também possível concluir que os participantes têm vindo a adquirir vocabulário novo sobre o teatro. Relativamente as respostas sobre como deve ser finalizado o projeto na sua maioria o grupo referi-o uma improvisação de nível interno ou então um jogo teatral com todos. Relativamente aos exercícios de <i>logótipo</i> e <i>lettering</i>, os participantes na sua maioria revelaram pouco interesse na conclusão destas atividades salvo</p>	<p>Os participantes começam a assimilar mais acentuadamente os conhecimentos transmitidos de modo informal. Uma vez que se aperceberam que depois é perguntado.</p> <p>Os participantes começam a responder ao formador com respostas mais completas sobre conhecimentos teatrais;</p> <p>É notório o ganho de</p>

<p>algumas exceções. Na sua maioria este exercício apresentou uma fraca criatividade da parte dos participantes.</p> <p>Relativamente ao exercício final de improvisação como sempre este é um exercício que os participantes mais gostam na sua maioria, e frequentemente estar presente o tema do futebol nestas, mesmo quando o estímulo inicial dado pelo formador não tem nenhuma ligação com o futebol. Ainda assim este foi um exercício muito positivo, pois permiti-o falar sobre alguns teatros portugueses, como foi o caso do teatro meridional, teatro D. Maria II, teatro São Luiz... e sobre companhias de teatro como Trigos Limpo-ACERT, teatro Praga.... E algumas formas de trabalhar o teatro como teatro comunidade na foto do espetáculo viagem do elefante, teatro num palco profissional. Por fim, foi ainda produzido um pequeno diálogo sobre o que é um monólogo de acordo com as fotos do espetáculo António Maria produzido pelo teatro meridional.</p> <p>Houve algum atrito no grupo de participantes que ficou com as imagens do espetáculo teatral em exibição no teatro São Luiz-Filhos das mães, pois o grupo de participantes não queria interpretar os papéis femininos que estavam presentes na imagem como tal, este grupo fugiu um bocadinho a imagem realizando só personagem masculinos.</p> <p>A sessão terminou com a habitual reflexão sobre o trabalho desenvolvido na sessão, exercício de respiração concentração, onde foi feito um minuto de silêncio marcando o encerramento da sessão.</p>	<p>vocabulário específico da área teatral;</p> <p>As improvisações teatrais estão muitas vezes relacionadas com o futebol;</p> <p>Alguns participantes apresentaram curiosidade sobre o que é um monólogo;</p>
<p><b>Avaliação geral da sessão</b> (objetivos, estratégias/atividades, tempo, recursos e formas de avaliação)</p>	
<p>Os participantes apresentam preconceito em interpretar personagens do sexo feminino, como tal modificaram os personagens feminino, para personagem masculino. No geral a sessão correu de modo positivo.</p>	

## DIÁRIO DE BORDO

Projeto de Intervenção: Contexto da intervenção: Mestranda/formadora:				
Sessão Nº: 12	Data:	Hora:	Local:	Nº de presenças:

Descrição da sessão	Inferências
<p>A sessão teve início com os habituais exercícios de aquecimento, onde se procura sempre construir uma roda de mãos dadas o que nem sempre é possível, pois os participantes reagem sempre de forma imprevisível ao exercício de dar as mãos. Nesta sessão foi frequente observar os participantes a segurarem nos pulsos uns dos outros, para formar a roda inicial. É possível observar evoluções relativamente ao contacto físico com o outro participante embora depende sempre do colega a quem devem dar as mãos.</p> <p>No exercício “Quem é líder” é de realçar que dependendo do participante que esta a ser líder no momento as orientações são aceites pelos restantes participantes de modo diferente. Um caso particularmente interessante foi o de P5, pois os participantes ofereceram muita resistência as suas orientações, quando este assumi-o o papel de líder. Por outro lado e de modo positivo, foi possível observar que P15 de modo persuasivo através de expressões tipo “Bora lá pessoal” e “vá eu quero ver quem consegue são tão fraquinhos” conseguiu sem impor a voz dirigir grupo.</p> <p>O exercício dar uma nova interpretação a um saco de plástico, foi aceite com muitas dificuldades de imaginação, pois o formador não exemplificou as possibilidades do exercício na primeira aplicação do exercício. É de realçar que após a exemplificação do exercício pelo Formador o exercício decorreu com muita mais criatividade. Um caso particularmente revelante deste exercício foi o caso de P12, que apresentou grande dificuldade na realização do exercício tanto antes da explicação do formador como após o motivo pelo qual o formador encontra para justificar tal acontecimento deve-se ao facto deste participante ter grande dificuldades bem como algumas limitações na aprendizagem. Outro caso particularmente interessante foi o caso dos participantes P12 e P3 após perguntas tipo “Há é isto poder ser o que eu quiser” tinham explosões de criatividade transformando o saco respetivamente numa nave espacial e numa mota. Outros participantes ficaram pela transformação do saco numa máscara onde introduziam a cabeça no interior do saco. Um outro acontecimentos particularmente interessante foi a necessidade que alguns participantes tiveram de moldar e dar</p>	<p>Devido ao grupo começar a interessar-se mais pelo projeto a abertura e finalização da sessão decorre com fluência, pois alguns participantes sugerem e antecipam alguns movimentos;</p> <p>No exercício “quem é líder” as orientações são aceites de diferentes formas, de acordo com o participante que esta a liderar;</p> <p>P12 e P3 apresentaram elevada criatividade durante o decorrer da sessão;</p>

forma ao objeto como foi o caso do P7 que transformou o saco num “barco de papel” bem como após o formador ter referido a obrigatoriedade de interagir com esse objeto, P7 construiu um chapéu para a cabeça semelhante aos tradicionalmente construídos em papel. Assim percebeu-se a necessidade do concreto por parte de alguns participantes e que os participantes com uma capacidade de abstração melhor conseguiram realizar o exercício com maior à-vontade face a tarefa proposta.

A sessão terminou com a habitual roda final, onde se fecham os olhos de mãos dadas e a há obrigatoriedade de terminar com um momento de silêncio que nem sempre tem vindo a ser fácil de conseguir, prolongando o exercício até a sua conclusão com sucesso.

**Avaliação geral da sessão**  
**(objetivos, estratégias/atividades, tempo, recursos e formas de avaliação)**

A sessão foi muito produtiva e todos os participantes presentes aceitaram realizar os exercícios propostos pelo dinamizador da sessão. Foi especialmente interessante observar a concentração que alguns membros do grupo disponibilizaram para os exercícios.

## DIÁRIO DE BORDO

Projeto de Intervenção:				
Contexto da intervenção:				
Mestranda/formadora:				
Sessão Nº: 13	Data:	Hora:	Local:	Nº de presenças:

Descrição da sessão	Inferências
<p>A sessão teve início com os habituais exercícios de aquecimento, onde se procura sempre construir uma roda de mãos dadas o que nem sempre é possível, pois os participantes reagem sempre de forma imprevisível ao exercício de dar as mãos. Nesta sessão foi frequente observar os participantes a segurarem nos pulsos uns dos outros, para formar a roda inicial. É possível observar evoluções relativamente ao contacto físico com o outro participante embora depende sempre do colega a quem devem dar as mãos.</p> <p>No exercício “Quem é líder” é de realçar que dependendo do participante que esta a ser líder no momento as orientações são aceites pelos restantes participantes de modo diferente. Um caso particularmente interessante foi o de P5, pois os participantes ofereceram muita resistência as suas orientações, quando este assumi-o o papel de líder. Por outro lado e de modo positivo, foi possível observar que P15 de modo persuasivo através de expressões tipo “Bora lá pessoal” e “vá eu quero ver quem consegue são tão fraquinhos” conseguiu sem impor a voz dirigir grupo.</p> <p>O exercício dar uma nova interpretação a um saco de plástico, foi aceite com muitas dificuldades de imaginação, pois o formador não exemplificou as possibilidades do exercício na primeira aplicação do exercício. É de realçar que após a exemplificação do exercício pelo Formador o exercício decorreu com muita mais criatividade. Um caso particularmente revelante deste exercício foi o caso de P12, que apresentou grande dificuldade na realização do exercício tanto antes da explicação do formador como após o motivo pelo qual o formador encontra para justificar tal acontecimento deve-se ao facto deste participante ter grande dificuldades bem como algumas limitações na aprendizagem. Outro caso particularmente interessante foi o caso dos participantes P12 e P3 após perguntas tipo “Há é isto poder ser o que eu quiser” tinham explosões de criatividade transformando o saco respetivamente numa nave espacial e numa mota. Outros participantes ficaram pela transformação do saco numa máscara onde introduziam a cabeça no interior do saco. Um outro acontecimentos particularmente interessante foi a</p>	<p>Os participantes apresentaram melhorias quanto ao contacto físico;</p> <p>Alguns participantes gostaram muito de realizar o exercício do saco;</p> <p>Inicialmente P12 apresentou grande dificuldade na realização do exercício;</p>

necessidade que alguns participantes tiveram de moldar e dar forma ao objeto como foi o caso do P7 que transformou o saco num “barco de papel” bem como após o formador ter referido a obrigatoriedade de interagir com esse objeto, P7 construiu um chapéu para a cabeça semelhante aos tradicionalmente construídos em papel. Assim percebeu-se a necessidade do concreto por parte de alguns participantes e que os participantes com uma capacidade de abstração melhor conseguiram realizar o exercício com maior à-vontade face a tarefa proposta.

A sessão terminou com a habitual roda final, onde se fecham os olhos de mãos dadas e há obrigatoriedade de terminar com um momento de silêncio que nem sempre tem vindo a ser fácil de conseguir, prolongando o exercício até à sua conclusão com sucesso.

**Avaliação geral da sessão**  
**(objetivos, estratégias/atividades, tempo, recursos e formas de avaliação)**

Na avaliação da sessão foi pedido aos participantes que fizessem uma pequena avaliação consciente da sua participação e empenho no decorrer da sessão. No final dei o meu feedback pessoal sobre os participantes no decorrer da sessão sem esquecer o habitual incentivo.

## DIÁRIO DE BORDO

Projeto de Intervenção: Contexto da intervenção: Mestranda/formadora:				
Sessão Nº:	Data:	Hora:	Local:	Nº de presenças:

Descrição da sessão	Inferências
<p>A sessão começou com um diálogo com o participante que ajudou a orientar a sessão, o diálogo com P7 foi algo simples como, mostrar a planificação da sessão e explicar o que se pretendia com cada exercício. Embora na verdade esta seja apenas uma forma de motivar estes jovens e uma forma diferente de os ligar com o projeto, este é o exercício que motiva alguns jovens como é o caso dos participantes P5, P7, P13, P15.</p> <p>Particularmente interessante é ver a evolução do grupo nos exercícios de introdução a sessão e conclusão da sessão, pois estes realizam o aquecimento inicial sem o formador ter a necessidade de pedir, ou seja, no aquecimento corporal os participantes sabem a ordem dos exercícios entende-se então uma familiarização com o projeto.</p> <p>Nos exercícios “em pares deixar cair e ser amparado” e “formação de um círculo e uma pessoa no meio que se deixa ampara pelo restante grupo”, entrando em comparação com o mesmo exercício em sessões anteriores, observa-se claramente que o grupo esta mais coeso, pois o formador não teve de insistir tanto aos participantes para realizar o exercício com confiança. Um caso particularmente interessante tem sido o do P12 que apresentava inicialmente grandes dificuldades em realizar estes exercícios, realizou este exercício nesta sessão de forma confiante. Sendo aplaudido por todo o grupo. Julgo que esta tenha sido uma vitória, para o grupo e considero que alguns exercícios realizados anteriormente contribuíram para alcançar este ponto do projeto. Um dos exercícios realizados anteriormente que veio a contribuir foi o exercício de todo o grupo elevar o corpo em modo de ritual do chão, pois considero que permitiu que o participante percebesse que o grupo conseguia segurar o seu peso desenvolvendo assim confiança no grupo.</p> <p>Relativamente ao trabalho sobre o exercício de apresentação final, os participantes realizaram a formação de grupo para discutir como será realizada a apresentação, onde mais uma vez os participantes P15 e P7 destacaram-se pelo seu empenho na atividade. Alguns problemas que os grupos</p>	<p>- P7 mostrou-se muito empenhado em dirigir a sessão.</p> <p>-P7, P5, P13, P15 mostraram-se especialmente interessados em dirigir alguns exercícios;</p>

apresentam nas improvisações são:

- Falta de um fio condutor;
- Falar muito baixo;
- Estar de costas para os colegas;
- Posição em cena desadequada, tapando os restantes colegas.

Estes serão pontos a trabalhar e melhorar nas próximas sessões até a apresentação final.

**Avaliação geral da sessão**  
**(objetivos, estratégias/atividades, tempo, recursos e formas de avaliação)**

A sessão decorreu com o incumprimento da planificação, no entanto os participantes pediram mais tempo para melhorar a apresentação final, pelo que serão adicionadas duas sessões extra. Embora não tenha sido possível cumprir a planificação da sessão a sessão revelou um aspeto positivo, pois os participantes ao pedirem sessões extra revelaram empenho no projeto.

## DIÁRIO DE BORDO

Projeto de Intervenção: Contexto da intervenção: Mestranda/formadora:				
Sessão Nº: 15	Data:	Hora:	Local:	Nº de presenças:

Descrição da sessão	Inferências
<p>Nesta sessão foi escolhido um participante para ajudar a orientar a sessão, esta foi um método de trabalho que se revelou muito eficiente, pois todos os participantes aderiram de modo positivo;</p> <p>Reunido o grupo deu-se a abertura da sessão, realizada do modo habitual, silêncio inicial, níveis de e energia e corpo.</p> <p>De seguida ocorreram algumas questões do formador para os participantes, estas questões foram:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Qual a primeira coisa que viste hoje?</li> <li>• Qual a primeira coisa que comeste hoje?</li> <li>• Quem foi a primeira pessoa que viste hoje?</li> <li>• Qual a primeira palavra que disseste hoje e a quem?</li> </ul> <p>- De seguida ocorreu o aquecimento da voz com a leitura de pequenos trava-línguas, e os já anteriormente exercícios de “ma me mi mo mu” exercícios de diafragma e o “(Ksss);</p> <p>-Após estes exercícios aplicou-se a dinâmica de grupo das folhas, onde os participantes tiveram inicialmente alguma dificuldade em funcionar como grupo, pois inicialmente nenhum elemento do grupo abandona a sua casa para proteger a do colega. Com o decorrer do jogo os participantes funcionaram melhor como grupo</p> <p>- Hoje foi preparado o exercício de apresentação final. Este esta a revelar-se um exercício muito interessante, pois os participantes estão a aderir de forma muito positiva e pediram até mais tempo de projeto para conseguir melhorar o resultado final o Que revela interesse dos participantes pelo projeto</p> <p>Como é habitual o encerramento da sessão foi realizado com um diálogo e reflexão sobre o trabalho desenvolvido de seguida ocorreu momento de silêncio fechando a sessão.</p>	<p>Notei que ficaram contentes em perceber que poderiam vir a liderar o grupo;</p> <p>Alguns participantes não se lembraram, não conseguindo assim responder as questões;</p> <p>Alguns participantes têm medo de ser os culpados pelo grupo perder como tal não abandonam a sua casa para proteger a do colega e por consequente não funcionando como grupo;</p> <p>- Os participantes pediram para ter sessões extra para apresentar o projeto o que leva a concluir que os participantes estão empenhados;</p>

**Avaliação geral da sessão**  
**(objetivos, estratégias/atividades, tempo, recursos e formas de avaliação)**

Apesar de desejar que o grupo cumpra as planificações do projeto, considero mais importante adaptar o projeto a realidade presente, sendo esta uma característica da educação não formal. Assim considero o facto de os participantes pedirem sessões extra de teatro como uma avaliação muito positiva para o projeto.

## DIÁRIO DE BORDO

Projeto de Intervenção: Contexto da intervenção: Mestranda/formadora:				
Sessão Nº: 16	Data:	Hora:	Local:	Nº de presenças:

Descrição da sessão	Inferências
<p>Demos início o a sessão com os participantes dispostos numa grande roda todos de mãos dadas, com os habituais exercícios iniciais, colheita de níveis de energia e respiração de grupo. (Respiração com o grupo todo)</p> <p>De seguida começamos por:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Sorver o ar imaginando uma palhinha e expirar lentamente com som forte. Foi também introduzida a variante de pé e com as pernas fletidas.</li> <li>• Realizar o processo de respiração em 5 tempos de inspiração e 5 de expiração, em 6 tempos e 3 tempos. As variantes introduzidas foram realizar o exercício de pé, em roda e em movimento pelo espaço.</li> <li>• Deitados em roda, produzindo sons ma. me, mi, mo, mu e Ksss, Ksss, Ksss – ativando a parte do ventre e do diagrama. Durante o exercício tentei orientar para que os participantes sentissem o movimento, colocando as mãos sobre a parte referida.</li> <li>• Fizemos pressão com os lábios, produzindo o som de uma moto, combinando com a inspiração e a expiração.</li> <li>• Aquecimento a pares esfregando costas, ombros, mãos, pernas, pés e cabeça.</li> </ul> <p>Os participantes estiveram nos respetivos grupos a trabalhar e ensaiar as apresentações finais, foi frequente alguns participantes irem aos quartos buscar adereços para as improvisações, assim como acessórios. Foi frequente alguns participantes estarem nervosos e pedirem ajuda ao orientador da sessão, ajuda na encenação das teatralizações. Foi também frequente ocorrem algumas trocas de ideias, pois dentro dos pequenos grupos alguns participantes não quiseram abdicar das suas ideias.</p> <p>Por fim os participantes apresentaram o trabalho desenvolvido</p>	<p>Todos os participantes realizam os exercícios com muita fluidez e confiança.</p> <p>Em geral, os participantes apresentam um comportamento aceitável e respeitador no projeto.</p> <p>São notórias as melhorias nas relações interpessoais destes participantes, ocorre mias vezes o respeito e a escuta da opinião do outro no trabalho de grupo</p> <p>Os participantes estão muito mais envolvidos com o projeto, apresentam maior grau de interesse no projeto.</p>
<b>Avaliação geral da sessão</b> <b>(objetivos, estratégias/atividades, tempo, recursos e formas de avaliação)</b>	

A sessão correu de acordo com a planificação, os participantes estão mais autónomos e os participantes estão mais motivados com o projeto. Notei que há que os participantes cada vez mais ouvem as opiniões dos colegas apresentado grande melhorias nas relações interpessoais.

Esta foi a sessão onde os participantes funcionaram melhor como equipa!

## DIÁRIO DE BORDO

Projeto de Intervenção: Contexto da intervenção: Mestranda/formadora:				
Sessão Nº: 17	Data:	Hora:	Local:	Nº de presenças: 20

Descrição da sessão	Inferências
<p>Esta foi a última sessão que o grupo realizou, foram apresentadas pequenas história teatrais criadas e produzidas ao longo do projeto;</p> <p>Inicialmente o grupo apresentou-se muito barulhento, no entanto à medida que foram sendo realizados alguns exercícios com o grupo, houve algumas melhorias.</p> <p>As apresentações correram de forma muito positiva, sendo possível observar uma boa concentração da parte dos participantes. Alguns participantes exclamaram não querer apresentar porque o grupo que apresentou era melhor, no entanto mostrei aos participantes, que o importante era apresentar as apresentações que cada grupo preparou e que o que é melhor para uns pode não ser para os outros.</p> <p>Como habitual os participantes discutiram quem daria as “Pancadas de <i>Molière</i>”.</p> <p>Após as apresentações foi realizada uma pequena reunião de discussão do trabalho realizado.</p> <p>No final dei o meu feedback, mostrando como estava feliz por conseguir esta vitória com um grupo que inicialmente até por vezes se recusou a realizar os exercícios propostos.</p> <p>Por fim terminamos a sessão com uma grande salva de palmas para o grupo;</p>	<p>As “Pancadas de <i>Molière</i>” revelaram-se importantes ao longo de todo o processo pois além de ser uma forma de indicar que o espetáculo vai começar ajudava a que o grupo respeitasse as apresentações dos restantes colegas;</p> <p>Em geral os participantes ficaram entusiasmados com as apresentações dos colegas, ocorrendo risos em alguma partes cómicas das apresentações.</p>
<b>Avaliação geral da sessão</b> <b>(objetivos, estratégias/atividades, tempo, recursos e formas de avaliação)</b>	
<p>No final da sessão todos os participantes estavam visivelmente satisfeitos com o resultado do trabalho desenvolvido ao longo do projeto. Saíram entusiasmados, senti que os participantes estavam orgulhosos do trabalho desenvolvido. Alguns participantes perguntaram se o projeto podia continuar.</p>	

## ANEXO D- TABELA DE INDICADORES DE AVALIAÇÃO POR BLOCOS

Bloco 1 (sempre, às vezes, nunca)

Indicadores	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	P11	P12
O participante é assíduo e pontual	A	S	N	N	A	N	N	N	N	N	N	N
Respeita o espaço/meio envolvente	S	S	A	A	A	A	S	N	A	A	A	A
Respeita os equipamentos e materiais da sessão	S	S	N	A	A	A	S	N	A	A	A	S
Realiza as tarefas propostas	A	S	S	A	S	A	S	A	A	A	N	A
É empenhado e concentrado nos exercícios propostos	A	S	A	A	A	A	S	A	A	A	A	A

## Tabela de indicadores de avaliação – Bloco2

Indicadores	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	P11	P12	P13	P14	P15
O participante é assíduo e pontual	A	S			S	A	A		N	N	A	S		A	
Respeita o espaço/meio envolvente	S	S			A	A	A		A	A	A	A		A	
Respeita os equipamentos e materiais da sessão	S	S			A	A	A		A	A	A	A		A	
Realiza as tarefas propostas	S	S			S	A	A		S	S	S	S		S	
É empenhado e concentrado nos exercícios propostos	S	A			S	A	A		A	A	A	A		A	

## Tabela de Indicadores de avaliação - Bloco3

Indicadores	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	P11	P12	P13	P14	P15	P16	P17	P18	P19	P20
Desenvolveu a consciência e sentido estético;	S	A	S	A	S	A	A	A	A	N	N	N		S	S	S		N		
Reconhece terminologia específica da linguagem teatral;	A	A	A	A	A	A	S	N	A	S	A	A		S	S	S		S		
Desenvolveu estratégias de comunicação, relações interpessoais, trabalho de equipa, resolução de problemas e tomadas de decisão;	A	A	A	N	N	A	A	A	N	A	N	A		S	S	S		S		
Adquiriu e desenvolveu capacidades nos domínios da expressão e comunicação vocal e corporal;	A	A	A	N	A	A	S	N	N	S	A	A		A	S	S		S		
Desenvolve uma prática reflexiva tendente a romper com estereótipos culturais e preconceitos; Analisa acontecimentos da sessão utilizando argumentos válidos na discussão; - Aceita e integra a opinião dos outros;	S	S	A	N	N	A	A	N	N	A	N	A		N	S	S		N		
Evidencia aprendizagens significativas dos conhecimentos de si, do outro e do mundo, através dos processos dramáticos; Através do jogo teatral conhece se melhor a si e ao outro;	A	S	N	N	N	N	A	N	A	N	N	A		N	S	S		N		

## Tabela de indicadores de avaliação – Bloco4

Indicadores	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	P11	P12	P13	P14	P15	P16	P17	P18	P19	P20
Desenvolveu a consciência e sentido estético	A	A	S	N	S	A	S	N	N	A		A	S	S	S	S		S	S	S
Aprendeu estruturas dramáticas e códigos teatrais	S	S	S	A	S	A	S	A	N	S		N	S	S	S	S		S	S	S
Desenvolveu estratégias de comunicação, relações interpessoais, trabalho de equipa, resolução de problemas e tomadas de decisão;	A	S	S	N	A	A	S	N	N	A		A	S	S	S	S		S	S	S
Adquiriu e desenvolveu capacidades nos domínios de expressão e comunicação vocal e corporal	A	S	S	N	S	A	S	N	N	S		A	S	S	S	S		S	S	S
Desenvolve uma prática reflexiva tendente a romper com estereótipos culturais e preconceitos;	A	S	S	N	A	N	S	S	N	N		N	S	S	S	S		A	N	N
Evidencia aprendizagens significativas dos conhecimentos de si, do outro e do mundo, através dos processos dramáticos;	A	S	S	N	A	A	S	S	N	N		N	S	S	S	S		A	N	N

## Tabela de indicadores de avaliação – Bloco5

Indicadores	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	P11	P12	P13	P14	P15	P16	P17	P18	P19	P20
Desenvolveu a consciência e sentido estético	N	N	A	N	S	A	A	N	N			N	S	S	S	S				
Aprendeu estruturas dramáticas e códigos teatrais	S	S	S	N	S	A	S	N	N			A	S	S	S	S				
Desenvolveu estratégias de comunicação, relações interpessoais, trabalho de equipa, resolução de problemas e tomadas de decisão;	S	S	S	A	A	S	S	N	N			S	S	A	A	A				
Adquiriu e desenvolveu capacidades nos domínios de expressão e comunicação vocal e corporal;	A	S	S	A	A	S	S	N	N			A	S	S	S	S				
Desenvolve uma prática reflexiva tendente a romper com estereótipos culturais e preconceitos;	N	S	S	N	S	A	S	N	N			N	S	A	S	S				
Evidencia aprendizagens significativas dos conhecimentos de si, do outro e do mundo, através dos processos dramáticos;	N	S	S	N	S	A	S	N	N			N	S	A	S	S				

## Tabela de indicadores de avaliação – Bloco6

Indicadores	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	P11	P12	P13	P14	P15	P16	P17	P18	P19	P20
O participante é assíduo e pontual;	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S		S	S		S	S	S	S	S	S
Respeita o espaço/meio envolvente;	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S		S	S		S	S	S	S	S	S
Respeita os equipamentos e materiais da sessão;	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S		S	S		S	S	S	S	S	S
Desenvolveu a consciência e sentido estético;	S	S	S	A	S	S	S	A	A	A		A	S		S	S	A	A	A	A
Aprendeu estruturas dramáticas e códigos teatrais;	S	S	S	A	S	S	S	A	A	A		S	A		S	S	A	A	A	A
Desenvolveu estratégias de comunicação, relações interpessoais, trabalho de equipa, resolução de problemas e tomadas de decisão;	S	S	S	S	A	S	S	A	A	S		S	S		S	S	A	A	S	S
Adquiriu e desenvolveu capacidades nos domínios de expressão e comunicação vocal e corporal;	S	S	S	A	S	S	S	A	A	S		A	S		S	S	A	A	A	A
Desenvolve uma prática reflexiva tendente a romper com estereótipos culturais e preconceitos;	S	S	S	A	S	S	S	A	A	S		S	S		S	S	A	A	A	A
Evidencia aprendizagens significativas dos conhecimentos de si, do outro e do mundo, através dos processos dramáticos;	S	S	S	A	S	S	S	A	A	S		S	S		S	S	A	A	A	A

## ANEXO E- ANÁLISE DE CONTEÚDO DO *FOCUS GROUP* INICIAL

1ª fase: organização das unidades de registo em indicadores

Unidades de registo (UR)	Indicadores	Freq. UR
P1- Não...(silêncio) (...nem toda a gente se dá bem aqui dentro)	Existência de conflitos entre os alunos da instituição	1P1, 2P3, 1P6, 1P2, 1P7, 1P8, 1P12
P3- Há partida há sempre conflitos...		
P6-Não. (...nem todos se dão bem aqui)		
P2- (Abana a cabeça sorrindo) (...nem toda a gente se dá bem aqui)		
P7-Não (...nem todos se dão bem aqui)		
P8-(Envergonhado tapando a cara) Não (...nem todos se dão bem aqui)		
P3- Alguns colegas. (...não se dão bem)		
P12- Não, não. (...nem todos se dão bem)		
P4- Só quem quer. (...é que se dá bem)	Existência de situações em que não existem conflitos	3P4, 2P3, 1P10
P3- Tirando exceções.		
P3- Sim, alguns colegas...mas a maioria dá-se!		
P4- Damo-nos todos bem! (Firme) (diz sim com a cabeça)		
P4- Eu dou-me bem com todos.		
P10- (faz gesto com a cabeça dizendo que sim) (...que todos se dão bem)		
P3- (silêncio)	Dificuldade em explicar a ocorrência de conflitos	1P3,1 P1, 1P12
P1- Não sei... (...explicar melhor)		
P12- Hum... (muito embaraçado)		
P5-Não sei (reticente) (...o que se pode fazer para resolver os conflitos)	Dificuldade em propor formas de resolução de conflitos	1P5, 1P6, 1P8
P6- Não sei... (...o que se pode fazer para melhorar)		
P10- Não sei. (Muto envergonhado) (...o que fazer para melhorar)		
P3- (interrompendo) Aqui “damos” todos bem. (Risos)	Recurso à ironia relativamente à existência de conflitos	3P3, 1P4, 1P11
P4- Yha, yha, damo-nos todos bem! (irónico)		
P3- (continuando em tom irónico) Partilhamos, isso tudo.		
P3-Damo-nos todos bem. (Irónico)		
P11- Toda gente se dá bem. (sério)		
P11- (fazendo brincadeiras) é mentira, nem todos se dão bem, falta respeitar os outros. (Rindo)		
P4- Não, deixa o P5 falar. “Chiba-te”!	Comentários entre os participantes marginais à	2P4, 3P3,

P3-A expressão dramática... (risos)	conversa	1P4, 1P11, 1P7
P4- (interrompendo) agora foste tu... “ouviste tou te a ver” ... és tu (Para P7)		
P4- “Cool”..		
P11- “Ya”.		
P3- (Gestos e palavras obscenas) (risos)		
P4- Calma, calma...		
P3- É burro vais levar uma chapada.		
P7- Veio desse lado.		
P3- Foi ele. P4- É assim que depois dá problemas.		
P4- Olha outro.	Comentários desvalorizando a resposta do colega	2P4 1P11, 1P3, 2P4
P4- (Repete em tom de gozo) Respeito.		
P11- No mocho. (...gostava de jogar em que equipa)		
P9- (Chateado) Ham, ham... que piada...		
P3- Diz em português para a gente perceber...		
P4- Escolhe uma coisa estilosa.		
P4- Fazer tipo... (gestos)	Comentários discordando da resposta do colega	1P4
P4- Não, diz ao contrário		
P3-(interrompendo) Ele disse que não há respeito porque...porque o colega “esta a se expressar” e ele esta a rir... (apontando para P5) não esta a respeitar o espaço dos outros (apontando para P9)	Comentários sobre atitudes e comportamentos dos colegas	4P3, 1P4, 2P8, 1P3, 1P11
P4- Ele acorda cedo lá para as seis...		
P3- (aponta para P5) Não...ele entra as oito, mas acorda as seis para ir tomar banho e fica lá uma hora.		
P8- Depois vai para escola...		
P3- E chega atrasado.		
P8- Não ele chega a tempo da aula...		
P3-Chega atrasado!		
P3-Inventa.		
P11- A arte dele é ficar calado...ele como é morcego...		
P3- Ele quer ser cantor. (risos)		
P12- Hum... então...		

(silêncio)		
P3- Podes ser segurança!		
P3- Está dizendo tudo torto...		
P8- Já fez series.	Comentários sobre a experiência teatral do colega	1P8, 2P3, 2P4
P3- Ele é ator.		
P4- Tá no youtube e tudo.		
P3-Web serie		
P4-Todas as raparigas da escola andam atrás dele		
P4- Ele é o mais novo.	Comentários para explicitação da resposta do colega	1P4, 1P11, 1P12, 1P13
P11- Apsss... ele esta sempre com os monitores, nunca "tá connosco"!		
P11- Ele esta sempre com os monitores ... é normal nuca está "connosco". (aponta para P12)		
P12- (Indica que sim com gestos) (...que está sempre com os monitores)		
P3- Ele tem de conviver mais com os jovens.		
Todos- Não... (...querem dizer mais nada sobre o assunto)	Apelo para não falar de determinado assunto	1P3
P3- Acho que é tudo... não queres dizer nada P5, acho que tu tens mais alguma coisa a dizer. (zoando)		
P5- Ham, ham, ham...		
P3- (Fazendo gesto de cortar o pescoço) Fala com a boca calada! (Risos)		
P5- (Respondendo a pergunta inicial "O que se pode fazer para resolver os conflitos") É aqueles que se dão mal fazerem tudo junto, "tarem" uns com os outros, aqueles que dão-se mal;	Trabalho em equipa	2P5
P5- Trabalho de equipa. (...para ajudar a resolver os conflitos)		
P5-Sim... (...há grupos que se dão bem e grupos que se dão mal)	Existência de subgrupos com conflitos	1P5
P2- Respeito. (...o que se pode fazer para melhorar)	Respeito em relação aos mais velhos	3P2
P2- Respeitar os mais velhos		
P2- Sim (rindo)		
P2- E os mais velhos respeitarem os mais novos	Respeito em relação aos mais novos	1P2
P8- (Muito envergonhado) Respeitar o espaço dos outros. (...o que se pode fazer para melhorar)	Respeito pelo espaço do outro	1P8, 1P9
P9- Todos bem. Respeitar o espaço dos outros.		
P8- Não mexer sem autorização.	Respeito pelos pertences do outro	1P8
P3- Ter mais calma... (fazendo gestos de calma)) (...o que se pode fazer para	Manutenção da calma	1P3

melhorar)		
P3- falando.... (silêncio A falar é que se entende.	Diálogo	1P3
P4- Respeitar! P4- Respeitar uns aos outros.	Respeito mútuo	2P4, 1P12
P12- Respeitar. (...o que se pode fazer para melhorar)		
P12- Eu gosto de ver filmes.	Gosto por ver filmes	1P12
P12- Lutas marciais. P12- Sim...Sim.	Gosto por lutas marciais	1P12
P12- Humm....Ler. (...o que não gosta de fazer	Ausência de gosto pela leitura	1P12, 1P4, 1P6, 1P11
P4- Muita coisa... não gosto de ler, ...		
P6- Ler e ...! (...o que não gosta de fazer)		
P11- Não sei... ler também... (...o que não gosta de fazer)		
P11- Eu gostava era de fazer para-queda	Gosto por paraquedismo	1P11
P11- Gosto de sair. P11- Todos os dias(sorrindo) P11- Atividades.... (risos)(embaraçado) sair de skate.	Gosto por andar de skate na rua	1P11
P10- Gosto de dormir.	Gosto por dormir	1P10
P10- Não gosto de barulho, gosto de ver televisão... P10- (envergonhado não responde)	Gosto por ver televisão	1P10
P9- Gosto de jogar futebol. P9- Não. (...joga em nenhuma equipa) P9- Numa qualquer. (...posição na equipa de futebol)	Gosto por jogar futebol	1P9, 1P4, 1P3, 1P8, 1P6, 1P5
P4- (interrompendo) Jogar futebol! P4- Não. (...joga em nenhuma equipa)		
P3- Jogar a bola. (feliz) (...o que gosta de fazer)		
P8- Jogar futebol. (...o que gosta de fazer)		
P6- Jogar a bola. (...o que gosta de fazer)		
P5- Gosto de jogar futebol.		
P9- Eps... não sei. (silêncio) (...o que não gosto de fazer)	Dificuldade em escolher uma atividade de que não goste	1P9
P4- Gostava (muito entusiasmado). (...de ter formação em futebol)	Interesse em ter formação em futebol	1P4, 1P3, 1P2
P3- Gosto (de estudar sobre futebol),		
P2-E também sobre futebol.		
P4- não gosto de (...) fazer limpezas...	Ausência de gosto por fazer limpezas	1P4
P3- Não gosto de estudar. P3- não gosto de estudar determinadas matérias.	Ausência de gosto por estudar	2P3, 1P7, 1P6, 1P1
P3- Não gosto de estudar matemática.		

P7- Estudar. (...o que não gosta de fazer)		
P6- ... e estudar! (...o que não gosta de fazer)		
P1- Não gosto de matemática.		
P2- Educação física.	Gosto pelas aulas de Educação Física	1P2, 1P3
P3- Educação física.		
P8- Acordar para ir para a escola! (muito envergonhado) (...não gosta de fazer)	Ausência de gosto pela escola	1P8
P8- (muito envergonhado) Telemóvel. (risos). (...o que gosta de fazer)	Gosto pelo uso do telemóvel	1P8
P7- Computador. (...o que gosta de fazer)	Gosto pelo uso do computador	1P7
P4- Achas psssssss... (...para fazer trabalhos da escola)	Recurso à ironia na resposta sobre o uso do computador para os TPC	1P4, 1P7
P7- Óbvio. (risos, esconde a cara)		
P2- (sorrindo) Estudar, ... (...o que gosta de fazer)	Gosto pelo estudo	1P2
P2- (sorrindo) ...fazer culinária... (...o que gosta de fazer)	Gosto pela culinária	1P2
P2- (sorrindo) (... jogar jogos. (...o que gosta de fazer)	Gosto por jogos em diferentes suportes	1P2, 1P1
P2- Jogos no computador na playstation, jogar nos matraquilhos, ping pong...		
P1- Hum... jogar...vídeo jogos... (...o que gosta de fazer)		
P2- Estar parado. (...o que não gosta de fazer)	Ausência de gosto pela inatividade	1P2
P5- Gosto de fazer exercício. (risos, P3, P4 e P8)	Gosto pela atividade física	1P5
P3- O quê...		
P5- Não gosto de acordar cedo. (risos, P3, P4 e P8)	Ausência de gosto por acordar cedo	1P5
P1- ...ouvir música... (...o que gosta de fazer)	Gosto por música	1P1
P1- Gosto. (...de teatro) P1- Ver. (...gosta mais do que de fazer)	Gosto por ver teatro	1P1, 1P6, 1P7, 1P8, 1P3, 1P10, 1P4, 1P12
P6- Só de ver. (...teatro)		
P8- Só de ver		
P3- Sim... (...gosta de teatro). P3- Gosto de ver... e não sei nunca fiz... podia gostar.		
P7- Só de ver. (...gosta de teatro)		
P10- Ver. (...gosta mais de...)		
P4-Só de ver... também nunca fiz..		
P12- Ver.		
P1- Não tenho muita. (...experiência de teatro)	Ausência de experiência em atividades de teatro	1P1, 1P6, 1P8, 1P12
P6- Não! (...experiência em teatro)		
P8-Não. (...tem experiência)		
P12- Nenhuma. (...experiência em teatro)		

P1- Não sei... trabalho em equipa (...o que é o teatro)	Teatro como trabalho em equipa	1P1, 1P6, 1P8
P6- Trabalho de equipa (...o que é o teatro)		
P8-Trabalho de equipa.		
P5- Sim (...gosta de teatro)	Gosto por fazer teatro	1P5, 1P10
P10- Gosto e já fiz. P10-Uma peça, mas foi só na escola.		
P5- Já fiz algumas coisas, curtas...	Experiência em teatro	1P5 1P2
P2- Fiz uma peça de teatro no quarto ano, na escola.		
P2- Das duas coisas. (...gosta de ver e fazer teatro)	Gosto por ver e fazer teatro	1P2
P2- Comedia. (...o que é o teatro)	O teatro enquanto comédia	1p2
P7- Representação. (...o que é o teatro)	O teatro enquanto representação	1P7, 1P3
P3- É fazer a malta entender a história.		
P4- É para transmitir cultura.	O teatro como transmissão cultural	1P4
P9- Não gosto de teatro!	Ausência de gosto pelo teatro	1P9, 1P4, 1P11, 1P12
P4- Não. (...gosto de teatro)		
P11- Não gosto de teatro. P11- Já tive uma experiência e não gostei. P11- É uma seca! É sempre a mesma porcaria... e desisti porque não me apeteceu. P11- Eu prefiro estar sossegado. (risos)		
P12- Eu... não. (...gosto de teatro)		
P4- Nada. (...o que é o teatro)		
P12- Hum não sei. (...o que é o teatro)	Dificuldade em definir Teatro	1P4, 1P12
P10- Muito trabalho, pouco descanso. (...o que é o teatro)	O teatro como atividade cansativa	1P10
P11- Quero ser padre. P11- Porque acredito em deus. P11- Ajuda, ajuda a rezar. (risos)	Escolha do sacerdócio enquanto profissão	1P11
P10- Ainda não sei.	Ausência de escolha profissional	1P9, 1P10
P9- Não sei ainda.		
P9- Jogador de futebol.	Escolha do futebol enquanto atividade profissional	1P9, 1P4, 1P3
P4- Também jogador futebol. P4- Porque eu gosto. E vou ser ... é o meu sonho e vou atrás dele.		
P3- Jogar de futebol...		
P8- "Youtuber".	Escolha da informática enquanto atividade profissional	1p8, 1P4

(risos) P8- Na, na, na... P8-Informático ou.... Informático.		
P5- Polícia e informático. P5- Porque goste de computadores.		
P3- Não sei... P3- Porque é bonito	Dificuldade em explicar as razões da escolha profissional	1P3, 1P6
P6- Sei lá. (...porquê)		
P3- Polícia.	Escolha da atividade policial como profissão	1P3
P2- Chefe de cozinha. P2- Porque gosto de culinária.	Escolha da gastronomia como atividade profissional	1P2
P6- Eletricista.	Escolha da profissão de eletricista	1P6
P1- Eu... gostava de ser atirador especial, ... P7- Atirador especial.	Escolha da profissão militar especializada	1P7, 1P1
P12- Eu queria ser socorrista. P12- Gosto do barulho das ambulâncias.	Escolha do socorrismo enquanto atividade profissional	1P12

2ª fase: organização de categorias e subcategorias em temas

Tema	Categoria	Subcategoria	Indicador	UR/Ind/part.	UR/Ind.
Relações interpessoais	Vivências conflituais na instituição	Reconhecimento da existência de conflitos	Existência de conflitos entre os alunos da instituição	1P1, 2P3, 1P6, 1P2, 1P7, 1P8, 1P12	8
			Existência de subgrupos com conflitos	1P5	1
			Existência de situações em que não existem conflitos	3P4, 2P3, 1P10	6
		Dificuldade em falar sobre os conflitos	Dificuldade em explicar a ocorrência de conflitos	1P3,1 P1, 1P12	3
			Recurso à ironia relativamente à existência de conflitos	3P3, 1P4, 1P11	5
			Dificuldade em propor formas de resolução de conflitos	1P5, 1P6, 1P8	3
	Possíveis formas de resolução dos conflitos	Comunicação e colaboração	Trabalho em equipa	2P5	2
			Diálogo	1P3	1
		Respeito pelo outro	Respeito mútuo	2P4, 1P12	3
			Respeito em relação aos mais velhos	3P2	3
			Respeito em relação aos mais novos	1P2	1
			Respeito pelo espaço do outro	1P8, 1P9	2
			Respeito pelos pertences do outro	1P8	1
	Controlo da atitude	Manutenção da calma	1P3	1	
	Relações entre os participantes no decurso do focus group	Comentários bloqueadores da situação	Comentários entre os participantes marginais à conversa	2P4, 3P3, 1P4, 1P11, 1P7	8
			Apelo para não falar de determinado assunto	1P3	1
		Comentários construtivos para a situação	Comentários discordando da resposta do colega	1P4	1
			Comentários para explicitação da resposta do colega	1P4, 1P11, 1P12, 1P13	4
		Comentários sobre as intervenções dos colegas	Comentários desvalorizando a resposta do colega	2P4 1P11, 1P3, 2P4	6
			Comentários sobre atitudes e comportamentos dos colegas	4P3, 1P4, 2P8, 1P3, 1P11	9
			Comentários sobre as preferências e expectativas dos colegas	3P3	3
			Comentários sobre a experiência teatral do	1P8, 2P3, 2P4	5

			colega		
1	Interesses e preferências pessoais	Atividades recreativas	Gosto por ver filmes	1P12	1
			Gosto por ver televisão	1P10	1
			Gosto por jogos em diferentes suportes	1P2, 1P1	2
			Gosto por ouvir música	1P1	1
			Gosto por dormir	1P10	1
		Atividades físico-desportivas	Gosto por lutas marciais	1P12	1
			Gosto por paraquedismo	1P11	1
			Gosto por andar de skate na rua	1P11	1
			Gosto pela atividade física	1P5	1
			Gosto por jogar futebol	1P9, 1P4, 1P3, 1P8, 1P6, 1P5	6
			Interesse em ter formação em futebol	1P4, 1P3, 1P2	3
		Atividades escolares	Gosto pelas aulas de Educação Física	1P2, 1P3	2
			Gosto pelo estudo	1P2	1
		Atividades digitais	Gosto pelo uso do telemóvel	1P8	1
			Gosto pelo uso do computador	1P7	1
	Atividades de vida diária	Gosto pela culinária	1P2	1	
	Atividades rejeitadas	Atividades de vida diária	Ausência de gosto por fazer limpezas	1P4	1
			Ausência de gosto por acordar cedo	1P5	1
			Dificuldade em ficar inativo	1P2	1
		Atividades escolares	Ausência de gosto por estudar	2P3, 1P7, 1P6, 1P1	5
			Ausência de gosto pela leitura	1P12, 1P4, 1P6, 1P11	4
			Ausência de gosto pela escola	1P8	1
			Recurso à ironia na resposta sobre o uso do computador para os TPC	1P4, 1P7	2
	Expectativas e escolhas para o futuro	Desporto	Escolha do futebol enquanto atividade profissional	1P9, 1P4, 1P3	3
		Forças de Segurança	Escolha da profissão militar especializada	1P7, 1P1	2
			Escolha da atividade policial como profissão	1P3	1
		Saúde	Escolha do socorrismo enquanto atividade profissional	1P12	1
Serviços		Escolha da informática enquanto atividade profissional	1p8, 1P4	2	

			Escolha da gastronomia como atividade profissional	1P2	1
			Escolha da profissão de eletricista	1P6	1
			Escolha do sacerdócio enquanto profissão	1P11	1
		Dificuldade na escolha	Ausência de escolha profissional	1P9, 1P10	2
			Dificuldade em explicar as razões da escolha profissional	1P3, 1P6	2
Opinião dos participantes sobre o teatro	Atitude face ao teatro	Adesão	Gosto por ver teatro	1P1, 1P6, 1P7, 1P8, 1P3, 1P10, 1P4, 1P12	8
			Gosto por fazer teatro	1P5, 1P10	2
			Gosto por ver e fazer teatro	1P2	1
		Não adesão	Ausência de gosto pelo teatro	1P9, 1P4, 1P11, 1P12	4
	Experiência em atividades teatrais	Não participação	Ausência de experiência em atividades de teatro	1P1, 1P6, 1P8, 1P12	4
		Participação	Experiência em teatro	1P5 1P2	2
	Conceção de teatro	Processo de trabalho	Teatro como trabalho em equipa	1P1, 1P6, 1P8	3
			O teatro como atividade cansativa	1P10	1
		Função cultural	O teatro enquanto comédia	1p2	1
			O teatro enquanto representação	1P7, 1P3	2
			O teatro como transmissão cultural	1P4	1
	Dificuldade em definir Teatro	1P4, 1P12	2		

## ANEXO F- ANÁLISE DE CONTEÚDOS DO *FOCUS GROUP* FINAL

Tema	Categoria	Subcategoria	Indicador	UR/Ind/part.	UR/Ind.	
Relações interpessoais	Vivências na instituição	Reconhecimento da existência de conflitos	Existência de conflitos entre os alunos da instituição	1P3,1P2,2P7,1P16, 2P13, 1P12, 1P4,	9	
		Reconhecimento da evolução do grupo face a situações de conflito	Existência de situações em que não existem conflitos	1P1,1P2,1P15, 1P16, 1P13, 1P12, 1P6,	7	
			Relevância do trabalho de grupo realizado	1P7	1	
	Relações entre os participantes no decurso da entrevista de grupo	Comentários bloqueadores da situação	Comentários entre os participantes marginais à conversa (Situações de conflito)	1P20, 1P8, 1P4	3	
			Comentários sobre exposição pessoal;	1P12	1	
			Distração dos participantes	1P6	1	
		Comentários sobre as intervenções dos colegas	Comentários desvalorizando a resposta do colega	1P15	1	
	Opinião dos participantes sobre o teatro	Atitude face ao teatro	Adesão	Gosto por teatro	1P7, 1P6, 1P12, 3P12, 1P16	7
				Gosto por ver teatro	1P20	1
Gosto por ver e fazer teatro				1P3,	1	
Mudança positiva na forma de ver o teatro;				1P17, 1P15, 1P1, 1P2, 1P3, 1P13	6	
Gosto em ter participado no projeto;				1P17, 1P1, 1P2, 1P7, 1P15, 2P3, 1P5, 2P12, 2P16, 3P13, 2P6,	17	
Gosto por improvisação				1P19, 1P20	2	
Vontade de ir mais vezes ao teatro;				1P16	1	
indecisão			Indecisão no gosto por ver e fazer teatro	1P4, 1P9, 1P19, 1P8	4	
Não adesão			Não ocorreu mudança na forma de ver o teatro após a implementação do projeto;	1P13	1	
Opinião dos participantes sobre o projeto	Benefícios do projeto	Apreciação positiva	Gosto por exercícios realizados durante o projeto	1P7, 1P6	2	
			Opinião positiva sobre o projeto;	1P2, 1P15, 1P8, 1P20, 1P4, 1P9	6	
			Vontade de ter mais tempo de projeto	1P13,	1	

		Aprendizagens realizadas durante o projeto	Aprendizagens em teatro	1P4, 1P9, 1P19, 1P8, 1P20, 2P16, 2P12, 2P6, 2P16, 2P13, 1P4, 1P8	17
			Aquisição de vocabulário relativo ao teatro;		8
		Efeitos positivos do projeto	Vontade de saber mais sobre o teatro	2P16, 1P13	3
			Curiosidade sobre aspetos específicos do teatro;	1P3, 1P7, 1P15	3
	Colaboração entre os alunos através do projeto		1P1,1P2	2	
	Problemas identificados	Dificuldades sentidas durante o projeto	Dificuldade em dizer o que não gostaram no projeto	1P4, 1P9, 1P19, 1P8, 1P20	5
			Dificuldade em responder às perguntas do Focus Group;	1P12	1
			Dificuldade em realizar alguns exercícios;	1P1, 1P2,	2
		Ausência de efeitos	Opinião negativa sobre melhorias nas relações interpessoais	1P4	1
	Novos formatos	Sugestões	Melhorias na ótica dos participantes para um próximo projeto;	1P13	1
		Novas preferências	Gosto por malabarismo	1P1	1
			Vontade de aprender outras artes;	1P1	1
			Gosto por paintball;	1P7	1

## focus grup final nº1

1ª fase: organização das unidades de registo em indicadores

Unidades de registo (UR)	Indicadores	Freq. UR
P3- Fala mais alto;	Existência de conflitos entre os alunos da instituição	1P3,1P2,2P7
P2- Espera... lembra-se quando nós fizemos aqueles desenhos... houve ali umas porcarias nos desenhos... e também houve brincadeiras, com algumas pessoas como com o P5, e também alguns a meterem-se comigo na brincadeira. E também contigo! (apontando para P7)		
P7- Mas eu defendo-me! Eu respondo...		
P7- Eu disse: eu respondo, mas ele fica a chorar;		
P17- Sim, acho que sim;	Existência de situações em que não existem conflitos	1P1,1P2,1P15
P1 - Sim, começou a dar-se melhor só que houve uma brincadeira no início com o P5 que deram para o torto e...		
P2 – Sim, acho que sim		
P15- Eu acho que melhorou um pouco!		
P3- Eu acho que... melhorou		
P7- Melhorou, por causa das atividades que fizemos aqui em grupo!	Relevância do trabalho de grupo realizado	1P7
P15- Estas a contraria o que dizes;	Comentários desvalorizando a resposta do colega	1P15
P7- Mais teatro;	Gosto por teatro	1P7
P1- Malabarismo;	Gosto por malabarismo	1P1
P7- Exercícios coordenados... eu gostei daquele exercício de por aqui os pés;	Gosto por exercícios realizados durante o projeto	1P7
P2- eu não consegui fazer alguns exercícios;	Dificuldade em realizar alguns exercícios;	1P2
P1- Eu gostava... como o formador sabe vários tipos de arte... eu gostava de saber mais sobre outras artes.	Vontade de aprender outras artes;	1P1
P2- Eu acho que foi bom;	Opinião positiva sobre o projeto;	1P2, 1P15
P15- Eu gostei assim;		
P7- Eu gostava de fazer paintball;	Gosto por paintball;	1P7
P17- Uma forma de se exprimir... a visão que eu agora tenho do teatro é que são os atores a exprimir-se a si próprios	Mudança positiva na forma de ver o teatro;	1P17, 1P15, 1P1, 1P2, 1P3
P15- Mudou porque... passei a gostar de teatro;		
P1- Sim mudou... porque antes via o teatro como uma forma de passar o tempo... mas agora vejo como uma forma de trabalhar em grupo... exprimir os seus sentimentos as emoções... e de trabalho como o “O” nós ensinou, os técnicos,		

produtores...		
P2- Sim, mudou agora sei que o teatro é uma forma de trabalho;		
P3- Mudou (...)		
P7- Aprendi exercícios...	Aprendizagens em teatro	1P7, 1P3, 1P5, 1P7
P3- Mudou, porque nunca tinha trabalhado teatro... e também aprendi aquela cena de teatro de rua na visita de estudo... e aprendi aquela cena das pancadas... pancadas de Molière.		
P5- Aprendi a fazer teatro, que eu antes não sabia as técnicas de palco... e as pancadas de Molière;		
P7- Porque nós aprendemos mais sobre teatro;		
P3 – Sim;	Vontade de saber mais sobre o teatro	1P3, 1P1, 1P2, 1P5
P1- Gostava de saber com é que se trabalha com as Luzes... aprender como são escolhidos os figurinos... como vimos na visita ao teatro nacional S. Luís.		
P2- Sim;		
P5- Eu fiquei com vontade de saber mais coisas sobre teatro, pois gostei de enfrentar o público;		
P3- Designer de som, Operador de som...	Curiosidade sobre aspetos específicos do teatro;	P3, 1P7, 1P5
P7- Mesa de som... estás-te a rir do quê? Sabes que têm o “O” falou e vimos quando fizemos a visita ao teatro. Gostava de aprender a trabalhar com a parte técnica, as cenas de subir e descer cenários, abrir e fechar cortinas, as Luzes, as máquinas...		
P15- Ahhhhhh... Daí é que vêm a palavra operador.		
P3- Eu gosto de ver teatro e até gosto de fazer teatro!	Gosto por ver e fazer teatro	1P3
P15- Atores, comédia;	Aquisição de vocabulário relativo ao teatro;	1P15, 1P5
P5- Rir, chorar, figurinistas e teatro de rua;		
P17- Sim, porque fiquei a saber mais coisa sobre teatro;	Gosto em ter participado no projeto;	1P17, 1P1, 1P2, 1P7, 1P15, 2P3, 1P5,
P1- Eu gostei, porquê aprendi novas coisas sobre o teatro e comecei a conviver mais com as pessoas... a minha relação com o grupo mudou;		
P2- Sim, porquê achei muito divertido;		
P7- Gostei de participar neste projeto de Teatro;		
P15- Porque em vez de estar sem nada para fazer, tive uma experiência engraçada		
P3- Eu gostei;		
P5- Eu gostei, porque ajudou-me a fazer amizade com os restantes colegas.		
P3- Ter uma noção de teatro, gostar teatro e de representar é engraçado.		

P1- Ver todos a colabora num projeto, juntos sem confusões;	Colaboração entre os alunos através do projeto	1P1, 1P2,
P2- Ter todo mundo... ter toda gente aqui reunida;		
P17- Diferente;	Palavras-chave do projeto	1P17, 1P1, 1P2, 1P7, 1P15, 1P3, 1P5
P1- Colaboração;		
P2- Diversão;		
P7- Fantástico;		
P15- Criativa;		
P3- Incrível;		
P5- Aprender;		

## Anexo *focus grup* final nº2

AC Focus group FINAL

1ª fase: organização das unidades de registo em indicadores

Unidades de registo (UR)	Indicadores	Freq. UR
P16 - Sim começou a haver menos conflito, a malta gastava a energia toda nas sessões de teatro, mas ainda há alguns conflitos.	Existência de conflitos entre os alunos da instituição;	1P16, 2P13, 1P12
P13 - Olha...aquilo das folhas de desenhar que eles até escreveram...		
P13 - Porque houve pessoas que desenharam coisas que não eram próprias para estar nas folhas;		
P12 - O que correu menos bem no projeto...também foi a coisa das folhas;		
P16 - Muito melhor, sim.	Existência de situações em que não existem conflitos;	1P16, 1P13, 1P12, 1P6
P13 - Para mim melhorou um pouco, mas eu já interagia com o grupo todo.		
P12 - Sim o grupo começou a dar-se melhor		
P6 - Começou a dar-se melhor a falar mais uns com os outros		
P12 - Posso dizer qualquer coisa?	Comentários sobre exposição pessoal;	1P12
P6 - Algumas coisas;	Participantes distraídos;	1P6
P12 - Porque gostava...aaaaa...gosto dessa profissão; (polícia)	Gosto por pela profissão de polícia;	1P12
P6 - Gostei quando fui o encenador.	Gosto por exercícios realizados durante o projeto;	1P6
P13 - Passei a ver de outra forma, não são só atores como vimos nas visitas de estudo têm cenógrafos, produtores.	Mudança positiva na forma de ver o teatro;	1P13
P13 - Sim	Não ocorreu mudança na forma de ver o teatro após a implementação do projeto;	1P13
P16 - Aprendi a fazer improvisação.	Aprendizagens em teatro;	2P16, 2P12, 2P6, 2P16, 2P13,
P12 - As coisas que eu aprendi...como se deve estar num palco.		
P6 - Fiquei a saber aquela cena das palmadas. (P6 - Pancadas de Molière)		
P16 - E Designer de som...também aprendemos mais coisas... técnicas de teatro, pancadas de Molière...		
P13 - Aprendemos a organizarmo-nos para fazer peças de teatro e improvisações.		
P16 - Confiança;		
P13 - Cenógrafo, figurinistas, personagens, figurantes haaaaaaaaaaaa... os técnicos de luz como é que se chama? O "stor" vá... de teatro, profissional numa escola... haaaaaa os de artistas e produção já disse...		

P16 - (completando) encenação, tanta coisa...		
P12 Atores, atrizes, cartazes;		
P6 – Amizade, atores;		
P16 – Trabalhar com a mesa de som.	Vontade de saber mais sobre o teatro;	2P16, 1P13
P13 – Trabalhar com as máquinas que estão por baixo do palco.		
P16 – Eu também, mas quanto mais melhor;		
P13 – Devia ser mais tempo;	Vontade por ter mais tempo de projeto;	1P13
P16- E mais idas ao teatro;	Vontade de ir mais vezes ao teatro;	1P16
P13 – E podia ser tipo uma hora para diversão só com jogos de teatro e outra hora só para teatro.	Sugestão formato para um próximo projeto;	1P13
P13 - O que eu já sei já é bom. Já dá para fazer um teatro.	Ideia dos participantes sobre os seus conhecimentos de teatro;	1P13, 1P16
P16 - Teatro pode ser diversão, mas é um bocadinho mais sério;		
P6 – Eu até gosto de teatro.	Gosto por teatro;	1P6, 1P12
P12 – Também.		
P12 - Gostei daquela parte...aquela parte do teatro... fingir...fingir que era ... polícia;	Gosto por fazer teatro;	3P12, 1P16
P12 - O que gostei mais foi daquela parte do teatro das representações;		
P16 - Fazer teatro né		
P12 - Sim, sim...		
P16 - Teatro pode ser diversão, mas é um bocadinho mais sério;	Visão dos participantes sobre teatro;	1P16
P12 – Eu gostei do que fizemos.	Gosto em ter participado no projeto;	2P12, 2P16, 3P13, 2P6,
P16 - Eu sim;		
P13 - Sim, sim;		
P12 - Gostei, gostei,		
P13 – Eu gostei porque...		
P16 – (interrompendo) Foi uma coisa diferente também do que estávamos habituados.		
P6 – Foi rir;		
P13 - Aqui estamos sempre a fazer o mesmo, eu gostei de fazer teatro.		
P6 – Porque gostei daquilo que fiz.		
P12 - “Ephá” eu não sei...	Dificuldade em responder às perguntas do Focus Group;	1P12
P6 - Trabalho;	Palavras-chave do projeto;	1P6, 1P16, 2P13, 1P12
P16 - Alegria;		

P13 - Improvisação;		
P13 – Diversão;		
P12 - Atuação...		

## Anexo *focus group* final nº3

AC Focus group FINAL

1ª fase: organização das unidades de registo em indicadores

Unidades de registo (UR)	Indicadores	Freq. UR
P4 - Sim	Existência de situações em que não existem conflitos	1P4
P20 - Fala?	Comentários entre os participantes marginais à conversa (Situações de conflito)	1P20, 1P8, 1P4
P8 - Cala boca		
P4 - Inventa, "pha"!		
P8 – Melhorou;	Opinião positiva sobre o projeto;	1P8, 1P20, 1P4, 1P9
P20 – Melhorou;		
P4 - Rápido. (pouco tempo)		
P9 - Foi bom,		
P4 - Mais ou menos;	Opinião negativa sobre melhorias nas relações interpessoais	1P4
P4 - percebi que no teatro não existem só atores, também existem técnicos com técnicos de luz	Aprendizagens em teatro	1P4, 1P8
P8 - Aprendi um bocadinho		
P20 - Mesa de luz;	Vontade de saber mais sobre o teatro	1P20
P19- Aquelas improvisações que fizemos.	Gosto por improvisação	1P19, 1P20
P20 - "Ya", as improvisações!		
P20 - Só ver	Gosto por ver teatro	1P20
P4 - Talvez;	Indecisão no gosto por ver e fazer teatro	1P4, 1P9, 1P19, 1P8
P9 - Talvez;		
P19 -Talvez;		
P8 - Talvez;		
P4 – Atores;	Aquisição de vocabulário relativo ao teatro;	1P4, 1P9, 2P19, 1P8, 1P20
P9 – Personagens;		
P19 - Followspot		
P19 - Figurinos;		
P8- Palco;		
P20- Som, luz, bastidores;		
P4 - Não sei;		

P9 - Não sei;		1P19, 1P8, 1P20
P19 - Não sei;		
P8 - Não sei;		
P20 - Não sei;		
P8 - Teatro;	Palavras-chave do projeto	1P8, 1P20, 1P19, 1P8
P20 - Liberdade;		
P19 - Engraçado.		
P8 - Diversão.		

# ANEXO G- CRONOGRAMA DAS SESSÕES

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa  
Mestrado em Educação Artística – especialização em Teatro na Educação

## CRONOGRAMA DAS SESSÕES DE FORMAÇÃO

Projeto de Intervenção: <i>Teatro</i>	Contexto da intervenção: Instituição	Mestrando/formador: Crispim Rodrigues
--	---	--

Mês/Ano	SEMANAS			
11/2016	<u>Dia -2 Nov.</u> - <i>Focus group</i> inicial;			
3/2017	<u>Dia -1 Mar.</u> - Sessão de teatro bloco 1	<u>Dia -2 Mar.</u> - Sessão de teatro bloco 2;	<u>Dia -8 Mar.</u> - Sessão de teatro bloco 2;	<u>Dia -9 Mar.</u> - Sessão de teatro bloco 3;
	<u>Dia -15 Mar.</u> - Sessão de teatro bloco 3;	<u>Dia -16 Mar.</u> - Sessão de teatro bloco 3;	<u>Dia -22 Mar.</u> - Sessão de teatro bloco 3;	<u>Dia -23 Mar.</u> - Sessão de teatro bloco 3;
	<u>Dia - 29 Mar.</u> - Sessão de teatro bloco 3;	<u>Dia - 30 Mar.</u> - Sessão de teatro bloco 3;		
4/2017	<u>Dia -5 Abr.</u> - Sessão de teatro bloco 3;	<u>Dia -6 Abr.</u> - Sessão de teatro bloco 4;	<u>Dia -12 Abr.</u> - Sessão de teatro bloco 4;	<u>Dia -13 Abr.</u> - Sessão de teatro bloco 4;
	<u>Dia 19 Abr.</u> - Sessão de teatro bloco 5;	<u>Dia 20 Abr.</u> - Apresentação final do trabalho desenvolvido em grupo no projeto teatro;	<u>Dia 27 Abr.</u> - <i>Focus group</i> final;	

## ANEXO H- PLANIFICAÇÕES DIÁRIAS

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa  
Mestrado em Educação Artística – especialização em Teatro na Educação

### PLANO DIÁRIO

Projeto de Intervenção: Contexto da intervenção: Mestrando/formador: Crispim Gregório Salgado dos Santos Rodrigues				
Sessão Nº: 01	Data: __/11/2016	Hora: 17:30 às 19:00	Local: Sala da Instituição	Nº de presenças:

<b>OBJETIVOS GERAIS DA SESSÃO:</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentar o projeto a instituição/participantes;</li> <li>- Avaliação diagnóstica;</li> <li>- Realizar um <i>focus group</i>;</li> </ul>

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	ESTRATÉGIAS/ ATIVIDADES	TEMPO	RECURSOS	INDICADORES
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Conhecer o grupo e o projeto.</li> <li>- Identificar as narrativas dos outros jovens relacionados com as suas relações interpessoais;</li> <li>- Expor as motivações e os interesses, enquanto potencial participante no projeto;</li> <li>- Perceber quais as experiências, conhecimentos preferências dos outros jovens</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentação do formador e dos participantes e do projeto.</li> <li>- Diálogo com os participantes sobre as suas expectativas em relação ao projeto.</li> <li>- <i>Focus group</i>;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-10mim</li> <li>-30mim</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>“Flyer” do projeto;</li> <li>- Cadernos, canetas E lápis;</li> <li>- Guião do <i>focus group</i>;</li> <li>- Máquina de filmar e tripé;</li> <li>- Gravador de som;</li> <li>- Diário de bordo;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Observação não participante;</li> <li>- <i>Focus group</i>;</li> <li>- Diário de bordo;</li> <li>- Diálogo de grupo;</li> </ul>

<p>participantes no projeto em relação ao teatro.</p> <p>- Entender quais as profissões que agradam os restantes participantes.</p> <p>- Desenvolver uma estratégia de comunicação para motivar o interesse dos participantes no projeto;</p> <p>- Concluir a sessão.</p>	<p>- Recolha de palavras sobre teatro;</p> <p>- Encerramento de sessão;</p>	<p>-15mim</p> <p>-5mim</p>		
---	---	----------------------------	--	--

## PLANO DIÁRIO

Projeto de Intervenção: Contexto da intervenção: Mestrando/formador:				
Sessão Nº:02	Data: __/__/__	Hora: ?? a ??	Local:	Nº de presenças:

<b>OBJETIVOS GERAIS DA SESSÃO:</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Proporcionar uma familiarização dos participantes com o projeto;</li> <li>- Promover noções de grupo;</li> <li>- Entender o funcionamento do grupo face a estímulos dados pelo formador;</li> <li>- Fomentar noções de grupo;</li> <li>- Ativar a consciência da necessidade de cooperar com os colegas;</li> </ul>

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	ESTRATÉGIAS/ ATIVIDADES	TEMPO	RECURSOS	FORMAS DE AVALIAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Organizar e seriar o projeto estabelecendo um documento formal;</li> <li>- Dar a conhecer ao grupo cada participante, passado, presente e futuro;</li> <li>- Promover atividades de dinâmica de grupo;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Abertura da sessão;</li> <li>- Preenchimento da ficha de inscrição;</li> <li>- Responder de modo oral as questões: "De onde venho?" "Quem sou eu?" "Para onde vou?" "Uma palavra sobre mim"</li> <li>- Apresentação aos pares;</li> <li>- Exercício de caminhar pelo espaço com variantes:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>- Apenas caminhar sem bater em ninguém;</li> <li>- Caminhar olhando o espaço;</li> <li>- Caminhar olhando olhos nos olhos;</li> <li>- A ordem do</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 5mim</li> <li>- 10mim</li> <li>- 10mim</li> <li>- 15mim</li> <li>- 30mim</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Ficha de inscrição;</li> <li>- Papel e caneta;</li> <li>- Rádio;</li> <li>-Diário de bordo;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Observação não participante;</li> <li>- Diário de bordo;</li> <li>- Diálogo de grupo;</li> <li>- Expressão ou palavra de cada participante (resumida) definindo o impacto da sessão para o participante ou uma para o grupo de participantes;</li> </ul>

<p>- Estimular o pensamento de grupo, assim como a necessidade de entre ajuda;</p> <p>- Sistematizar as atividades desenvolvidas;</p> <p>- Avaliar o trabalho realizado e concluir a sessão.</p>	<p>formador parar, fechar os olhos e indicar a posição dos colegas;</p> <p>- Caminhar com expressão, tristes, alegre, etc.</p> <p>- Quando cruzam cumprimentam os colegas;</p> <p>- Produção de pequenos diálogos;</p> <p>- Caminhar pelo espaço formando grupos de dois, até surgirem grupos aleatórios. Em grupos de dois realizar o exercício o "Cego e o guia"</p> <p>Encerramento da sessão com diálogo e reflexão</p>	<p>10mim</p> <p>10mim</p>		
--	---	---------------------------	--	--

## PLANO DIÁRIO

Projeto de Intervenção: O teatro como estratégia facilitadora das relações interpessoais Contexto da intervenção: Instituição com jovens em risco Mestrando/formador: Crispim Rodrigues				
Sessão Nº:03	Data: __/__/__	Hora: ?? a ??	Local: Sala na Instituição	Nº de presenças:

<b>OBJETIVOS GERAIS DA SESSÃO:</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Proporcionar uma reflexão sobre as relações interpessoais na instituição ocorridas na instituição desde a última sessão;</li> <li>- Trabalhar a expressão corporal;</li> <li>- Estimular a cooperação, reforçar o trabalho em equipa e desenvolver habilidades pessoais, tais como: respeito, empatia, amizade, solidariedade.</li> <li>- Promover o “toque” através das dinâmicas de grupo e da expressão corporal;</li> <li>- Proporcionar momentos de relaxamento, com música;</li> </ul>

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	ESTRATÉGIAS/ ATIVIDADES	TEMPO	RECURSOS	FORMAS DE AVALIAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Criar ambiente propício a prática teatral;</li> <li>- Proporcionar um momento de aquecimento corporal coletivo;</li> <li>- Desenvolver a consciência corporal;</li> <li>- Trabalhar o aparelho vocal;</li> <li>- Encontrar a forma como participante gosta de ser tratado;</li> <li>- Ativar um estado de consciência sobre a forma</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Abertura da sessão;</li> <li>- Trabalhar a percepção do corpo através do movimento (caminhar, saltar, equilibrar num pé com olhos fechados, transferências de peso, etc.)</li> <li>- Exercício onde cada participante chamar pelo seu próprio nome. Variante:               <ul style="list-style-type: none"> <li>- Como dirias uma notícia triste/alegre/chateado/envergonhado/a si próprio;</li> <li>- Como dirias essa notícia ao colega;</li> </ul> </li> <li>- Reflexão sobre possíveis diferenças na forma como transmito a mensagem ao</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 5mim</li> <li> </li> <li>- 15mim</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Papel e caneta;</li> <li>- Rádio;</li> <li>- Diário de bordo;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Observação não participante;</li> <li>- Diário de bordo;</li> <li>- Diálogo de grupo;</li> <li>- Expressão ou palavra de cada participante (resumida) definindo o impacto da sessão para o participante ou uma para o grupo de participantes;</li> </ul>

<p>como o participante comunica;</p> <p>- Estimular a cooperação realçando a obrigatoriedade do trabalho em equipa para a conclusão positiva do exercício;</p> <p>- Melhorar o equilíbrio corporal aos pares;</p> <p>- Dar poder de decisão aos participantes que menos vezes poder nas decisões do grupo;</p> <p>- Fomentar o espírito de grupo;</p> <p>- Concluir a sessão e incentivar a presença na próxima sessão com desafio e diálogo sobre a</p>	<p>colega e como transmito ao meu “eu”.</p> <p>- “Agarrados dois a dois”, os participantes formam duplas, um de costas para o outro com os braços entrelaçados;</p> <p>- Transporte de através de um percurso de uma laranja entre várias partes do corpo sem deixar cair;</p> <p>- Em duplas equilibrar-se apenas com três/dois/um pontos de contacto com o chão. Variantes, só pode tocar no chão:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Duas mãos e um pé;</li> <li>- Braço, pé e mão;</li> <li>- Dois pés;</li> <li>- Um pé;</li> <li>- Etc..</li> </ul> <p>- “As claques”. O formador pede para cada elemento da dupla escolher uma letra um escolhe ser o “A” e o outro o “B”. De seguida os elementos formam o grupo “A” e “B”. Estes grupos deveram ser claques que assintem a um jogo de futebol, o comentador do jogo vai comentado o jogo enquanto as claques vão reagindo aos acontecimentos.</p> <p>Variantes:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Apenas com mímica e sem tocar as claques atacam o comentador, enquanto este reage as agressões improvisando (tortura, riso, etc.);</li> </ul> <p>- Encerramento da sessão com diálogo e reflexão;</p>	<p>- 5mim</p> <p>- 10mim</p> <p>- 10mim</p> <p>-20mim</p> <p>- 15mim</p> <p>- 10mim</p>		
--	---	---	--	--

próxima sessão;				
-----------------	--	--	--	--

## PLANO DIÁRIO

Projeto de Intervenção: O teatro como estratégia facilitadora das relações interpessoais				
Contexto da intervenção: Instituição com jovens em risco				
Mestrando/formador: Crispim Rodrigues				
Sessão Nº:04	Data: 08/03/2017	Hora: 17:30 às 19:30	Local: Sala na Instituição	Nº de presenças:

<b>OBJETIVOS GERAIS DA SESSÃO:</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Promover o “toque” através das dinâmicas de grupo e da expressão corporal;</li> <li>- Proporcionar momentos de relaxamento, com música;</li> <li>- Trabalhar a expressão corporal;</li> <li>- Conhecer e explorar as potencialidades do corpo, voz e da máscara;</li> <li>- Desenvolver ferramentas e conhecimentos teatrais;</li> <li>- Desenvolver o espírito de grupo e a confiança no grupo;</li> </ul>

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	ESTRATÉGIAS/ ATIVIDADES	TEMPO	RECURSOS	INDICADORES
- Criar ambiente propício a prática teatral;	- Abertura da sessão;	- 5mim	- Papel e caneta;	- Observação não participante;
-Trabalhar e respiração em grupo e cooperação;	-Em roda, os participantes sem comunicação verbal devem estabelecer um ritmo de respiração comum;	- 5mim	- Rádio;	- Diário de bordo;
- Aquecer o aparelho vocal e o corpo;	-Em roda cada participante faz um som acompanhado com movimentos do corpo, este movimento deve ser reproduzido pelos restantes colegas;	- 10mim	-Diário de bordo;	- Diálogo de grupo;
-Cooperar para alcançar o êxito da tarefa;	- Em pequenos grupos, manter no ar o balão, utilizando as partes do corpo, tais como mãos, pés, ombros, cabeça, etc. O objetivo do jogo é manter o máximo de tempo possível o balão sem tocar ou deixar cair no chão.	- 25mim	- Balões de diferentes tamanhos;	- Expressão ou palavra de cada participante (resumida) definindo o impacto da sessão para o participante ou uma para o grupo de participantes;
- Integrar-se no meio social;	Variantes:		- Várias cadeiras;	
- Aprimorar a cooperação;	- Os participantes só podem tocar			

<p>- Trabalhar a memorização; - Enfrentar o olhar do outro;</p> <p>- Sistematizar as atividades desenvolvidas;</p> <p>- Avaliar o trabalho realizado;</p> <p>- Concluir a sessão e incentivar a</p>	<p>com uma parte do corpo no balão (ex.: ombros, dedo polegar, etc.) - Todos juntos cada participante só pode tocar no balão uma vez até todos tocarem, apenas uma vez; - Os participantes devem seguir a música expressando corporalmente e tocando no balão;</p> <p>- Sentados, é escolhido um participante a quem deve ser vendado os olhos este através da memorização deve recordar a posição, cor da roupa, e pose dos colegas no momento antes de lhe ser vendado os olhos</p> <p>- Dinâmica de grupo a “Ilha Deserta”, consiste em juntar as cadeiras de modo a construir uma ilha, onde os participantes devem desenvolver competências de liderança e escuta para organizar-se em cima das cadeiras de acordo com os desafios lançados pelo formador. (Ex: mais altos na parte da frente, mais velhos do lado esquerdo, ordem alfabética, etc.)</p> <p>- Encerramento da sessão com diálogo e reflexão e de seguida momento de silêncio.</p>	<p>-10mim</p> <p>-15mim</p> <p>-10mim</p>		
---	--	---	--	--

presença na próxima sessão com desafio e diálogo sobre a próxima sessão;				
--	--	--	--	--

Notas:

- Pedir para a próxima sessão vendas para os olhos e uma imagem por participante, imagem do gosto pessoal.
- Introduzir tempo obrigatório para prepara o exercício, com o objetivo de os participantes prepararem as sessões e aprimorarem a apresentação dos exercícios;

## PLANO DIÁRIO

Projeto de Intervenção: O teatro como estratégia facilitadora das relações interpessoais Contexto da intervenção: Instituição com jovens em risco Mestrando/formador: Crispim Rodrigues				
Sessão Nº:05	Data: 09/03/2017	Hora: 17:30 às 19:00	Local: Sala na Instituição	Nº de presenças:

<b>OBJETIVOS GERAIS DA SESSÃO:</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Promover o “toque” através das dinâmicas de grupo e da expressão corporal;</li> <li>- Proporcionar momentos de relaxamento, com música;</li> <li>- Trabalhar a expressão corporal;</li> <li>- Conhecer e explorar as potencialidades do corpo, voz e da máscara;</li> <li>- Desenvolver ferramentas e conhecimentos teatrais;</li> <li>- Desenvolver o espírito de grupo e a confiança no grupo;</li> </ul>

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	ESTRATÉGIAS/ ATIVIDADES	TEMPO	RECURSOS	INDICADORES
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Criar ambiente propício a prática teatral;</li> <li>- Desenvolver a consciência corporal;</li> <li>- Desenvolver a improvisação e a criatividade;</li> <li>- Estimular a cooperação</li> <li>- Estimular a cooperação;</li> <li>- Vivenciar uma situação sem utilizar um dos sentidos(visão)</li> <li>- Integrar-se ao meio social;</li> <li>- Refletir o lugar do outro uma</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Abertura da sessão;</li> <li>- Os participantes andam pelo espaço ao som da música. “Qual a sensação que esta música desperta no meu corpo”. Exercício de expressão corporal ao som de vários estilos musicais, rock, pop, rap, clássico, eletrónica, etc. Variante a introduzir “Os gémeos”, um participante expressa-se corporalmente ao som da música e o seu gémeo terá de reproduzir o mesmo movimento;</li> <li>- Anjo da guarda; Os participantes andam pelo espaço formando vários grupos até o formador considerar que os participantes não estão a ficar apenas com os amigos, mas em grupo ao</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 5mim</li> <li>- 10mim</li> <li>-10mim</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Papel e caneta;</li> <li>- Rádio;</li> <li>-Diário de bordo;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Observação não participante;</li> <li>- Diário de bordo;</li> <li>- Diálogo de grupo;</li> <li>- Expressão ou palavra de cada participante (resumida) definindo o impacto da sessão para o participante ou uma para o grupo de participantes;</li> </ul>

<p>situação de conflito;</p> <p>- Sistematizar as atividades desenvolvidas;</p> <p>- Avaliar o trabalho realizado;</p> <p>- Concluir a sessão e incentivar a presença na próxima sessão com desafio e diálogo sobre a próxima sessão;</p>	<p>acaso. Nesta altura o formador manda formar duplas o da frente será o protegido do anjo da guarda, que estará atrás, segurando-o pelos ombros. O protegido deverá estar de olhos vendados, que é guiado pelo seu anjo da guarda. Depois de algum tempo invertem-se os papéis</p> <p>- Fazer uma roda, com um elemento central com olhos vendados, o elemento central deve confiar nos colegas deixando o corpo cair em qualquer direção e o grupo não o pode deixar cair no chão.</p> <p>- O formador fornece uma imagem e os participantes em grupos, devem com base na música e na imagem construir uma pequena teatralização sem recurso a palavra;</p> <p>- Os participantes devem organizar-se de modo a que formem uma fábrica é crucial existir ligação ente o movimento de todos os participantes. Não é permitido realizar movimentos individuais todos dever ser máquinas da mesma fábrica;</p> <p>- Encerramento da sessão com diálogo e reflexão;</p>	<p>-10mim</p> <p>- 30mim</p> <p>-15 mim</p> <p>-10mim</p>		
---	--	---	--	--

## PLANO DIÁRIO

Projeto de Intervenção: O teatro como estratégia facilitadora das relações interpessoais Contexto da intervenção: Instituição com jovens em risco Mestrando/formador: Crispim Rodrigues				
Sessão Nº:06	Data: 15/03/2017	Hora: 17:30 às 19:00	Local: Sala na Instituição	Nº de presenças:

<b>OBJETIVOS GERAIS DA SESSÃO:</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Promover o “toque” através das dinâmicas de grupo e da expressão corporal;</li> <li>- Estimular o relacionamento interpessoal;</li> <li>- Promover a aquisição e desenvolvimentos de capacidades no domínio da expressão vocal, corporal e teatral;</li> <li>- Conduzir os participantes à reflexão sobre as questões das relações interpessoais através das dinâmicas de grupo;</li> <li>- Incentivar a criatividade, improvisação e concentração no grupo de trabalho;</li> </ul>

<b>OBJETIVOS ESPECÍFICOS</b>	<b>ESTRATÉGIAS/ ATIVIDADES</b>	<b>TEMPO</b>	<b>RECURSOS</b>	<b>INDICADORES</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Recuperar o trabalho desenvolvido na sessão anterior</li> <li>- Aquecer o aparelho vocal e o corpo;</li> <li>-Trabalhar a memorização;</li> <li>-Trabalhar e respiração em grupo e cooperação;</li> <li>-Praticar o uso correto do aparelho vocal;</li> <li>-Cooperar para alcançar o êxito</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Abertura da sessão (Chegada dos participantes, silêncio inicial, níveis de energia respiração);</li> <li>-Em roda são feitas algumas perguntas aos participantes: Qual a primeira coisa que viste hoje? Qual a primeira coisa que comeste hoje? Quem foi a primeira pessoa que viste hoje? Qual a primeira palavra que disseste hoje e a quem?</li> <li>-Em roda, os participantes sem comunicação verbal devem estabelecer um ritmo de respiração comum;</li> <li>- Leitura de trava línguas e exercícios de voz “ma me mi mo mu” aquecimentos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 10mim</li> <li>- 5mim</li> <li>- 5mim</li> <li>- 10mim</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Papel e caneta;</li> <li>- Rádio;</li> <li>-Diário de bordo;</li> <li>-Dois telefones antigos;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Observação não participante;</li> <li>- Diário de bordo;</li> <li>- Diálogo de grupo;</li> <li>- Expressão ou palavra de cada participante (resumida) definindo o impacto da sessão para o participante ou uma para o grupo de participantes;</li> </ul>





<ul style="list-style-type: none"> <li>- Desenvolver competências expressivas no domínio da voz, corpo e teatro;</li> <li>- Executar exercícios e improvisação</li> <li>- Desenvolver a escuta e a concentração;</li> <li>- Aprimorar a cooperação;</li> <li>- Sistematizar as atividades desenvolvidas;</li> <li>- Avaliar o trabalho realizado;</li> </ul>	<p>vocal e leitura de excertos de peças de teatro</p> <p>- Anjo da guarda; Os participantes andam pelo espaço formando vários grupos até o formador considerar que os participantes não estão a ficar apenas com os amigos, mas em grupo ao acaso. Nesta altura o formador manda formar duplas o da frente será o protegido do anjo da guarda, que estará atrás, segurando-o pelos ombros. O protegido deverá estar de olhos vendados, que é guiado pelo seu anjo da guarda. Depois de algum tempo invertem-se os papéis</p>	<p>- 10mim</p>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Concluir a sessão e incentivar a presença na próxima sessão com desafio e diálogo sobre a próxima sessão;</li> </ul>	<p>- Fazer uma roda, com um elemento central com olhos vendados, o elemento central deve confiar nos colegas deixando o corpo cair em qualquer direção e o grupo não o pode deixar cair no chão.</p>	<p>-15 mim</p>		
	<p>-Jogo dramático (interpretação) através da improvisação coletiva, em círculo, cada participante acrescenta uma frase a uma história que vai sendo construída à medida que se acrescenta uma frase.</p>	<p>-10mim</p>		
	<p>-Improvisação a partir de uma cadeira, sendo que esta nunca pode deixar de ser uma cadeira.</p>	<p>-15mim</p>		
	<p>- Encerramento da sessão com diálogo e reflexão e de seguida momento de silêncio.</p>	<p>-10mim</p>		

Notas:



<p>realizado;</p> <p>- Concluir a sessão e incentivar a presença na próxima sessão com desafio e diálogo sobre a próxima sessão</p>	<p>Variantes:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-Cumprimentar o máximo de pessoas.;</li> <li>-Cumprimentar alguém que não vemos a muito tempo e alguém que vemos todos os dias;</li> <li>- Melhores amigos;</li> <li>- Polícia;</li> <li>-Inimigo;</li> <li>-Pessoa de outro planeta</li> <li>-Etc.;</li> </ul>	<p>- 10mim</p>		
	<p>- “Frases em papelinhos” o exercício consiste em ter quatro frases em 5 papelinhos que são tirados a sorte e cada participante terá de dar continuidade a frase- O que é que fizeste quando:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. O teu professor desapareceu diante dos teus olhos?</li> <li>2. O teu animal de estimação começou a falar contigo;</li> <li>3. Foste apanhado com cábulas durante o exame;</li> <li>4. Aterraste com a tua nave espacial novinha em folha;</li> <li>5. Começaste a jogar na tua equipa de sonho;</li> </ol>	<p>- 15mim</p>		
	<p>- Leitura de trava línguas e exercícios de voz “ma me mi mo mu” aquecimentos da mascara e trabalho vocal e leitura de excertos de peças de teatro</p>	<p>-20mim;</p>		
<p>- Sistematizar as atividades desenvolvidas;</p> <p>- Avaliar o trabalho realizado;</p>	<p>- Encerramento da sessão com diálogo e reflexão e de seguida momento de silêncio.</p>	<p>-10mim</p>		

- Concluir a sessão e incentivar a presença na próxima sessão com desafio e diálogo sobre a próxima sessão.				
---	--	--	--	--

Notas:

## PLANO DIÁRIO

Projeto de Intervenção: O teatro como estratégia facilitadora das relações interpessoais Contexto da intervenção: Instituição com jovens em risco Mestrando/formador: Crispim Rodrigues				
Sessão Nº:09	Data: 23/03/2017	Hora: 17:30 a 19	Local: Sala na Instituição	Nº de presenças:

<b>OBJETIVOS GERAIS DA SESSÃO:</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ser capaz de representar através do improviso;</li> <li>-Ser capaz de representar em pequenos grupos;</li> <li>- Adquirir prazer em participar;</li> <li>- Motivar os colegas a experimentar;</li> </ul>

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	ESTRATÉGIAS/ ATIVIDADES	TEMPO	RECURSOS	INDICADORES
-Trabalhar e respiração em grupo e cooperação;  - Aquecer o aparelho vocal e o corpo;  -Cooperar para alcançar o êxito da tarefa;  - Aprimorar a cooperação;  - Trabalhar a memorização;  - Enfrentar o olhar do outro;  - Aprimorar a cooperação;  - Desenvolver a improvisação e a criatividade;  - Estimular a	- Abertura da sessão (Chegada dos participantes, silêncio inicial, níveis de energia respiração);  - “Recordar” Em roda são feitas algumas perguntas aos participantes: Qual a primeira coisa que viste hoje? Qual a primeira coisa que comeste hoje? Quem foi a primeira pessoa que viste hoje? Qual a primeira palavra que disseste hoje e a quem?  -Em roda, os participantes sem comunicação verbal devem estabelecer um ritmo de respiração comum;  -Andar pelo espaço comas variantes olhar nos olhos, sorrir, cumprimentar o colega com a pergunta e resposta (Olá, tudo bem? Tudo bem, obrigado!))	-15mim  - 5mim  -5mim  -10mim	- Papel e caneta;  - Rádio;  -Diário de bordo;	- Observação não participante;  - Diário de bordo;  - Diálogo de grupo;  - Expressão ou palavra de cada participante (resumida) definindo o impacto da sessão para o participante ou uma para o grupo de participantes;

<p>cooperação</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Sistematizar as atividades desenvolvidas;</li> <li>- Sistematizar as atividades desenvolvidas;</li> <li>- Avaliar o trabalho realizado;</li> <li>- Concluir a sessão e incentivar a presença na próxima sessão com desafio e diálogo sobre a próxima sessão.</li> </ul>	<p>Variantes:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-Cumprimentar o máximo de pessoas.;</li> <li>-Cumprimentar alguém que não vemos a muito tempo e alguém que vemos todos os dias;</li> <li>- Melhores amigos;</li> <li>- Polícia;</li> <li>-Inimigo;</li> <li>-Pessoa de outro planeta;</li> <li>-Expressar-se ao som da música com caminhada apressada, lenta, etc.</li> </ul> <p>- O formador pede para cada grupo escolher um verbo, e de seguida construir uma improvisação com base nesses verbos sem recuso a palavra.</p> <p>- Leitura de trava línguas e exercícios de voz “ma me mi mo mu” aquecimentos da mascara e trabalho vocal;</p> <p>- O formador fornece uma imagem e os participantes em grupos, devem com base na imagem construir uma pequena teatralização sem recurso a palavra;</p> <p>- Encerramento da sessão com diálogo de reflexão, medição dos níveis finais de energia e de seguida momento de silêncio.</p>	<p>-15mim</p> <p>- 10mim</p> <p>-20 mim</p> <p>-10mim</p>		
--	---	---	--	--

## PLANO DIÁRIO

Projeto de Intervenção: O teatro como estratégia facilitadora das relações interpessoais Contexto da intervenção: Instituição com jovens em risco Mestrando/formador: Crispim Rodrigues				
Sessão Nº:10	Data: 20/03/2017	Hora: 17:30 às 19:00	Local: Sala na Instituição	Nº de presenças:

<b>OBJETIVOS GERAIS DA SESSÃO:</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Utilizar a técnica do improviso</li> <li>- Realizar improvisações em pequenos grupos;</li> <li>- Trabalhar as relações interpessoais;</li> </ul>

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	ESTRATÉGIAS/ ATIVIDADES	TEMPO	RECURSOS	INDICADORES
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Recuperar o trabalho desenvolvido na sessão anterior</li> <li>- Aquecer o aparelho vocal e o corpo;</li> <li>-Trabalhar a memorização;</li> <li>-Trabalhar e respiração em grupo e cooperação;</li> <li>-Praticar o uso correto do aparelho vocal;</li> <li>-Cooperar para alcançar o êxito da tarefa;</li> <li>- Integrar-se no meio social;</li> <li>- Aprimorar a cooperação;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Abertura da sessão (Chegada dos participantes, silêncio inicial, níveis de energia respiração);</li> <li>-Em roda são feitas algumas perguntas aos participantes: Qual a primeira coisa que viste hoje? Qual a primeira coisa que comeste hoje? Quem foi a primeira pessoa que viste hoje? Qual a primeira palavra que disseste hoje e a quem?</li> <li>-Andar pelo espaço com as variantes olhar nos olhos, sorrir, cumprimentar o colega com a pergunta e resposta (Olá, tudo bem? Tudo bem, obrigado!))</li> <li>Variantes: -Cumprimentar o máximo de pessoas.;</li> <li>-Cumprimentar alguém que não vemos a muito tempo e alguém que vemos todos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 15mim</li> <li>- 10mim</li> <li>- 15mim</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Papel e caneta;</li> <li>-Lápis-de-cor;</li> <li>- Rádio;</li> <li>-Diário de bordo;</li> <li>- Papeis com números;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Desenvolveu a consciência e sentido estético;</li> <li>- Aprendeu estruturas dramáticas e códigos teatrais;</li> <li>- Desenvolveu estratégias de comunicação, relações interpessoais, trabalho de equipa, resolução de problemas e tomadas de decisão;</li> <li>- Adquiriu e desenvolveu capacidades nos domínios de expressão e comunicação vocal e corporal;</li> <li>- Desenvolve</li> </ul>

<p>- Sistematizar as atividades desenvolvidas;</p> <p>- Avaliar o trabalho realizado;</p> <p>- Concluir a sessão e incentivar a presença na próxima sessão com desafio e diálogo sobre a próxima sessão;</p>	<p>os dias;</p> <p>- Melhores amigos;</p> <p>- Polícia;</p> <p>-Inimigo;</p> <p>-Pessoa de outro planeta;</p> <p>- “O que é que fizeste quando...” Em vários papelinhos estão numeradas as frases, cada participante deve tirar um papelinho e improvisar uma história;</p> <p>1- O teu professor desapareceu diante dos teus olhos;</p> <p>2- O teu animal de estimação começou a falar contigo;</p> <p>3- Foste apanhado com cábulas durante um teste?</p> <p>-Escreve 5 características psicológicas de um personagem a tua escolha e 5 físicas. Dizer se tem poderes especiais, coisas que gosta, profissão, o que ele não gosta. De seguida desenhar o personagem e em grupos de acordo com a numeração realizada nas folhas. Realizar pequenas improvisações de grupo.</p> <p>- Encerramento da sessão com diálogo e reflexão e de seguida momento de silêncio.</p>	<p>-10mim</p> <p>-30mim</p> <p>-10mim</p>		<p>uma prática reflexiva tendente a romper com estereótipos culturais e preconceitos;</p> <p>- Evidencia aprendizagens significativas dos conhecimentos de si, do outro e do mundo, através dos processos dramáticos;</p>
--	---	---	--	---

Notas:

## PLANO DIÁRIO

Projeto de Intervenção: O teatro como estratégia facilitadora das relações interpessoais Contexto da intervenção: Instituição com jovens em risco Mestrando/formador: Crispim Rodrigues				
Sessão Nº:11	Data: 30/03/2017	Hora: 17:30 às 19:00	Local: Sala da Instituição	Nº de presenças:

<b>OBJETIVOS GERAIS DA SESSÃO:</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Utilizar a técnica do improviso</li> <li>- Realizar improvisações em pequenos grupos;</li> <li>- Trabalhar as relações interpessoais;</li> </ul>

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	ESTRATÉGIAS/ ATIVIDADES	TEMPO	RECURSOS	FORMAS DE AVALIAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Recuperar o trabalho desenvolvido na sessão anterior</li> <li>- Aquecer o aparelho vocal e o corpo;</li> <li>-Trabalhar a memorização;</li> <li>-Trabalhar e respiração em grupo e cooperação;</li> <li>-Praticar o uso correto do aparelho vocal;</li> <li>-Cooperar para alcançar o êxito da tarefa;</li> <li>- Integrar-se no meio social;</li> <li>- Aprimorar a cooperação;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Abertura da sessão (Chegada dos participantes, silêncio inicial, níveis de energia respiração);</li> <li>-Em roda são feitas algumas perguntas aos participantes: Qual a primeira coisa que viste hoje? Qual a primeira coisa que comeste hoje? Quem foi a primeira pessoa que viste hoje? Qual a primeira palavra que disseste hoje e a quem?</li> <li>- Numa folha dividida em 4 partes igual:</li> <li>- Escrever palavras que os participantes sabem sobre teatro;</li> <li>- Escrever como gostavas que o projeto teatro termina-se.... Improvisação, jogo teatral, peça de teatro;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 5mim</li> <li>- 10mim</li> <li>- 25mim</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Papel e caneta;</li> <li>- -Lápis-de-cor;</li> <li>- Rádio;</li> <li>-Imagens;</li> <li>-Diário de bordo;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Desenvolveu a consciência e sentido estético;</li> <li>- Aprendeu estruturas dramáticas e códigos teatrais;</li> <li>-Desenvolveu estratégias de comunicação , relações interpessoais , trabalho de equipa, resolução de problemas e tomadas de decisão;</li> <li>- Adquiriu e desenvolveu capacidades nos domínios de expressão e comunicação</li> </ul>

<p>- Sistematizar as atividades desenvolvidas;</p> <p>- Avaliar o trabalho realizado;</p> <p>- Concluir a sessão e incentivar a presença na próxima sessão com desafio e diálogo sobre a próxima sessão;</p>	<p>- Desenhar um <i>lettering</i> com o nome do grupo;</p> <p>- Desenhar um logótipo para o grupo de teatro;</p> <p>-Diálogo sobre o trabalho desenvolvido;</p> <p>-Improvisação a partir das imagens de várias peças de teatro, onde são introduzidos alguns conhecimentos sobre teatro, bem como paragens, onde os participantes ficam em estátua para corrigir e debater a forma mais correta de estar em palco;</p> <p>- Encerramento da sessão com diálogo e reflexão e de seguida momento de silêncio.</p>	<p>- 40mim</p> <p>-10mim</p>		<p>vocal e corporal;</p> <p>- Desenvolve uma prática reflexiva tendente a romper com estereótipos culturais e preconceitos;</p> <p>- Evidencia aprendizagens significativas dos conhecimentos de si, do outro e do mundo, através dos processos dramáticos;</p>
--	--	------------------------------	--	---

Notas:

## PLANO DIÁRIO

Projeto de Intervenção: O teatro como estratégia facilitadora das relações interpessoais				
Contexto da intervenção: Instituição com jovens em risco				
Mestrando/formador: Crispim Rodrigues				
Sessão Nº:12	Data: 05/04/2017	Hora: 17:30 às 19:00	Local: Sala na Instituição	Nº de presenças:

<b>OBJETIVOS GERAIS DA SESSÃO:</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Conhecer as diferentes fases de uma apresentação teatral;</li> <li>- Caracterizar personagens de acordo com as características pré-definidas;</li> <li>- Utilizar diferentes manifestações artísticas, dança, música, artes plásticas e visuais durante as suas criações;</li> <li>- Criar e desenvolver uma apresentação apenas para o grupo;</li> </ul>

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	ESTRATÉGIAS/ ATIVIDADES	TEMPO	RECURSOS	INDICADORES
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Recuperar o trabalho desenvolvido na sessão anterior</li> <li>- Aquecer o aparelho vocal e o corpo;</li> <li>-Trabalhar a memorização;</li> <li>-Trabalhar e respiração em grupo e cooperação;</li> <li>-Praticar o uso correto do aparelho vocal;</li> <li>-Cooperar para alcançar o êxito da tarefa;</li> <li>- Sistematizar as atividades desenvolvidas;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Abertura da sessão (Chegada dos participantes, silêncio inicial, níveis de energia respiração);</li> <li>-Em roda são feitas algumas perguntas aos participantes: Qual a primeira coisa que viste hoje? Qual a primeira coisa que comeste hoje? Quem foi a primeira pessoa que viste hoje? Qual a primeira palavra que disseste hoje e a quem?</li> <li>-Individualmente exercício de movimentos. Os participantes com várias velocidades não podem perder o contacto com a parede; -Algumas variantes são contornar obstáculos mover-se conforme senti disponibilidade tal ao som</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 10min</li> <li>- 5min</li> <li>- 15min</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Papel e caneta;</li> <li>-Lápis-de-cor;</li> <li>- Rádio;</li> <li>-Diário de bordo;</li> <li>- Papeis com números;</li> <li>-Saco de plástico;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Desenvolveu a consciência e sentido estético;</li> <li>- Aprendeu estruturas dramáticas e códigos teatrais;</li> <li>- Desenvolveu estratégias de comunicação, relações interpessoais, trabalho de equipa, resolução de problemas e tomadas de decisão;</li> <li>- Adquiriu e desenvolveu capacidades nos domínios de expressão e comunicação</li> </ul>

<p>- Avaliar o trabalho realizado;</p> <p>- Concluir a sessão e incentivar a presença na próxima sessão com desafio e diálogo sobre a próxima sessão;</p>	<p>da música.</p> <p>- “Quem é Líder?”, em que um tenta adivinhar quem está a liderar os movimentos;</p> <p>- Dar uma nova entidade a um saco de plástico que não a que habitualmente tem trabalhando a imaginação bem como as possibilidades de um poder ser tudo;</p> <p>- Dialogo sobre o exercício de apresentação final e preparação do exercício de apresentação final</p> <p>- Trabalho sobre o exercício de apresentação final e preparação do exercício de apresentação final;</p> <p>- Encerramento da sessão com diálogo e reflexão e de seguida momento de silêncio.</p>	<p>-10mim</p> <p>-20mim</p> <p>-20mim</p> <p>-5mim</p>		<p>vocal e corporal;</p> <p>- Desenvolve uma prática reflexiva tendente a romper com estereótipos culturais e preconceitos;</p> <p>- Evidencia aprendizagens significativas dos conhecimentos de si, do outro e do mundo, através dos processos dramáticos;</p>
---	--	--	--	---

Notas:

## PLANO DIÁRIO

Projeto de Intervenção: O teatro como estratégia facilitadora das relações interpessoais Contexto da intervenção: Instituição com jovens em risco Mestrando/formador: Crispim Rodrigues				
Sessão Nº:13	Data: 6/04/2017	Hora: 17:30 às 19:00	Local: Sala na Instituição	Nº de presenças:

<b>OBJETIVOS GERAIS DA SESSÃO:</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Conhecer as diferentes fases de uma apresentação teatral;</li> <li>- Caracterizar personagens de acordo com as características pré-definidas;</li> <li>- Utilizar diferentes manifestações artísticas, dança, música, artes plásticas e visuais durante as suas criações;</li> <li>- Criar e desenvolver uma apresentação apenas para o grupo;</li> </ul>

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	ESTRATÉGIAS/ ATIVIDADES	TEMPO	RECURSOS	INDICADORES
- Recuperar o trabalho desenvolvido na sessão anterior  - Aquecer o aparelho vocal e o corpo;  -Trabalhar a memorização;  -Trabalhar e respiração em grupo e cooperação;  -Praticar o uso correto do aparelho vocal;  -Cooperar para alcançar o êxito da tarefa;  - Sistematizar as atividades desenvolvidas;	- Experiências de vários participantes a liderem a sessão com pequenos exercícios de expressão corporal, voz, máscara.  - Abertura da sessão (Chegada dos participantes, silêncio inicial, níveis de energia respiração);  -Em roda são feitas algumas perguntas aos participantes: Qual a primeira coisa que viste hoje? Qual a primeira coisa que comeste hoje? Quem foi a primeira pessoa que viste hoje? Qual a primeira palavra que disseste hoje e a quem?  -Construção de um guião para a apresentação final	- 15mim  - 5mim  - 5mim  - 20mim	- Papel e caneta;  - Rádio;  -Imagens;  -Diário de bordo;	- Desenvolveu a consciência e sentido estético;  - Aprendeu estruturas dramáticas e códigos teatrais;  - Desenvolveu estratégias de comunicação, relações interpessoais, trabalho de equipa, resolução de problemas e tomadas de decisão;  - Adquiriu e desenvolveu capacidades nos domínios de expressão e comunicação

<ul style="list-style-type: none"> <li>- Avaliar o trabalho realizado;</li> <li>- Concluir a sessão e incentivar a presença na próxima sessão com desafio e diálogo sobre a próxima sessão;</li> </ul>	<p>com base nas personagens criadas na sessão anterior;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Trabalho sobre o exercício de apresentação final e preparação do exercício de apresentação final;</li> <li>- Encerramento da sessão com diálogo e reflexão e de seguida momento de silêncio.</li> </ul>	<p>- 35mim</p> <p>-10mim</p>		<p>vocal e corporal;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Desenvolve uma prática reflexiva tendente a romper com estereótipos culturais e preconceitos;</li> <li>- Evidencia aprendizagens significativas dos conhecimentos de si, do outro e do mundo, através dos processos dramáticos;</li> </ul>
--	--	------------------------------	--	--

Notas:

## PLANO DIÁRIO

Projeto de Intervenção: O teatro como estratégia facilitadora das relações interpessoais Contexto da intervenção: Instituição com jovens em risco Mestrando/formador: Crispim Rodrigues				
Sessão Nº:14	Data: 12/04/2017	Hora: 17:30 às 19:00	Local: Sala na Instituição	Nº de presenças:

<b>OBJETIVOS GERAIS DA SESSÃO:</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Conhecer as diferentes fases de uma apresentação teatral;</li> <li>- Caracterizar personagens de acordo com as características pré-definidas;</li> <li>- Utilizar diferentes manifestações artísticas, dança, música, artes plásticas e visuais durante as suas criações;</li> <li>- Criar e desenvolver uma apresentação apenas para o grupo;</li> </ul>

<b>OBJETIVOS ESPECÍFICOS</b>	<b>ESTRATÉGIAS/ ATIVIDADES</b>	<b>TEMPO</b>	<b>RECURSOS</b>	<b>INDICADORES</b>
- Recuperar o trabalho desenvolvido na sessão anterior  - Aquecer o aparelho vocal e o corpo;  -Trabalhar a memorização;  -Trabalhar e respiração em grupo e cooperação;  -Praticar o uso correto do aparelho vocal;  -Cooperar para alcançar o êxito da tarefa;  - Sistematizar as atividades desenvolvidas;	-Diálogo com participante que vai ajudar a orientar a sessão;  - Abertura da sessão (Chegada dos participantes, silêncio inicial, níveis de energia respiração);  -Em roda são feitas algumas perguntas aos participantes: Qual a primeira coisa que viste hoje? Qual a primeira coisa que comeste hoje? Quem foi a primeira pessoa que viste hoje? Qual a primeira palavra que disseste hoje e a quem?  - Aquecimento da voz leitura de trava-línguas e exercícios “ma me mi mo um”;	- 10mim  - 10mim  - 5mim  -10mim	- Papel e caneta;  -Lápis-de-cor;  - Rádio;  -Diário de bordo; - Papeis com números;  -Saco de plástico;	- Desenvolveu a consciência e sentido estético;  - Aprendeu estruturas dramáticas e códigos teatrais;  - Desenvolveu estratégias de comunicação, relações interpessoais, trabalho de equipa, resolução de problemas e tomadas de decisão;  - Adquiriu e desenvolveu capacidades nos domínios de expressão e comunicação

<p>- Avaliar o trabalho realizado;</p> <p>- Concluir a sessão e incentivar a presença na próxima sessão com desafio e diálogo sobre a próxima sessão;</p>	<p>- Em pares deixar cair e ser amparado;</p> <p>-Em grupo formação de um círculo e uma pessoa no meio que se deixa ampare pelo restante grupo;</p> <p>- Trabalho sobre o exercício de apresentação final e preparação do exercício de apresentação final;</p> <p>- Encerramento da sessão com diálogo e reflexão e de seguida momento de silêncio.</p>	<p>-5mim</p> <p>-10mim</p> <p>-30mim</p> <p>-10mim</p>		<p>vocal e corporal;</p> <p>- Desenvolve uma prática reflexiva tendente a romper com estereótipos culturais e preconceitos;</p> <p>- Evidencia aprendizagens significativas dos conhecimentos de si, do outro e do mundo, através dos processos dramáticos;</p>
---	---	--	--	---

Notas:

## PLANO DIÁRIO

Projeto de Intervenção: O teatro como estratégia facilitadora das relações interpessoais Contexto da intervenção: Instituição com jovens em risco Mestrando/formador: Crispim Rodrigues				
Sessão Nº:15	Data: 13/04/2017	Hora: 17:30 às 19:00	Local: Sala na Instituição	Nº de presenças:

<b>OBJETIVOS GERAIS DA SESSÃO:</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Conhecer as diferentes fases de uma apresentação teatral;</li> <li>- Caracterizar personagens de acordo com as características pré-definidas;</li> <li>- Utilizar diferentes manifestações artísticas, dança, música, artes plásticas e visuais durante as suas criações;</li> <li>- Criar e desenvolver uma apresentação apenas para o grupo;</li> </ul>

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	ESTRATÉGIAS/ ATIVIDADES	TEMPO	RECURSOS	INDICADORES
- Recuperar o trabalho desenvolvido na sessão anterior	-Diálogo com participante que vai ajudar a orientar a sessão;	- 10mim	- Papel e caneta;	- Desenvolveu a consciência e sentido estético;
- Aquecer o aparelho vocal e o corpo;	- Abertura da sessão (Chegada dos participantes, silêncio inicial, níveis de energia respiração);	- 10mim	- Rádio;	- Aprendeu estruturas dramáticas e códigos teatrais;
-Trabalhar a memorização;	-Em roda são feitas algumas perguntas aos participantes:	- 5mim	-Imagens;	- Desenvolveu estratégias de comunicação, relações interpessoais, trabalho de equipa, resolução de problemas e tomadas de decisão;
-Trabalhar e respiração em grupo e cooperação;	Qual a primeira coisa que viste hoje?		-Diário de bordo;	
-Praticar o uso correto do aparelho vocal;	Qual a primeira coisa que comeste hoje?			
-Cooperar para alcançar o êxito da tarefa;	Quem foi a primeira pessoa que viste hoje?			
- Sistematizar as atividades desenvolvidas;	Qual a primeira palavra que disseste hoje e a quem?			
	- Aquecimento da voz leitura de trava-línguas, exercícios “ma me mi mo mu” diafragma “(Ksss);	- 10mim		- Adquiriu e desenvolveu capacidades nos domínios de expressão e comunicação



## PLANO DIÁRIO

Projeto de Intervenção: O teatro como estratégia facilitadora das relações interpessoais Contexto da intervenção: Instituição com jovens em risco Mestrando/formador: Crispim Rodrigues				
Sessão Nº:16	Data: 19/04/2017	Hora: 17:30 às 19:00	Local: Sala na Instituição	Nº de presenças:

<b>OBJETIVOS GERAIS DA SESSÃO:</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Conhecer as diferentes fases de uma apresentação teatral;</li> <li>- Caracterizar personagens de acordo com as características pré-definidas;</li> <li>- Utilizar diferentes manifestações artísticas, dança, música, artes plásticas e visuais durante as suas criações;</li> <li>- Criar e desenvolver uma apresentação apenas para o grupo;</li> </ul>

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	ESTRATÉGIAS/ ATIVIDADES	TEMPO	RECURSOS	INDICADORES
- Recuperar o trabalho desenvolvido na sessão anterior  - Aquecer o aparelho vocal e o corpo;  -Trabalhar a memorização;  -Trabalhar e respiração em grupo e cooperação;  -Praticar o uso correto do aparelho vocal;  -Cooperar para alcançar o êxito da tarefa;  - Sistematizar as atividades desenvolvidas;	-Diálogo com participante que vai ajudar a orientar a sessão;  - Abertura da sessão (Chegada dos participantes, silêncio inicial, níveis de energia respiração);  -Em roda são feitas algumas perguntas aos participantes: Qual a primeira coisa que viste hoje? Qual a primeira coisa que comeste hoje? Quem foi a primeira pessoa que viste hoje? Qual a primeira palavra que disseste hoje e a quem?  - Aquecimento da voz leitura de trava-línguas e exercícios “ma me mi mo um”;	- 10mim  - 10mim  - 5mim  -10mim	- Papel e caneta;  -Lápis-de-cor;  - Rádio;  -Diário de bordo; - Papeis com números;  -Saco de plástico;	- Desenvolveu a consciência e sentido estético;  - Aprendeu estruturas dramáticas e códigos teatrais;  - Desenvolveu estratégias de comunicação, relações interpessoais, trabalho de equipa, resolução de problemas e tomadas de decisão;  - Adquiriu e desenvolveu capacidades nos domínios de expressão e comunicação

<p>- Avaliar o trabalho realizado;</p> <p>- Concluir a sessão e incentivar a presença na próxima sessão com desafio e diálogo sobre a próxima sessão;</p>	<p>- Em pares deixar cair e ser amparado;</p> <p>-Em grupo formação de um círculo e uma pessoa no meio que se deixa ampare pelo restante grupo;</p> <p>- Trabalho sobre o exercício de apresentação final e preparação do exercício de apresentação final;</p> <p>- Encerramento da sessão com diálogo e reflexão e de seguida momento de silêncio.</p>	<p>-5mim</p> <p>-10mim</p> <p>-30mim</p> <p>-10mim</p>		<p>vocal e corporal;</p> <p>- Desenvolve uma prática reflexiva tendente a romper com estereótipos culturais e preconceitos;</p> <p>- Evidencia aprendizagens significativas dos conhecimentos de si, do outro e do mundo, através dos processos dramáticos;</p>
---	---	--	--	---

Notas:

## PLANO DIÁRIO

Projeto de Intervenção: O teatro como estratégia facilitadora das relações interpessoais Contexto da intervenção: Instituição com jovens em risco Mestrando/formador: Crispim Rodrigues				
Sessão Nº:17	Data: 20/04/2017	Hora: 17:30 às 19:00	Local: Sala na Instituição	Nº de presenças:

<b>OBJETIVOS GERAIS DA SESSÃO:</b>
- Apresentar a pequena criação teatral;

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	ESTRATÉGIAS/ ATIVIDADES	TEMPO	RECURSOS	INDICADORES
- Preparar o espaço e corpo para o exercício final;  - Participar no aquecimento coletivo;  - Interpretar o exercício final;	- Abertura da sessão (Chegada dos participantes, silêncio inicial, níveis de energia respiração);  - Aquecimento da voz leitura de trava-línguas, exercícios “ma me mi mo mu” diafragma “(Ksss);  - Apresentação final do trabalho desenvolvido em grupo no projeto teatro;  - Encerramento da sessão com diálogo e reflexão, de seguida momento de silêncio em grupo.	-10mim  -10mim  -40mim  -20mim	- Papel e caneta;  - Rádio;  -Diário de bordo;  - Adereços e figurinos;	- O participante é assíduo e pontual;  - Respeita o espaço/meio envolvente;  - Respeita os equipamentos e materiais da sessão;  - Desenvolveu a consciência e sentido estético;  - Aprendeu estruturas dramáticas e códigos teatrais;  - Desenvolveu estratégias de comunicação, relações interpessoais, trabalho de equipa, resolução de problemas e

				<p>tomadas de decisão;</p> <p>- Adquiriu e desenvolveu capacidades nos domínios de expressão e comunicação vocal e corporal;</p> <p>- Desenvolve uma prática reflexiva tendente a romper com estereótipos culturais e preconceitos;</p> <p>- Evidencia aprendizagens significativas dos conhecimentos de si, do outro e do mundo, através dos processos dramáticos;</p>
--	--	--	--	---

Notas:

# ANEXO I- FICHA DE INSCRIÇÃO

## Ficha de inscrição - Grupo de teatro

Formador Crispim Gregório Rodrigues

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Gostas de teatro: (Responde apenas sim ou não) \_\_\_\_\_

Já tiveste alguma experiência de teatro:

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

O que queres/achas que devo saber sobre ti:

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

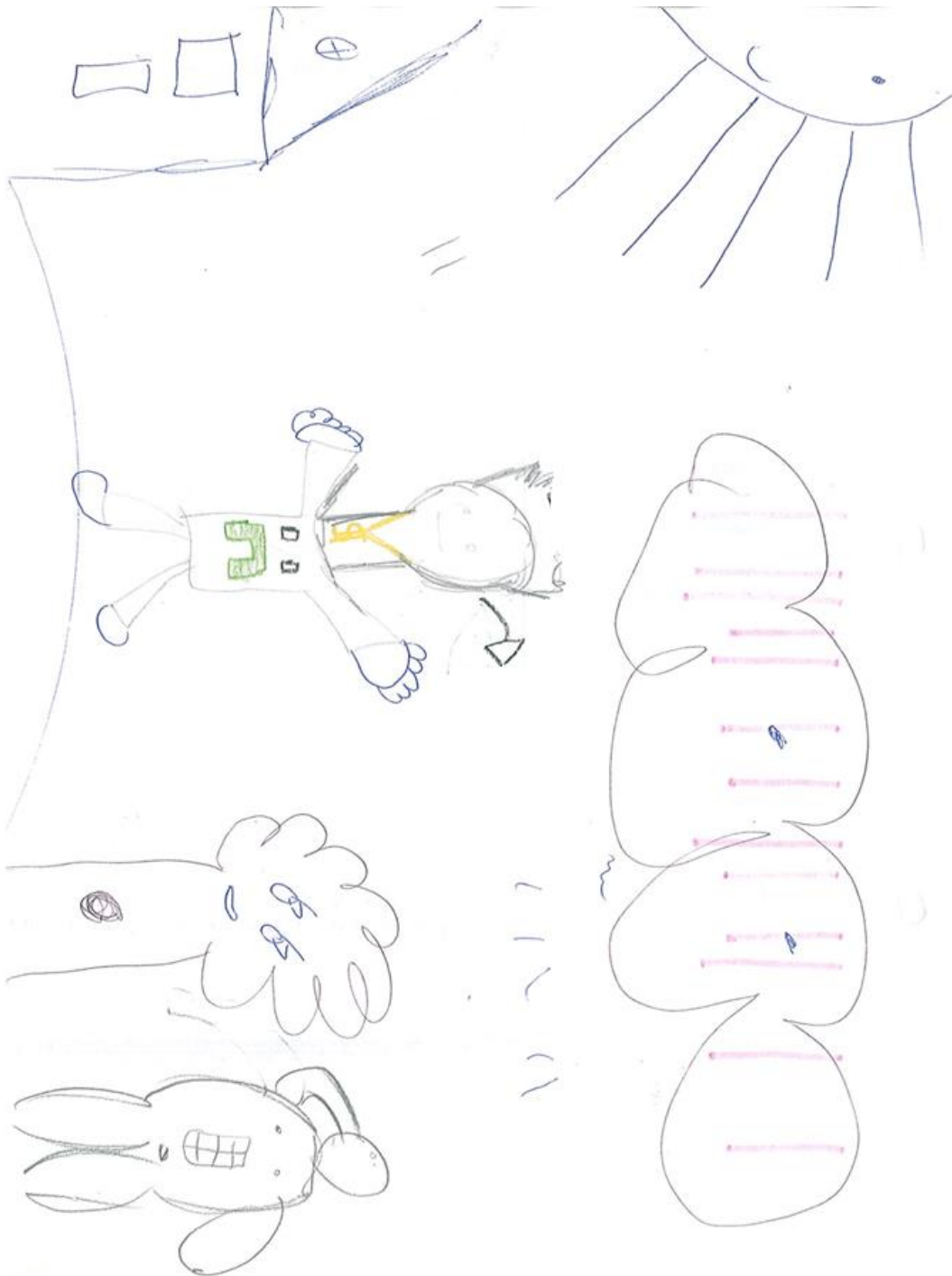
\_\_\_\_\_

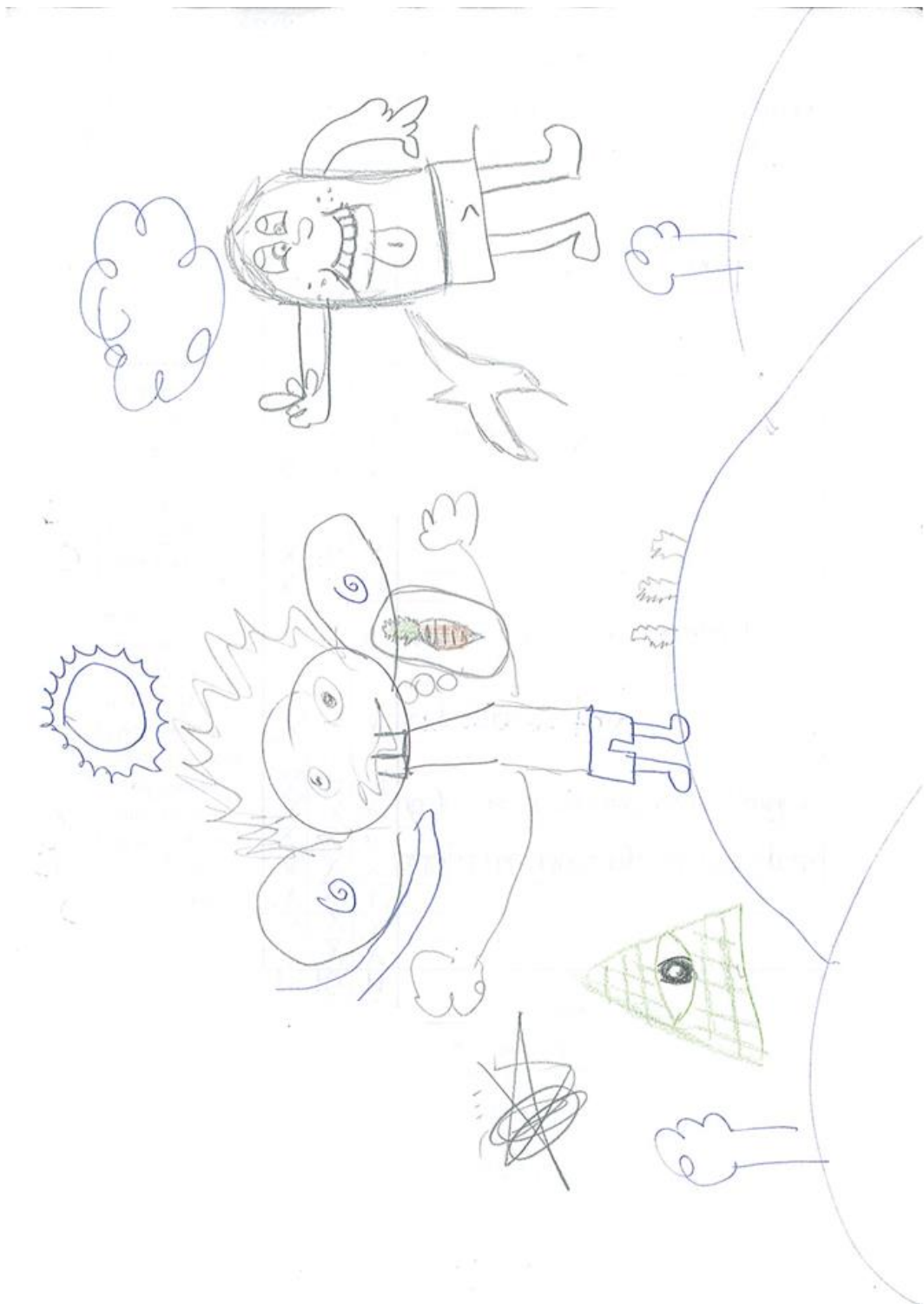
Comprometo-me com o projeto de teatro participando de modo assíduo e empenhado

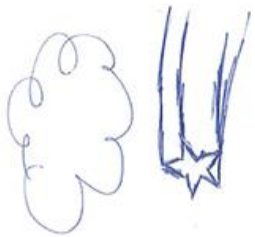
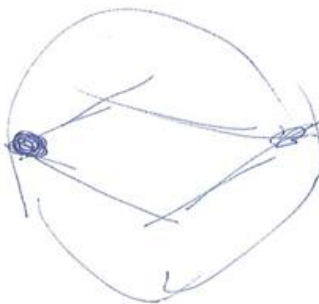
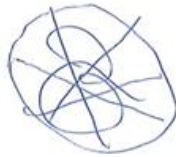
\_\_\_\_\_  
(Assinatura)

# ANEXO J- EXERCÍCIOS ESCRITOS/DESENHADOS PELOS PARTICIPANTES

## Anexo J.1 Exercício desenho rolante:

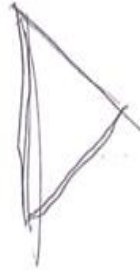




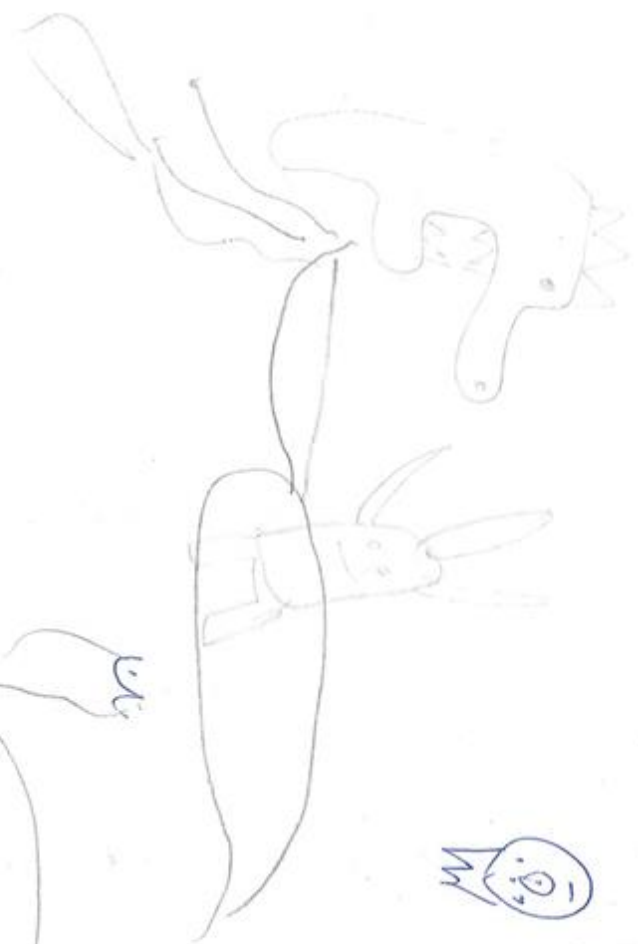


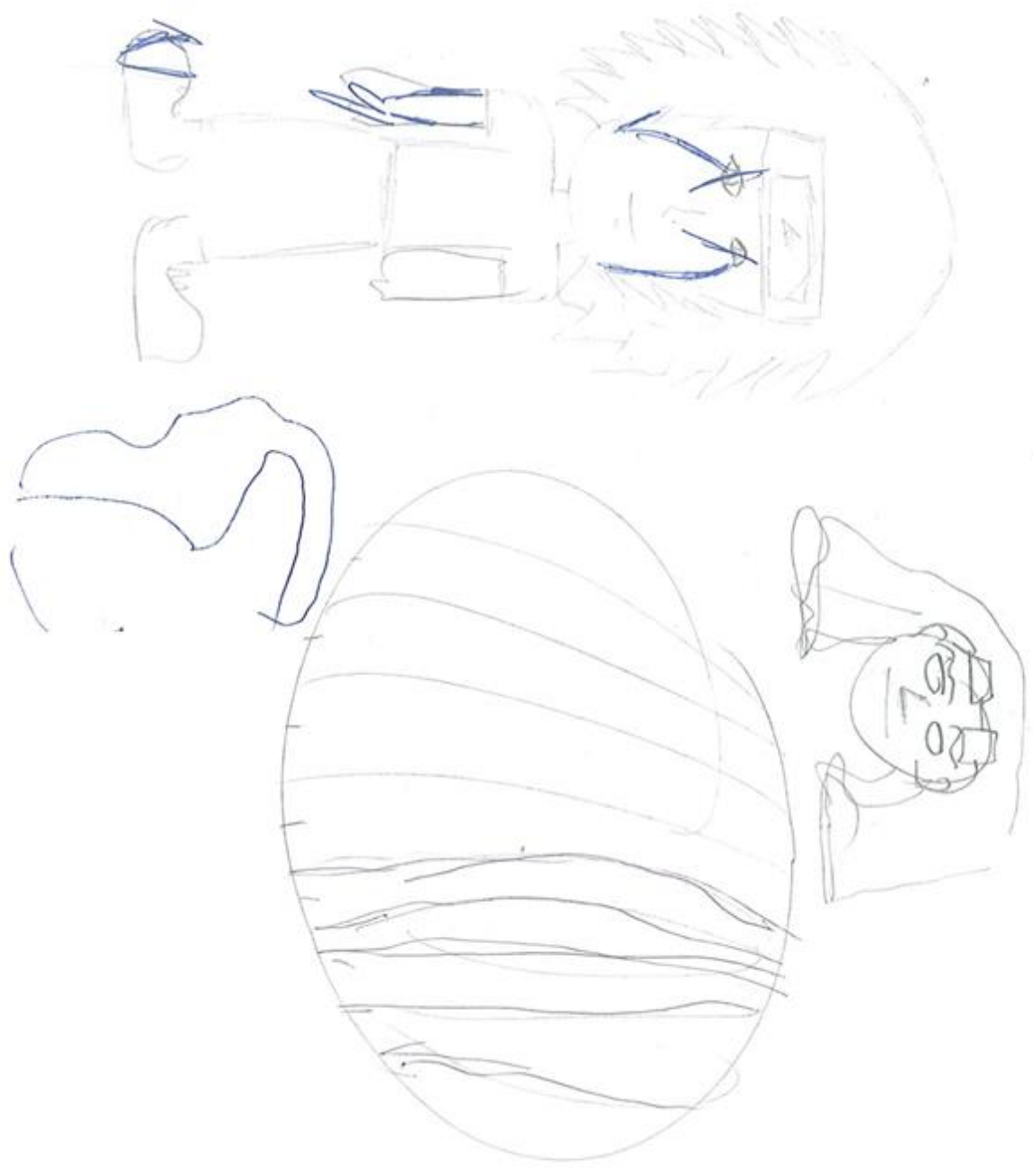


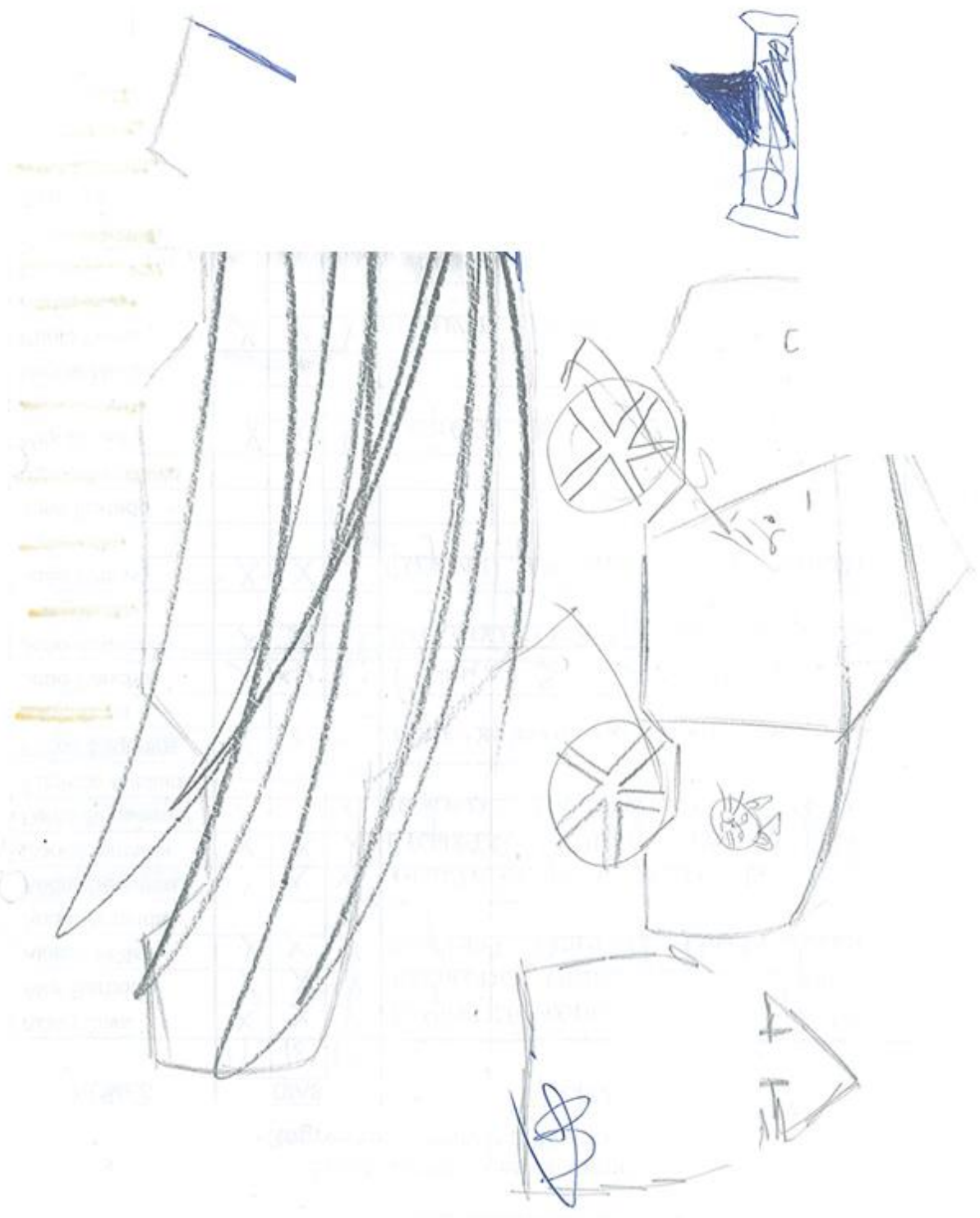
Handwritten text consisting of two rows of characters. The top row contains five characters that resemble 'D', 'D', 'D', 'D', and 'A'. The bottom row contains five characters that resemble 'H', 'H', 'H', 'H', and 'H'.

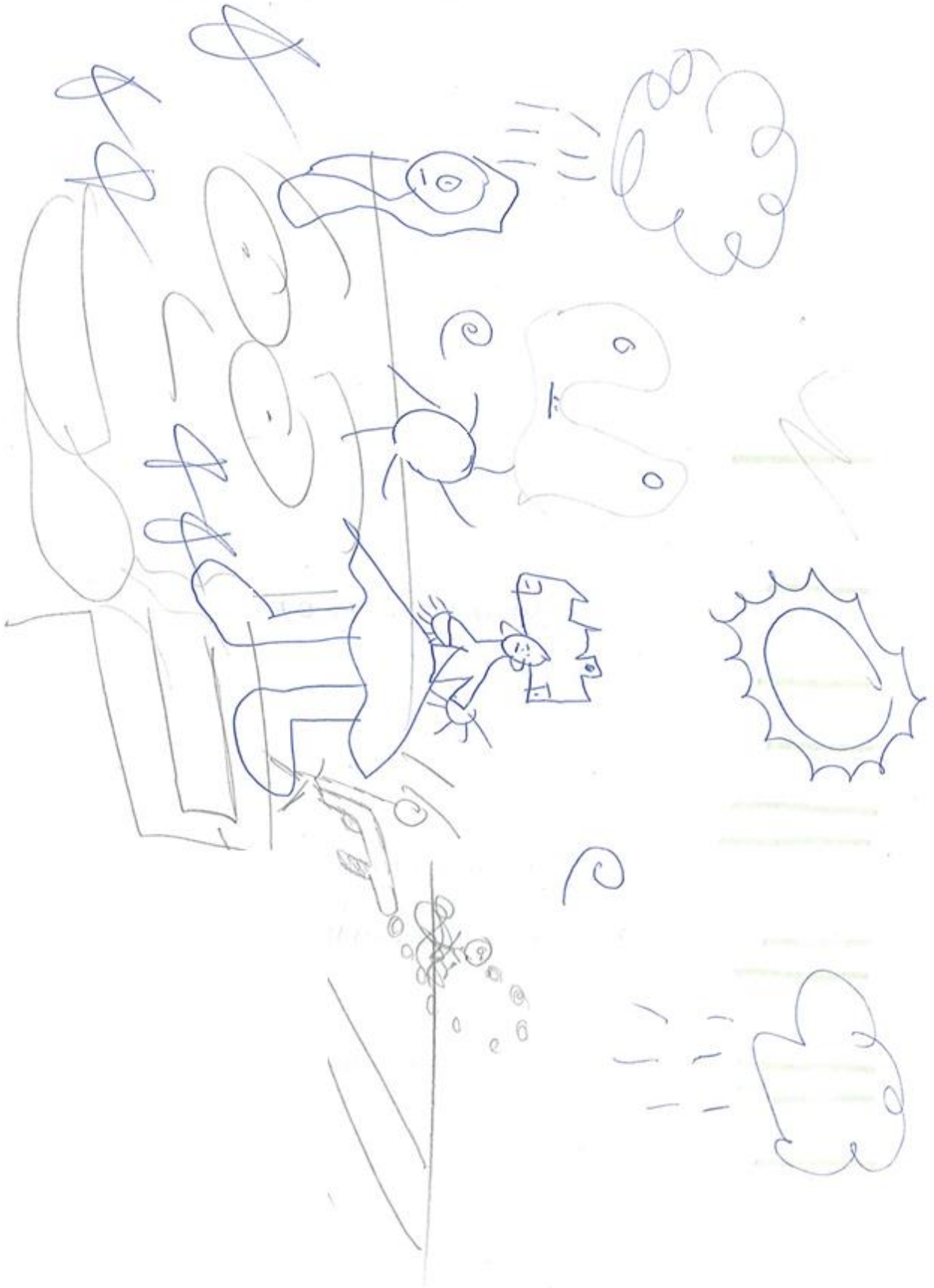


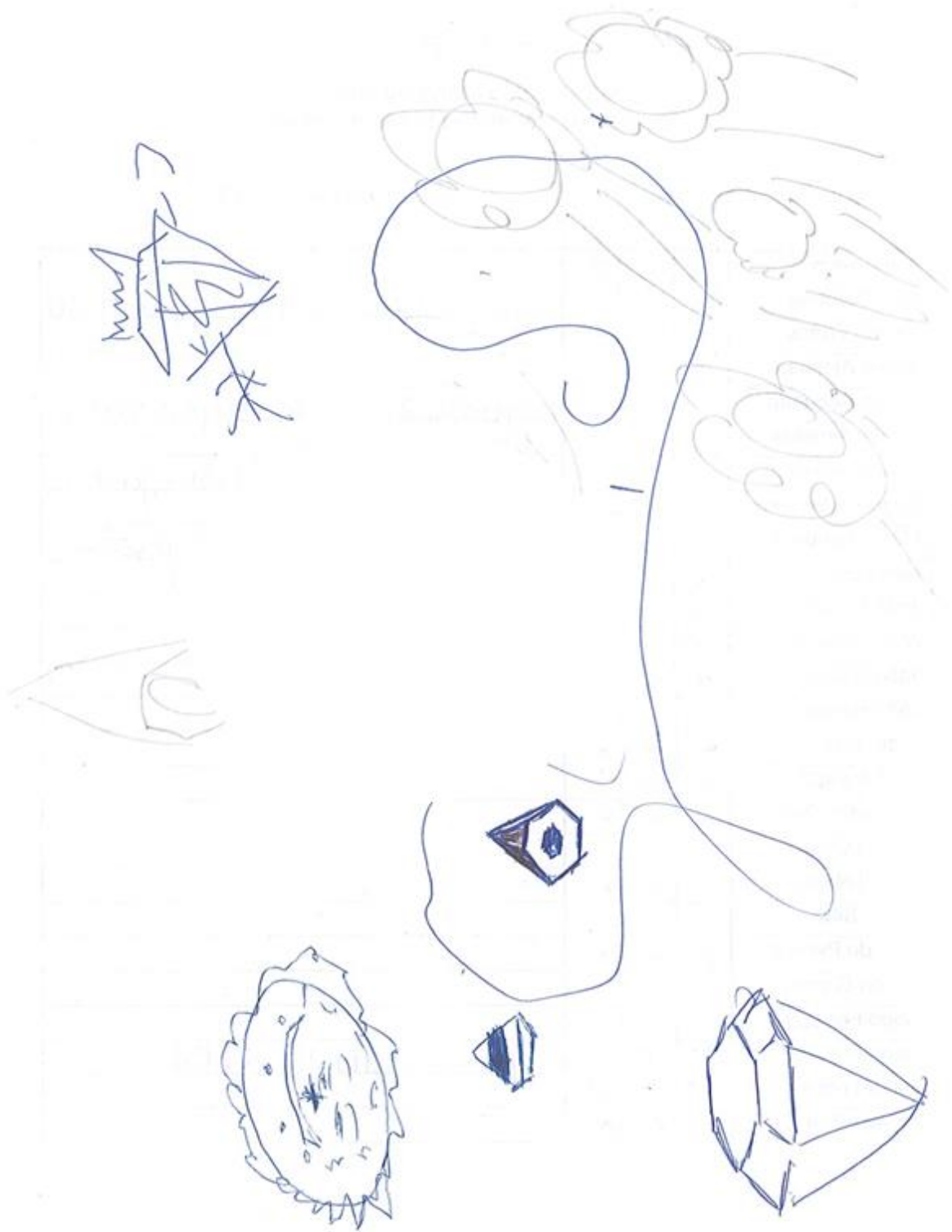












Anexo J.2- Exercício folha das quatro estações

Classos Teatro

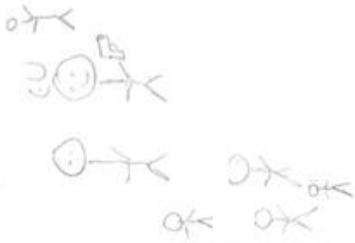
palhaçadas

brincadeira

raíças sérias



Boje Jogos no Lm



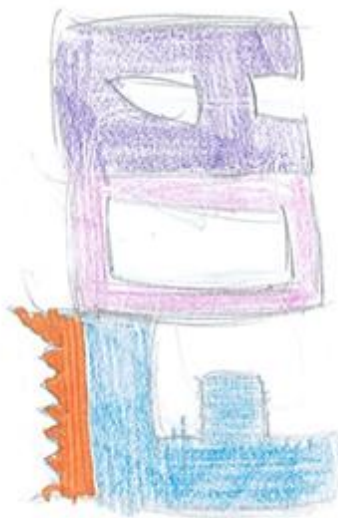
Teatro

- Representações
- Confiança
- Genário
- Personagens
- equipa
- Prosa
- Sentimentos
- Improvisação
- Acto

Futsal

Basketbol

Ser de xue coir

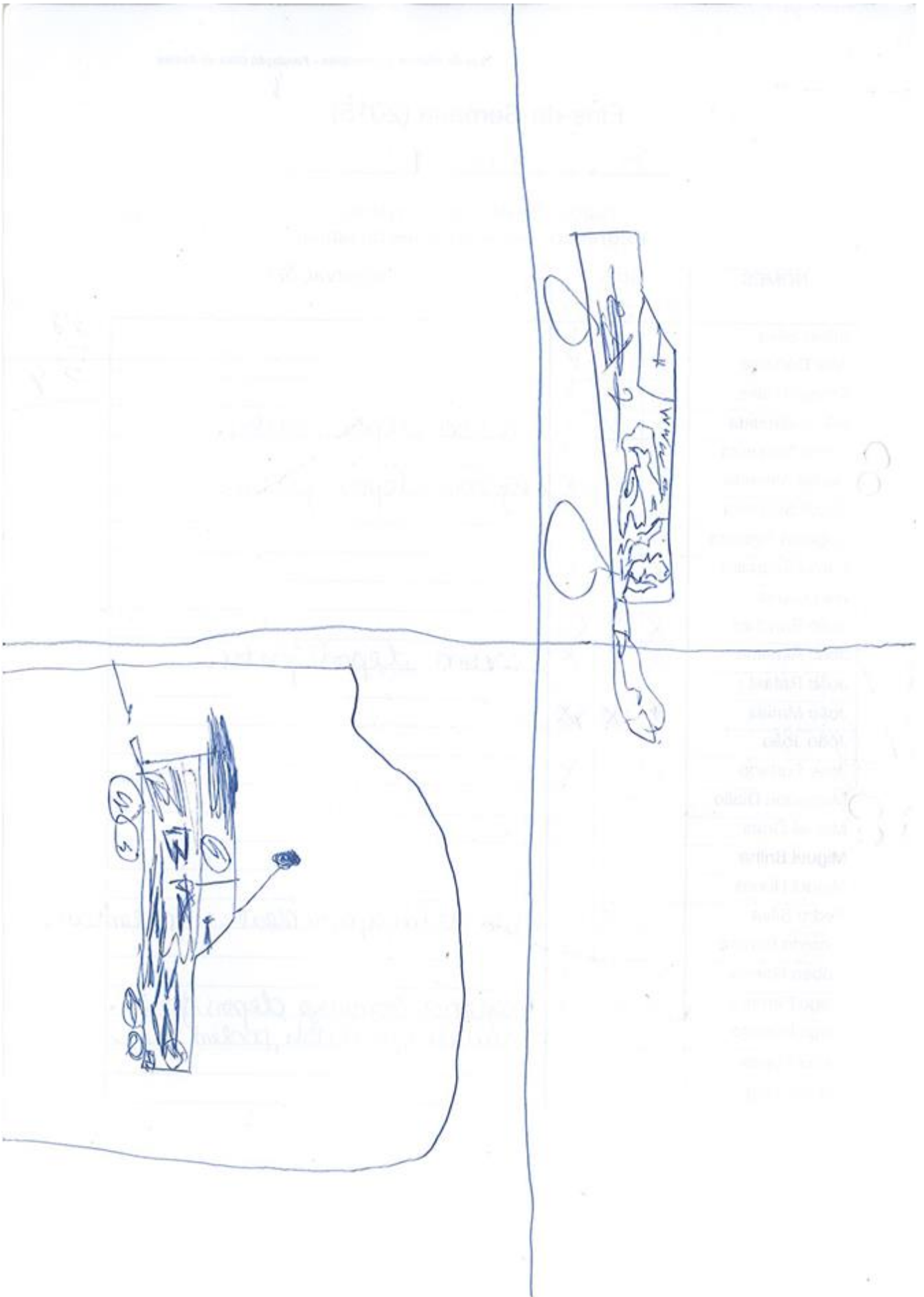


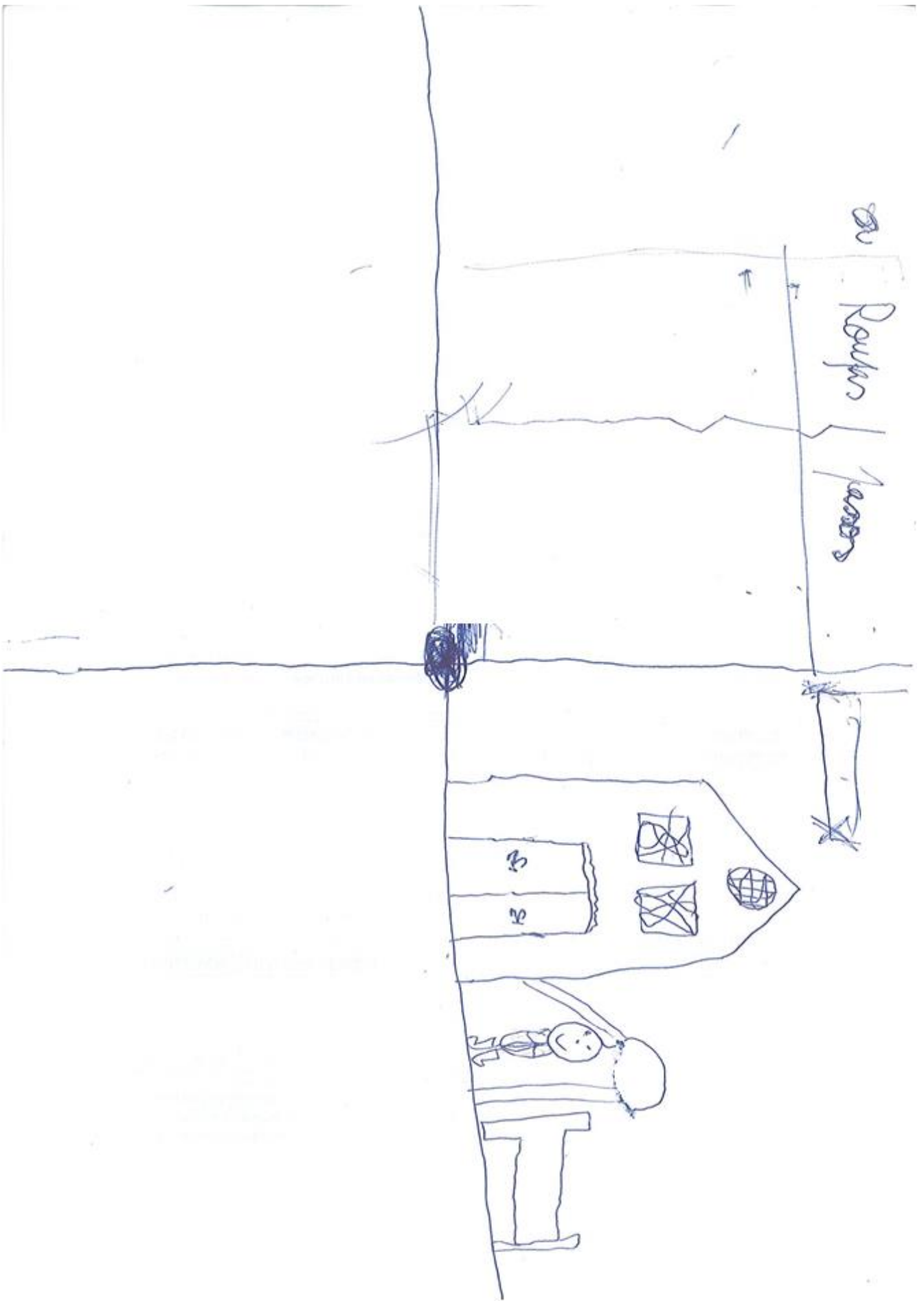
# TEATRO

Atos  
Personagens  
Cenário

~~Atos~~ 1º ato de teatro



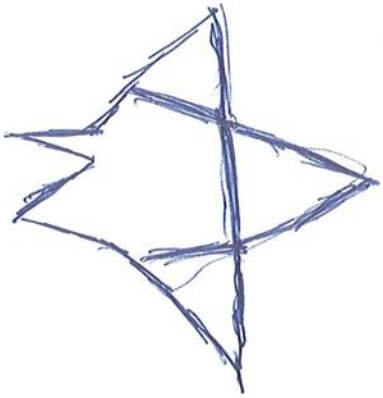




Teatra

Comaie; loraomagom,  
pokoio; gumgea; atoa,  
Joga do Spating

Zimk ovigom.)



AROTIWAIR  
TIDE

# Deel Plantesche Leetie

Espresso

linguista

D. palustris

Van Muis & vrie

colored

D. palustris

Van mool de vrie

# Finis

Van vrie

us

leefte

logische Nering en Simbol - Name

Setor

André Severina

Atos, Bmensações / representações,  
palco, catimões, paisagens,

Uma representação

logotipo

AR Jimnarios



teatro

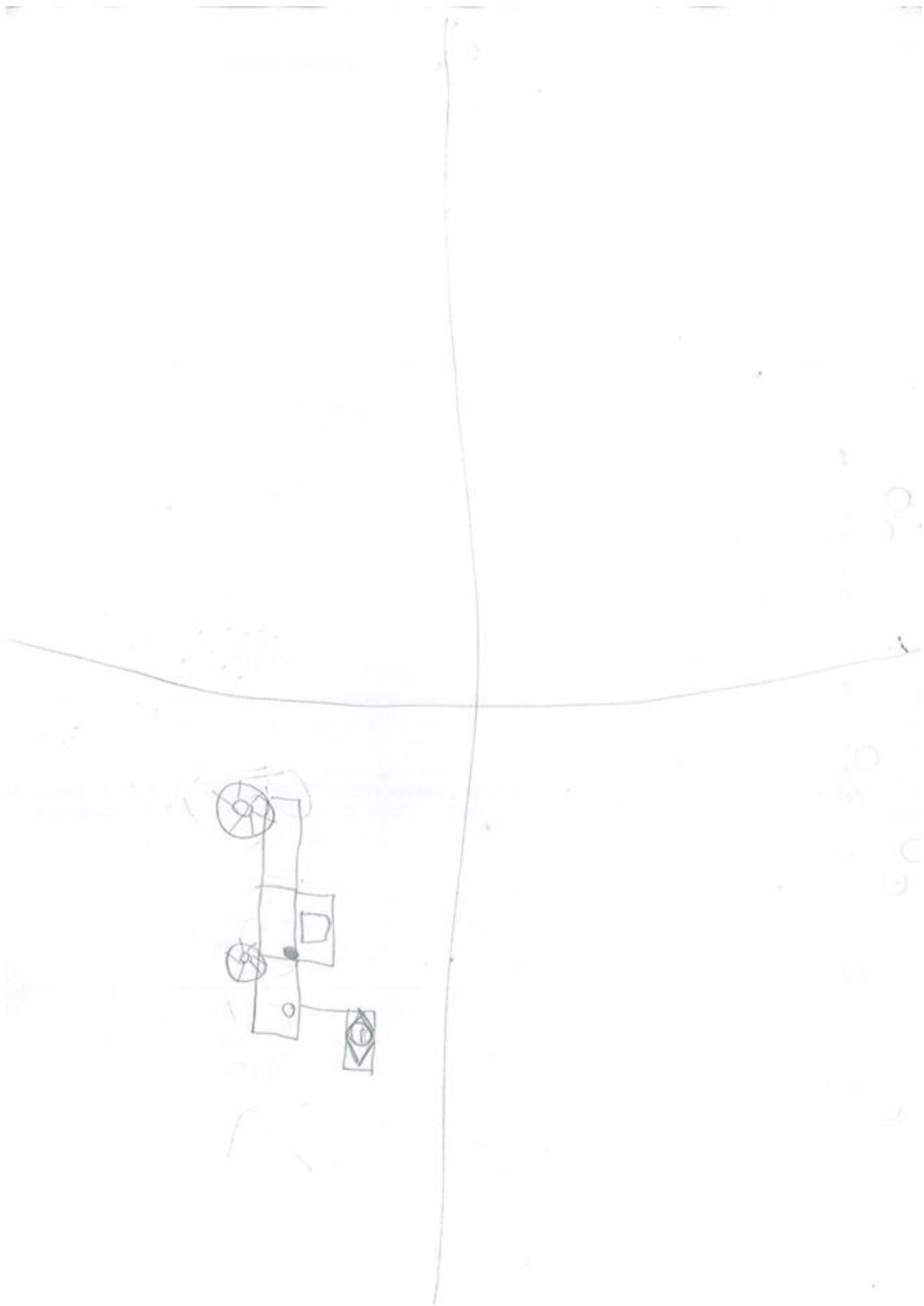
Representar



Jantar: fora  
ou Sogor e Dola



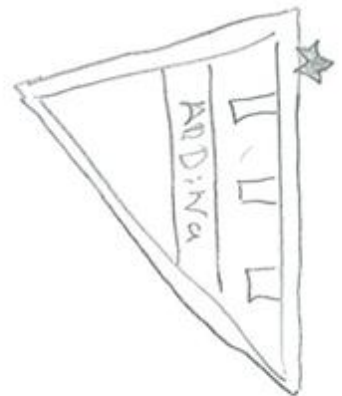




Tejón

Alegria -  
Referentia -  
confianza

equita  
Personagens  
Prizes



teatro

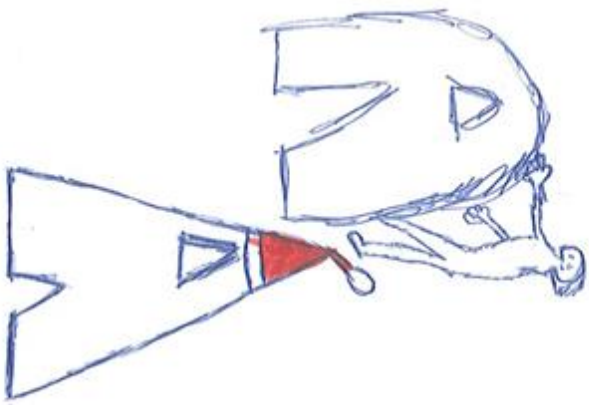
Cenário, personagens, atuação

Finalização

futebol

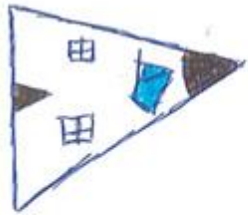
A

Peter



Jogo fiscal

Sajo fiscal



### Anexo J.3- Exercício criar um personagem



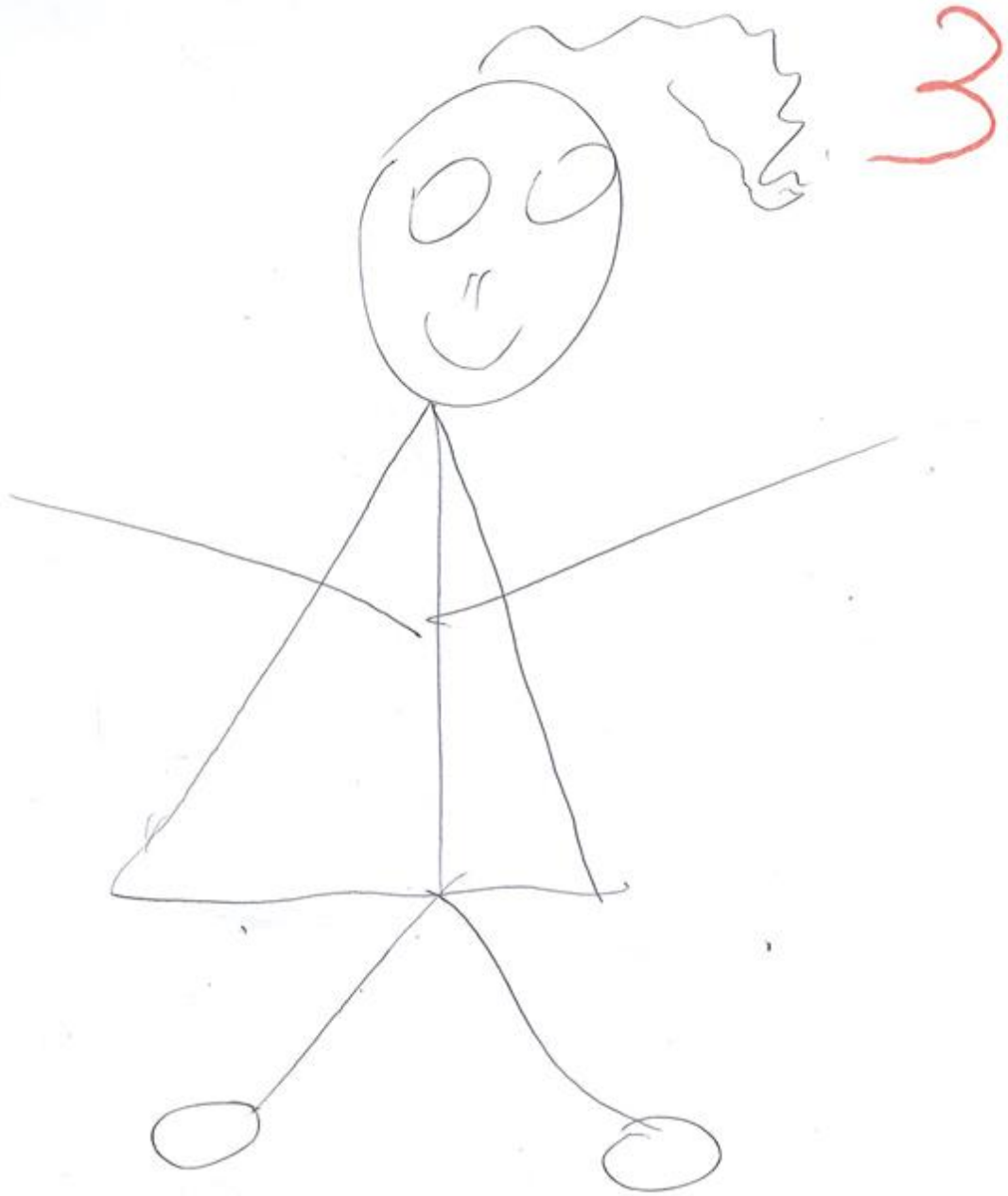
Nisa Khalifa

- Conta bem
- É elástica
- É grande
- É forte
- É da prazer

- Simpatico
- Esperto
- Egoísta
- Fúxe
- Enervada
- Estudante

- Da alegria





--	--	--	--	--

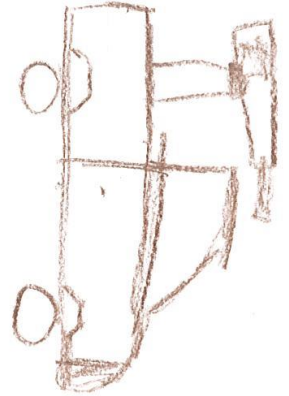
2

3VS  
Campeão  
Mundial

200 Kg



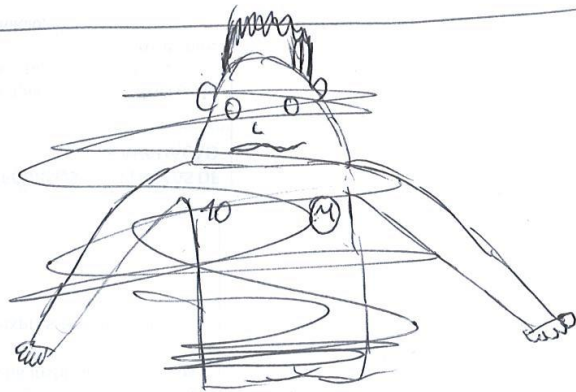
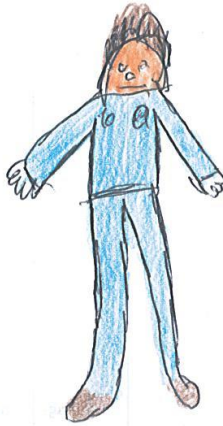
Rmano



Adulto  
fofo  
pequeno  
Gostinho  
Mulato

Smegal  
Pensa  
Amigo  
ajuda  
Inteligente  
Razoão

Simpatico, ajuda todas  
as pessoas



## AGÜERO

### Características físicas

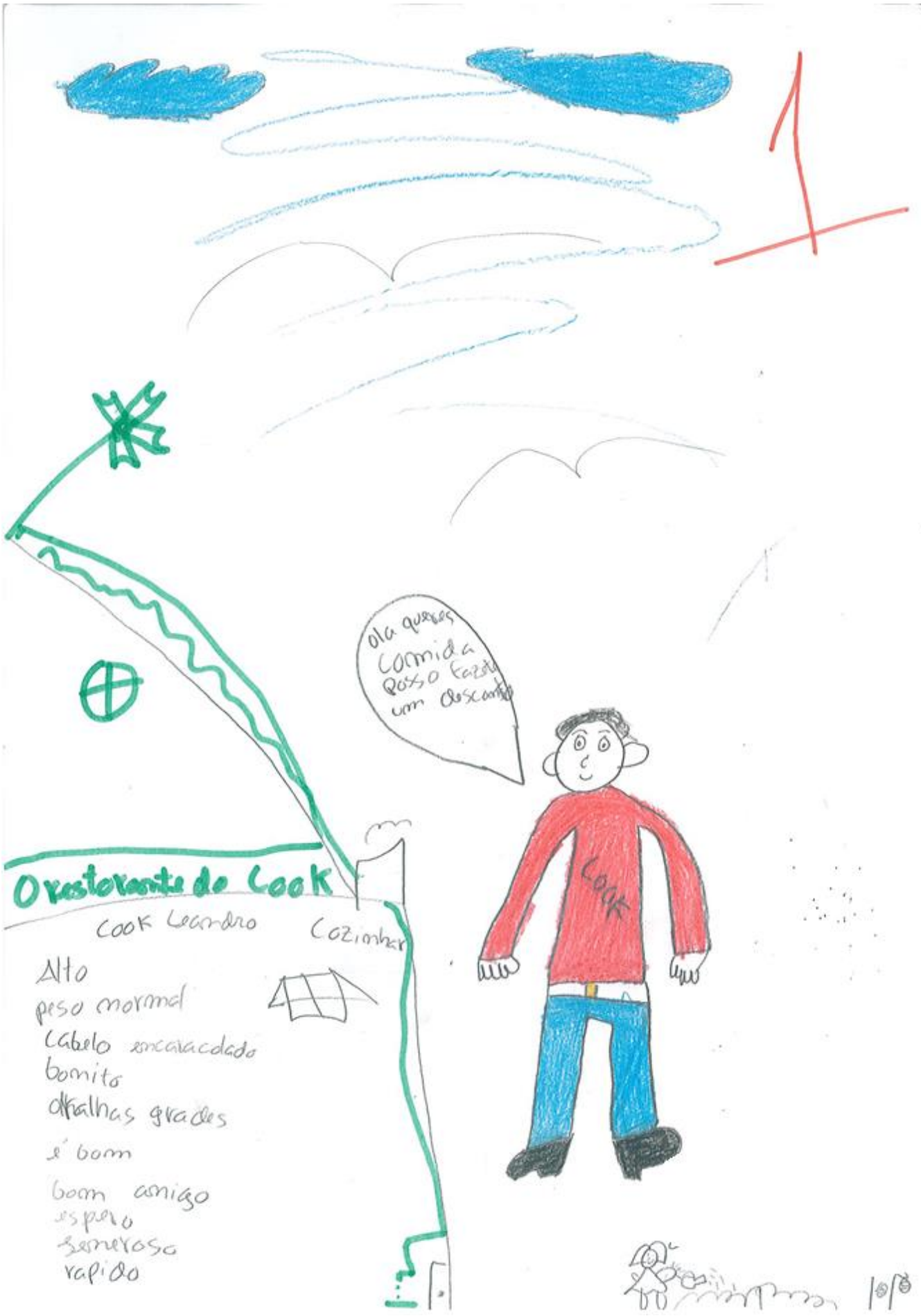
rápido  
baleo  
tem bolba  
e' pequeno

### Psicológicas

inteligente  
foco a bola  
fatis  
inquerelab  
apelo os torces  
meintar ves

Podans / Capitanes / Algo Relaxo  
jogar futebol

--	--	--	--	--



Ola quemos  
Comida  
Rosso Fazda  
um desconto

# O restaurante do Cook

Cook Leonardo      Cozinhier

- Alto
- peso normal
- Cabelo encaracolado
- bonito
- dentalhas grandes
- e' bom
- bom amigo
- espero
- benemerito
- rapido

10/8

3



cabelo grande  
é gordo  
Tem barba  
é cabeçudo

WUANT  
~~FAZER~~  
FAZER RIB.

~~brincalhão~~  
brincalhão  
extrovertido  
youtuber → youtuber  
Amigo guloso

1



tem uma orelha  
é alta  
~~tem~~  
tem muito ~~força~~  
o pé é grande  
tem a cabeça a boca  
desviada

semelhante  
balro  
quando  
diminuído.  
então  
muito



gosto de trabalhar da tropa e gosto de  
trabalhar da policia

2



gosto da minha  
avo  
gosto do meu tio  
gosta de  
gosto do  
gosto de

alto porte,  
cabelos curtos  
olhos azuis

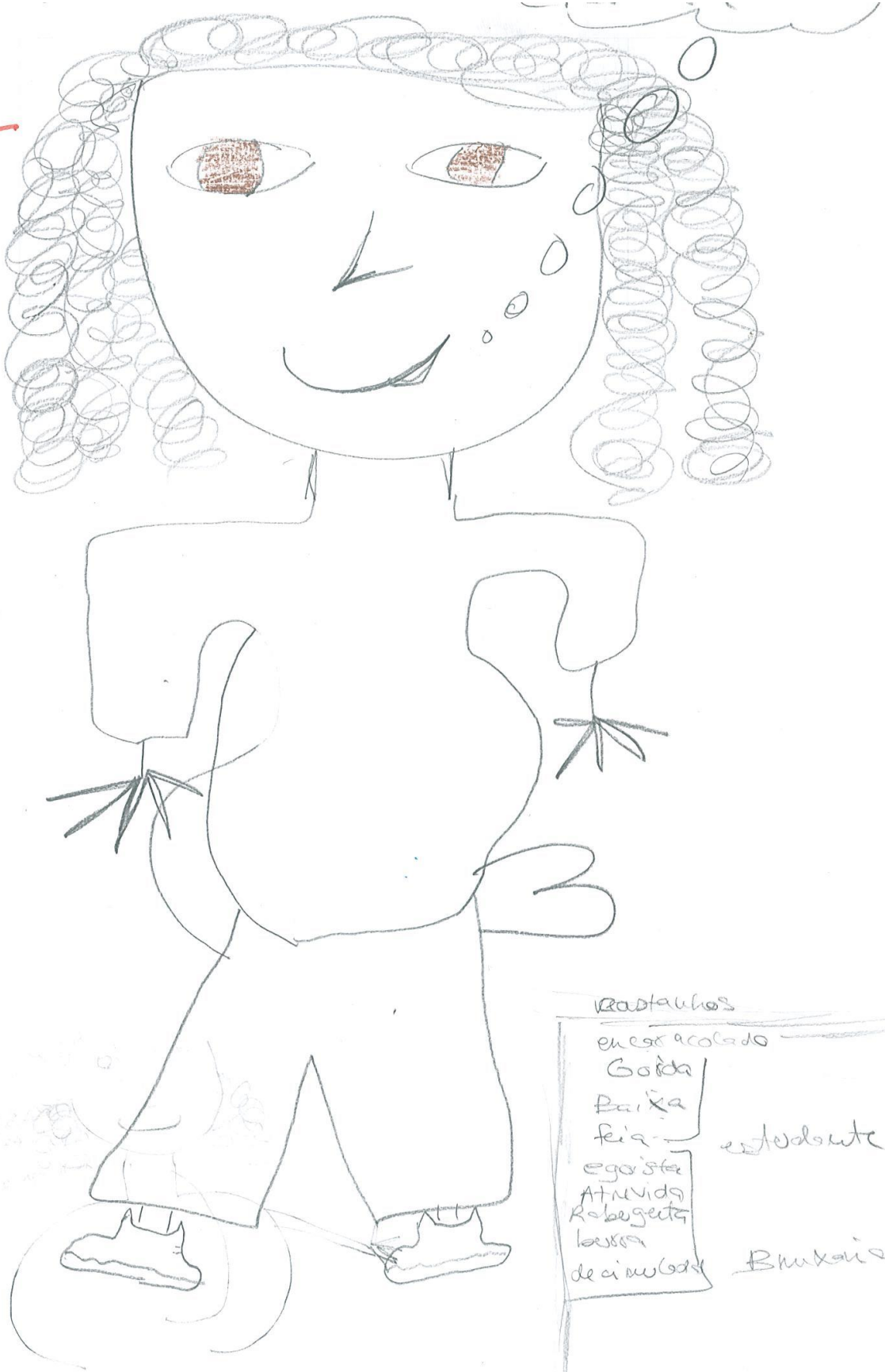
3



Alto;  
\* cabeludo  
peludo  
estúpido  
pesado

→ Susana f. → tem a mania → trabalha no Kebab

1



2



BAIXA  
BONITA

~~ESTRANHA~~

MAGRA

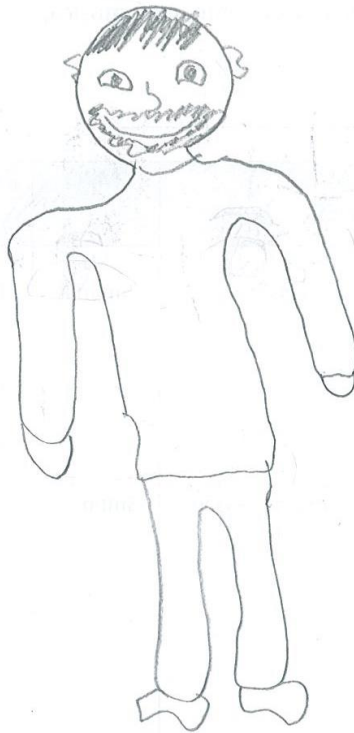
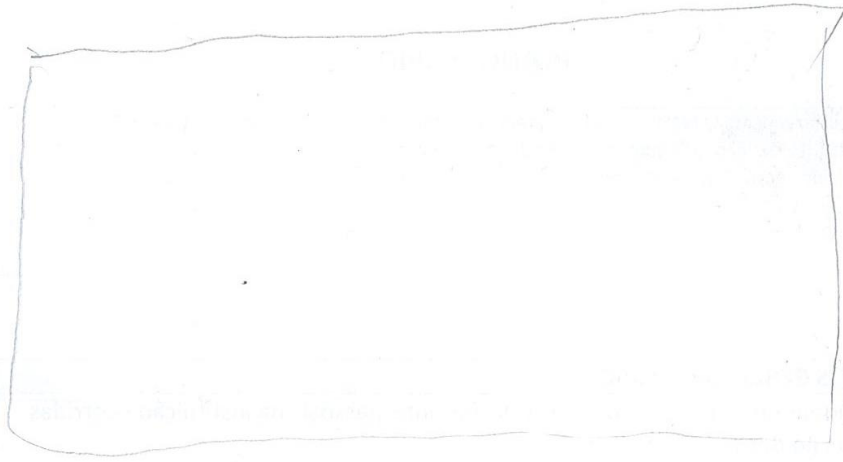
CABELO LISO

OLHOS CASTANHOS

M... P



ESTUDANTE

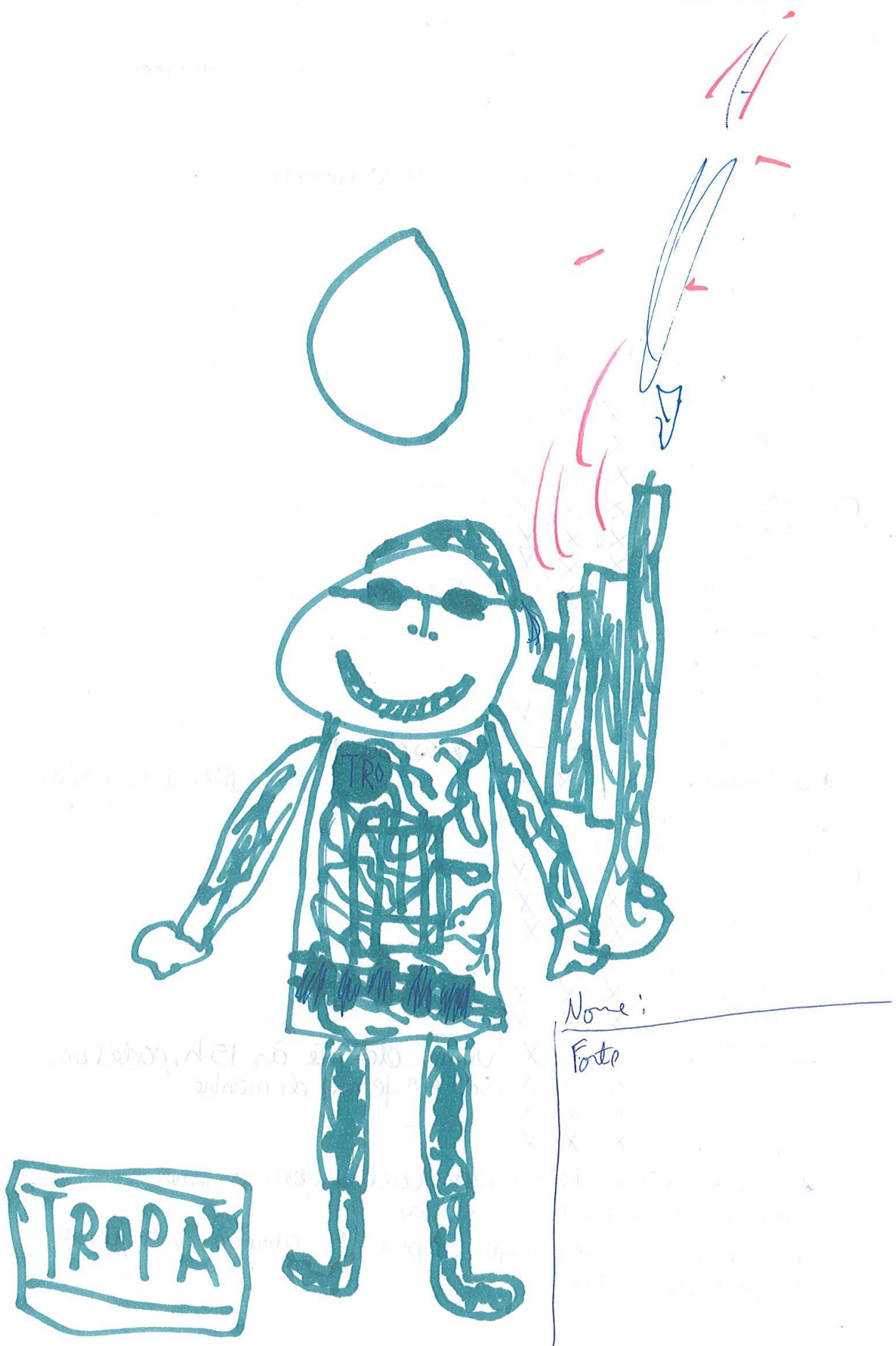


410, gordo, olhos <sup>de</sup> castanho,  
cabelo castanho, musculoso  
| Carlos



6. Calenta  
Fino bonito  
baixo convencido  
Falador

5. Práley  
Sádico  
fensativo  
pajilhador



Nome:

Forte

Anexo J.4- Exercício criar um guião

Ficção Condutor		Roteiro/Guião	
início	Mio	Final	
O Uuast que começa a agravar o cozimheiro a cozimhae	O Aguro entra na cozimha e começa a chutar a bola para todo o lado até que a cozimha é destruída	O cozimheiro dá que a colheu de pau na cabeça do Aguro e o Aguro foge e o Uuast começa a chamar amomes para o Aguro.	

Início	Mio	Fim
Era uma vez um homem que se chamava Carlos, Carlos era um <del>homem</del> homem sem abrigo, havia <del>um</del> um homem que era muito rico e fez todo o seu nome era Tio-patinhas;	Carlos estava a ver na Rua do Tio-patinhas, quando Tio-patinhas passava, Carlos pediu ajuda, Tio-patinhas desprezou, um dia, um assaltante estava naquela Rua, quando Tio-patinhas passou	O assaltante Socou o. Sua arma e a ameaçou: <u>Se não me des o dinheiro morres!!</u> Sem abrigo levantasse e tora arma do assaltante e mandou ao chão fogem e o Tio-patinhas dá algum dinheiro ao sem abrigo, e o sem abrigo vai-se em barba.

## Início

Wuant foi ao Quartel da tropa fazer vídeo para o Youtube

O tropa veio atrás do Wuant a dizer que não pode ter neste sitio sem Autorização

## Méio

Wuant liga para o comandante.

O comandante chega e com o ca a mandar vir com o tropa

## Fim

O wuant grava a discussão

## Início

Um <sup>homem</sup> ~~mulhera~~ e o seu filho estão a fazer uma longa viagem, entretanto o carro avança,

## Méio

Um homem militar aparece e ajuda a família, o homem arranja o carro, ~~plata~~ agradece e pede o nome do militar

• homem

## Fim

A mulher convide o ~~homem~~ militar. A mulher telefona o militar para ir tomar um café, eles apaixonam-se e viveram felizes para sempre !!!

Início

- Início do jogo (William, Agüero e Ospina) e Mia Khalifa a relatar.

Meio

- Decores do jogo.

Fim do jogo

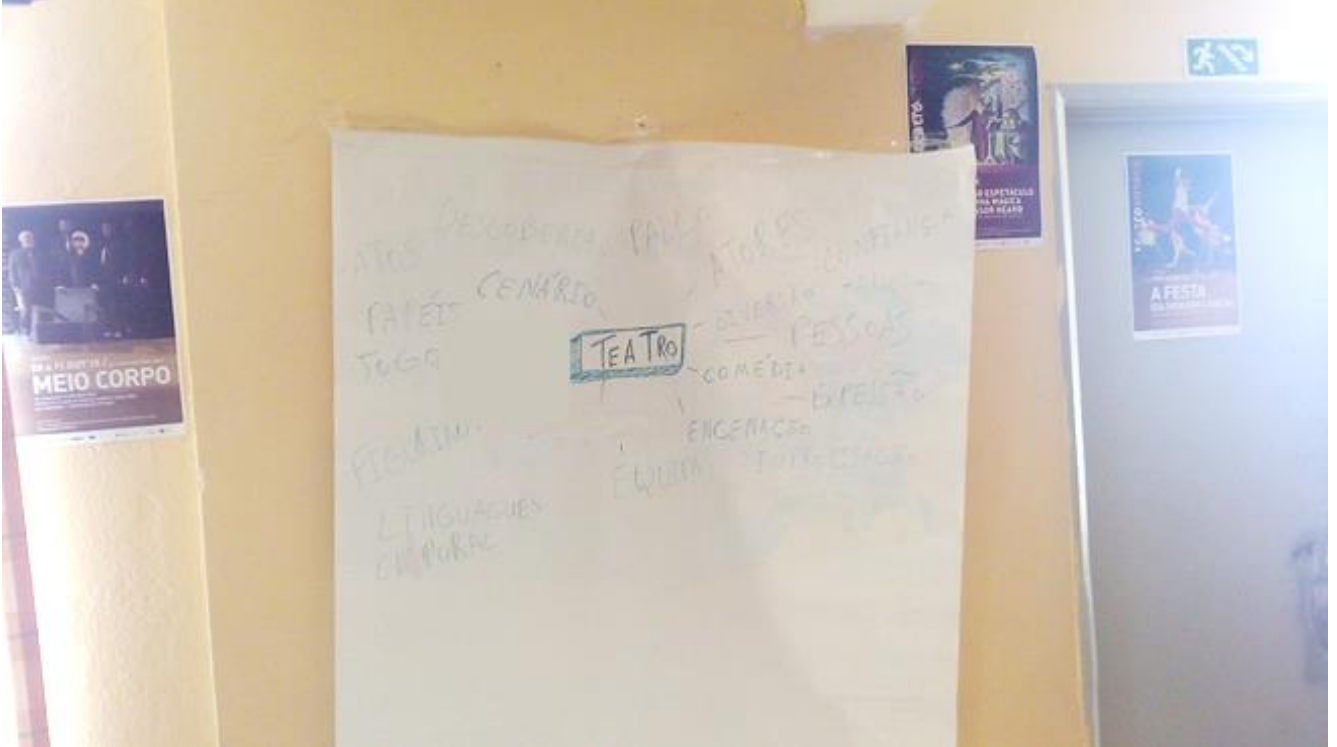
- Fim do jogo
- Vence a equipa William, Agüero e Ospina.

## OUTROS ANEXOS

## ANEXO K- FOTOGRAFIAS DAS SESSÕES





















## **ANEXO L- PEDIDO À INSTITUIÇÃO**

Eu, Crispim Gregório Salgado dos Santos Rodrigues, estudante do Mestrado em Educação Artística – especialização em Teatro na Educação, da Escola Superior de Educação de Lisboa, pretendo desenvolver um projeto de intervenção de âmbito educativo e artístico com os jovens da\_\_\_\_\_.

O estudo será desenvolvido entre novembro de 2016 e março de 2017 e prevê a filmagem de algumas sessões de Teatro. Estas filmagens constituirão exclusivamente o suporte do registo escrito das sessões, não sendo publicadas, apresentadas ou divulgadas em qualquer meio externo ao âmbito do estudo. É totalmente garantida a confidencialidade das imagens, bem como são assegurados e respeitados os direitos dos intervenientes. Após a realização do estudo, as filmagens serão destruídas.

De entre os dados recolhidos nas sessões de Teatro, serão analisados os discursos e os conhecimentos sobre o teatro. Para esclarecimento de qualquer dúvida, não hesite, por favor, em contactar-me pelo telefone 925558381 ou pelo e-mail [crispim91@hotmail.com](mailto:crispim91@hotmail.com)

Agradecendo desde já a atenção de V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> para esta solicitação, fico a aguardar o V. deferimento. Os meus melhores cumprimentos.

Crispim Gregório Rodrigues

Lisboa, 16 de novembro de 2016

## ANEXO M- PROTOCOLO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

### PROTOCOLO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu \_\_\_\_\_, na qualidade de diretor da \_\_\_\_\_, autorizo os jovens residentes na instituição a participar de livre vontade no estudo da autoria de Crispim Gregório Rodrigues (estudante da Escola Superior de Educação de Lisboa), no âmbito do projeto de Mestrado em Educação Artística, na especialização em Teatro na Educação.

Foram-me explicados e compreendo as seguintes afirmações:

1. Será realizado um *focus group*, que será filmado, a fim de avaliar os conhecimentos dos participantes sobre teatro e as suas relações interpessoais;
2. Estas filmagens constituirão exclusivamente o suporte do registo escrito das sessões, não sendo publicadas, apresentadas ou divulgadas em qualquer meio;
3. Após a realização do estudo, as filmagens serão destruídas.

Ao colaborar com este projeto, estou a colaborar para o desenvolvimento da investigação na área do Teatro com jovens.

Entendo, ainda, que a informação obtida neste estudo será confidencial, nunca referindo o verdadeiro nome de nenhum participante ou colaborador.

Nome \_\_\_\_\_

Assinatura \_\_\_\_\_ Data \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_

**ANEXO N- CARTAZ DO PROJETO**

**Grupo**

**DE TEATRO**

**ARDINÁRIOS**

**Junta-te ao grupo quartas e quintas  
das 17:30 às 19:00!**

**Dinamizador:  
Crispim Gregório  
Rodrigues**

**Local: Biblioteca no 3º andar da Casa do Ardina**

## ANEXO O- CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO NO PROJETO

 <h1 data-bbox="533 549 1189 628">CERTIFICADO</h1> <p data-bbox="748 783 943 810">Certifica-se que</p> <p data-bbox="416 890 1272 1038">..... participou no projeto de teatro desenvolvido pelo formador Crispim Gregório Rodrigues, aluno da Escola Superior de Educação de Lisboa, no âmbito do mestrado em Educação Artística-Teatro, dinamizado na Casa de Acolhimento Residencial de Crianças e Jovens da Obra do Ardina</p> <p data-bbox="434 1193 577 1220">_____</p> <p data-bbox="434 1193 577 1220">A instituição</p> <p data-bbox="976 1193 1263 1220">_____</p> <p data-bbox="976 1193 1263 1220">O Dinamizador do Projeto</p>	
---	--



